



Mértola

A ARQUITETURA DA VILA E DO TERMO

ARCHITECTURE IN THE TOWN AND ITS TERRITORY

Mértola

A ARQUITETURA DA VILA E DO TERMO

ARCHITECTURE IN THE TOWN AND ITS TERRITORY



PROJETO / PROJECT

ARQUITETURA TRADICIONAL DA VILA E DO TERMO DE MÉRTOLA: PATRIMÓNIO
CONSTRUÍDO E TURISMO CULTURAL / TRADITIONAL ARCHITECTURE IN MÉRTOLA'S
OLD TOWN AND ITS TERRITORY: BUILT HERITAGE AND CULTURAL TOURISM

EQUIPA DO PROJETO / PROJECT TEAM

Miguel Reimão Costa · Cláudio Torres · Susana Gómez Martinez
Virgílio Lopes · Maria de Fátima Palma · Ana Costa Rosado
Adriano Fernandes · Sandra Rosa · Rita Castilho · Catarina Alves Costa

EXPOSIÇÃO / EXHIBITION

COMISSARIADO / CURATOR: Miguel Reimão Costa

TEXTOS E DESENHOS / TEXTS AND DRAWINGS: Miguel Reimão Costa
Ana Costa Rosado

COLABORAÇÃO / COLLABORATION: Adriano Fernandes
Susana Gómez Martinez · José Lima · Virgílio Lopes · Maria Fátima Palma
Maria Ramalho · Marta Santos · Cláudio Torres

ORGANIZAÇÃO / ORGANIZATION: Campo Arqueológico de Mértola
Universidade do Algarve · Centro de Estudos de Arqueologia,
Artes e Ciências do Património

PRODUÇÃO / PRODUCTION: Oficina de Museus

DESIGN GRÁFICO / GRAPHIC DESIGN: tvmdesigners.pt

TRADUÇÃO / TRANSLATION: Vanessa Silva Pereira (com revisão de / with
revisions by Kerry Babington, Heritage Inspector for Historical England)

DOCUMENTÁRIO / DOCUMENTARY

REALIZAÇÃO / DIRECTOR: Catarina Alves Costa

CÂMARA / CAMERA: Olga Ramos

SOM / SOUND: Isabel Dias Martins

PRODUÇÃO EXECUTIVA / EXECUTIVE PRODUCER: Maria Ribeiro Soares

MONTAGEM / EDITING: Pedro Duarte

PÓS PRODUÇÃO IMAGEM / POST PRODUCTION IMAGE: Graça Castanheira

PRODUZIDO POR / PRODUCED BY: Laranja Azul para o / for
Campo Arqueológico de Mértola

CATÁLOGO / CATALOGUE

COORDENAÇÃO / COORDINATION: Miguel Reimão Costa

TEXTOS / TEXTS: Catarina Alves Costa · Miguel Reimão Costa · José Lima
Virgílio Lopes · Susana Gómez Martinez · Maria Fátima Palma
Maria Ramalho · Ana Costa Rosado · Marta Santos · Cláudio Torres

PRODUÇÃO / PRODUCTION: Oficina de Museus

DESIGN GRÁFICO / GRAPHIC DESIGN: tvmdesigners.pt

DESENHO (EXECUÇÃO) / DRAWINGS (EXECUTION): Miguel Reimão Costa
(vila intramuros, Arrabalde da Vila, convento de São Francisco
e Almoinha Velha)

Ana Costa Rosado (Arrabalde da Vila, corte da vila intramuros)

BASES CARTOGRÁFICAS / CARTOGRAPHIC DATABASES: Planta do bairro
da Alcáçova (CAM) · Levantamento aerofotogramétrico (CMM)
Levantamento topográfico da Vila Intramuros e do Arrabalde (CMM)

LEVANTAMENTO / SURVEY: Miguel Reimão Costa · Ana Costa Rosado
Adriano Fernandes

DESENHOS DE BASE CONSULTADOS / BASE DESIGNS CONSULTED: Projetos
de licenciamento / licensing projects 1916/2005 (Arquivo Municipal
de Mértola) · Levantamentos e projetos do curso de Arquitetura da
ESBAL / surveys and projects for the Architecture Degree from ESBAL
(1982/1984) · Levantamentos e projetos realizados pelo GTL / surveys
and projects undertaken by the GTL (1989/1991) · Levantamentos
diversos em formato digital disponibilizados por / several surveys in
digital format provided by serviços da Câmara Municipal de Mértola,
Carlos Alves

IMAGENS / IMAGES: Campo Arqueológico de Mértola (71, 72, 81, 94), Câmara
Municipal de Mértola (73, 75, 132, 133), Gabinete de Estudos Arqueológicos
de Engenharia Militar / DIE (70, 131), Ordem dos Arquitetos (27, 63-68),
Torre do Tombo (86), Catarina Alves Costa (31-35), José Lima (41-42,
47-48), Maria Ramalho (44-46), Marta Santos (51-54, 162-167, 171-172),
Virgílio Lopes (capa/cover, 55, 69), Miguel Reimão Costa (restantes / other)

TRADUÇÃO / TRANSLATION: Vanessa Silva Pereira (com revisão de / with
revisions by Kerry Babington, Heritage Inspector for Historical England)

IMPRESSÃO / PRINTING: Gráfica Maiadouro

TIRAGEM / PRINT RUN: 1000

ISBN: 978-972-9375-49-1

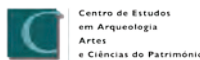
DEPÓSITO LEGAL / LEGAL DEPOT: 405588/16

© Campo Arqueológico de Mértola, 2015

EDIÇÃO / EDITION



PARCERIA / PARTNERSHIP



APOIO / SUPPORT



Direção de
Infraestruturas
do Exército

COFINANCIAMENTO / CO-FINANCED BY



ÍNDICE / CONTENTS

A VILA VELHA DE MÉRTOLA	6
THE OLD TOWN OF MÉRTOLA	157
CLÁUDIO TORRES	
NOTA PRÉVIA	9
FOREWORD	158
MIGUEL REIMÃO COSTA	
A ARQUITETURA TRADICIONAL DE MÉRTOLA, DA PAISAGEM RURAL AO ESPAÇO URBANO	12
THE TRADITIONAL ARCHITECTURE OF MÉRTOLA, FROM THE RURAL LANDSCAPE TO THE URBAN SPACE	159
Os campos, os montes e a vila	13
The fields, the rural settlements and the town	159
MIGUEL REIMÃO COSTA · SUSANA GÓMEZ MARTINEZ · ANA COSTA ROSADO	
De pedra e cal: etnografia filmada do habitar	34
<i>A room in the house: A filmed ethnography of living</i>	163
CATARINA ALVES COSTA	
.A herdade e o monte na Almoinha Velha	39
The estate and the hamlet in Almoinha Velha	165
MIGUEL REIMÃO COSTA · MARIA RAMALHO · MARIA FÁTIMA PALMA · MARTA SANTOS JOSÉ LIMA · ANA COSTA ROSADO	
O desenho urbano da vila e dos arrabaldes	61
The urban design of the town and suburbs	170
MIGUEL REIMÃO COSTA · ANA COSTA ROSADO	
CONTRIBUTO PARA UMA HISTÓRIA DA ARQUITETURA DOMÉSTICA DA VILA DE MÉRTOLA	86
FOR AN HISTORY OF DOMESTIC ARCHITECTURE IN MÉRTOLA	174
A transformação da arquitetura da vila entre o período islâmico e o início do período moderno	87
The transformation of town architecture from the Islamic period to the early modern period	174
MIGUEL REIMÃO COSTA · SUSANA GÓMEZ MARTINEZ · VIRGÍLIO LOPES MARIA FÁTIMA PALMA · CLÁUDIO TORRES	
A arquitetura da vila intramuros no Antigo Regime	97
The architecture of the Old Town during the <i>Ancien Régime</i>	177
MIGUEL REIMÃO COSTA	
A arquitetura entre a <i>Vila Velha</i> e o <i>Arrabalde</i> a partir da primeira metade do século XIX	123
The architecture of the Old Town and its outskirts from the early nineteenth century	181
MIGUEL REIMÃO COSTA · ANA COSTA ROSADO · MARTA SANTOS	
Quadro tipológico para uma leitura da planta de Mértola no terceiro quartel do século XX	149
Typological synthesis for the interpretation of Mértola's plan in the third quarter of the twentieth century	187
MIGUEL REIMÃO COSTA · ANA COSTA ROSADO	
BIBLIOGRAFIA	189
BIBLIOGRAPHY	189

A VILA VELHA DE MÉRTOLA

CLÁUDIO TORRES

Quando o sol se aproxima da linha de cumeadas que esconde o horizonte, a sombra ainda ameaçadora da torre de menagem do castelo percorre lentamente os telhados da Vila Velha antes de mergulhar lá em baixo nas águas profundas do rio. Esta silhueta, embora lembre antigos e temerosos poderes há muito desaparecidos, está hoje esbatida nas dobras de outros poderes não dissociáveis de uma nova visão do espaço, de uma nova forma de olhar os homens e as coisas, de uma nova maneira de abordar e respeitar os antigos espaços arquitectónicos, os factos históricos transformados em gestos de cultura.

No sopé dos muros do castelo, aconchega-se um apertado tapete de casario, por sua vez envolvido e protegido por uma imponente cintura muralhada. É o casco urbano da velha cidade num emaranhado de ruas estreitas onde, ao longo de mais de três ou quatro mil anos, viveram pescadores, calafates, carpinteiros e sobretudo embarcações que de velas enfunadas e remos poderosos, ligaram Mértola a todos os portos do mundo antigo.

Os arruamentos não foram traçados pelos agrimensores do Imperio Romano habituados a riscar as suas linhas rectas e espaços ortogonais nas planícies gaulesas, respeitando e desdobrando a linguagem de poder do Império. Aqui, como, em geral, na cidade mediterrânica, o espaço urbano, devido à sua organização espontânea e submissão aos acidentes de terreno, é aproveitado para localizar e valorizar a sua estrutura defensiva ou para hierarquizar as diferentes classes sociais.

Como na antiga polis grega, a velha cidade de Mértola organiza-se em função de dois polos principais: O ponto mais elevado e melhor defendido, a acrópole onde se acomodam os poderes militar e religioso, e a zona portuária onde se instalam os comerciantes e os embarcações ligados à actividade marítima e comercial.

No sítio do actual castelo já haveria de tempos mais antigos, certamente desde a Idade do Ferro (séculos VII /III a.c.), pelo menos uma poderosa torre cilíndrica de evidentes funções milita-

res. Dessa mesma época a informação arqueológica permite saber que já existia uma muralha urbana mais antiga assim como uma outra com cinco metros de espessura e dois quilómetros de comprimento a envolver todo o espaço circundante à cidade.

Durante os seis séculos de romanização, apesar de escassa e incompleta informação arqueológica, Mértola foi uma importante cidade portuária em que a acrópole foi valorizada com um Forum monumental e com um templo hipóstilo que, na sua última fase foi certamente de culto imperial.

A partir do século V (d.c.) e sobretudo durante todo o período paleocristão – séculos VI, VII e VIII – e ao contrário da comprovada decadência que, nessa época, afecta toda a Europa Ocidental, Mértola parece ter tido um forte desenvolvimento urbano. Neste período, foi uma importante capital regional onde se desenvolveu uma poderosa comunidade cristã da família monofisita, nessa altura dominante na África do norte. Sobre o antigo *Forum* romano ergueu-se um luxuoso palácio episcopal, do qual já é conhecido um enorme baptistério assim como um corredor porticado com o pavimento revestido com belos mosaicos figurativos. Nas imediações, a poucos metros de distância, além de ter sido localizada uma igreja cristã erguida sobre as fundações do templo romano – que, por sua vez, serve de alicerce à antiga mesquita almóada e à igreja actual – foi encontrado recentemente um outro baptistério monumental – certamente utilizado por outra comunidade cristã.

Todo este complexo religioso instalado na acrópole é completado no exterior das muralhas por outros edifícios de cariz funerário – duas basílicas e um mausoléu – que confirmam a importância da cidade no período anterior à islamização. A partir de finais do século XI, o Islão começa a afirmar-se como religião dominante e são abandonados os dois baptistérios e o palácio episcopal. Por volta de 1170, portanto em época almóada, é construída, de raiz, uma nova mesquita. Também neste período, começa a ser edificado nas imediações um denso bairro habitacional em que as casas de pátio central introduzem na região este modelo mais comum na tradição mediterrânica oriental. Depois da conquista da cidade pelos cristãos vindos do norte – em 1238 – a mesquita é ressacralizada em igreja católica, o bairro almóada é arrasado e o terreno transformado em cemitério. No ponto cimeiro ergue-se um novo e imponente castelo para sede da Ordem de Santiago.

A partir desse momento aqui se mantêm apenas a igreja e o castelo. Desta mesma época das dinastias africanas e com a mesma tipologia habitacional, podemos assinalar um outro bairro no arrabalde, junto ao rio. Foram escavadas meia dúzia de casas, com o mesmo pátio interior, também datáveis de época almóada. A única curiosidade é o facto de uma delas ter sido habitada por uma família cristã.

Saindo do castelo para a parte baixa da cidade antiga, junto ao rio, deparamos naturalmente com a área comercial, com a zona portuária e, por conseguinte, com as grandes vias que

levavam Mértola aos quatro cantos do mundo. Não é por acaso que as duas portas da cidade, a Porta de Beja e a Porta do Rio estão ligadas pela rua principal, por uma espécie de Rua Direita das cidades medievais, onde sempre se concentraram as mais importantes actividades mercantis e onde, ainda hoje, se destacam os edifícios municipais. Esta Rua do Muro, sobranceira ao rio, em que a muralha serve de parapeito, estava bordeada pelos mais ricos edifícios, quase todos de dois pisos, onde se enfileiravam a maioria das casas comerciais, entrepostos financeiros e empresas de navegação.

A partir desta rua principal, num encastelamento caótico de casas e telhados, num emaranhado de apertadas calçadas, de becos e escadas, o casario trepa pela encosta. Seguindo o traçado quase paralelo das curvas de nível, os arruamentos principais apertam-se em escadas e acessos secundários que, patamar a patamar, se vão aproximando da alcáçova. Por vezes, o rés-do-chão que abre para a rua de cima é o segundo piso da rua de baixo e o labirinto de volumes e compartimentos torna-se ainda mais intrincado, quando a propriedade vertical se torna oblíqua... ou mesmo enviesada.

Neste emaranhado de ruas estreitas, neste labirinto de escadas e impasses, nestes espaços interiores de esconsos corredores, o arquitecto Miguel Reimão foi capaz de destrinçar os volumes, soube descortinar as linhas de escala e os vectores decisivos para uma leitura escorreita das camadas culturais. Porque não é fácil destrinçar a verdadeira estratigrafia de uma longa, pesada e misteriosa história em que muitas gerações de culturas diferentes aqui sobreviveram, se acotovelaram e souberam conviver. É uma escrita, um vocabulário, uma gramática urbana, agora lentamente decifrada e que, a pouco e pouco, vai desvendando os seus mistérios.

Mértola, Novembro de 2015

NOTA PRÉVIA

A arquitetura tradicional da vila e do termo de Mértola constitui um projeto desenvolvido no Campo Arqueológico de Mértola/Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património, em colaboração com a Universidade do Algarve, a Câmara Municipal de Mértola e a Fundação Serrão Martins. É o resultado de uma investigação com início em 2009, a partir de um projeto de pós-doutoramento, que adquiriu um âmbito mais alargado no contexto da candidatura aprovada ao programa *InAlentejo* (eixo 2 valorização do espaço regional / património cultural) da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo (2014/2015). Este novo enquadramento conferiu ao projeto um propósito mais marcado de revitalização da economia local a partir da valorização do património cultural, inscrevendo-se numa prática desenvolvida, há várias décadas, pelo Campo Arqueológico de Mértola.

A delimitação do objeto da investigação está, desde uma fase inicial, relacionada com os seguintes temas: leitura da evolução urbana do núcleo antigo de Mértola a partir dos períodos tardo-medieval e moderno; interpretação dos diversos estádios de evolução e transformação da habitação a partir do levantamento das diversas tipologias da habitação tradicional, considerando a localização de Mértola no contexto das rotas do Guadiana e dos diferentes ciclos de exploração dos recursos do território (agrícolas, ribeirinhos e mineiros); caracterização da história da arquitetura, do urbanismo e da paisagem em redor da vila a partir de pesquisa documental em arquivos nacionais, regionais e locais; desenho de todas as habitações do núcleo antigo da vila e elaboração de plantas de conjunto; desenho de alguns conjuntos edificados dos montes do concelho de Mértola e estabelecimento de temas de continuidade e descon- tinuidade com a arquitetura do núcleo antigo da vila; registo dos sistemas construtivos tradi- cionais; divulgação de testemunhos recolhidos junto dos habitantes da vila e dos montes de Mértola, tendo em vista a reconstituição dos diferentes modelos de organização da habitação característicos da arquitetura tradicional na relação com o espaço público e com a paisagem.

O propósito fundamental deste projeto é assim o de cartografar e interpretar o processo de transformação da arquitetura doméstica e desenhar as diferentes relações espaciais a partir dos instrumentos da história e da construção. Mas é também o de experimentar, para além desta sintaxe, a aproximação a cada uma das casas, descobrir-lhes o nome, o tempo anterior de uma condição ou cultura do habitar que, se em muitas delas ainda permanece, noutras foi convertida à memória. Pretende-se, em síntese, acolher o modo como os habitantes se relacionam com as dimensões mais ou menos transitórias ou permanentes de uma cultura particular, através das casas, ou, dito de outra maneira, reconhecer a forma como as diferentes expressões da mudança se confrontam, muitas vezes, em diferentes tempos ou cadências. Mas este propósito de atribuir significado aos espaços representados nos desenhos evoca, necessariamente, outros instrumentos para o registo das suas múltiplas dimensões. O filme ou o documentário aparecem como resposta, integrando os temas da luz e da sombra, das texturas, do espaço, com o discurso e a hesitação, com o olhar e a memória, com o tempo.

A investigação tem, deste modo, a ambição de combinar diferentes abordagens e metodologias para a caracterização desta arquitetura, considerando, não apenas a importância do desenho, mas também a investigação documental ou a recolha de informação junto dos habitantes. É, também por essa via, altamente devedora a um número significativo de pessoas a quem não poderíamos deixar de agradecer.

O desenho das plantas de conjunto é, de certo modo, um desenho coletivo que colheu os contributos de diversos autores, através da consulta de um número significativo de processos e fontes: projetos de licenciamento (1916/2005) consultados no Arquivo da Câmara Municipal de Mértola (ver fig. 180, pp. 190-191); projetos e levantamentos realizados pelo curso de Arquitetura da ESBAL no início dos anos 80, em colaboração com a CMM, coordenados pelos professores José Manuel Fernandes, Manuel Tainha, Rui Duarte e Pardal Monteiro em articulação com o arquiteto Fernando Varanda, realizados, entre outros, por Carlos Marques, João Rei, Armindo Pombo, José Miranda, António Melo, Margarida Garcia, José Campino, Ana Pestana, Ana Tostões e Ana Ramos (ver fig. 180, pp. 190-191); projetos e levantamentos realizados pelo Gabinete Técnico Local, entre 1989/1991, com coordenação da arquiteta Ana Paula Félix; levantamentos em formato digital disponibilizados pelos serviços da CMM e por Carlos Alves, a quem endereçamos uma agradecimento muito especial pela sua contínua disponibilidade. Apesar do acesso a toda esta informação, para completar a planta foi necessário proceder ao levantamento de cerca de 57 edificações na vila intramuros e mais 20 habitações no Arrabalde da Vila, contando com a colaboração de Ana Costa Rosado e Adriano Fernandes. Ainda assim, para um número reduzido de edificações não acessíveis, foi necessário recorrer ao desenho de reconstituição através da sua descrição por parte de alguns residentes na vila, tal como ocorreu, de resto, com a representação de outras habitações recentemente alteradas.

Relativamente à pesquisa documental e bibliográfica, gostaríamos de agradecer o apoio e disponibilidade de Rui Azedo do Arquivo Municipal de Mértola, de Olinda Mareco e Margarida Honrado do Arquivo Distrital de Beja, bem como às nossas colegas Filipa Medeiros, Armanda Salgado e Paula Rosa da biblioteca do Campo Arqueológico de Mértola. Agradecemos ainda todo o apoio fundamental da Câmara Municipal de Mértola, do executivo camarário, e ainda de Lúcia Rafael, Manuel Marques, Guilherme Machado, Margarida Fortunato e Manuel Passinhas.

Por fim, agradecemos a todos os residentes da vila e proprietários das suas habitações, o apoio decisivo para a elaboração deste estudo, distinguindo particularmente Adélia Maria, Ana Marta da Conceição, Ana Pernas, António Manuel Diogo, António Mendes Sequeira, Artur Oliveira, Benito Tomé da Rosa, Carlos Viegas, Clarice de Jesus Soares, Dilar Dias, Dolores Valente Pereira, Eugénia Santana Alho, Fernando Fernandes, Fernando Lampreia, Fernando Varanda, Florinda Barão dos Santos Sequeira, Francisco Pereira Coelho, Isabel Campos, Isabel Pereira Coelho, Isabel Serodio, Joaquina Gomes Camacho, João Mendes Costa, Jorge Monteiro, José Alberto Rosa, José Dias, José Pedro Fernandes, José Severo dos Santos, Leonilde Silva Confeiteiro, Manuel Francisco Pereira, Manuel Ramires, Margarida Mestre, Margarida Matilde Angélica, Venâncio da Cruz, Maria Vitória Santos, Maria Amália, Maria Emília Oliveira, Maria Gomes Camacho, Maria Manuela Costa Rodrigues Palma, Maria Teresa Pereira Coelho, Maria Vitória Manuela dos Santos, Marta Luz, Olavo Pereira Costa Baião, Rosa Roxo, Sebastiana Romana, Teodora Mendes Costa, Valquiria Ramires e ainda Geraldine Zwanikken, Christiaan Zwanikken, Louis Zwanikken e Nuno Roxo do convento de São Francisco.

A ARQUITETURA
TRADICIONAL DE MÉRTOLA,
DA PAISAGEM RURAL
AO ESPAÇO URBANO



OS CAMPOS, OS MONTES E A VILA

MIGUEL REIMÃO COSTA
SUSANA GÓMEZ MARTINEZ
ANA COSTA ROSADO

A paisagem de Mértola é marcada por uma relativa diversidade, distinguindo a margem esquerda do Guadiana e as serras que divide com Serpa, do curso do rio, ou dos campos que se estendem, a poente, na direção de Almodôvar e Ourique (fig. 3). Estas diferentes subunidades representavam, a nível da economia tradicional, a combinação dos diferentes recursos e de rotação de culturas, relevando, ainda assim, a preponderância dos montados de azinho, das culturas de centeio e da criação de animais nas serras e das culturas cerealíferas com pousios mais ou menos curtos nos campos. O sistema predial é caracterizado pelo predomínio das terras de herdades ou de courelas grandes, confirmado pelas secções cadastrais. A pequena propriedade adquire maior expressão em redor dos aglomerados rurais, nas vertentes mais declivosas a sul de aproximação às zonas serranas do Algarve, ou em diversas zonas da margem esquerda do Guadiana, entre as quais se conta o baldio da serra de Mértola dividido no início do segundo quartel do século passado.

Fig. 1 · Corte Gafo

Fig. 2 · Colgadeiros

Fig. 3 · Corte da Velha





O monte tanto pode constituir o assento de lavoura de uma das explorações maiores, como corresponder a um pequeno aglomerado rural onde se podiam juntar algumas dezenas de habitações pertencentes a seareiros ou assalariados rurais. Alguns destes aglomerados rurais de Mértola são marcados pela presença, em posição periférica, dos conjuntos edificados do lavrador (como, por exemplo, em João Serra ou Algodor) que noutros casos se afastavam algumas centenas de metros (como em Touril ou Organim) ou constituíam uma estrutura apartada numa posição mais ou menos central dentro da herdade (como em Colgadeiros ou Pereiras). Este povoamento de aglomerados de diferente dimensão e natureza era ainda polarizado pelas diversas aldeias dispersas no território e caracterizadas pela presença da igreja em posição mais ou menos excêntrica.

Fig. 4 - Touril, Alvares

Fig. 5 - Mesquita

Fig. 6 - Corte da Velha

Fig. 7 - Corvos

A história da vila, das aldeias e dos montes é também o reflexo da transformação da paisagem, desde a sua descrição enquanto terras matosas semeadas apenas nos tratos melhores, durante o *Antigo Regime*, até à intensificação da cultura cerealífera, especialmente a partir do início do século passado, ou, por fim, ao abandono e recessão demográfica que tem vindo a caracterizar as últimas décadas. É também dentro deste contexto que se deverão considerar as construções tradicionais da paisagem, da orla do monte aos lugares mais distantes, assinando, com diferentes formas, a importância da complementaridade de outrora entre a criação de gado, os montados, as culturas cerealíferas ou as hortas.

A PAISAGEM DA VILA, AS HORTAS, OS COUTOS E O CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

A aproximação à vila introduz, no entanto, alguns temas particulares no contexto da região, em relação quer às terras concelhias quer à presença do convento de São Francisco. Na sua descrição de Mértola, a partir dos trajetos da transição do século XVIII para o XIX, o botânico alemão Heinrich Friedrich Link (1801: 464-5) enfatiza o caráter agreste e triste das vertentes íngremes e despidas em redor de Mértola. Distingue apenas uma única quinta numa paisagem marcada pela aparente ausência de hortas ou campos semeados, relegados para áreas de maior aptidão, não muito afastadas do curso do rio. A caracterização biofísica deste território dá-nos indicações fundamentais para a descrição da dimensão cultural da paisagem. Os espaços regados aparecem bem delimitados nas áreas mais aplanadas e de aluvião, junto aos cursos de água ou abertos entre vertentes (fig. 8). Encontram-se em parte delimitados, nas cartas militares, com referência às hortas do Convento, das Canas, do Álamo, dos Amores, do Barreiro ou até da Malhadinha. Era o caso também da horta da Murtalheira, a cerca de 500 metros para poente da capela de Nossa Senhora das Neves. Segundo consta no *Tombo dos Bens e Propriedades do Concelho de Mértola*, em 1685, esta horta era regada a partir de fonte, no exterior e a montante dos muros de taipa e alvenaria de pedra que a delimitavam (com uma superfície de 44 por 32 metros de lado) (Boiça, 2000: 54). Mas um dos aspetos mais interessantes daquele documento é a referência a um lagar de cera, em posição contígua a esta horta, constituído por duas casas: uma maior para produção com o característico sistema de vara e fuso; e outra para arrecadação da lenha para a caldeira. Nalguns outros casos, as terras regadas apareciam associadas à presença da nora, dos tanques e das levadas, como ocorria com as terras do convento (fig. 8), com a Malhadinha, ou com a horta grande de Almoimha Velha (fig. 36) que, apesar de localizada a alguns quilómetros para sul, abastecia também a vila de produtos frescos.

A paisagem em redor da vila era, em qualquer caso, caracterizada pela preponderância das terras dos coutos de Mértola que a contornavam nas duas margens do Guadiana e da ribeira de Oeiras (fig. 8). Considerando os limites desenhados nas secções cadastrais ou no Plano de Gestão Florestal para o Perímetro dos Coutos de Mértola (Serrão, 2010), estes correspondem hoje a uma superfície de cerca de 382 hectares (Coutos da Câmara) mais 126 hectares (Coutos da Margem Esquerda). O atual limite dos Coutos de Mértola parte de sul, junto à margem do Guadiana, da qual se afasta para contornar os terrenos e a cerca do convento de São Francisco, atravessando para norte a ribeira de Oeiras, aproximando-se a nascente da capela de Nossa Senhora das Neves e confrontando com áreas de aluvião junto ao Guadiana, próximo às azenhas, prolongando-se depois para norte até ao barranco das Vinhas. Os coutos da margem esquerda, de menor superfície, ocupam o terço superior da encosta voltado ao Guadiana, muito acima dos núcleos edificados de Além Rio.

A leitura da demarcação do coto do concelho constante na *Tombo da Comenda de Mértola da Ordem de Santiago* de 1515 (Barros, Boiça & Gabriel, 1996: 129-131) remete, no entanto, para uma superfície superior à dos dias de hoje, o que é especialmente evidente na margem esquerda do rio. O perímetro destas terras concelhias é então demarcado a partir de uma linha de mais de trinta marcos, com início no Guadiana, cruzando, na margem esquerda, a antiga estrada para Serpa, atravessando depois o rio, refletindo na margem direita um desenho com alguns pontos de referência idênticos aos atuais, para terminar de novo naquele curso de água. Sobre o fim a que se destinavam então os coutos, aquele documento é também esclarecedor, excluindo das sesmarias, das terras incultas e dos terrenos maninhos, *os coutos do concelho necessários para os pastos dos gados dos moradores* nos quais apenas se poderiam cultivar hortas e pomares (cf. Barros, et al., 1996: 166).

Mas, mais de dois séculos depois, e tal como era prática comum em muitos lugares do reino – prática que o alvará de 23 de julho de 1766 procurava contrariar – também em Mértola se registavam abusos na apropriação das folhas dos coutos por parte da governança local, antes e depois do referido alvará, com grande parte dos pastos a serem arrematados por vereadores e indivíduos com funções no concelho (Santos, 1993: 366). De qualquer modo, para o estudo da evolução do uso destas terras, do período moderno à época contemporânea, importaria ainda estudar documentação diversa constante no Arquivo Municipal, como o *Tombo dos Bens e Propriedades do Concelho da vila de Mértola* ou os *Autos de Arrematações de Folhas*. Alguns dos habitantes mais velhos recordam a importância que as folhas dos Coutos tinham na economia local, associada então à cultura cerealífera, antes da afetação ao regime florestal, na transição para a segunda metade do século passado. Este recurso contribuiu, de resto, para a afirmação relativa da figura do seareiro, com alguma importância na presença da pequena habitação com palheiro e ramada. Do mesmo modo se recorda a importância que os currais de

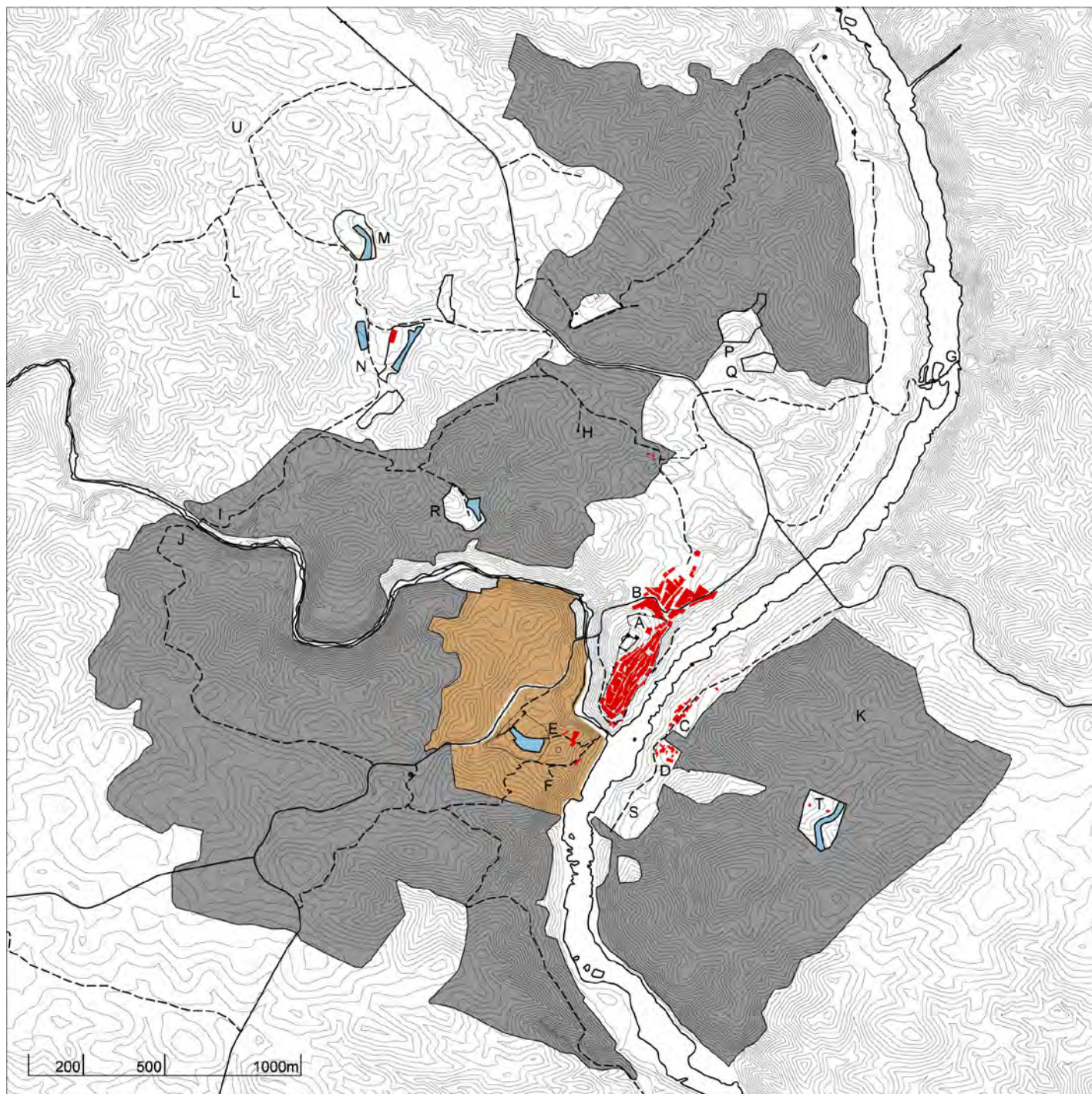
→

Fig. 8 · A vila e a paisagem de Mértola

- A. Vila intramuros
- B. Arrabalde da Vila
- C. Além Rio (Monte de Baixo)
- D. Além Rio (Monte de Cima)
- E. Convento
- F. Convento Velho
- G. Azenhas do rio
- H. Moinho de vento
- I. Couto da parte de Beja (em conformidade com secções cadastrais)
- J. Couto da parte do Espírito Santo
- K. Couto da parte de Cambas
- L. Horta do Álamo
- M. Horta da Chaminé
- N. Horta das Canas
- O. Quinta de Santo António
- P. Horta dos Amores
- Q. Horta do Barreiro
- R. Quinta da Murtalheira
- S. Quinta do Vau
- T. Malhadinha
- U. Herdade das Hortas

→→

Fig. 9 · A vila e a paisagem de Mértola a partir de sul







gado miúdo e os pocilgos adquiriam em redor da vila, especialmente nas encostas a poente do Arrabalde, entretanto profundamente alteradas.

De entre as propriedades situadas na envolvente da vila, distinguia-se ainda o convento de São Francisco, fundado em 1612, por iniciativa de Diogo Nunes Figueira Negreiros, nas terras próprias a que havia juntado outras cedidas pela Câmara (fig. 8). A organização do convento é também o resultado desta combinação de diferentes parcelas. No inventário dos *Bens de Raiz*, após a sua incorporação na Fazenda Nacional, foram identificados: o edifício do convento com uma cerca velha (avaliado num conto de reis); uma cerca pequena com uma casa que servia de palheiro e cavaliça (avaliada em trinta mil reis); uma cerca maior onde se localizaria a horta do convento associada à *casa da nora de água nativa* (fig. 13), onde também é referida a presença de oliveiras, amendoeiras, nogueiras, laranjeiras azedas e azinheiras (avaliada em 250 mil reis); e uma outra parcela que confinava a poente e sul com terras do concelho (avaliada em apenas 6 mil reis) (ANTT, 1838).

A característica implantação dos conventos franciscanos resultará, no caso de Mértola, da posição sobranceira à antiga estrada do Algarve, junto à zona de atravessamento da ribeira

Fig. 10 - A vila e o convento de São Francisco



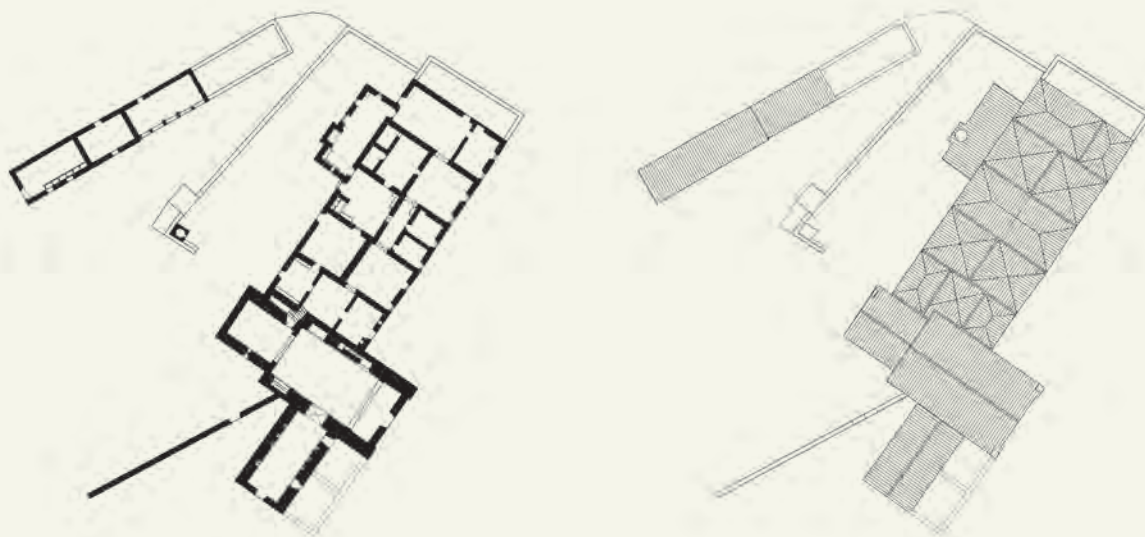


Figs. 11 e 12 - Igreja do convento de São Francisco

Fig. 13 - Nora do convento de São Francisco

de Oeiras, e com acesso à vila intramuros através das portas da Ribeira e do Buraco (fig. 10). O edifício ocupa uma zona de festo aplanado (a norte de um cerro mais alto onde se situa a antiga eira), com presença relevante nos sistemas de vistas que marca a relação das três margens. A vista do convento na fotografia panorâmica na transição para o século XX (fig. 71) regista esta presença de forma expressiva, considerando: a escala da igreja de fachada marcada pelo portal com duplo lintel, cornija e frontão triangular encimado, à cota do coro alto, por janela e óculo circular; o corpo principal do convento, à direita, de fachada elementar coroada pela morfologia dos telhados de tesouro; e o conjunto edificado, à esquerda, que relega o portal de acesso à cerca conventual para um segundo plano.

Esta implantação distingue, assim, a frente do edifício conventual voltada a sudeste (com acesso à antiga estrada através de lance de escadas de expressão vernacular), do tardo de ligação e transição para os espaços de produção das cercas. Esta ligação é formalizada por um pátio aberto, delimitado a norte pelo corpo da cozinha nova e, a poente, por muro de suporte e forno de pão e, num segundo plano, a cota mais baixa, pelos edifícios da cavalaria e do palheiro (fig. 14). A organização interna do edifício principal era marcada pela ausência do claustro e por uma planta quadrangular compacta, caracterizada pelo encadeamento dos diferentes espaços delimitados por paredes estruturais de geometria evidente no exterior pela configuração dos telhados múltiplos de tesouro (fig. 14). Este conjunto parece assim remeter, tipologicamente,



mais para algumas casas nobres setecentistas já estudadas na região do Algarve (Correia, 2010; Caldas, 2007), do que para as tipologias conventuais.

Em qualquer caso, não é ainda possível reconstituir a organização dos espaços conventuais, a partir da documentação consultada, considerando o processo de ulterior transformação e degradação a que o edifício foi sujeito. A descrição do convento da *Ordem dos Frades Menores*, que chegou a contar com cerca de duas dezenas de religiosos, faz menção à igreja (com cento e cinco palmos de comprimento e trinta e cinco palmos de largura, como está ao presente), à sacristia (com seis por seis varas de lado), à ausência da sala do capítulo, boas oficinas, refeitório e três dormitórios (um grande com nove celas, um pequeno com duas celas e outro pequeno, sobre o maior, com mais quatro celas) (ANTT, sd), a que se acrescentaria cozinha, despensa e celeiro (ANTT, 1837).

Do mesmo modo não é clara a transformação a que o edifício foi sujeito entre a sua fundação, no início do século XVII, e a extinção das ordens religiosas, tendo já sido apontada uma campanha significativa de obras datável de finais de seiscentos (Boiça, 1998: 64) que não será certamente a única. Para a prossecução do estudo do convento, importará ainda considerar a

Fig. 14 · Convento de São Francisco, plantas do piso térreo e da cobertura (escala 1/1000)

sua transformação após a extinção das ordens religiosas e a sua utilização enquanto espaços de armazenagem e de apoio às atividades agrícolas, como é possível confirmar, entre outras fontes, através de escritura datada de 1904, em que se refere a venda de três armazéns no *arrabalde Além de Oeiras*, sendo um deles a antiga Igreja do Convento e os outros dois as *sacristias daquela igreja* (ADB, 1793/1955, livro 94: fls F4/6V).

ASPETOS GENÉRICOS PARA A DESCRIÇÃO DA ARQUITETURA DOS MONTES E DA VILA

A importância de Mértola na história tem sido entendida a partir de âmbitos distintos. Em diferentes circunstâncias se registou a sua condição de lugar de passagem para territórios mais distantes. Um lugar privilegiado, entre dois mundos, servindo à transposição de rotas terrestres e fluviais, à ligação do Mediterrâneo ao Atlântico. Este olhar para fora, foi mudando ao longo do tempo, beneficiando particularmente dos momentos áureos, como, por exemplo, a primeira metade de seiscentos ou a segunda metade de oitocentos. Mas a uma escala mais aproximada, o termo de Mértola é também o de transição entre territórios de características diferenciadas, da peneplanície alentejana para a serra do Algarve e, por essa via, para o Baixo Algarve. Nos momentos mais difíceis, acentuou-se a ligação da vila a esta paisagem que é agreste em tratos diversos, conformada pelo vínculo a um sistema hierarquizado de assentamentos rurais. Em qualquer caso, Mértola distingue-se, de forma expressiva, dos aglomerados do seu termo, também, em função daquele quadro de diferentes escalas de relação com os territórios mais ou menos distantes.

O lugar da vila é legível muito para lá dos critérios relacionados com os recursos da paisagem produtiva fundamentais para a interpretação dos aglomerados rurais. Ocupa um esporão, *entre rios*, de características muito particulares, enunciadas pela permanência das estruturas defensivas que atestam a sua importância nos diferentes ciclos da história. A arquitetura tradicional de Mértola que, a um primeiro olhar, nos parece elementar, remete para uma diversidade que é também o resultado destas diferentes escalas de relação com o território, reunindo muitos dos temas da descrição genérica da arquitetura do sul do país e do Mediterrâneo. A morfologia de acomodação ao lugar e o encadeamento dos planos brancos das fachadas serão, quase sempre, enquadrados pelos temas da permanência e da continuidade. Mas, como se verá, a caracterização desta arquitetura doméstica remete para uma diversidade que só poderá ser entendida a partir dos diferentes momentos da história, dos contrastes característicos do tecido social e económico, ou da relação com a paisagem e os diferentes núcleos dispersos no território.

Um dos aspetos mais relevantes desta arquitetura está relacionado com o que poderíamos designar de dimensão celular que é evidente em grande parte dos conjuntos edificados representados nas plantas de conjunto da vila ou do monte da Almoinha Velha (figs. 181 e 40). A habitação é marcada, frequentemente, pela justaposição de diferentes construções de paredes de pedra e taipa que, a partir da solução de base formada por dois compartimentos distintos, resulta em combinações mais complexas. No espaço rural, nos montes de seareiros e nos montes das herdades, este processo revelar-se-á mais livre, privilegiando a construção em superfície e só mais raramente resultando na presença do sobrado ou de um piso superior. Por razões de economia de meios, procurava-se aproveitar, sempre que possível, as paredes preexistentes, na delimitação dos perímetros das novas construções, privilegiando assim a ampliação dos conjuntos edificados à implantação de uma nova construção dissociada (figs. 15 e 16). Este processo combinatório era marcado pela preponderância de células de uma água, originado frequentemente geometrias complexas da cobertura, em resultado de uma dimensão evolutiva que se estendia no tempo. Do ponto de vista da execução das paredes mestras, este modelo comportará uma transição gradual da preponderância da alvenaria de xisto, evidente nos montes do sul do concelho (e na continuidade da serra do Algarve) para a construção em terra mais relevante nos montes das faixas intermédia e norte (fig. 17).

Quando as circunstâncias o permitiam, estes conjuntos poderiam adquirir mais de duas dezenas de compartimentos correspondendo, em muitos casos, a várias habitações e agregando dependências agrícolas. Os conjuntos de maior dimensão, que encontramos ao centro de muitos montes, são organizados a partir de um alinhamento central de células de duas



águas com pau de fileira que acaba por disciplinar a agregação posterior de construções de uma água. É o que ocorre, por exemplo, em aglomerados de seareiros como Corte da Velha, Manuel Galo ou Roncão do Meio (fig. 18) ou, até mesmo, nalguns montes implantados no centro da herdade, como Almoinha Velha, a que se fará, posteriormente, uma aproximação mais detalhada. Ao contrário do que acontece neste último caso, a tendência de orientação da porta de entrada ao nascer do sol é uma condição que se verifica na grande maioria dos conjuntos edificados das áreas rurais.

Os aglomerados rurais do concelho de Mértola adquirem evidentes analogias com os da serra do Caldeirão, onde as aldeias e os montes são, apesar de tudo, tendencialmente mais pequenos (Cf. Costa, 2014). Remetem para um sistema extremamente flexível, caracterizado por uma autonomia expressiva de cada um dos espaços que constituem a habitação e que, com o tempo, podem aparecer combinados de formas muito distintas, a partir de um artifício essencial de abertura e encerramento de portas interiores (com alvenaria de pedra ou adobes), dando resposta a diferentes ciclos de partilha e aglutinação.

Esta autonomia é consonante com o anterior conceito de *casa*, relativo, não à habitação no seu conjunto, mas a cada um dos seus compartimentos. A *morada de casas* é uma expressão corrente em documentação diversa, durante todo o *Antigo Regime* e até à transição do século XIX para o século XX, mantendo a sua importância no léxico local quase até ao presente, especialmente nos montes e nas áreas rurais. Cada uma destas *casas* adquiria uma designação particular, em função da sua posição no conjunto (casa de fora ou casa de entrada, casa de dentro, casa do meio, sobrado e sótão que aqui designa ainda o compartimento baixo sob

←

Fig. 15 · Manuel Galo

Fig. 16 · Monte dos Carros

Fig. 17 · Corte da Velha

Fig. 18 · Roncão do Meio



o sobrado) ou da afetação a um determinado uso (casa do fogo ou cozinha, palheiro ou *arramada*, como era designada a edificação destinada ao gado graúdo).

A *morada de casas* compreendia soluções muito diversificadas, a partir de uma composição de base fundamental constituída por casa de fora (compartimento de entrada) e casa de dentro (espaço interior, o mais das vezes, sem luz natural). Considere-se, a este propósito, o núcleo mais antigo do monte de Almoinha Velha (fig. 40), onde algumas habitações adquiriam estas características. Nos montes maiores, a combinação das diversas *casas* de uma mesma *morada*, poderia resultar, inclusivamente, em diferentes núcleos dispersos pelo monte, por vezes afastados em algumas dezenas de metros. As habitações mais pequenas remetiam, em qualquer caso, para um nível muito elementar de especialização que era coerente com a própria designação que os diferentes espaços adquiriam. Nos montes maiores dos lavradores, a especialização dos diversos espaços era obviamente muito mais relevante, a nível dos compartimentos da habitação, dos espaços de arrecadação e das dependências de apoio às atividades de produção. Até ao início do século passado, a combinação deste número elevado de espaços resultava num ou dois conjuntos edificados de grande dimensão, com cobertura de duas águas extensa e alguns compartimentos desprovidos de luz natural (figs. 19, 20).

A importância deste sistema é também evidente na própria vila de Mértola. Alguns dos conjuntos edificados têm ali uma expressão muito idêntica à que têm nos aglomerados rurais, como é especialmente evidente na parte alta do núcleo intramuros (figs. 22, 24). Tratam-se de conjuntos edificados conformados pela agregação de um número significativo de células (muitas das quais desprovidas de luz natural), associado a um perímetro mais ou menos irregular, delimitado por ruas em todos os quadrantes, por vezes, sem qualquer espaço livre que possa ser equiparado ao interior de um quarteirão da cidade tradicional. Como se verá, esta solução manteve a sua relevância, enquanto modelo de organização de base da habitação do espaço urbano de Mértola, em especial, até finais do século XIX. Naturalmente que aqui, as dependências associadas às atividades agrícolas e de criação de gado tenderão a perder a relevância que tinham nas áreas rurais.

Mas como é evidente, a transformação do tecido edificado da vila esteve associada a um processo de densificação e crescimento em altura que é particularmente expressivo nas áreas a cota mais baixa do espaço intramuros. Nos casos mais elementares, este processo resultou no aparecimento de um sobrado, apenas numa das células da habitação, com acesso a partir de uma escada de madeira (ingreme) ou, mais raramente, de alvenaria de pedra. Mas muito frequentemente, o segundo piso estendeu-se mesmo a toda a superfície da edificação, comportando, na solução inicial, a duplicação em sobrado, da combinação de base constituída por casa de fora e casa de dentro (que antes descrevemos para a habitação térrea). A habitação de dois pisos adquiriu, a partir destas tipologias de base, um conjunto significativo de varian-



Fig. 19 · Monte das Neves

Fig. 20 · Colgadeiros

Fig. 21 · Papa Leite de Cima



tes – a que a seu tempo atentaremos a partir de uma perspetiva diacrónica – culminando na habitação de frente larga (fig. 23) e, nalguns casos, na integração de um terceiro piso de águas furtadas.

Estas diversas variantes manterão, no entanto, algumas das características das soluções mais elementares que importaria considerar. A escada corresponde a uma escada de tiro de alvenaria de pedra, perpendicular à fachada principal e encostada, em muitos casos, a uma das paredes meeiras. A superfície do piso superior tenderá a ser maior que a do piso térreo, em resultado da tradicional implantação contra a encosta de declives pronunciados, resultando, em muitos casos, na presença não dissimulada do afloramento rochoso de xisto na parte posterior dos compartimentos térreos (fig. 25).

A organização dos diversos usos nestes edifícios retoma recorrentemente uma solução comum noutros centros urbanos antigos, em que o piso superior corresponde ao piso nobre da habitação e o piso térreo alberga os armazéns e espaços comerciais, reiterando a dimensão específica da arquitetura da vila em relação aos montes. A *morada de casas altas* manteve a característica organização de justaposição de diferentes espaços delimitados por paredes mestras – como vimos para a *morada de casas térreas* – com presença pontual, até à segunda metade do século XIX, de tabiques ou outras paredes ligeiras de compartimentação. Ao nível do piso térreo, esta solução comportará a frequente integração de arcaria nas paredes mestras no interior da parcela, com o propósito de abrir o maior vão possível para os armazéns (fig. 26). De referir ainda que a dimensão de flexibilidade, que antes registamos para

Fig. 22 · Mértola, travessa do Chico Rouxinol

Fig. 23 · Antiga rua Direita



Fig. 24 · Rua Elias Garcia

a casa térrea, associada à alteração da combinação das diferentes células de uma habitação, se manterá também nas casas de dois pisos, através de processos encadeados de aglutinação e divisão das edificações de parcelas contíguas, confirmadas pela presença recorrente de vãos entaipados.

Os compartimentos mais nobres da habitação privilegiarão a localização na fachada principal, associados à presença das janela de sacada e à orientação a nascente (sala, casa de jantar, quartos principais). A cozinha tende, por sua vez, a ocupar uma posição na parte posterior, em muitos casos, em articulação com o logradouro quando este existia, inscrevendo-se assim numa lógica próxima daquela já estudada para as diferentes unidades regionais do Algarve. Algumas habitações integravam, no entanto, o característico volume proeminente da chaminé, junto à porta de entrada, na fachada principal, remetendo para a morfologia frequente nos aglomerados mais setentrionais no Alentejo. Esta solução marca uma combinação, aqui bem menos frequente, da casa de entrada com a cozinha, podendo ser encontrada em edificações de um ou dois pisos (nalguns casos já desaparecidas) quer no espaço intramuros quer no Arrabalde da Vila (fig. 27). Em qualquer caso, a presença da chaminé era muito significativa na vila de oitocentos, como se pode confirmar pela fotografia da transição do século XIX para o século XX (fig. 71). A chaminé de planta retangular, com grelha de ladrilhos em triângulo, é a predominante naquele período, ainda que também se possa encontrar a chaminé de planta quadrada ou circular, rendilhada ou de balão.

Em termos construtivos, as paredes mestras das edificações tradicionais da vila estão associadas à preponderância da taipa executada sobre embasamento de alvenaria de xisto, que nas áreas de declive acentuado se converte em muro de suporte nas fachadas posteriores e laterais. A solução elementar da cobertura comporta a integração de caibros no sentido da vertente

Fig. 25 · Edifício (2C) na antiga rua Direita

Fig. 26 · Edifício (3D) na antiga rua Direita





Fig. 27 · Edifício (26J) na
antiga rua Larga do Arrabalde

do telhado apoiados nas fachadas principal e posterior e nas paredes mestras paralelas àquelas no interior da edificação. Sobre estes caibros, era posteriormente aplicado o *caniço cerrado* ou contínuo que servia ao assentamento da telha tradicional de canudo. A cobertura destes conjuntos edificados resulta, assim, tal como nas áreas rurais, da combinação de vários telhados de uma água, constituindo a solução mais corrente no centro da vila. Mas aqui, reconhece-se contudo uma diversidade de sistemas de madeiramento da cobertura que decorre, também, do processo de transformação desta arquitetura ao longo do tempo.

Apesar da representação da vila no início do período moderno, constante no Livro das Fortalezas (fig. 86), sugerir também a importância da cobertura de duas águas com pau de fileira, a verdade é que, a mesma perderá relevância ao longo da história com o processo de densificação a que antes fizemos referência. Ao mesmo tempo surgirão outras soluções na vila ausentes ou praticamente ausentes no espaço rural. Nas parcelas mais estreitas e nas edificações constituídas por um alinhamento de compartimentos em profundidade, os caibros da vertente serão frequentemente assentes sobre *madres* fixas nas empenas dos edifícios (fig. 28).

Nalguns outros casos, as coberturas prevalentes de uma água darão lugar, num dos compartimentos da habitação, a uma pequena açoteia de ladrilhos, em dupla fiada assentes sobre caibros, solução empregue também em compartimentos interiores (fig. 30). Mais raramente, poderiam ainda ser encontradas coberturas com telhado de tesouro que, desde o século XVI, constituíam uma solução privilegiada nos maiores centros urbanos do Algarve (Tavira, Faro, Lagos), com posterior difusão para as áreas rurais ou para os centros mais pequenos (como Castro Marim, localizado mais para sul, na embocadura do Guadiana). Em Mértola, esta solução aparece pontualmente na arquitetura doméstica (fig. 128), adquirindo particular relevância no conjunto de telhados múltiplos do convento de São Francisco (fig. 71).

Com esta primeira caracterização da arquitetura tradicional de Mértola, acabamos por privilegiar alguns temas para uma contraposição entre as arquiteturas da vila e do termo. Mas por trás de uma aparência elementar destes conjuntos edificados é possível reconhecer uma diversidade de soluções que não cabem numa descrição genérica, e que remetem para a interpretação de diversas condições de mudança, a que só nos poderemos aproximar considerando simultaneamente a relação com o lugar e a paisagem, por um lado, e a dimensão espacial e a importância da história, por outro. É o que procuraremos fazer na segunda parte desta publicação.



Figs. 28 e 29 · Cobertura com
madres e caibros

Fig. 30 · Pavimento de dupla
fiada de ladrilhos sobre
caibros

DE PEDRA E CAL: ETNOGRAFIA FILMADA DO HABITAT

CATARINA ALVES COSTA

O documentário realizado no âmbito do projeto *Arquitetura tradicional na Vila e no termo de Mértola* foi rodado durante a Primavera de 2015. A preparação e trabalho de campo foram feitos em Fevereiro e Março e em Abril começámos a rodagem com uma equipa no terreno de quatro pessoas: operadora de câmara, operadora de som, assistente de produção e realizadora. Para além da Vila de Mértola, filmámos em diversas localidades, os montes, como Corte da Velha, Amendoeira da Serra, Manuel Galo, Alcaria dos Javazes, Mosteiro, Miguenzes, Espírito Santo, Zambujal, Namorados, Morena, Ledo, Alcaria Ruiva, Corte de Gafo de Cima, entre outros (figs. 31-35). Trata-se, no documentário *De pedra e cal*, de uma viagem pelo concelho de Mértola em que as construções e os seus interiores, em especial o habitat doméstico, são pretexto para a expressão e a memória dos seus usos tão ligados à cultura do Sul do país e em geral ao modo de vida associado ao Mediterrâneo.

No livro *Arquitetura tradicional portuguesa*, que junta vários escritos dos etnólogos do Centro de Estudos de Etnologia, núcleo que desde os finais dos anos 1950 vinha publicando sobre esse tema, defende-se que a habitação rural não deve ser vista e estudada apenas a partir dos materiais e dos saberes ligados à construção, nem mesmo das suas formas exteriores, mas segundo aquilo que é definido como o seu plano interior, ou seja, tendo em conta «as relações que nelas se verificam entre os homens, o gado e as coisas» (Oliveira e Galhano, 1992:13). Mas estes etnólogos procuravam a afinidade entre o Homem e o meio, as recorrências e as variantes regionais – uma classificação das habitações, o que era mais primitivo e rudimentar. Na sua essência, procuravam definir categorias de habitação de acordo com a sua função e a relação com fatores naturais e humanos tratando o processo evolutivo da chamada «casa elementar primitiva», para formas «mais complexas e diferenciadas» (idem, 1992:23).

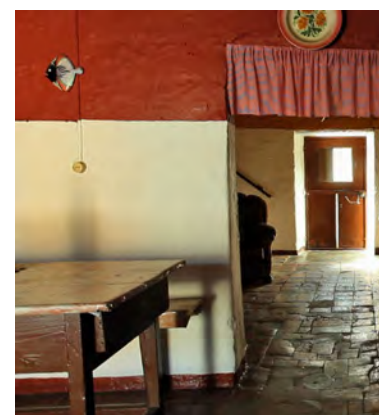
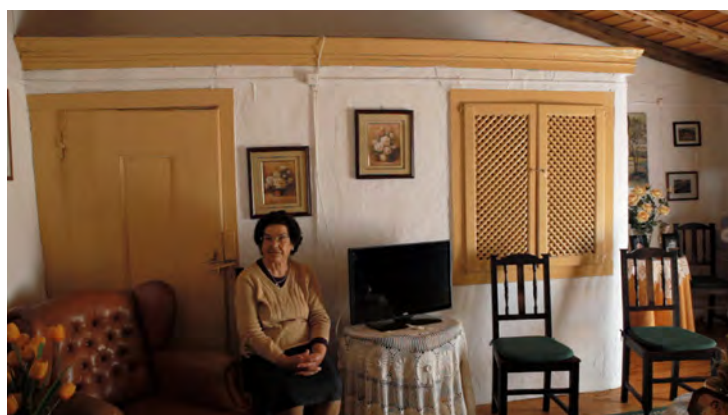
No entanto, fica aqui desde já a ideia, presente no trabalho destes etnólogos, de que parece existir uma especificidade ligada ao chamado *filme etnográfico e documental* que per-

mite olhar e trabalhar as vertentes da arquitetura que porventura estarão mais ligadas à sua *invisibilidade*, ou seja, ao sentir do espaço, da luz e dos sons associados às coisas construídas, mas também aos discursos sobre o que está e o que não está, à memória da vida que foi consolidando e alterando o que estava.

Optou-se assim, neste documentário, por mostrar a contemporaneidade das casas antigas: ao invés de procurar os usos «tradicionais», buscou-se mostrar as apropriações, renovações mas também a manutenção de certos detalhes que remetem para uma espécie de «musealização» das casas: preservam-se alguns traços – o friso original no interior da sala; alguns móveis – o escaparate com as loiças; ou caia-se o exterior mesmo quando o interior está arruinado ou não é usado, como muitos dos fornos de pão, marcadores da antiga presença do trigo e da base da alimentação do Sul de Portugal. Numa das cenas do filme, duas velhas irmãs que vivem no monte dos Namorados, comentam que «os pobres não têm nada caído», alegando que existe um cuidado com a manutenção dos edifícios que nada tem a ver com um investimento económico mas que será antes da ordem do simbólico, daquilo que estará para sempre lá, de pedra e cal.

Neste projeto, em que a equipa do documentário trabalhou em colaboração com a equipa de arquitetos, incorporámos o inquérito, a voz que pergunta e que procura formas de relação entre o habitar e a memória, entre o tempo de hoje e o de ontem que as casas, a taberna ou o forno evocam. O passado aparece, no conjunto dos discursos daqueles com quem fomos falando, representado de forma nostálgica e saudosa, como um tempo de harmonia, mas também como um tempo de miséria: «era tudo tão diferente», « havia a *arramada* da burra», «fazíamos o fogo no meio da casa» e, ao mesmo tempo, «vivíamos todos em harmonia»; nesta perspetiva, e em síntese, como afirma a Sra. Anaísa no filme, «as pessoas eram mais amigas, eram mais puras». A habitação doméstica aparece, assim, muitas vezes associada a esta ideia de equilíbrio e harmonia. Numa sociedade em que os trabalhos temporários e agrícolas levavam a temporadas no campo, surge a afirmação de que «não se saía, era tudo em casa». De notar, no entanto, que o próprio conceito de casa aparece associado ao de compartimento dentro da habitação: «o fogo no meio da casa», «a casa de fora». Outros compartimentos parecem falar da funcionalidade associada à construção: a divisão onde pernoitava o gado – a *arramada* – aparece ligada à ideia de que os animais eram bem tratados, e que, quando estavam doentes se «cobriam com uma manta» e «comiam torradas com azeite».

A chamada *arquitetura tradicional* no filme não é, portanto, tanto a das técnicas construtivas, mas antes algo mais próximo da ideia, tão trabalhada hoje pelas identidades regionais, de um *património imaterial*, que caracterizaria a habitação a partir da diversidade de formas, de objetos, de elementos e escalas de observação, ou seja, a partir da heterogeneidade dos elementos que a constituem: dos modos de existência aos objetos naturais dominados e desig-



nados pelo homem. Mais do que os saberes, as técnicas, os utensílios, os modos de fazer e a materialidade, trata-se de trabalhar a partir do «imaginário social» (cf. Ribeiro, 2008:15). Nesta visão, no entanto, acentua-se mais uma vez uma visão nostálgica e pastoral do passado, a ideia de uma «arquitetura com raízes», intimamente ligada à «natureza» e à «tradição», um «prolongamento da paisagem», um profundo enraizamento simbólico no território (Ribeiro, 2008: 16). Tentando não objetificar a arquitetura, este filme acaba então por partir das memórias associadas aos edifícios, da forma como estes foram e são vividos, mas também das ligações destes com as atividades agrícolas, rituais e familiares.

No filme, começamos por chegar à Vila pelo rio Guadiana numa imagem intemporal, mas marcada pela presença veloz de um praticante de canoagem na sua embarcação. Entramos numa primeira casa, a da Sra. Antónia, que parece mantê-la intocada desde que a herdou, depois de muitos anos em que aí serviu como doméstica. No silêncio do seu interior, vai dizendo que «a gente não mudou nada na casa», «não mexemos em nada». Conta-nos ainda a vida de quem vivia junto ao rio, as cheias, o facto de não ter ido nunca à escola – «o meu pai não se interessava». Sentimos que este espaço interior é depósito das memórias e dos objetos que lhe estão associados, por isso se mantém ao lado do fogão moderno, o antigo chupão, caído e tratado, preservado. O silêncio do interior e a luz coada pelas cortinas instalam-nos no lugar da intimidade.

A conhecida «casa cor-de-rosa» de Mértola, onde já ninguém vive, é depois revisitada pela antiga criada de servir, que desde os treze anos conviveu com os seus espaços, agora abandonados. A casa do Sr. doutor Gomes é lembrada como se os móveis ainda aí estivessem. A casa

Fig. 31 · A filmar, estrada do Pulo do Lobo

Fig. 32 · Mértola

Fig. 33 · Corte de Gafo de Cima

→

Fig. 34 · Monte dos Namorados

Fig. 35 · A filmar, monte da Morena



tinha «uma cama tão linda, tão linda», que «eu não sei explicar aquela cama, a gente até tremia de a limpar». Aqui, reconstituem-se os lugares dos objetos como fantasmas na casa: a cama, a cómoda, a banheira de zinco e os usos de cada divisão são lembrados.

Mas o filme segue numa viagem, saindo da Vila em direção ao mundo rural. Saimos de Mértola com a carrinha do pão, elo de ligação e de contacto dos montes com o mundo exterior – o bolo de anos que a criança impaciente espera, com os escritos *Star Wars*, trazido pela padeira. Mas a viagem em que seguimos é também pretexto para mostrar a paisagem envolvente. Uma voz em *off* fala do passado, de um pai que vendia loiça trazida de Beja pelos montes. Já dentro de portas, a filha, agora idosa e centrada na manutenção desta casa e do seu passado, mostra-nos o friso com as loiças, tigelas e pratos que se guardam e decoram as paredes – «não foi nada medido», afirma. O elemento exterior, a horta, é evocado pelas ervas trazidas para casa para o tempero do almoço.

Numa mercearia onde se juntam homens a «beber uns copinhos», fala-se da emigração. Dois homens sentados, um deles conta «vivi em Hamburgo», fiz «trabalhos ruins, sempre», «trabalhei em terra, em barcos, materiais, borracha», «aguentei-me» de 1971 a 2011, «os anos que eu lá estive!». Lembram o comércio anterior às carrinhas que parecem ser o elo de ligação contemporâneo entre os montes. Nelas se vende de tudo – mercearias, carne, peixe, roupas e sapatos – e há também o correio, o veterinário, os serviços que ali vão chegando. Vamos para outro *monte*, que «parecia uma aldeia», para as memórias dos bailes, dos tocadores, da vida que existia. Uma mulher mostra-nos a fotografia do seu casamento, conta «como eu conheci o meu marido», e ri-se, «outra desgraça». Os aspectos da arquitetura vão surgindo na conversa,

incidindo sobre os momentos em que se fez mais um quarto, uma casa, em que a vida ficou melhor. Numa delas fala-se do tecto de canas, justificando que «o fogo arde bem e o fumo sai bem». Perguntamos sobre o que está, o que já não existe e o que ficou. Por vezes fica apenas um elemento a lembrar a vida passada, as memórias da casa: «o *escaparate* a minha mãe não deitou fora, ainda era da minha avó». Neste documentário conversámos ainda com os filhos de um agricultor mais rico, cujo avô tinha dois mil hectares de terra. A casa era provavelmente um apoio dos seareiros, uma habitação funcional, dos encarregados, os feitores, e dos que «amas-savam o pão», «orientavam». Uma mesa grande onde havia sempre comida. O cofre, as cortinas de linho e bordadas, os elementos decorativos e objetos fazem sentir um ambiente diferente das habitações anteriores.

Para que o presente tivesse alguma continuidade com este passado rural, filmámos um jovem agricultor nascido na Amendoeira onde regressa todos os dias vindo do *monte* vizinho para tratar a terra e os animais. Numa cena que pretende evidenciar uma descontinuidade entre a ideia do partir, da emigração e de um certo *ficar na terra*, este homem afirma «fomo-nos habituando, é o nosso meio», lembrando que «mesmo que se saia, quer-se voltar». Duas vizinhas, Anaísa e Catarina, em Corte da Velha, costuram e conversam sentadas em casa e comem-tam, a propósito da casa onde viveram: «ai menina, era chão de terra, era só uma parte, era lume no meio da casa», «mas agora temos uma casinha boa», e, mais uma vez, idealizando o passado em que nem tudo era ruim, «mas fomos raparigas e bonitas».

Mais do que um registo do mundo, este filme pretende incorporar a ambiguidade dos discursos e das práticas, as suas contradições, desvendando negociações e formulações tantas vezes ligadas mais ao imaginário social do que à sua prática. No fundo, trata-se da distinção que David MacDougall (1978) faz entre o *filme ilustrativo*, em que a imagem é usada como informação a ser elucidada pelos textos ou por um discurso expositivo, e *filme revelador*, modalidade que introduz deliberadamente a palavra do etnografado e propõe um filme com autonomia própria. No primeiro, o ato de filmar é mais concebido como uma ação de reconhecimento e como um complemento que serve, antes de mais, para informar o que se expõe. No segundo, o ato de filmar é um ato de descoberta, permitindo ir mais além do contexto expositivo. No fim, a presença da paisagem instala-nos numa geografia que é também metáfora do sentir dos nossos personagens. O discurso positivo da habitação como lugar daquilo que fica, que não pode ser destruído, acaba por rimar, no plano final, com o plano da grande árvore em cujos ramos várias famílias de cegonhas fizeram o seu ninho.

A HERDADE E O MONTE NA ALMOINHA VELHA

MIGUEL REIMÃO COSTA

MARIA RAMALHO

MARIA FÁTIMA PALMA

MARTA SANTOS

JOSÉ LIMA

ANA COSTA ROSADO

A herdade da Almoinha Velha integra-se em zona de peneplanície na aproximação à faixa meridional de transição para a serra do Algarve, compreendendo um modelo tradicional de exploração muito próprio da grande propriedade desta subunidade geográfica que resultava da combinação das culturas cerealíferas e da criação de animais. Este modelo era conformado pela organização da herdade em várias folhas pontuadas pelos característicos currais circulares, bem como pela afetação de uma fração considerável da propriedade ao arrendamento de terras à *ração* para os seareiros das povoações vizinhas (que pagavam depois uma parte do que colhiam) (fig. 36).

Um dos aspetos mais interessantes desta grande exploração está, no entanto, relacionado com a presença de uma horta de dimensões consideráveis que esteve, certamente, na origem do nome do monte (fig. 37). Esta parcela é delimitada por muro de alvenaria de xisto, junto a uma linha afluyente do barranco do Azeite, tributário do Guadiana a apenas 7 km a nascente. O sistema de regadio era assegurado por quatro poços com tanque localizados à cota mais alta. Uma horta de menor dimensão, que constituía uma parcela autónoma a jusante, dispunha de um quinto poço. A elevação de água para rega estava associada à presença da tradicional *nora de alcatruzes de eixo curto* nos dois poços, a nascente, encostados ao muro de delimitação da parcela, cuja engrenagem metálica ainda se conserva. Uma terceira nora deveria constituir também o sistema de elevação do poço situado a poente, entretanto convertido em 1967 em poço público (como parece indicar a presença de um troço circular de muro em terraço na relação com os dois tanques a jusante). De entre estes conjuntos, importa distinguir aquele mais a norte, junto ao acesso da horta a partir do monte de lavrador, que foi o último a ser objeto de uma campanha de obras (datada já da primeira metade do século passado, figs. 38 e 39). A articulação da nora e do tanque (que adquire aqui uma dimensão bem superior aos restantes, com mais de 7 m de lado) é determinada pelo traçado do muro da horta, numa composição a



Fig. 36 · O monte e a paisagem de Almoimha Velha

- A. Monte Velho
- B. Monte de lavrador 1
- C. Monte de lavrador 2
- D. Quintalão
- E. Curral dos porcos
- F. Curral das cabras
- G. Cerca das Vacas
- H. Cerca das Almas
- I. Horta de Cima
- J. Horta da Natália
- K. Horta de Baixo
- L. Casa do hortelão
- M. Cerca Grande
- N. Eira
- 1. Nora
- 2. Poço

→

Fig. 37 · Cerca das Almas e Monte Velho

Figs. 38 e 39 · Tanque e nora da Horta de Cima



que se junta ainda a antiga casa do hortelão (com casa de fora e casa de fogo) habitada até final do terceiro quartel do século passado.

O conjunto edificado de Almoinha Velha ocupa uma posição central dentro da herdade. O traçado da estrada nova (troço da EN 122 entre Vila Real de Santo António e Mértola só concluída em 1947) enfatizou a organização do monte em dois núcleos distintos situados de um lado e do outro da antiga horta murada: a poente, ocupando um cabeço sobranceiro à mesma, implanta-se o *Monte Velho*, e, a norte, tomando duas áreas aplanadas da mesma linha de fecho, situa-se o conjunto edificado do lavrador, já de época contemporânea (fig. 36).

O MONTE VELHO DA ALMOINHA

A aproximação ao *monte velho* surpreende, desde o primeiro instante em que se abandona a estrada e se entra num pequeno caminho que nos leva ao interior deste velho conjunto de edificações, hoje praticamente abandonado. Ultrapassada a primeira sensação de se tratar de apenas mais um aglomerado de construções perdidas num território cada vez mais vazio de gentes, deparamo-nos com um conjunto edificado caracterizado por diferentes padrões de organização espacial e diversos materiais e técnicas de construção e onde, como se verá, é possível vislumbrar um riquíssimo percurso histórico-constructivo. O monte velho combina dois padrões de organização distintos, muito evidentes em planta (fig. 40): um conjunto edificado de maiores dimensões onde se juntam mais de duas dezenas de compartimentos; e cinco edificações mais pequenas, dispersas em seu redor, que correspondem a uma pequena habitação e a vários palheiros e ramadas de dimensão considerável. Estes diferentes padrões têm uma expressão cronológica. O conjunto edificado de maiores dimensões constitui a construção mais intrincada do monte que, em parte, integra estruturas já existentes, pelo menos, do início do período moderno, consolidando a sua organização durante o Antigo Regime.

A Almoinha Velha é referida, em 1594, já com este nome, no *Tombo das Propriedades da Alcaidaria-mor e da Comenda de Mértola*, aquando da delimitação (juntamente com a Bombeira, o Montouto e o Moinho de Vento) da herdade da Ordem que a Ordem de Santiago possuía no termo de Mértola (Barros *et al.*, 1996: 462). E seria certamente neste conjunto edificado do monte velho que se localizariam, pelo menos parte, dos 10 fogos referidos nas Memórias Paroquiais de 1758 (Boiça & Barros, 1995), ou das 10 *moradas de casas* arroladas no Livro da Décima de 1765 (AMM, 1765/1834: fls 615V-618V), tratando-se, já então, de um assentamento de vários seareiros (de um ou de meio arado) implantado na herdade da Almoinha Velha, em situação idêntica à que se conservou até aos dias de hoje. Este documento confirma, de resto, a complementaridade entre as culturas de sequeiro, as culturas regadas

→
Fig. 40 · Monte Velho,
plantas do piso térreo e da
cobertura (escala 1/600)

1. Casa de fora / casa de entrada
2. Casa de dentro / quarto
3. Casa de fogo / cozinha
4. Forno
5. Ramada
6. Palheiro
7. Celeiro da cevada / do trigo
8. Casa de despejo
9. Curral



(associadas, entre outras, à designada *horta grande* explorada em várias parcelas) e os rebanhos de cabras e ovelhas. A área em redor do monte seria então conformada pela presença do muro de alvenaria de xisto e de taipa na delimitação de cercas e ferragiais, das hortas e dos currais de cabras.

O conjunto edificado principal deste núcleo do monte combina mais de vinte células, sendo caracterizado por uma morfologia que resulta, por um lado, numa planta e perímetro bastante irregulares e, por outro, na tendência de concordância dos planos da cobertura num telhado de duas águas (figs. 41, 43). Esta morfologia confirma um processo evolutivo de construção, estruturado por um alinhamento central de construções de duas águas com pau de fileira, a partir do qual se vão acrescentando novas células de uma água que prolongam as vertentes originais do telhado. Trata-se de uma solução característica das áreas centrais de vários aglomerados rurais do concelho, idêntica às já estudadas na serra do Caldeirão (Costa, 2014).

Nesta área de transição entre o Algarve e o Alentejo foi possível perceber que, em muitos casos, estes alinhamentos centrais, designados por casas de trave, correspondiam a um processo de fundação ou de realocação de um assentamento vinculado a uma área de recursos e de aptidão agrícola particular, no contexto da região onde se localizavam. No presente caso, o alinhamento de casas de trave adquire duas características particulares: uma construção em taipa, no limite sudeste, que é datada, pelo menos, do início do período moderno (que foi posteriormente dividida em diversos espaços); e, contígua a esta, uma casa de maiores dimensões com dois arcos resultantes da substituição, já em Idade Contemporânea, das paredes mestras transversais.





Figs. 41-43 · Monte Velho

No terceiro quartel do século passado, este conjunto edificado compreendia seis proprietários distintos, organizando cinco habitações e algumas dependências pertencentes ao lavrador dono da herdade. As habitações partiam da solução de base conformada por casa de fora mais casa de fogo, a que se poderiam juntar um quarto, ou o forno de pão dissociado, delimitando o espaço fronteiro à habitação. Apenas um dos casos, comportava ainda os espaços do palheiro e ramada característicos da habitação do seareiro (fig. 40).

PERCURSO HISTÓRICO-CONSTRUTIVO A PARTIR DA ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA

Apesar de não ser habitual contar com o contributo da Arqueologia da Arquitetura no estudo da arquitetura vernacular, julgamos que através deste exemplo possa ser possível alcançar outro patamar de análise relativamente aos estudos sobre património construído que habitualmente se praticam. De facto, uma das primeiras conclusões que se pode retirar sobre os espaços de Almoinha Velha é que estes revelam um trajeto complexo feito de remodelações, reutilizações e demolições mas que, durante todo esse percurso, foram sendo deixadas algumas pistas que agora nos interessa desvendar.

Ao contrário do que é habitual em estudos desta natureza, estamos perante um aglomerado composto de várias células onde é muito forte a *presença ausente* de tantas famílias que aqui se estabeleceram e que, com recurso a materiais que lhes eram acessíveis, foram adaptando os espaços às necessidades práticas de um quotidiano fortemente ligado ao trabalho no campo. Assim, considera-se que, com base nestes estudos, será possível também contribuir para uma perceção mais profunda dos contextos sociais e económicos relativos às comunidades que, durante séculos, ocuparam estes espaços.

A abordagem da Arqueologia da Arquitetura aplicada ao caso da Almoinha Velha terá necessariamente de contar, ainda numa primeira fase, com os resultados da análise do território envolvente, da investigação histórica e da observação mais detalhada dos materiais e das técnicas de construção. Pretende-se igualmente acrescentar, e de certa forma contrapor aos métodos tradicionais de estudo, uma análise mais sistemática, porventura mais complexa, mas certamente mais profunda. O trabalho que se pretende concluir numa segunda fase, consiste na aplicação do método estratigráfico ao estudo do edificado ou seja, o mesmo método que é utilizado quando se realizam escavações arqueológicas só que desta vez aplicado à cota positiva. Com este tipo de abordagem, os edifícios passam a ser entendidos mais como resultado de ações construtivas e destrutivas (naturais ou intencionais) que tiveram lugar ao longo dos séculos, do que meros modelos construtivos estáticos, característicos de determinado período histórico, estilo ou formas de construir.

Numa leitura deste tipo é desde logo necessário contar com uma boa base gráfica e fotográfica do conjunto edificado, registando cada alçado interior e exterior, não esquecendo também as coberturas, de modo a que, sobre esta base, se possa efetuar a referida análise estratigráfica. No caso de Almoinha Velha, realizou-se uma campanha fotográfica exaustiva e, quando não foi possível registar fotograficamente determinada área, foram efetuados alguns levantamentos gráficos. É sobre este registo gráfico ou fotográfico que se deve proceder à individualização das Unidades Estratigráficas (U.E.) ou seja, ao registo das mínimas entidades

construtivas presentes nos paramentos (fig. 44), tais como: tipos de aparelho, revestimentos, vãos, pormenores decorativos, etc. Para além disso, é necessário ter em conta as linhas de cortes relacionadas com interfaces de destruição.

Uma das maiores dificuldades que desde logo se coloca à leitura estratigráfica de Almoí-nha Velha, mas que é habitual quando se pretende estudar edifícios de épocas mais recentes, é o facto da maior parte dos espaços se encontrar ainda com revestimentos em relativo bom estado de conservação, impedindo assim a observação do tipo de aparelho existente e a relação que estabelecem entre si as diferentes paredes. Quando esta situação se verifica, torna-se muitas vezes imprescindível recorrer à picagem dos rebocos por sondagem, picagem esta que tem de ser cuidadosa de modo a garantir que não se coloca em causa a própria estrutura e que, simultaneamente, se assegura que o que se remove é também convenientemente registado (análise dos componentes presentes nos revestimentos e das diferentes camadas de caiação ou outro tipo de acabamento). É partindo da individualização de U.E. e após a análise das relações que estabelecem umas com as outras (coetâneas ou posteriores) que se poderá chegar a reconstituir o processo evolutivo de uma determinada construção ou, no caso, conjunto de construções.



Fig. 44 · Unidades estratigráficas da fachada noroeste do edifício principal (registo de campo)

TÉCNICAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Um dos pontos fundamentais a ter em conta é o estudo das técnicas e dos materiais de construção existentes (sejam eles originais ou posteriores) como parte integrante da história do edifício. Para a identificação dos principais componentes construtivos, seria conveniente proceder também a análises mais detalhadas dos materiais, nomeadamente geológicas, físico-químicas, entre outras. Ainda no âmbito deste tipo de estudos, torna-se particularmente importante o estabelecimento de tipologias (vãos, aparelhos, revestimentos etc.), bem como a identificação das patologias presentes no edifício e dos efeitos da degradação dos materiais existentes. Importa destacar que a Arqueologia da Arquitetura não funciona de forma isolada mas antes contribui para um processo de síntese onde surgem integrados os diferentes olhares ou disciplinas, destacando-se os dados da investigação histórica e os resultados das observações e análises à construção e aos materiais construtivos.

Como resultado das primeiras observações efetuadas no monte velho de Almoinha, centradas sobretudo na análise dos alçados exteriores e alguns interiores, foi possível identificar, num dos alinhamento central da composição, um edifício de planta quadrangular com duas portas opostas (a nordeste e a sudoeste) e um vão de janela (a sudoeste). Ao contrário das restantes edificações construídas em alvenaria de pedra, esta foi totalmente erigida em taipa, sendo ainda possível observar nos paramentos interiores rebocos de cal e areia em mau estado de conservação. Apresenta uma planta retangular com orientação noroeste-sudeste, tendo sido muito modificada ao longo dos anos.

Apesar de muito alterados (entaipados ou parcialmente demolidos), os vãos originais exibem uma grande homogeneidade em termos dos materiais de construção que foram utilizados para a sua elaboração, neste caso o tijolo maciço posteriormente rebocado com argamassa fina e bem alisada misturada com pigmento ocre amarelo escuro. Na parede sudoeste deste edifício, correspondendo a um dos vãos originais, surge uma janela de arco apontado com arestas chanfradas (fig. 45). Ao lado desta janela, e ainda na mesma parede, localiza-se uma porta que, apesar de muito alterada é idêntica em termos morfológicos e cronológicos, ou seja deverá ser do período tardo gótico – último quartel do século XV.

Na parede oposta, após uma picagem pontual, foi detetada uma outra porta desta vez ostentando um arco em asa de cesto igualmente chanfrado (fig. 46). Dadas as características estilísticas deste vão, considera-se que poderá tratar-se de uma passagem aberta numa fase um pouco mais tar-

Fig. 45 · Vão com arestas chanfradas

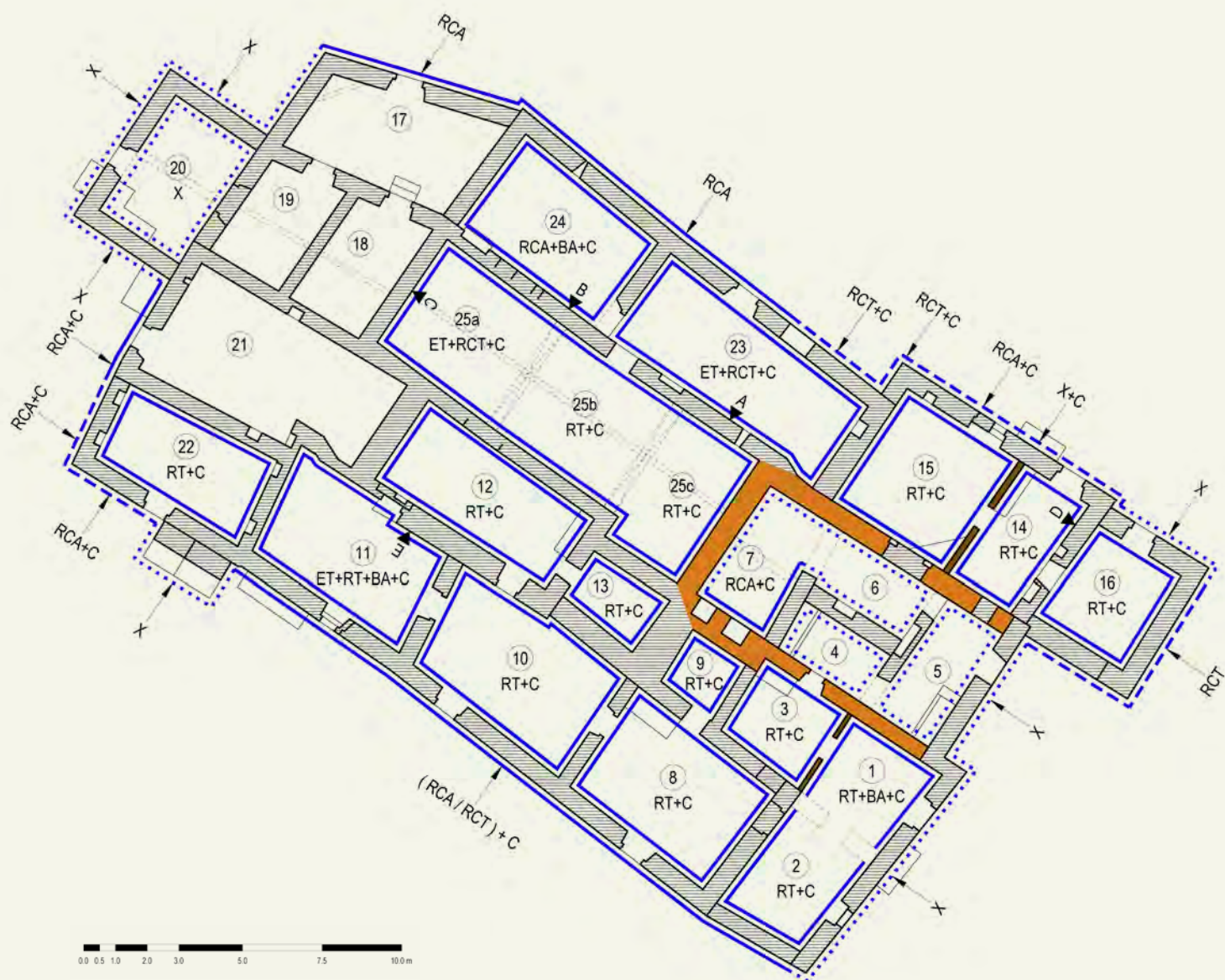


Fig. 46 · Vão com arestas chanfradas



dia. Tendo em conta os elementos descritos e a zona de implantação deste edifício, poderá desde já afirmar-se que existiu uma intenção declarada de conferir uma certa notoriedade à construção, desconhecendo-se no entanto até ao momento, que função poderia ter tido. Apesar de ser necessário avançar com o registo e a interpretação deste notável conjunto edificado, considera-se que a identificação de um edifício que deverá corresponder ao seu núcleo mais antigo, ou seja, ao «verdadeiro coração da Almoinha», bem como os primeiros resultados da interpretação arquitetónica e arqueológica das restantes construções, oferecem-nos, sem dúvida, perspectivas aliciantes.

Estas construções, erguidas portanto em torno deste núcleo expectavelmente mais antigo, apresentam paredes construídas em alvenaria de pedra de xisto e grauaque assentes com recurso a argamassas de terra, revestidas pelo exterior maioritariamente com rebocos de cal e areia, acabados com caiação, podendo também observar-se pontualmente a presença de rebocos de cal e terra (arenosa), igualmente caiados (fig. 47). Nos revestimentos interiores destes edifícios, a utilização da terra como material construtivo revela-se ainda predominante na maioria dos compartimentos, o que torna este conjunto edificado relativamente singular no contexto atual da região, uma vez que a fragilidade característica deste tipo de revestimentos não promove a sua perpetuação no tempo. Igualmente relevante é o facto destes revestimentos interiores em terra apresentarem soluções construtivas diversificadas e, em alguns casos, com um grau de elaboração construtiva significativo, particularmente atendendo à época e ao contexto destas edificações.



SISTEMA CONSTRUTIVO DAS PAREDES

- Paredes em alvenaria de pedra
- Paredes de taipa
- Paredes em alvenaria de adobe

SISTEMA DE REVESTIMENTO

- Revestimento inexistente
- Revestimento descontinuo (juntas)
- Revestimento continuo

MATERIAIS DE REVESTIMENTO

- ET** Emboço de terra (regularização)
- RT** Reboco de terra
- RCT** Reboco de cal e terra
- RCA** Reboco de cal e areia
- BA** Barramento / pintura de argila
- C** Caiçação
- X** Alvenaria de xisto aparente
- T** Taipa aparente

SONDAGENS REVESTIMENTOS

- A** ET+RCT+C
- B** RCA+BA+C
- C** ET+RCT+C
- D** RT+C
- E** ET+RT+BA+C

COMPARTIMENTOS

- 8** Revestimentos muito deteriorados
- 10** Revestimentos praticamente inexistentes
- 17** Revestimentos não inventariados
- 18** Revestimentos não inventariados
- 19** Revestimentos não inventariados
- 21** Revestimentos não inventariados

As sondagens, realizadas nesta primeira fase, permitiram identificar soluções de revestimento mais simples, constituídas por uma única camada de reboco de terra, afaçado e caiado, e também soluções mais elaboradas, constituídas por duas ou três camadas de argamassas de terra de composição diferenciada (fig. 48). Nestes casos as camadas inferiores apresentam argamassas de maior granulometria, assumindo a função de regularização do paramento de alvenaria, enquanto que a camada final, de granulometria mais fina, cumpre a função de acabamento, sobre a qual por vezes é ainda aplicada uma pintura de argila xistosa que antecede a caiação, sendo esta em alguns casos pigmentada.

Este nível de elaboração construtiva é mais comum nos revestimentos realizados com recurso a ligantes mineiros, como as argamassas de cal e areia que, devido às características dos seus materiais constituintes, naturalmente possibilitam e promovem maior elaboração construtiva, como é o caso dos revestimentos do núcleo do monte do lavrador desta mesma herdade. Contrariamente é pouco comum nos revestimentos realizados com terra, devido em parte ao facto deste material apresentar maiores limitações construtivas, e também devido à sua utilização estar associada a compartimentos secundários das edificações ou a situações de escassez de recursos materiais ou financeiros. Desta forma a predominância da utilização da terra e o nível de elaboração construtiva do sistema de revestimentos interiores observados no monte velho da herdade assumem relevância neste conjunto edificado.

Para além dos vãos de cunhais chanfrados anteriormente referidos, importa considerar também as diversas soluções de portas e janelas que, ao contrário daqueles, se inscrevem nas tipologias mais características da arquitectura vernacular dos montes de Mértola. Os vãos de porta mais elementares não têm gola, aparecendo fundamentalmente na ligação ou acesso a ramadas, palheiros e, por vezes, a espaços de arrecadação. Nestes casos, a execução



Fig. 48 · Sondagem (A), solução de revestimento interior constituída por duas camadas de rebocos de terra (regularização e acabamento), com pintura por caiação.

←
Fig. 47 · Registo de revestimentos das paredes do edifício principal

das ombreiras compreende, na sobreposição de fiadas, o travamento de pedras colocadas alternadamente no sentido transversal e longitudinal da parede. Para a fixação das portas de tábuas de madeira dos vãos sem gola, utilizavam-se dois gonzos, normalmente de azinho, cravados entre os madeiros da padieira e as pedras da soleira, podendo também, neste último caso, girar num orifício circular lavrado na soleira de pedra. Era também esta a solução corrente para o *boqueirão* que correspondia ao vão grande dos palheiros através do qual era arrecadada a palha.

A menor disponibilidade da pedra alongada, designada na maior parte dos casos de *pedra azul*, traduzia-se numa presença menos significativa nas padieiras dos vãos das portas, como ocorre aqui no monte velho. Quando apareciam, eram reservadas para a parte exterior do vão, combinadas no interior com madeiros, por vezes, de secção bastante diferenciada. Definiam assim a gola do vão que, a nível das ombreiras, podia ser executada com recurso a alvenaria de pedra ou a tijolo maciço ou ladrilho que, por vezes, apareciam combinados. Só muito raramente, encontramos aqui as pedras de xisto ou grauvaque dispostas ao alto no emolduramento dos vãos.

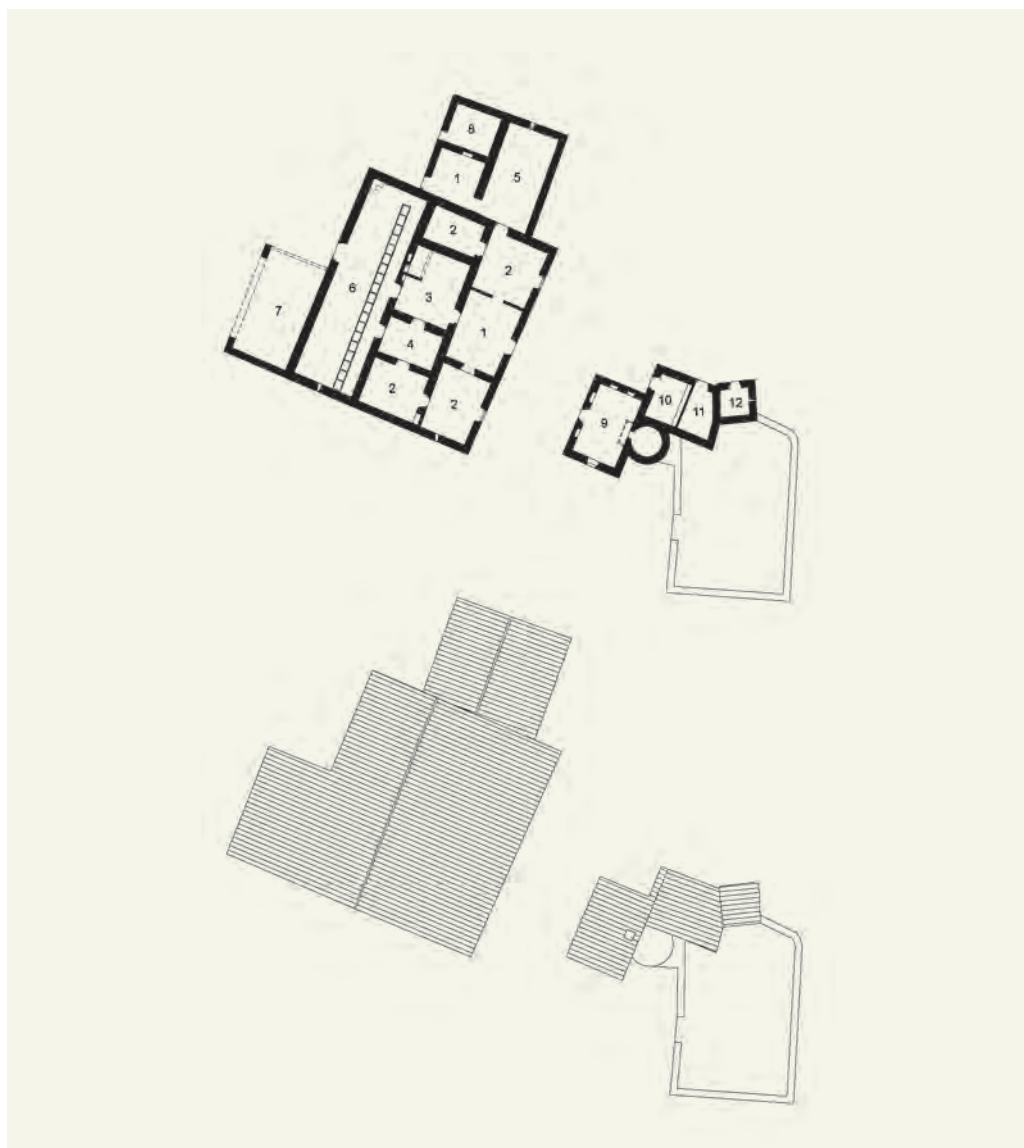
Confirma-se também, a quase ausência de janelas de peito que é característica das edificações térreas dos montes mais antigos, marcados pela generalização da porta de postigo (fixa nos moldes convencionais). As poucas janelas existentes neste conjunto edificado resultaram da conversão de antigas portas com a integração de um pano de peito. A única exceção é uma janela com *arco plano* em ladrilho, construída de raiz aquando de uma campanha de obras que comportou a reedificação da fachada de topo voltada a sudeste.

O MONTE NOVO DO LAVRADOR

Tal como é comum em muitos outros casos, o modelo associado à exploração da herdade sofreu uma alteração expressiva com as mudanças do sistema predial que decorreram com o advento do Liberalismo. A nível do conjunto edificado, estas mudanças terão repercussão na formalização do monte do lavrador, proprietário e residente na herdade, situado a pouco mais de cem metros para norte do monte velho. A sua morfologia e organização remete para conjuntos com características idênticas situados no Baixo Alentejo e na serra do Algarve (cf. Costa, 2014: 175-214). O monte de lavrador estava aqui estruturado a partir do alinhamento casa de fora/cozinha, disposto no sentido da profundidade, que organizava o acesso aos restantes espaços encadeados em três alas de compartimentos (fig. 49). Privilegiava a orientação a sudeste, voltando-se para um pátio aberto, delimitado no quadrante oposto pela casa do forno, à qual foram adjuntas posteriormente outras construções (ramada, casa da *amassa-*

Fig. 49 · Reconstituição do Monte de Baixo (escala 1/600)

1. Casa de entrada
2. Quarto / casa de dentro
3. Cozinha
4. Quarto com sobrado
5. Casa de despejo / celeiro
6. Ramada / palheiro
7. Alpendre
8. Casa da forja
9. Casa do forno
10. Casa da amassadura e da farinha
11. Casa das cangalhas
12. Casa das peles



dura, casa das cangalhas, casa das peles). A importância conferida a este espaço é registada, não apenas pela simetria da fachada principal (com a característica composição janela/porta/janela), mas também pelo recurso à marcação dos elementos da fachada, com trabalho em massa e *esgrafito* (cunhais, socos, cimalkas e molduras dos vãos), tanto no corpo principal como na casa do forno.

O espaço exterior tardoz, a noroeste do edifício principal, aparecia mais relacionado com as dependências de arrecadação e de apoio às atividades agropecuárias, comportando a presença de um alpendre (com apoios da cobertura em alvenaria e madeira). As várias alterações a que este conjunto foi posteriormente sujeito, não nos permitem, contudo, desenhar com rigor a compartimentação da parte da habitação voltada para este espaço e, entretanto, convertida numa única grande ramada. Recorde-se no entanto que esta casa dispunha ainda de um número significativo de palheiros e ramadas, implantados em redor do monte velho, que partilhavam a morfologia e escala características que estas construções adquiriam nos montes de lavrador da região (figs. 40, 41).

A organização desta habitação, conforme foi descrita, resultou de um processo de várias campanhas de obras, não sendo de excluir a hipótese de preexistência de construções originárias do Antigo Regime. De qualquer modo, a edificação de inícios da segunda metade do século XIX deveria restringir-se ao polígono formado pela alas de compartimentos intermédia e posterior da atual construção, correspondendo a uma cobertura de duas águas. A ampliação deste conjunto deverá ter comportado a construção da ala de compartimentos voltada a sudeste (relativa à fachada principal simétrica a que antes fizemos referência), numa campanha de obras que poderá ter correspondido ao ano de 1900 inscrito numa das paredes do edifício. Para a adjunção desta nova ala de compartimentos, com prolongamento da vertente anterior do telhado, foi necessário elevar o pé direito da construção original, como é possível comprovar através das juntas existentes na alvenaria. O aumento significativo do pé-direito permitiu também a integração de um sobrado, que servia de quarto, no compartimento da ala intermédia junto à fachada sudeste. Numa fase posterior será ainda agregada uma nova construção na fachada lateral voltada a nordeste que comunicava diretamente com um dos quartos da habitação.

Este conjunto edificado haveria posteriormente de ser convertido a usos não habitacionais (casas de despejo e arrecadação, palheiro, ramada, forjas), com a edificação da nova habitação mandada construir por Manuel da Silva Rodrigues Palma (filho de José Rodrigues Palma dono da propriedade), em finais da década de 30 do século passado, com recurso a mestres pedreiros oriundos do Baixo Algarve. A escolha do lugar para a nova edificação recaiu na mesma linha de feito, beneficiando da implantação a cota mais alta, a noroeste da habitação preexistente. Trata-se de uma edificação disposta em L, composta por duas unidades coevas que remetem para tipologias distintas, com repercussões a nível distributivo e construtivo (fig. 50). A casa nova da Almoinha acabou, de resto, por servir de modelo, quer a nível da organização em planta, quer a nível dos próprios processos construtivos, para outros montes de lavrador construídos posteriormente, por iniciativa de familiares dos proprietários deste monte, como ocorreu nos aglomerados rurais de Moinhos de Vento ou de Corvos.

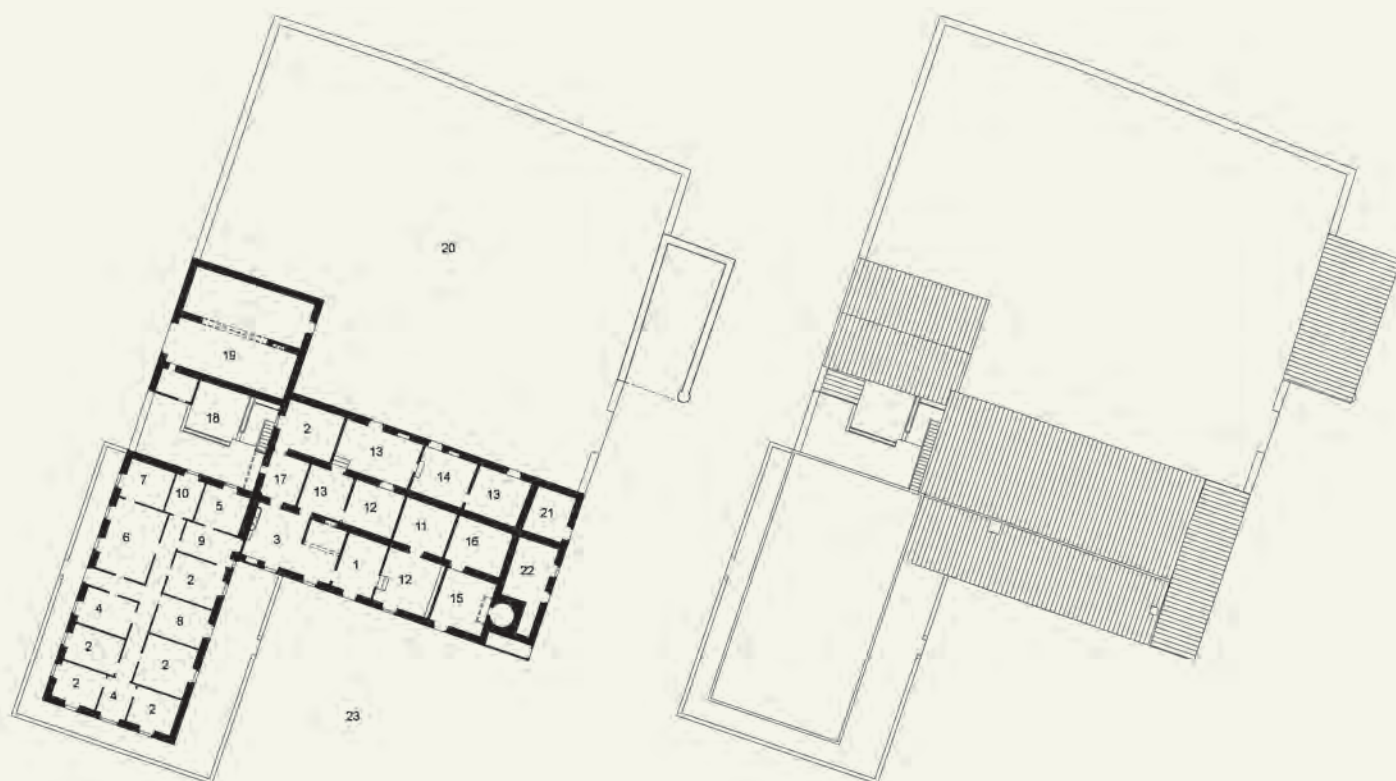


Fig. 50 - Monte de Cima
(escala 1/600)

- | | |
|---|----------------------------------|
| 1. Casa de fora | 13. Casa de despejo/
despensa |
| 2. Quarto / casa de dentro | 14. Casa dos queijos |
| 3. Cozinha | 15. Casa do forno |
| 4. Sala / sala de visitas | 16. Casa da farinha |
| 5. Casa de jantar a uso | 17. Casa do quintal |
| 6. Casa de jantar | 18. Quintal com cisterna |
| 7. Quarto do sr. bispo
[quarto de visitas] | 19. Garagem / oficina |
| 8. Escritório | 20. Quintalão |
| 9. Casa do telefone | 21. Casa dos mestres |
| 10. Instalação sanitária | 22. Casa das galinhas |
| 11. Quarto das criadas | 23. Rua do monte |
| 12. Celeiro | |

Fig. 51 · Vista interior da habitação do monte de Cima



O corpo poente constitui aqui o edifício privilegiado de representação e ornamentação, onde se localizavam os espaços fundamentais de receção como a casa de jantar (atente-se na distinção entre casa de jantar e casa de jantar a uso) ou o *quarto do bispo*. Para além da importância conferida aos motivos decorativos, merecedores de uma abordagem posterior mais aprofundada, este edifício remete para a afirmação definitiva do corredor, enquanto espaço de distribuição, que aqui se desenvolve em t, a partir do acesso principal à habitação (figs. 50, 51). A designação de *prédio* com que é distinguida a edificação principal (de orientação sudoeste/nordeste), releva a presença da laje de betão armado sobre as paredes exteriores de alvenaria de xisto e a compartimentação interna em divisórias de tabique.

O corpo nascente retoma uma organização muito frequente em habitações da região, edificadas a partir da segunda metade do século XIX, e caracterizadas pela contraposição entre paredes mestras longitudinais (fixação dos barroteiros da cobertura) e paredes ligeiras transversais de tabique de engradado de madeira ou de adobes (compartimentação). Esta solução é aqui convertida aos espaços de serviço, celeiros, casas de despejo e arrecadação, mantendo o tradicional encadeamento de compartimentos sem corredor. A cozinha de grandes dimensões estabelece a articulação entre os dois corpos, beneficiando simultaneamente da proximidade ao quintal da cisterna (delimitado por aqueles e pela edificação para os carros). A organização destes diferentes usos, reflete-se nos espaços exteriores, a partir da contraposição entre a *rua do monte* (calçada a xisto e mais ligada às atividades do quotidiano), a sudeste, e o espaço da entrada principal da habitação, a noroeste (figs. 52, 53).



Fig. 52 · Fachada principal
do Monte de Cima

Fig. 53 · Rua do Monte

COMPOSIÇÃO E ORNAMENTAÇÃO DO MONTE NOVO

O corpo principal da nova habitação adquiriu, como vimos, um expressivo escopo de representação que perpassa das fachadas exteriores para os espaços internos, através da combinação da escaiola com os motivos geométricos e o desenho Arte Deco. É evidente a preocupação compositiva das fachadas, com uma proposta decorativa que reforça a marcação vertical dos vãos, com o seu prolongamento até ao coroamento do edifício na platibanda, associada ao sistema de cobertura em açoteia. A fachada principal, voltada a noroeste, apresenta a marcação de seis janelas com eixo de simetria marcado pela porta de acesso ao corredor central da habitação (fig. 52). A fachada oposta apresenta três janelas e a acentuação da ornamentação no lugar de um quarto vão de janela, que aqui foi omitido, enfatizando a falsa simetria da fachada (fig. 53). Não se confirmando a continuidade do eixo da porta da fachada noroeste, mantém-se contudo a sua base de referência na porta de acesso à edificação através do escritório, que acaba por revelar aspetos da organização interna do espaço doméstico. É conferida a esta habitação uma linguagem arquitetónica invulgar nos montes rurais da região, formalizada pelo embasamento proeminente e balanceado, pelo coroamento da edificação ornamentada com elementos em massa salientes em sulcos expressivos, pelos cunhais recortados com motivos estriados, pelo emolduramento dos vãos com cantarias de calcário *importadas* e pela pintura decorativa aplicada em todo o paramento simulando o revestimento da construção em pedra ornamental.

O revestimento de pintura decorativa por *fingimento*, localmente designado por *marmoreado*, encontra-se em muito bom estado de conservação (fig. 51). Integra o conjunto das técnicas de revestimento que simulam o revestimento em pedra, como os mármore, brechas e outras pedras naturais. São técnicas de revestimento que têm especificidades de execução dependentes da aplicação e tipo de acabamento pretendido. De modo geral, necessitam de uma base preparatória em pasta de cal aérea, gesso (apenas quando aplicado no interior) e agregados criteriosamente selecionados de extrema finura (como pó de sílica ou de outras pedras finamente trituradas), sobre a qual seriam desenvolvidas as pinturas decorativas, ainda sobre barramento *fresco* (fig. 54). Para os acabamentos e polimentos, a superfície seria *brunida* (polida) e, dependendo da aplicação pretendida, recorria-se ao sabão, às ceras ou às resinas.

No monte de lavrador da Almoinha o recurso à cor também não é casual reforçando a diferenciação dos elementos da construção, acentuando a intencionalidade cromática e estética que a caracteriza. Salientam-se os matizes de verde e ocre em toda a extensão da fachada, a cor cinza do embasamento, dos cunhais e dos canelotes da platibanda e ainda o contraste pontual do *vermelho almagre* para a marcação do plano da platibanda e sua diferenciação nos estriados do coroamento. No interior da construção, os paramentos são revestidos com

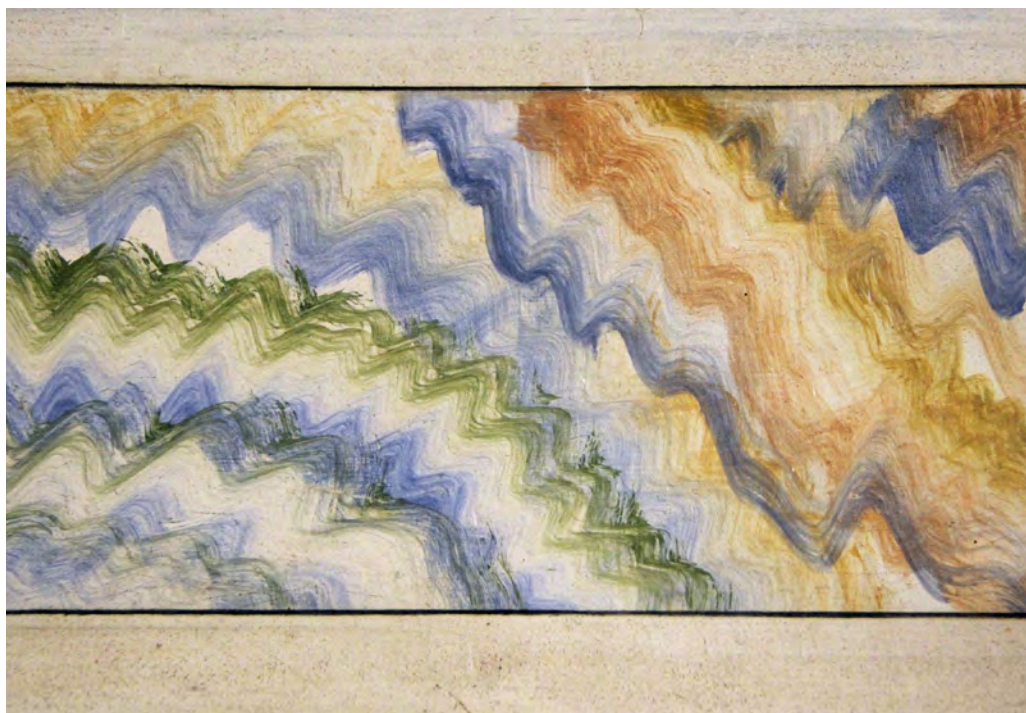


Fig. 54 · Pintura decorativa por fingimento

a técnica de *marmoreado*, apenas diferenciando as áreas sociais, como a *salinha das visitas* e a *sala de jantar a uso* e nos dois corredores de distribuição, com pintura decorativa de simulação de pedra ornamental e com acabamento de *stucco lustro* que lhe confere um efeito de extremo polimento semi-brilhante. Nas restantes dependências, como os quartos de dormir, a *casa do telefone* e a instalação sanitária, todos os paramentos são estucados, diferenciando-se, cada um deles, com motivos geometrizados, matizados a ocre, rosa, azul, com acabamento afagado mate. As opções cromáticas dos revestimentos *marmoreados* revelam uma técnica de pintura decorativa cuidadosa, variando cores e dimensão dos veios, dos raiados e dos *esponjeados*, controlando o contraste progressivo entre a cor de fundo da base e o *fingimento*, esbatendo manchas e intensificando contornos, e garantindo as várias escalas de observação e de simulação. O desenho da estereotomia é realizado a carvão na superfície a *fresco*, e reforçada posteriormente com pincel com a cor cinza escuro, redefinindo contornos e remates. Os tetos são estucados e providos de ornamentação em relevo nos centros do compartimento, com motivos geometrizados ou florões. Apenas na *salinha das visitas*, o teto apresenta um fecho com um ornato em relevo com uma figura humana, revelando a sua função de espaço de receber. Para além do corpo principal da construção, que temos vindo a descrever, importa conside-

rar ainda as duas construções complementares, dispostas num segundo bloco ortogonal. Esta segundo corpo apresenta maior sobriedade que o primeiro, dispondo de paramentos caiados, onde as únicas duas pilastras e o cunhal são ornamentados em relevo com menores saliências. O remate da cobertura, neste caso telhada, é formalizado através de uma pequena platibanda, com cimalha pouco saliente. O acesso a esta parte da habitação é feito através da casa de fora, cujo interior é ornamentado com *escaiola* nos paramentos. A partir daí acede-se à zona de cozinha e à *casa de costura* (antigo celeiro) que constitui o único compartimento com caiação a *vermelho almagre* em toda a sua extensão.

A realização de trabalhos específicos destas artes decorativas de revestimento, como *escaiolas* interiores e *marmoreados* exteriores, estuques interiores e trabalhos de massa e ornatos em relevo no exterior, requeriam uma encomenda particular a mestres *escaioladores*, *pintores fingidores* e estucadores capacitados. Esta contratação pontual estava reservada a encomendadores mais abastados ou com disponibilidade financeira resultante de alguma campanha agrícola ou lavoura mais rentável. Algumas das edificações observadas com estes revestimentos arquitetónicos em contexto rural, em particular na região do Algarve, têm revelado semelhanças com exemplares situados em contexto urbano. Ainda que mais tardios, retomavam, deste modo, o modelo construtivo e a linguagem estética da arquitetura das cidades e vilas próximas, distinguindo os assentamentos de lavrador, mais ou menos abastados, dos outros conjuntos rurais.

O DESENHO URBANO DA VILA E DOS ARRABALDES

MIGUEL REIMÃO COSTA
ANA COSTA ROSADO

O tecido urbano de Mértola é o resultado de um processo longo de construção do lugar que só pode ser interpretado considerando as diferentes expressões de continuidade e de descon- tinuidade e as diversas matizes que marcam a sua história. A preponderância das caracterís- ticas biofísicas é, neste contexto, decisiva, não apenas à escala da paisagem envolvente, mas também a nível da própria forma urbana, considerando: a importância do rio e da afluência da ribeira de Oeiras na proximidade à zona limite de navegabilidade; o porto e a transposição de rotas marítimas e terrestres; o nível das cheias e os períodos de retorno; ou a orografia e as áreas bem delimitadas de aptidão agrícola (fig. 55).

É em função das características particulares deste território e do processo histórico de transformação que a vila adquiriu também uma expressiva diversidade a nível do tecido urbano e da arquitetura corrente. As diferentes unidades passíveis de serem delimitadas no interior do perímetro urbano tradicional adquirem, em resultado desse processo, uma dimensão cultural. A comunidade residente na vila redesenha, de memória, as diferentes zonas, considerando fun- damentalmente aspetos de natureza social e de identidade.

No interior da vila intramuros, distinguem-se as zonas a cota mais baixa, mais ricas e de morfologias e tipologias arquitetónicas mais complexas, das zonas a cota mais alta quase sem- pre associadas às habitações mais pequenas e elementares. Fora de portas, são também evi- dentes as características particulares dos diferentes arrabaldes – *Arrabalde da Vila* a norte, *Arrabalde de Além do Rio*, na margem esquerda do Guadiana, e a *Ribeira* e núcleo de *Além de Oeiras*, traduzindo, entre outros critérios, os diferentes sistemas de relação do aglomerado com a sua paisagem e o seu termo.



Fig. 55 · Vista aérea do convento de São Francisco, da vila intramuros e do arrabalde

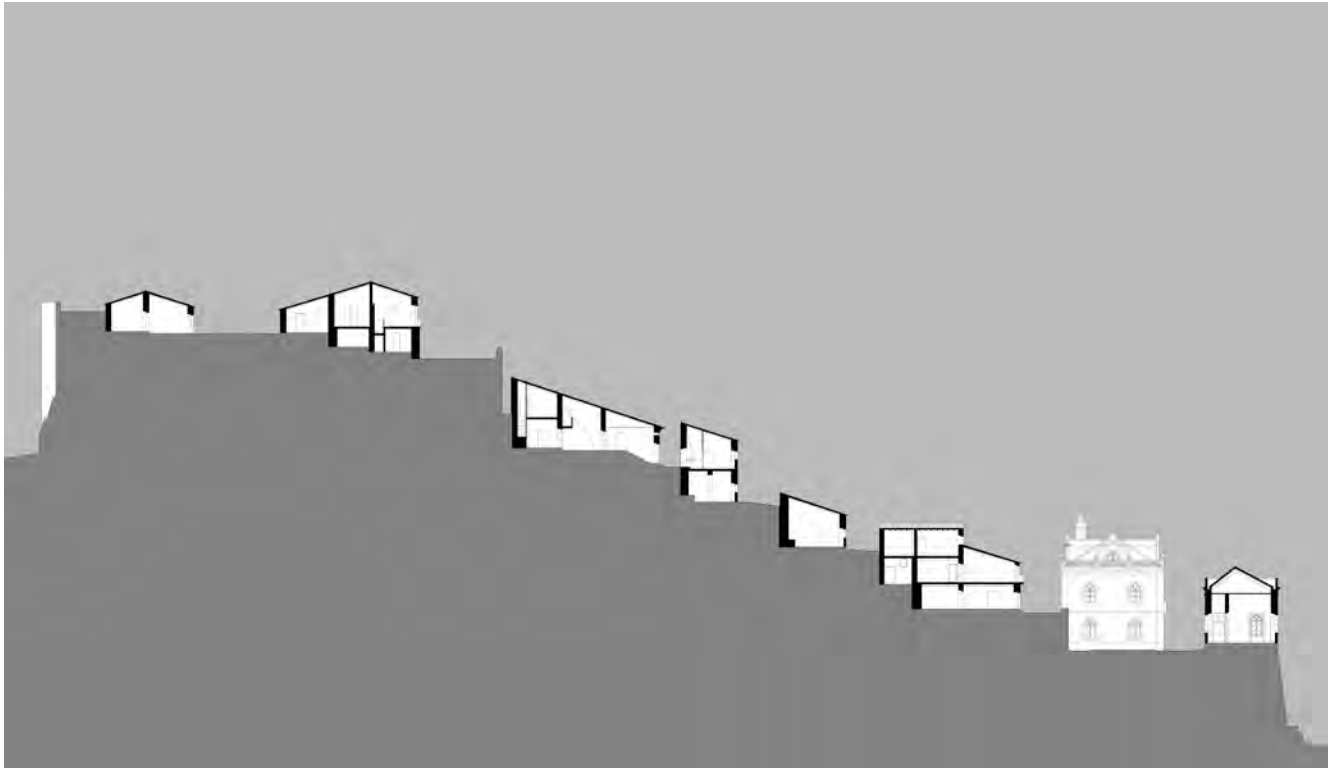
→
Figs. 56 e 57 · Travessa da Oliveirinha



A VILA CONTIDA NO INTERIOR DA MURALHA

A ocupação do esporão onde se implanta a vila é conformada historicamente pelo conjunto das muralhas que retoma a linha de transição entre as vertentes de declives mais pronunciados e a plataforma superior. Ainda assim, mesmo no espaço intramuros, a diferença de cotas revelar-se-á significativa, resultando em pendentes pronunciadas, quer nas ruas de traçado longitudinal, quer especialmente nas travessas que nalguns casos integram lances de escada de articulação dos diferentes planos (figs. 56, 57). Se considerarmos, por exemplo, o desenho do corte transversal pela praça da vila (fig. 58), passaremos, numa distância de cerca de 100 metros em planta, da cota 26 para a cota 64. Esta circunstância acabará por redundar numa significativa proximidade entre as vias longitudinais correspondente a uma distância de 8 a 16 metros em planta (que vence com frequência uma diferença de cotas entre os 5 e os 10 metros), não resultando assim na disposição corrente do quarteirão de duas frentes, mas conformando quase sempre uma só banda de habitações (fig. 59).

A representação de Mértola constante no *Livro das Fortalezas* de D. Duarte d'Armas, do final da primeira década de quinhentos, elaborado por iniciativa de D. Manuel, constitui um documento relevante para a caracterização da vila do início do período moderno. O carácter fidedigno desta obra tem sido mais evidenciado para o estudo dos sistemas defensivos ou dos edifícios notáveis, do que propriamente para a caracterização do conjunto edificado ou, especialmente, da estrutura viária. Mas ainda assim, no caso específico de Mértola, o *Livro das Fortalezas* é fundamental, não apenas para o estudo da antiga mesquita e igreja matriz ou do castelo e da muralha da vila (Gómez Martínez, 2014), mas também para a caracterização do tecido urbano intramuros. Esta qualidade é especialmente evidente no desenho elaborado a partir de nascente (fig. 86) que é, em nosso entender, construído justamente a partir da leitura e da representação da estrutura viária que corresponde, em grande medida, à morfologia que chegou aos dias de hoje. Isto porque a sua elaboração beneficiou, não apenas da escolha de um ponto de vista alto, na outra margem do Guadiana, mas das próprias características do assentamento, disposto em diferentes plataformas na adaptação a um lugar de declives pronunciados que torna mais clara a percepção das diversas vias longitudinais que conformam a estrutura urbana (fig. 59).



A partir da representação das portas nas fachadas – e considerando simultaneamente a fotografia, datada do início do século passado, em lugar próximo à daquela representação – é possível propor uma hipótese de reconstituição do tecido urbano de então, que assenta fundamentalmente no desenho das vias longitudinais do tecido urbano (figs. 60, 71) (atuais rua dos Combatentes da Grande Guerra, rua D. Sancho II, rua de Nossa Senhora da Conceição, rua Dr. Manuel Francisco Gomes, rua da Igreja e rua Elias Garcia). A preponderância destas vias na organização do tecido urbano de Mértola é enfatizada pela descontinuidade do alinhamento das travessas na ligação das diversas plataformas. Em qualquer caso, esta hipótese de reconstituição não é clara, em relação nem ao traçado das travessas, nem à presença de espaços de alargamento, como aquele que já então marcava a proximidade à porta da Ribeira e à igreja da Misericórdia. Do mesmo modo, a representação do tecido urbano no limite sudoeste do espaço intramuros é, também, menos clara no documento quinhentista, correspondendo, justamente, a uma área de topografia mais aplanada.

O núcleo intramuros de Mértola compreendia, então, alguns dos temas característicos do urbanismo medieval do período subsequente à reconquista já enunciados para as vilas de fundação de fronteira. No entanto, a adoção desse programa aparecerá aqui profundamente marcado pelas circunstâncias particulares da vila, não apenas em relação ao lugar de implantação, como também pela importância que adquirem as estruturas construídas de períodos anteriores,

←
Figs. 58 e 59 · O núcleo intramuros de Mértola em diferentes plataformas (corte e vista geral)

Fig. 60 · Reconstituição do sistema de vias numa das representações de Mértola do *Livro das Fortalezas* de D. Duarte d'Armas



considerando: a consolidação e transformação do sistema defensivo preexistente (em diferentes ciclos desde o início da romanização); a organização do tecido urbano em ruas e travessas, com preponderância da rua Direita, alcandorada sobre o Guadiana, na ligação das portas de Beja, a norte, e da Ribeira, a sul; a persistência da mesquita almóada, convertida na igreja de Santa Maria (num primeiro momento com um reduzido programa de obras), em posição apartada do tecido urbano com o abandono da antiga zona palatina e do bairro da alcáçova a poente.

A RUA DIREITA E A VILA BAIXA ENTRE PORTAS

O tecido urbano da vila intramuros é assim conformado pela preponderância da antiga rua Direita, na ligação das portas de Beja, a norte, e da Ribeira, a sul. No caso específico de Mértola, a rua Direita não constitui o eixo longitudinal ao centro da composição, servindo antes como uma espécie de via de ronda, voltada ao Guadiana, sobre o troço nascente da muralha (figs. 61, 62). A importância comercial deste eixo aparece, historicamente, combinada com o largo da Misericórdia (fig. 63), junto à porta da Ribeira, e com a praça da Vila (atual largo de Camões), no troço intermédio mais a norte. A abertura e estruturação deste último espaço, ainda por estudar, inscreve-se no processo de criação e formalização da praça com expressão, a partir do início do período moderno, num número significativo de aglomerados em Portugal, resultando, também aqui no espaço de concentração das estruturas públicas e concelhias.

O desenho da praça aberta sobre o Guadiana é conformado pela diferença de cotas entre a rua Direita, a nascente, e a rua da Misericórdia, a poente, formalizada pela presença de um muro de suporte que organiza o espaço a plataformas distintas (fig. 64). A anterior dimensão de centralidade deste espaço era enfatizada, a nível da imagem urbana, pela projeção dos antigos paços do concelho, em arcaria, sobre o pano exterior da muralha, e pela presença da torre do Relógio edificada no século XVII sobre um dos torreões (que acabaria por balizar as diferentes toponímias deste eixo: rua Direita ou da Praça, no troço sul, e rua do Relógio, no troço norte).

A transformação do conjunto edificado desta zona baixa compreenderá algumas semelhanças com as dos edifícios dos arrabaldes e bairros ribeirinhos, fora de portas, de outros centros urbanos que, aqui, em função da força do rio na relação com a topografia do lugar junto ao porto, não poderiam adquirir a mesma relevância. A zona baixa de Mértola intramuros assistiu, durante o antigo Regime, a um processo de densificação que não é possível encontrar noutras áreas da vila, que se estenderá da rua Direita, ao eixo longitudinal paralelo a poente (antigas ruas da Misericórdia e rua de Trás do Relógio, atual rua D. Sancho II) e para redor do largo da Misericórdia (na antiga rua da Misericórdia e no arranque da antiga rua da Afreita) no limite meridional do núcleo intramuros (figs. 65, 66).

É, de facto, nesta área que se concentra uma parte significativa das *moradas de casas altas* registada no Livro da Décima de 1765 e nos Livros de Notas dos Tabeliães do Cartório



Figs. 61 e 62 · Rua Professor
Batista da Graça (antiga rua
Direita)

Fig. 63 · Largo da Misericórdia

Fig. 64 · Praça Luís de Camões





Fig. 65 · Rua D. Sancho II

Fig. 66 · Rua Dr. António José de Almeida (antiga rua da Afreita)

Notarial de Mértola dos séculos XVIII e XIX. Correspondem, em grande medida, às edificações propriedade das classes mais abastadas e da governança local que estarão na base da gradual transformação e ampliação do conjunto edificado. Esta transformação resultou na ocupação quase integral dos quarteirões, cujas áreas livres acabaram por se restringir a um número muito reduzido de *saguões* ou *logradouros* de pequena dimensão. Por outro lado, assistiu-se ao crescimento em altura de grande parte destas edificações que, na solução mais convencional, combinavam os armazéns e espaços comerciais no piso térreo, com o piso nobre da habitação em sobrado e, por vezes, com as águas furtadas na cobertura.

Nalguns casos, estas habitações maiores terão resultado da aglutinação de parcelas de menor dimensão que ocorre durante o Antigo Regime. De qualquer modo, a maior volumetria destas edificações não decorreu de uma alteração significativa das soluções formais e construtivas características das edificações de um piso. A habitação resultava, como vimos, da combinação de várias *casas* – designação que recebia cada um dos compartimentos – quase sempre delimitadas por paredes mestras com cobertura de uma água. A presença dos armazéns no piso térreo, com abertura de um espaço maior através da integração de arcaria, tão característica das áreas centrais de inúmeros núcleos urbanos, constituía uma das particularidades destas edificações no contexto da arquitetura de Mértola.

A VILA ALTA, DA RUA DA IGREJA AO LUGAR DO MEIO MUNDO

As áreas da vila intramuros localizadas às cotas mais altas contrastam, de forma expressiva, com os espaços mais próximos da rua Direita e da porta da Ribeira que antes descrevemos. Ao contrário destes são caracterizadas por edificações de pequena superfície, com apenas um

piso, nalguns casos, com integração de sobrado no desvão do telhado. O troço da antiga rua da Afreita (atual rua Elias Garcia), encostado à secção poente da muralha (figs. 67, 68), era também designado, segundo alguns habitantes, por rua dos Ofícios, por aí residirem e trabalharem, ainda no terceiro quartel do século passado, alguns artesãos (ferreiro, amassadeira, costureira, tecedeira e sapateiro), que serviam a vila e, nalguns casos, também os montes próximos.

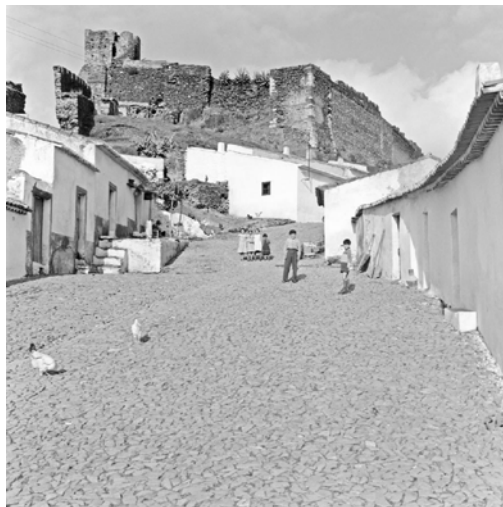
A travessa do Açougue Velho, que liga esta zona à rua da Igreja, e o beco bem próximo da antiga rua do Açougue Velho, eram caracterizados pela presença de dois dos conjuntos de fornos de pão existentes na vila intramuros. Ao contrário do que ocorria nos aglomerados rurais, em que os moradores coziavam o pão nos seus próprios fornos ou em fornos coletivos, em Mértola recorriam a uma das forneiras então existentes (que para além dos dois conjuntos referidos contavam ainda um terceiro na rua D. Sancho II e outros no Arrabalde da Vila). A presença das casas de forno nesta área é, de resto, atestada por diferente documentação dos séculos XVIII e XIX que se deverá reportar aos fornos já referidos da travessa do Açougue Velho que os habitantes ainda recordam.

A área a cota mais alta da vila intramuros, e especialmente o lugar do Meio Mundo (como também era designado o troço norte da atual rua Elias Garcia), correspondeu às zonas de ocupação mais recente. As encostas em torno ao castelo, deixadas livres na representação quinhentista de D. Duarte d'Armas, só verão as últimas casas edificadas já no último quartel do século de oitocentos. Esta área confirma a transformação, neste período, da pequena habitação, marcada pela transição da *morada de duas casas* (e das suas diferentes variantes que estudaremos no conjunto da travessa do Roncanito, figs. 87-89) para a habitação de três compartimentos divi-

Figs. 67 e 68 · Rua Elias Garcia
(antiga rua da Afreita)

→→

Fig. 69 · Vista aérea da área
sudoeste da vila intramuros







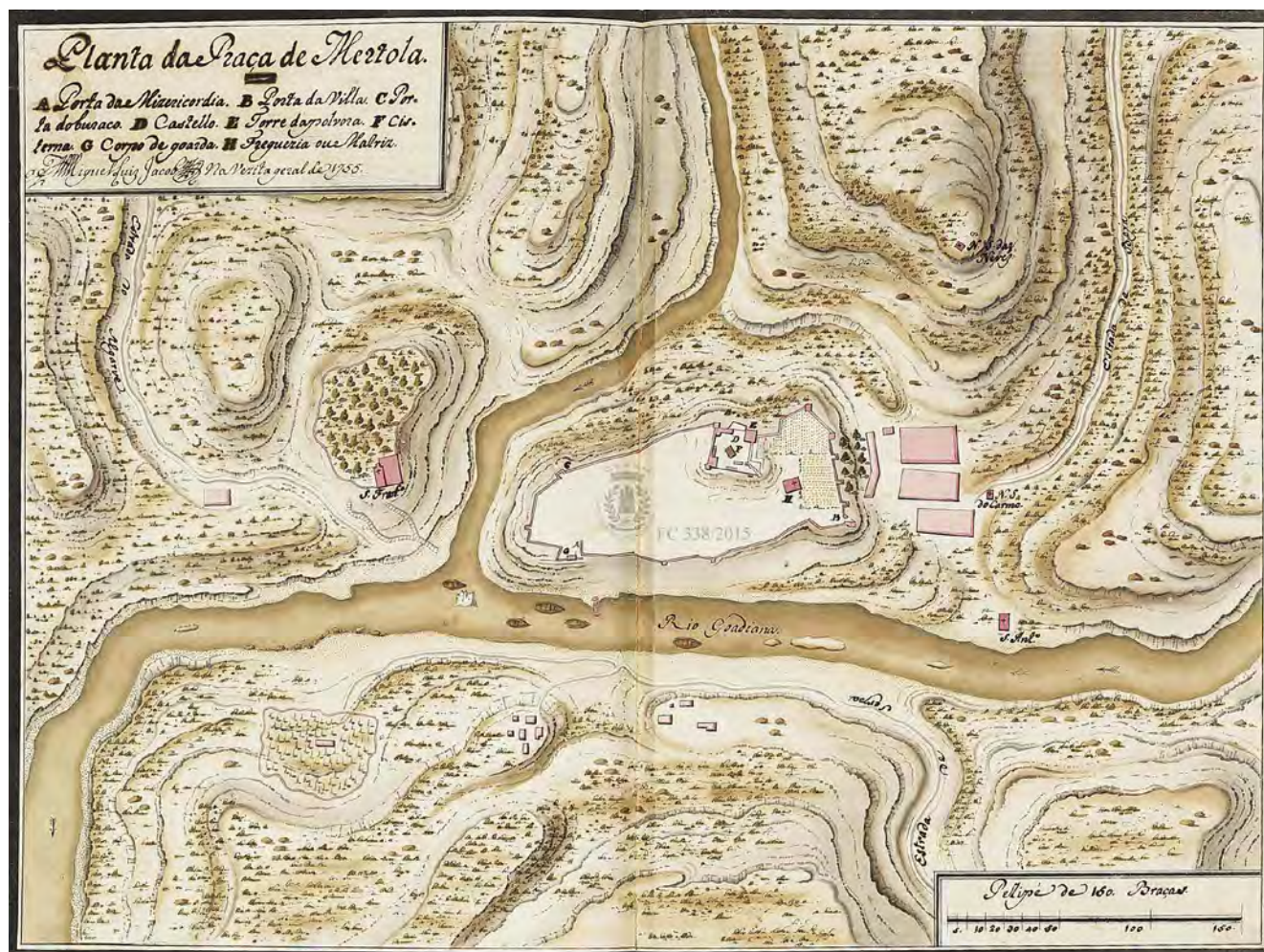
dados por paredes ligeiras de adobes ou tabique. Ao contrário do primeiro modelo, que corresponde tendencialmente a uma habitação em profundidade, esta última solução implanta-se ao longo da rua, beneficiando quase sempre de iluminação nos diferentes compartimentos. É esta tipologia que marca grande parte das habitações desta área, especialmente a nascente do castelo, no lugar do Meio Mundo, mas também mais para sul na rua da Igreja.

A VILA ESTENDIDA À PAISAGEM

Na primeira metade do século de quinhentos, Mértola mantinha-se enquanto núcleo contido no interior das muralhas, sendo confirmada a ausência de qualquer arrabalde na descrição constante no Cadastro da População do Reino de 1527 (Collaço, 1929: 57). Foi fundamentalmente a partir do início do século XVII que se retoma a urbanização fora de portas, enfatizando a condição de vila na paisagem e afirmando a importância da topologia do território: no desenho dos novos bairros dos arrabaldes de ambas as margens do Guadiana; na fundação do convento de São Francisco, a sul da ribeira de Oeiras; e na releitura da orografia com a edificação da capela de Nossa Senhora das Neves e das igrejas de Santo António dos Pescadores e de Nossa Senhora do Carmo (junto ao local da antiga basílica paleocristã). *A Planta da Praça de Mértola e seus Contornos*, na versão de 1755 (GEAEM/DIE, 1755), integrada num levantamento sistemático das praças alentejanas da autoria de Miguel Luís Jacob, regista a consolidação desta organização até ao início da segunda metade do século XVIII (fig. 70). Consistindo numa representação de propósitos militares, esta carta renuncia ao desenho do tecido intramuros, delimitando os elementos fundamentais do espaço fora de portas, e evidenciando a importância da orografia no desenho da vila e nos sistemas de vistas e de espacialização de poderes.

A RIBEIRA E O NÚCLEO ALÉM DE OEIRAS

Ao observar a representação quinhentista da vila voltada ao Guadiana (fig. 86), é interessante notar a presença acanhada de uma pequena edificação, fora de portas, quase encostada ao troço meridional da muralha. O desenho enfatiza com um padrão característico – com que Duarte d'Armas representava a natureza agreste do substrato rochoso – os afloramentos de xisto na base da muralha, distinguindo assim as zonas arenosas que eram privilegiadas para a atracagem dos barcos. A presença acanhada que reconhecemos naquela casa é premonitória da feição inconstante do pequeno bairro da Ribeira, alvo sucessivo da destruição provocada pelas cheias do rio. Esta condição é, de resto, evidente com a comparação de duas panorâmicas relativas a momentos distintos: o bairro vivido na transição do século XIX



para o século XX (fig. 71); e as casas *assoreadas* e *destelhadas* em meados século passado, possivelmente, depois da grande cheia de 1947 (fig. 72). Alguns dos antigos residentes nesta zona recordam ainda a mudança para pequenas casas da vila intramuros (como ocorria, por exemplo, para os compartimentos situados na porta da Ribeira sob a Igreja da Misericórdia) que eram forçados a fazer depois das cheias maiores.

Na primeira metade do século passado, o conjunto edificado da Ribeira era caracterizado por habitações modestas de pequena dimensão, com apenas um ou dois compartimentos, quase todas servindo de espaço de arrecadação de apetrechos e simultaneamente de residência de pescadores. Entre estas casas sobressaíam a famigerada loja da tia Rita e o posto da

Fig. 70 - Planta da Praça de Mértola (1755) de Miguel Luís Jacob
Cota 1397-3-40-PP - GEAEM/DIE.

Fig. 71 · Vista panorâmica
de Mértola na transição do
século XIX para o século XX

Fig. 72 · Vista panorâmica de
Mértola em meados século XX







Figs. 73 e 74 · Convento de São Francisco e antiga estalagem

Guarda Fiscal. Para além do *porto da Ribeira*, esta área era também marcada pela proximidade do sítio da *barca de passagem* para a outra margem da ribeira de Oeiras. Já referida na *Visitação* de 1565 da Ordem de Santiago (Barros *et. al*, 1996: 385), a barca de passagem permitia a ligação aos territórios e povoações daquela banda e à *estrada do Algarve*. Esta estrada servia, como vimos, de acesso à Igreja e ao convento de São Francisco que constituía o conjunto edificado fundamental do *Arrabalde de Além de Oeiras*, como é designado em escritura datada do início do século passado (ADB, 1793/1955, livro 94, fls F4/6V). Mas justificava também a presença de uma antiga estalagem, a nascente e a cota mais baixa em relação ao convento (figs. 73, 74), que corresponde a uma planimetria próxima à representada, sem qualquer legenda, na carta de setecentos de Miguel Luís Jacob (fig. 70). A relevância da localização desta estrutura, de dimensão significativa, acabou por desaparecer naturalmente com a construção da ponte sobre a ribeira de Oeiras, em finais do século XIX. O novo mapa viário, para além de contribuir para a sua ruína, acabou por reforçar a importância crescente do Arrabalde da Vila, do lado oposto da vila amuralhada.

O ARRABALDE DA VILA ENTRE A RUA LARGA E A RUA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES

O crescimento fora de portas adquire particular relevância com a ocupação do outeiro localizado a norte da porta de Beja, no que viria a ser designado pelo Arrabalde da Vila (correspondendo a uma área caracterizada pela presença de necrópoles de diferentes cronologias numa faixa que se estende de nordeste para sudoeste). Se retomarmos a *Planta da Praça de Mértola* de Miguel Luís Jacob, a que antes fizemos referência (fig. 70), e observarmos o conjunto dos quarteirões tingidos a vermelho, poderemos compreender alguns aspetos relacionados com a morfologia deste núcleo, em meados do século XVIII. A transposição destes elementos para um desenho elaborado a partir do levantamento topográfico e do levantamento aerofotogramétrico permite estabelecer uma hipótese de correspondência entre a representação destes quarteirões e a sua configuração atual (considerando os diversos alinhamentos existentes como, por exemplo, a estrada de Beja, as igrejas de Santo António dos Pescadores e de Nossa Senhora do Carmo ou o do troço norte da muralha com suas torres). Considerou-se ainda, para esta transposição, o Livro da Décima de 1765 (AMM, 1765/1834, livro1: fls 41-51) que compreende para o Arrabalde da Vila, a rua de Nossa Senhora das Neves (atuais ruas Alves Redol e Cândido dos Reis), a rua de Trás (atual rua da República) e rua Larga do Arrabalde (atual rua 25 de Abril).

Na representação dos três conjuntos edificados maiores, situados a norte da atual rua Alves Redol, não apenas não se faz a diferenciação entre áreas edificadas e logradouros, como se abdica do desenho das travessas e, inclusivamente, da antiga rua de Trás (atual rua da Repú-

blica) (fig. 70). Ao contrário, no caso do quarteirão contíguo ao troço norte da muralha, diferenciava-se claramente os quintais do alinhamento edificado voltado à rua Alves Redol. Como se poderá concluir através deste desenho, a aproximação à porta de Beja era ainda caracterizada, em meados do século XVIII pela ausência das edificações que iriam conformar o espaço do *Terreiro* (atual largo Vasco da Gama). Até este momento ainda não havia sido edificada qualquer construção no limite da cerca localizada a norte da porta de Beja ou entre as duas torres situadas a poente da mesma (na área correspondente ao atual café Guadiana). O Livro da Décima de 1765 remete para uma importância ainda incipiente dos restantes conjuntos edificados associados à antiga rua de Nossa Senhora das Neves (AMM, 1765/1834, livro 1: fls 41-51).

A formação do tecido urbano do arrabalde resultou, em grande medida, do traçado da antiga *estrada de Beja* e da proximidade de diversos alinhamentos edificados paralelos a esse eixo. Na realidade, não poderemos falar ainda de quarteirões, no sentido estrito do termo. Os conjuntos construídos do lado nascente da rua Larga do Arrabalde e do lado poente da rua de Trás adquiriam então características idênticas, ainda que com uma disposição simétrica, correspondendo a alinhamentos edificados elementares com respetivos logradouros no tardo. Um terceiro alinhamento edificado implantava-se entre ambos (ou seja a poente da antiga rua Larga do Arrabalde e a nascente da rua de Trás), apresentando características bastante diferenciadas, entre as quais poderia ser referida a quase ausência de logradouro. Não é de resto de excluir a hipótese deste terceiro alinhamento corresponder a uma cronologia mais tardia, relativamente aos dois primeiros, resultando num desenho de génese do arrabalde caracterizado por um terreiro mais largo, como o que é que é possível encontrar noutras povoações do sul do país.

A estrutura urbana do Arrabalde da Vila correspondeu, num primeiro momento, a um conjunto edificado bastante indiferenciado. No terceiro quartel do século de setecentos, constituía, fundamentalmente, um bairro de casas térreas. De facto, no Livro da Décima de 1765 (AMM, 1765/1834, livro 1: fls 41-51) são arroladas cerca de 66 casas, das quais apenas 12 são descritas como «altas e baixas» ou «térreas com um alto». Ainda para mais, algumas dos *altos* resultavam da ocupação parcial da parcela em volumetrias que não se distinguiam significativamente das restantes habitações pequenas. Em termos funcionais, apenas duas edificações se salientavam das restantes, correspondendo a duas estalagens localizadas na antiga rua Larga do Arrabalde, na aproximação à porta de Beja, constituindo um tema a que voltaremos posteriormente.

Ao contrário do que ocorre na vila intramuros, os alinhamentos edificados encontram-se, quase sempre, implantados contra a vertente (rua 25 de Abril e rua da República), adquirindo preponderância as construções de duas alas de compartimentos com cobertura de duas águas, sucessivamente alteadas na aproximação às zonas mais altas. (figs. 132, 133). Esta implantação

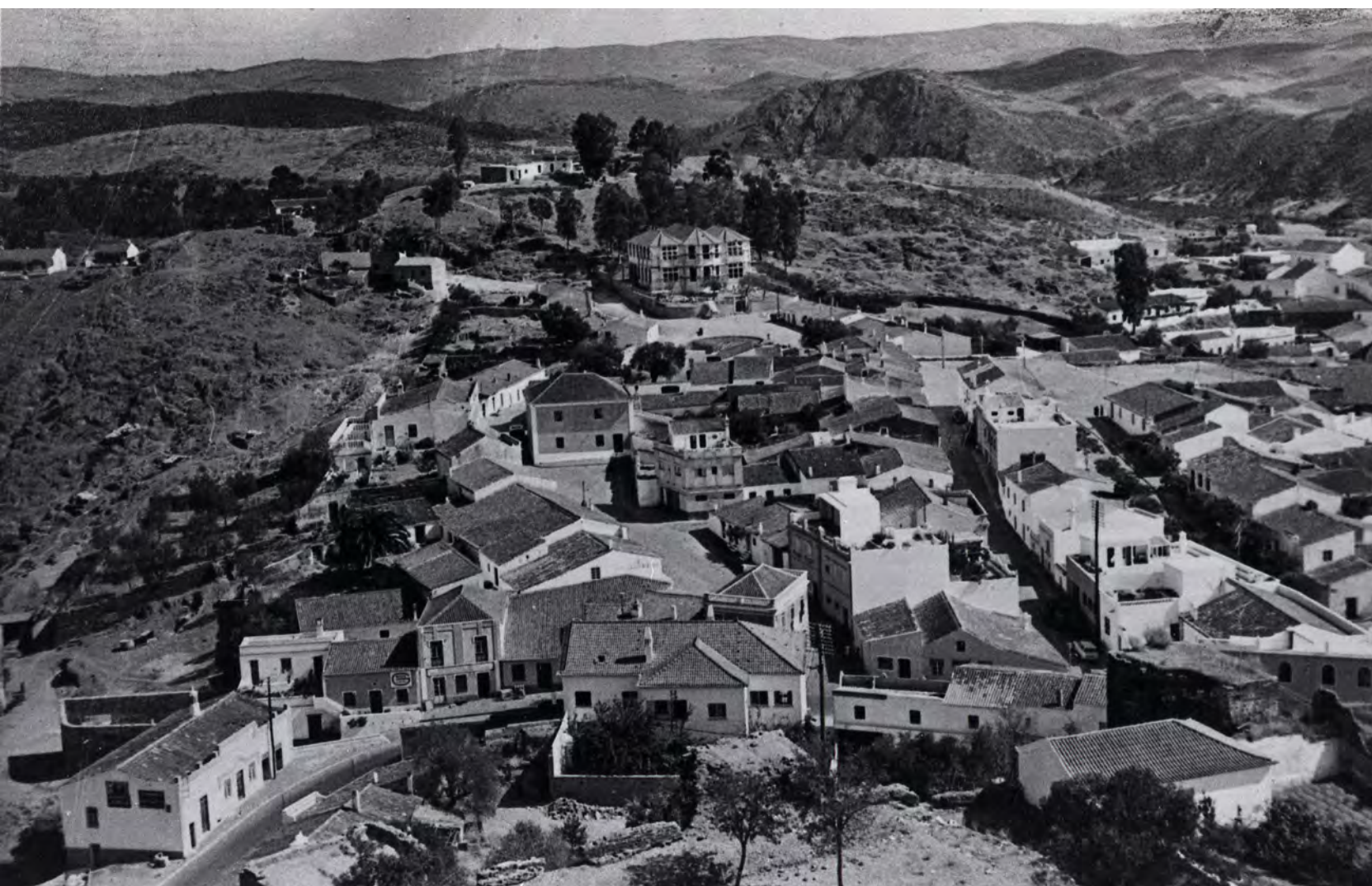


Fig. 75 - Arrabalde da Vila

resultou, como é especialmente evidente na rua Larga do Arrabalde, na construção de um conjunto significativo de escadas e poiais na transição para os acessos às habitações a diferentes cotas.

O ARRABALDE DA VILA DA RUA NOVA ENTRE PONTES

O Arrabalde da Vila será marcado por uma transformação significativa, já com o aproximar do final do século de oitocentos, num contexto de alteração do sistema viário que adquire aqui uma importância determinante, considerando as condições e constrangimentos particulares ditados pelo Guadiana e pela ribeira de Oeiras e o papel que Mértola adquiriu tradicionalmente a nível da transposição de rotas terrestres e fluviais. A construção da ponte sobre a ribeira de Oeiras associada à redefinição do perfil longitudinal das estradas para o Algarve e para Beja pautou de forma expressiva esta transformação, ao libertar a vila intramuros deste linha de atravessamento e ao estabelecer novos eixos para a expansão fora de portas. É o que ocorre com a reformulação da atual rua Alves Redol, anterior rua Nova da Ponte (atravessando a porta entre os cerros altos do castelo e do arrabalde) e, em especial, com a proposta do traçado da Estrada Real n.º 18 (deslocamento para nascente da antiga estrada para Beja) que, em conjunto, passarão a constituir o eixo privilegiado para as novas habitações abastadas e para os principais espaços comerciais de Mértola.



Fig. 76 · Arrabalde da Vila

É neste contexto que se assistirá, gradualmente, à consolidação do tecido urbano do Arrabalde da Vila, com a construção de uma segunda frente nos dois principais conjuntos edificados representados na planta de setecentos de Miguel Luís Jacob (fig. 70). Estas mudanças serão acompanhadas por uma profunda transformação do conjunto edificado do Arrabalde, comportando a sua complexificação, não apenas em termos programáticos, mas também em termos morfológicos, tipológicos e construtivos. É o que ocorre, por exemplo, com a expansão da área urbanizada para nascente, ao longo Estrada Real para Beja (atual rua Serrão Martins) e daqui na aproximação à margem do rio (atual rua Dr. Afonso Costa) que resultou no aparecimento de habitações com um desnível muito significativo entre a frente e o tardo. Esta situação é particularmente evidente no alinhamento edificado mais próximo do Guadiana, em que o único piso voltado à rua Serrão Martins corresponde ao terceiro piso da frente sobre a rua Dr. Afonso Costa.

Será também ao longo deste eixo que, a partir de finais do século XIX, se tenderão a concentrar as novas edificações abastadas da vila. Como mais adiante se verá, estas construções representaram uma rutura expressiva em relação às edificações preexistentes que é particularmente evidente a nível da imagem da habitação (integração de elementos decorativos e motivos ornamentais nas fachadas principais e espaços interiores) e a nível volumétrico (aumento significativo do pé direito das edificações de um e dois pisos). Esta rutura adquiriu simultaneamente uma expressão tipológica, com recurso a esquemas de organização interna mais livres, marcados pela preponderância das paredes ligeiras e dos tabiques e pela renúncia dos sistemas estruturais característicos das *moradas de casas altas* da *Vila Velha*.

A alteração do sistema viário contribuiu também para a afirmação gradual do *Arrabalde da Vila* enquanto principal espaço de centralidade de Mértola, tomando as funções antes adstritas à vila intramuros, cada vez mais convertida a uma posição de excentricidade que se acentuará definitivamente com a construção da ponte sobre o Guadiana no início a década de 60. Os novos edifícios de comércio e armazenagem corresponderão, nos diferentes ciclos de consolidação da importância desta área, a soluções muito diferenciadas que não cabe agora aprofundar (figs. 75, 76)

O ARRABALDE DE ALÉM DO RIO

O Arrabalde de Além do Rio é conformado por uma organização em núcleos distintos como ocorre, frequentemente, com os aglomerados rurais da região designados por montes. No presente caso, correspondem a dois núcleos distinguidos pelos topónimos de Monte de Cima, a cota mais alta e localizado mais a sul, e Monte de Baixo, implantado a norte do primeiro, defronte da vila intramuros, entre a Torre do Rio e Praça da vila (fig. 77). Esta disposição é já registada na carta da «vista Geral de 1755» (fig. 70), em que os dois montes, com uma organi-



Fig. 77 · Arrabalde de Além do Rio

Fig. 78 · Arrabalde de Além do Rio, Monte de Cima



Fig. 79 · Arrabalde de Além
do Rio, Monte de Baixo

zação ainda muito incipiente, são acompanhados pela representação, mais a sul, de uma quinta murada. Em qualquer caso, à margem esquerda da vila corresponderiam, já então, mais de duas dezenas de imóveis.

A leitura comparada dos livros da décima de 1765 e de 1834 (AMM, 1765/1834), considerando os artigos registados para o Arrabalde de Além do Rio, constitui um recurso precioso para a interpretação da transformação desta área no final do Antigo Regime. Por um lado atesta o crescimento do conjunto urbano de Mértola na margem esquerda do Guadiana, passando, então, de 23 para 37 artigos (incluindo em ambos os documentos a referência aos conjuntos devolutos ou arruinados). Mas o que é mais impressionante é a preponderância que o Arrabalde de Além do Rio adquiriu, durante este período, quase como um entreposto da margem esquerda, confirmado pela presença cada vez mais relevante dos celeiros (passando de 4 assinalados no documento de 1765 para 25 arrolados no documento de 1834). De facto, de acordo com o livro de 1834, dos 37 artigos identificados, apenas 9 são descritos genericamente como casas, registando-se a presença de 25 celeiros (13 dos quais devolutos) e de 3 estalagens (AMM, 1834: fls 33-36). O acréscimo do número de celeiros, durante este período, não está relacionado apenas com a nova construção, mas também com a reconversão de anteriores habitações. Como é evidente, o celeiro deverá ser entendido aqui no sentido mais genérico de armazém e não apenas enquanto espaço de arrecadação de cereais. Algumas escrituras dos Livros dos Tabeliães confirmam, de resto, a alusão aos termos celeiro e armazém com o mesmo fim (cf. ADB, 1810/1920, livro 2, fl 77).

A arquitetura dos núcleos de Além Rio reflete a combinação dos diferentes usos registados nas fontes documentais. A habitação corrente é idêntica aqui aos conjuntos edificados dos montes rurais e às moradas de casas térreas que descrevemos para algumas áreas da vila intramuros (especialmente à cota mais alta). Resulta frequentemente da prevalência de edificações de um piso, combinando diversos blocos de uma água a diferentes cotas de pavimento, como é evidente, por exemplo, no conjunto voltado ao rio do Monte de Cima (fig. 78). Os antigos armazéns, nalguns casos convertidos mais recentemente em habitações, constituíam frequentemente espaços mais amplos, de um piso, cujos madeiramentos da cobertura tanto comportavam as soluções tradicionais de madres e barrotes, como deram lugar às asnas de madeira ou mais recentemente às estruturas metálicas.



Fig. 80 · Arrabalde de Além
do Rio, Monte de Cima

The background of the entire page is a detailed architectural floor plan of the Vila de Mértola. The plan shows a dense arrangement of buildings with various room layouts, courtyards, and streets. The top half of the image is overlaid with a solid mustard yellow color, while the bottom half remains white, with the floor plan lines continuing across the boundary. The text is positioned in the upper left quadrant, within the yellow area.

CONTRIBUTO PARA UMA HISTÓRIA DA ARQUITETURA DOMÉSTICA DA VILA DE MÉRTOLA

A TRANSFORMAÇÃO DA ARQUITETURA DA VILA ENTRE O PERÍODO ISLÂMICO E O INÍCIO DO PERÍODO MODERNO

MIGUEL REIMÃO COSTA
SUSANA GÓMEZ MARTINEZ
VIRGÍLIO LOPES
MARIA FÁTIMA PALMA
CLÁUDIO TORRES

A investigação que o Campo Arqueológico tem desenvolvido nas últimas décadas converteu Mértola num dos casos fundamentais para o estudo da habitação almóada no Mediterrâneo Ocidental. Esta investigação tem-se estendido para fora do núcleo intramuros, como no caso do arrabalde ribeirinho, mas adquire especial relevância no bairro da Alcáçova, com 18 casas escavadas e 2 identificadas (Macias, 2005; Palma, 2013) (fig. 81). Abandonado e convertido em cemitério após a reconquista, este bairro confirma a relevância da casa urbana mediterrânica organizada em redor de um pátio, aproximadamente quadrangular, com soluções idênticas em todo o al-Andaluz (Torres, 1995: 109). As habitações do bairro almóada de Mértola constituem uma expressão local daquele modelo (a nível cultural, socioeconómico e técnico-construtivo), compreendendo uma superfície mais modesta que os exemplos coevos conhecidos noutros sítios peninsulares (Macias, 2005: 388-390) (fig. 82).

AS HABITAÇÕES DO BAIRRO DA ALCÁÇOVA

O pátio constituía o espaço fundamental da habitação, a partir do qual se organizava o acesso aos diversos compartimentos interiores (fig. 83). Dotando a habitação de condições muito favoráveis de iluminação e ventilação, permitia que esta se encerrasse em relação ao espaço público exterior, salvaguardando, como é sabido, o ambiente familiar e o espaço da mulher. Deste modo, o átrio de entrada na habitação era um espaço contido que vedava a relação visual entre público e privado a partir da porta de entrada que correspondia ao único vão aberto para a rua. A organização dos diferentes usos ou atividades no interior da habitação estava associada a uma especialização muito significativa dos diferentes compartimentos, particularmente evidente quando consideramos a área exígua de grande parte destas habitações



Fig. 81 · Vista do Bairro da Alcáçova e do Arrabalde da Vila

Fig. 82 · Bairro da Alcáçova
(planta geral, escala 1/600)

1. Átrio
2. Pátio
3. Salão/alcova
4. Cozinha
5. Latrina
6. Armazenamento
7. Trabalho

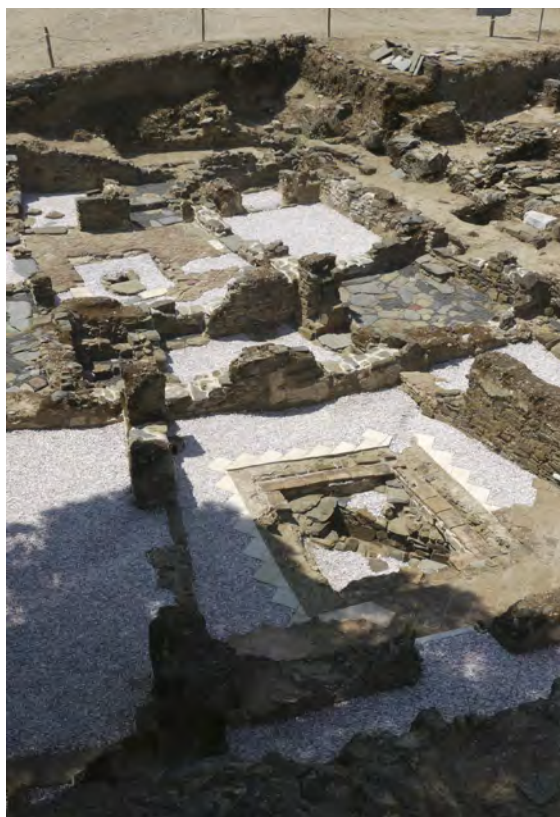


Fig. 83 · Bairro da Alcáçova
(casas I e II)

(com uma superfície que, podendo chegar aos 160 m², estava compreendida, geralmente, entre os 60 m² e os 90 m², incluindo o pátio). Esta especialização resultava na hierarquização expressiva dos diferentes compartimentos e num contraste significativo das suas dimensões (fig. 82).

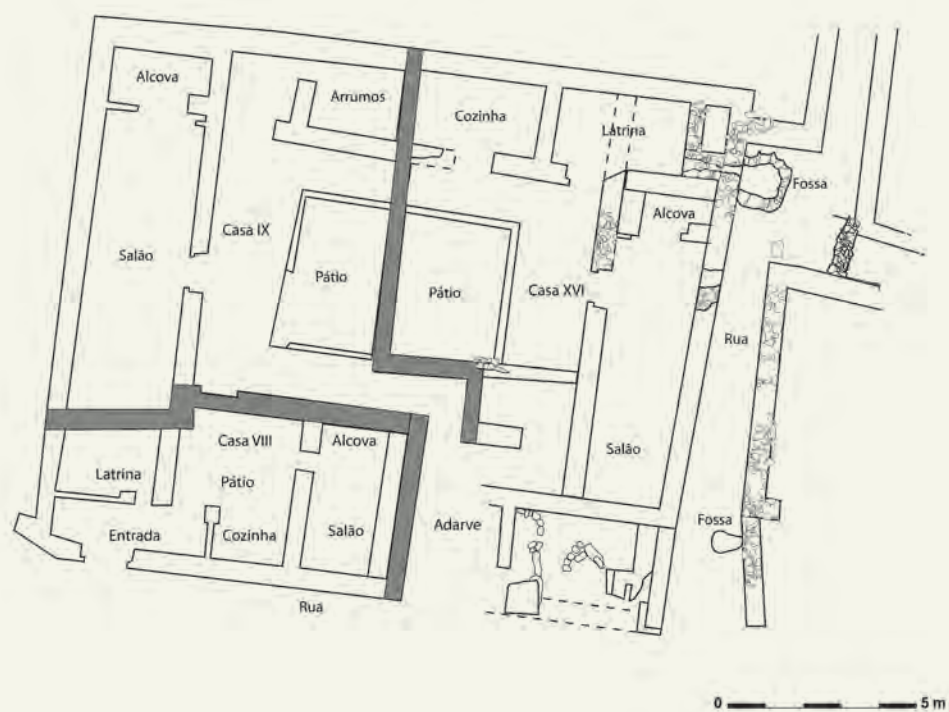
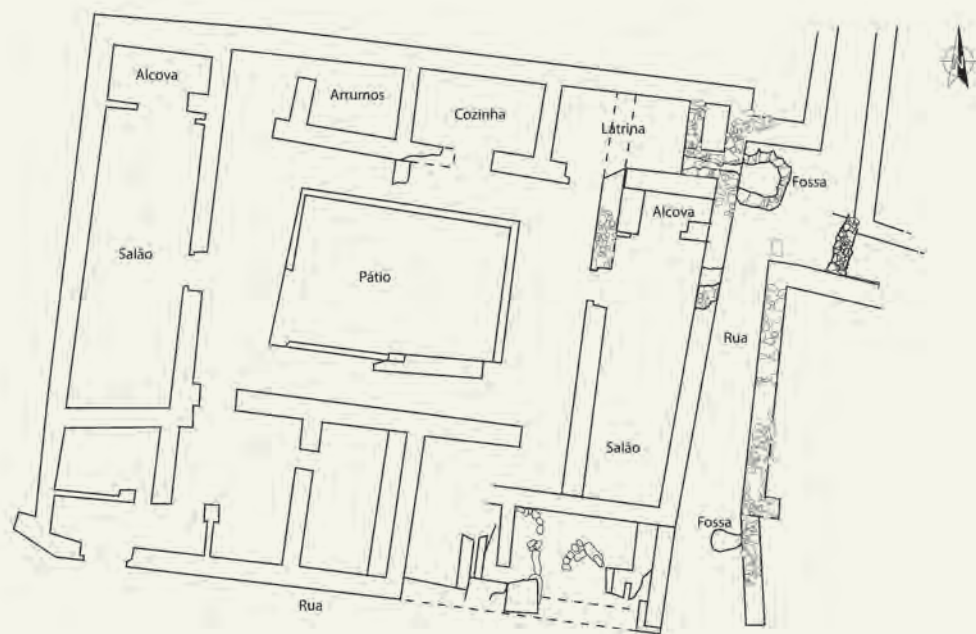
O salão correspondia ao espaço de maior permanência da habitação, beneficiando aqui, quase sempre, da orientação privilegiada ao nascer do sol, que condicionava a sua situação na relação com o pátio e com o átrio de entrada. Na maior parte dos salões do bairro da Alcáçova, foi confirmada a presença da alcova, ocupando um dos lados mais pequenos do retângulo em planta daqueles compartimentos. A cozinha aparecia em diferentes posições no conjunto, mais ou menos próxima do átrio de entrada ou do salão. Em muitos casos, era marcada por duas áreas diferenciadas que se poderiam ou não encadear: uma primeira área de arrecadação; e uma segunda área correspondente ao lar do fogo (Cf. Macias, 2005: 400). Para além deste conjunto de compartimentos fundamentais, eram ainda recorrentes os espaços de trabalho ou de armazenamento, bem como, das latrinas, quase sempre presentes, situadas numa área mais próxima da entrada ou abrindo diretamente para o pátio, mas associadas, em qualquer caso, a diferentes soluções para salvaguardar a privacidade.

Um dos exemplos que poderemos considerar para caracterizar a pequena habitação do bairro da Alcáçova é a designada como casa 10 (fig. 82). Era delimitada a oeste e sul por outras habitações e a norte e este por uma rua muito estreita, de traçado sinuoso, na qual se localizava a fossa negra (para onde vertiam os dejetos da latrina contígua que se situava a uma cota mais alta para facilitar as descargas). O ingresso era feito pela fachada norte e dava lugar a um átrio que permitia aceder ao pátio a sul e à latrina a este. As três portas deste compartimento encontravam-se desalinhadas para evitar os olhares a partir das outras divisões e sobretudo através da rua. O pátio, no centro da casa, estabelecia a comunicação entre as restantes divisões. No meio do pátio abria-se um pequeno canteiro onde se poderá ter plantado uma parreira que, para além de fornecer uvas, resguardaria a habitação do calor no verão, não impedindo a luz e sol do inverno. Uma canalização despejava, no canteiro, as águas provenientes do compartimento de armazenamento situado a sul, enquanto, no lado oposto, uma outra canalização evacuava o excesso de água da chuva. Um delgado tabique separava aquela arrecadação da dependência contígua que servia de cozinha, onde um conjunto de tijolos colocados sobre o pavimento de argamassa suportava a lareira.

A casa possuía dois salões, um do lado poente e outro do nascente, ambos com uma pequena alcova no lado sul, delimitada por muretes que serviriam para suportar uma tarima. Estes dois compartimentos eram pavimentados com argamassa coloreada com óxido de ferro que servia também para revestir as paredes. O acesso fazia-se a partir de portas estreitas de duas folhas, confirmadas pelos orifícios dos gonzos nas lajes de xisto das soleiras de ambos os compartimentos. O salão, situado a poente, tinha um vão entaipado que originalmente per-



Fig. 84 · Bairro da Alcáçova
(casas VIII, IX e XVI)



mitia a comunicação com os compartimentos da habitação contígua. O outro salão, no quadrante oposto, tinha uma estranha alcova de planta em L. Estes e outros aspetos permitem deduzir que a casa foi construída numa fase tardia, aproveitando parte da habitação situada a poente e o espaço público a norte e este, o que justificaria, também, o traçado sinuoso da rua.

A partir de finais do século XII, assistiu-se, de resto, a uma maior densificação no bairro da Alcáçova, com posterior reforço da estrutura amuralhada. Este processo poderá estar associado a um eventual crescimento demográfico resultante da insegurança política e militar que surgiu com a aproximação dos territórios tomados pelos cristãos, compreendendo a chegada de novos habitantes provenientes das cidades ocupadas e do arrabalde entretanto abandonado (Gómez Martínez, 2014: 63).

É muito provavelmente neste contexto que se verificou a transformação da casa 16, localizada mais a sul. Esta casa, contemporânea da construção original do bairro, teria inicialmente uma área superior a 200 m², constituindo a maior habitação entre aquelas escavadas (figs. 84, 85). Poderá ter pertencido a algum distinto membro da comunidade, considerando mais a sua dimensão e posição central no bairro (Macias, 2005: 86), do que propriamente a sofisticação ou luxo da construção que são idênticos a todas as outras habitações já escavadas. Na sua primeira fase, esta casa teria um grande pátio, com uma zona de circulação em redor de um canteiro central que terá servido, pelo menos num determinado momento, como talhão para as plantas e não como tanque de água. O pátio era pavimentado com lajes de xisto, inclinado para o centro, com um rebordo de 0,20 m, em toda a volta, que servia para o escoamento de água. Este espaço tinha também a função distribuidora, permitindo o acesso aos restantes compartimentos da casa. Distinguiam-se os dois salões, com as respetivas alcovas a norte, que apresentavam o pavimento argamassado e pintado com almagre.

Na parte norte da casa existia um compartimento de arrumos e a cozinha com a respetiva lareira escavada no pavimento. Na cozinha foi encontrado, tombado sobre o chão, uma pequena parede de adobes de terra que compartimentava este espaço em dois. Na mesma zona norte da casa, identificámos o espaço da latrina, também dividida em dois, que estava ligada diretamente à grande fossa de saneamento, com uma dimensão muito superior às outras já escavadas neste bairro (1,05 m de diâmetro). À zona sul da casa correspondia a entrada e o átrio e, segundo os dados arqueológicos das últimas campanhas, mais três compartimentos aos quais hoje não é possível atribuir funções devido ao facto de terem sido reestruturados posteriormente, no contexto da divisão desta habitação maior.

A posterior compartimentação da casa 16 sugere-nos uma partilha de espaços por vários herdeiros ou pela chegada à família de novos membros. Este processo comportou duas ocasiões distintas, resultando em três residências diferentes. Primeiro foi dividida em duas habitações de média dimensão, organizadas também em redor de um pátio, ainda assim, de

←
Fig. 85 · Bairro da Alcáçova
(planta das casas VIII, IX e XVI)

considerável dimensão (fig. 85). Para tal, procedeu-se à construção de um muro separador, de direção norte-sul que cortou o pátio primitivo, sobrepondo-se ao pavimento original em xisto. Este muro, em pedra, não apresenta qualquer abertura, o que nos leva a concluir que houve uma completa separação em duas parcelas, tratando-se de uma estrutura que teve como função reorganizar espaços e torná-los independentes e sem ligação. Mais tarde foi feita uma nova intervenção na casa 9, tendo em vista a autonomização da casa 8 que, com uma superfície de cerca de 48 m², era constituída por átrio, pátio, espaço de arrecadação, cozinha e salão (fig. 85). Mais uma vez se conclui que, apesar das diversas fases de reorganização e reestruturação de espaços deste bairro, as novas casas que se autonomizaram acabaram por ficar com as mesmas funcionalidades das casas originais, ainda que, naturalmente, com espaços mais reduzidos. Nesta mesma altura surgiu a necessidade de criar um adarve – rua estreita e sem saída – para permitir o novo acesso às casas 9 e 16.

AS HABITAÇÕES DO PERÍODO MEDIEVAL CRISTÃO E DO INÍCIO DO PERÍODO MODERNO

A partir da reconquista e da tomada de Mértola em 1238, assistiu-se a uma transformação profunda do tecido urbano, compreendendo uma rutura tipológica muito expressiva com a emergência de um novo modelo de organização do espaço doméstico que passa, antes de mais, pelo desaparecimento do pátio enquanto espaço fundamental de articulação. Em termos genéricos, a tipologia de base da casa tardo-medieval resultou formalmente da combinação dos dois espaços distintos da *casa dianteira* e da *câmara*. Trata-se de um modelo que, com diferentes variantes, se generaliza, a partir de então, aos espaços rurais e urbanos destes territórios, incluindo aqui os núcleos, sobre o Guadiana, a jusante, de Alcoutim e Castro Marim.

Em Mértola, as variantes mais correntes desta solução de base passam pela adjunção de uma segunda câmara e/ou de um sobrado, remetendo para um sistema de aglutinação, já antes caracterizado, que se tenderá a estender no tempo. As visitas e os tombos da Ordem de Santiago entre 1482 e 1607 (cf. Barros et al., 1996) confirmam a importância deste modelo, tanto na vila como no termo, com a prevalência da *casa de entrada* e *câmara*, a que juntam episodicamente algumas outras expressões como *casa de fora* (enquanto casa dissociada), *sótão* (enquanto casa baixa sob sobrado), *câmara sobradada* ou *sobrado térreo* (associado, certamente, à característica implantação em encosta que permitia frequentemente o acesso direto ao sobrado a partir da rua).

Como se verá, esta solução manteve a sua relevância, enquanto modelo de organização de base da habitação do espaço urbano de Mértola, durante todo o *Antigo Regime*. A *morada*

de [duas] casas constituiu, durante este período, a solução mais frequente para a pequena habitação de Mértola, pelo que a ela teremos de voltar posteriormente. Por agora importa considerar alguns aspetos fundamentais deste modelo, por contraposição à habitação islâmica organizada em redor de um pátio, considerando, entre outros, o estudo da história da arquitetura tradicional do território que se estende da área meridional do concelho de Mértola ao limite ocidental da serra do Caldeirão (Costa, 2014).

Ao contrário das casas do bairro da Alcáçova, a *morada de duas casas* era caracterizada por um nível de especialização muito ténue. Um dos critérios que poderia marcar a distribuição das diversas atividades ou usos no interior da habitação estava relacionado com a luz, já que frequentemente apenas a *casa de fora* (*casa dianteira*) era iluminada pela porta de entrada da habitação, convertendo a *casa de dentro* (antiga *câmara*) num espaço escuro. Por outro lado, estas duas casas tendiam a adquirir dimensões equiparáveis entre si, não se verificando o contraste de dimensões que caracterizava os diferentes compartimentos das habitações do bairro da Alcáçova (fig. 82).

A posição do lar baixo, onde se fazia o fogo, era muito inconstante, já que tanto aparecia na *casa de fora* ou na *casa de dentro*, como dava lugar a uma terceira casa, à parte, designada por *casa do fogo*. Nas habitações dos seareiros, o sítio do fogo poderia inclusivamente ser relegado para um canto da *arramada*, junto aos animais de trabalho. Os espaços de dormir distribuíam-se pelas diversas casas (incluindo os palheiros nas habitações onde existiam). A casa de dentro (por vezes designada de celeiro) tal como o sobrado (quando presente) constituíam também espaços privilegiados para arrecadar cereais e produtos agrícolas. A casa de fora abria uma relação franca com o espaço exterior que servia de prolongamento do espaço doméstico, já não delimitado no interior do pátio, mas ligado a uma área comum partilhada com as habitações contíguas.

CONTRAPOSIÇÃO DE DOIS MODELOS DISTINTOS DE HABITAR

A contraposição entre estes dois modelos culturais de habitar bastante contrastantes adquire assim uma expressão espacial. Mas, como é sabido, os diferentes períodos de ulterior ocupação das áreas urbanas tornam muito complexa e lenta a reconstituição do processo de sobreposição das diversas topologias e desenhos matriciais associadas aos dois modelos que temos vindo a descrever. É o que ocorre também em Mértola, em toda a vila intramuros abaixo do castelo, do bairro almóada e da matriz e antiga mesquita. Em qualquer caso, é possível fazer uma primeira aproximação às questões topológicas, métricas e construtivas, na comparação entre o bairro da Alcáçova e a casa térrea da vila intramuros de Mértola característica do Antigo Regime.

Já anteriormente foi notada a semelhança dos sistemas construtivos da arquitetura doméstica que marcam a transição do período islâmico para o período medieval cristão e para o Antigo Regime, considerando, entre outros aspetos, a importância das paredes de taipa sobre alvenaria de xisto assente com barro e a presença relevante das coberturas de uma água (Palma *et al.*, 2005). De qualquer modo, o menor nível de especialização da pequena habitação tardo-medieval e moderna resultou, como vimos, na maior dimensão de cada um dos seus compartimentos, por comparação com os espaços interiores da casa islâmica (fig. 181, em anexo). Esta alteração de escala é particularmente evidente quando consideramos a largura de cada uma das alas que delimita o pátio das casas do bairro da Alcáçova (com dimensão compreendida entre 1,60 m e 2,70 m). A largura mais apertada destes compartimentos constitui uma condição fundamental para a viabilidade da casa pátio, especialmente nos casos em que, como aqui, correspondem a habitações de superfície relativamente pequena. A descrição de diferentes habitações da vila e do termo de Mértola constante nas visitas da Ordem de Santiago, entre 1482 e 1607, apontam, em contraponto, para uma largura recorrente dos diferentes compartimentos de três varas (3,3 m) que poderá chegar às quatro varas (4,4 m), associada a uma dimensão mais variável em comprimento (cf. Barros *et al.*, 1996).

Deste modo, passamos da prevalência de um *módulo* mais estreito característico do período islâmico (na combinação de diferentes espaços de muito pequena dimensão como a cozinha, o átrio ou a latrina, ou nos salões alongados que, nalguns casos, chegam a cerca de 8 m x 2,5 m) para um *módulo* retangular menos alongado correspondente à habitação tardo-medieval e moderna (que, frequentemente, se aproxima do quadrado, com largura compreendida entre os 3 m e os 5 m). Do ponto de vista construtivo, esta alteração foi acompanhada, não apenas pelo aumento do comprimento dos caibros da cobertura, mas também pela tendência para o alargamento da espessura dos muros portantes que passou, *grosso modo*, dos 45/55 cm do período almóada para os 55/65 cm da arquitetura característica do Antigo Regime. Serão, de resto, estas métricas de base que pautarão a posterior alteração do tecido urbano de Mértola durante o Antigo Regime, como a seguir se verá.

Só a prossecução da investigação no âmbito da arqueologia permitirá esclarecer o modo como o tecido almóada poderá, ainda assim, ter condicionado parcialmente o desenho da estrutura urbana posterior, a nível do espaço da rua e de algumas linhas do parcelário, considerando, por exemplo, a forma como noutros centros, a transformação a nível tipológico resultou na cobertura do pátio e na alteração da relação entre os espaços contíguos.

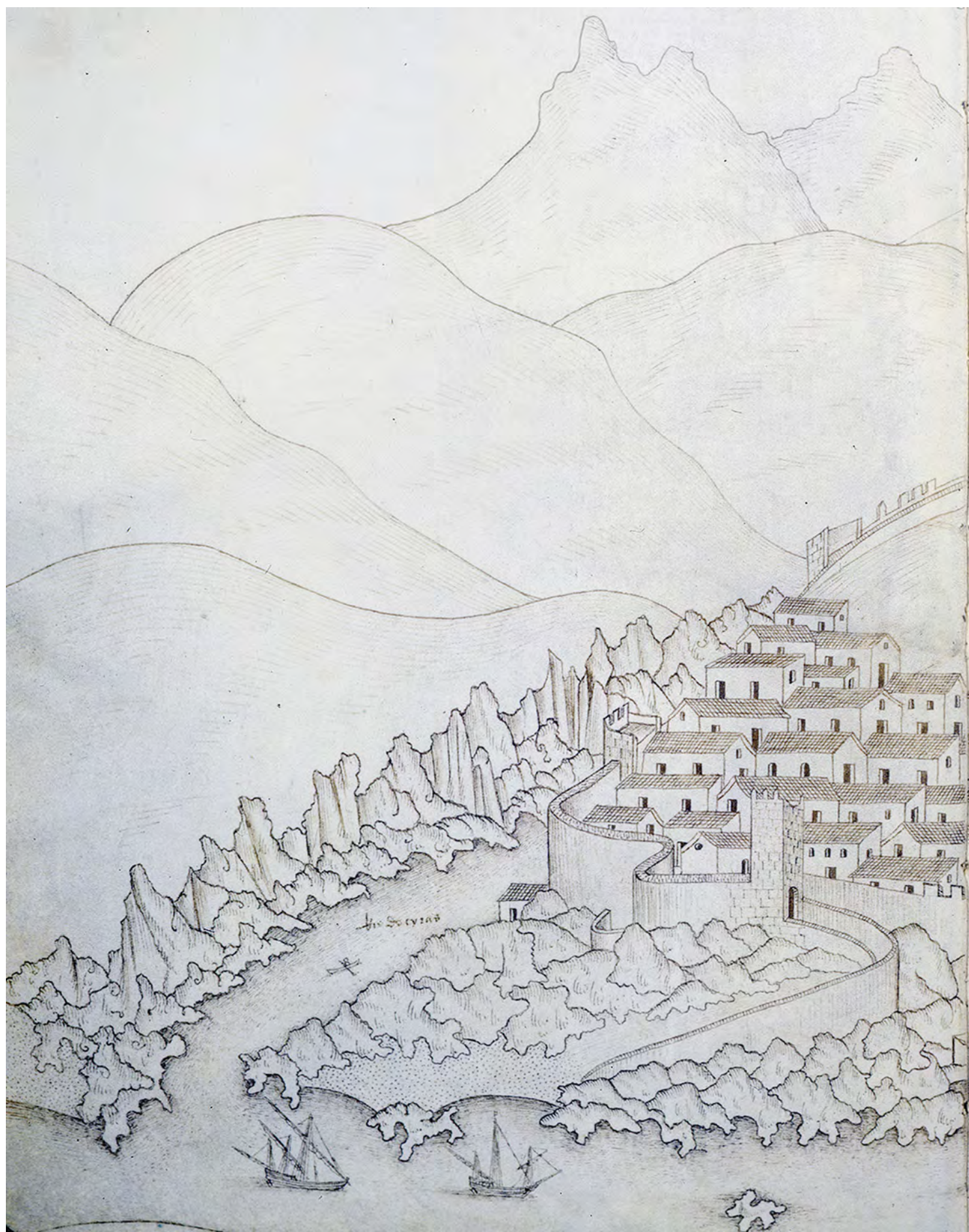
A TRANSFORMAÇÃO DA ARQUITETURA DOMÉSTICA DURANTE O ANTIGO REGIME

MIGUEL REIMÃO COSTA

O período medieval cristão foi caracterizado por um conjunto significativo de transformações que, como vimos anteriormente, moldaram a vila no interior das muralhas de forma decisiva. Pode mesmo dizer-se que é durante esta fase que se fixaram grande parte dos princípios fundamentais que haveriam de pautar a consolidação da estrutura urbana durante o Antigo Regime. No início do período moderno, a densificação do aglomerado no interior do espaço intramuros já se refletia significativamente na presença do piso superior em parte das edificações, como é evidente na vista a partir de nascente constante no Livro das Fortalezas de Duarte d'Armas (por comparação, por exemplo, com a representação da povoação vizinha de Alcoutim) (fig. 86). Mértola tinha então um número superior a duas centenas de habitações no interior das suas muralhas ou, mais precisamente, 213 fogos de acordo com o *Numeramento* de 1527-32 (Collaço, 1929: 57). Ainda que considerando, com algum cuidado, a comparação de documentos de natureza diversa, poderemos admitir uma diminuição do número de fogos no interior da *vila velha*, entre este período e meados do século XVIII, quando, segundo o livro da Décima de 1765 (AMM, 1765/1834), se contavam menos de 160 parcelas edificadas (excluindo aqui os edifícios concelhios).

Entre as razões que justificam a diminuição do número de fogos, cremos poder considerar um processo de aglutinação de edificações contíguas e de formação de casas maiores que se poderá ter registado logo a partir do século áureo de quinhentos e que se terá acentuado, a partir do final do terceiro quartel do século XVII, com o fim da instabilidade da guerra da Restauração. Esta mudança ocorre simultaneamente com a formação e consolidação do tecido urbano do Arrabalde da Vila e do Arrabalde Além do Rio que, em 1765, contavam com, respetivamente, 62 habitações (45 térreas, 9 altas e 8 devolutas, para além de 2 estalagens e 2 cavalariças) e 19 habitações (15 térreas, 2 altas e 2 devolutas, para além de 4 celeiros e 1 cavalariça). É um processo que se inscreve, portanto, num contexto muito diferente do que o que havia

→
Fig. 86 · Representação
de Mértola no *Livro das
Fortalezas* de D. Duarte
d'Armas





Martela trada natural
Sabenda do fustroling
e fianta de grego.



sido decisivo na transformação do tecido urbano, entre o final do período islâmico e o início do período moderno, caracterizado por uma maior pressão para a edificação intramuros.

O que não quer dizer que não se continue a verificar a tendência de densificação e de crescimento em altura do tecido intramuros que, especialmente à cota mais baixa, se manterá enquanto área mais prestigiada da vila. A consolidação deste processo é, de resto, registada pelo Livro da Décima referido que distingue as *moradas de casas térreas* das *moradas de casas altas*. A distribuição em planta das casas registadas neste arrolamento revela uma composição volumétrica na vila intramuros muito idêntica à que poderemos encontrar nos dias de hoje. As áreas atualmente marcadas pela presença de edificações de dois pisos (limite sul e eixos longitudinais à cota mais baixa), já o eram em meados de setecentos, pese embora as transformações que, como se verá, grande parte destes edifícios foi objeto em períodos posteriores.

A MORADA DE CASAS TÉRREAS E A PEQUENA HABITAÇÃO DE FRENTE ESTREITA

Antes de atendermos aos principais tópicos que, durante o antigo Regime, marcam a ampliação das habitações das classes mais abastadas junto aos eixos de maior importância comercial da vila intramuros, importaria compreender alguns aspetos relacionados com a pequena habitação térrea que manterá a sua relevância, durante todo este período (em especial, nas zonas mais altas do núcleo intramuros, no Arrabalde da Vila ou no Arrabalde de Além do Rio). O quarteirão delimitado a poente e norte pela rua Latino Coelho, a nascente pela rua Elias Garcia e a sul pela travessa do Roncanito (figs. 87, 88), constitui um bom exemplo para o estudo da pequena habitação situada na parte alta da vila intramuros, contando, entre outras, com várias *moradas de duas casas* desprovidas de quintal ou logradouro (cf. Costa, 2015: 15). Trata-se, portanto, da característica habitação que contrapunha a casa de fora iluminada à casa de dentro penumbrenta (conforme descrevemos na primeira parte deste trabalho).

A comparação deste conjunto edificado com os quarteirões situados na parte baixa da vila intramuros revela uma outra diferença a considerar para além da volumetria. O perímetro das diversas parcelas tende a adquirir aqui um desenho mais recortado que, nalguns casos, recorda o processo de aglutinação gradual de novas células identificado nos aglomerados rurais, comportando a integração de degraus na articulação dos diferentes espaços a cotas distintas (fig. 89). De facto, nos aglomerados rurais, este processo resulta frequentemente numa expressiva descontinuidade das linhas que delimitam cada uma das parcelas (seja no sentido longitudinal como transversal), em que a habitação é conformada pela combinação de diferentes células de configuração própria, de métricas condicionadas pelos processos construtivos e



Figs. 87 e 88 · Travessa
do Roncanito



Fig. 89 · Quarteirão 6
(plantas do piso térreo,
piso superior e cobertura,
escala 1/1000)

1. Casa de fora/ casa de entrada
2. Casa de dentro / quarto
3. Casa de fogo / cozinha
4. Sala
5. Casa de jantar
6. Instalação sanitária
7. Casa de despejo / arrecadação
8. Escritório
9. Ramada/ cavalaria
10. Palheiro
11. Garagem
12. Cisterna
13. Pátio / quintal

materiais empregues. Foi, de resto, possível estabelecer, em inúmeros conjuntos edificados de diferentes proprietários dos montes da Serra entre o Alentejo e o Algarve, a correspondência entre esta morfologia e um processo de edificação livre, caracterizado pela ausência de uma estrutura predial prévia, tanto em terras concelhias, como nas maiores propriedades (Cf. Costa, 2014: 295-302).

O parcelário das zonas mais baixas da vila intramuros é, a este nível, muito diferente. O perímetro do conjunto edificado e do quarteirão tende a apresentar uma forma menos recortada e as parcelas aproximam-se quase sempre do retângulo e do trapézio. Nalguns quarteirões – menos marcados por intervenções de demolição parcial e de renovação que ocorrem especialmente a partir da segunda metade do século XIX – é possível reconhecer a cadência das paredes mestras transversais que organizam as diferentes habitações e conformam a estrutura predial. Em certos casos, o afastamento entre parcelas tende a manter-se constante enquanto

noutros vai alternando significativamente, estando ainda por fazer o estudo dimensional do parcelário de génese medieval cristã. Ainda que esta condição possa remeter para um processo elementar de planificação, as circunstâncias relacionadas com a topografia e com a sua modelação nos diferentes períodos da história, acabaram por ser determinantes para a morfologia urbana desta área (como, por exemplo, para a expressiva diversidade da dimensão em profundidade das distintas parcelas).

Para a caracterização da transformação da arquitetura doméstica durante o Antigo Regime, é fundamental considerar o desenho de base deste quarteirão, com uma só frente e uma diferença de cotas significativa (em muitos casos com mais de um piso) entre a fachada principal e a fachada posterior, pautado pela repetição das paredes mestras transversais de alvenaria de xisto e taipa. Na tipologia de base, era este módulo entre paredes meeiras que correspondia à parcela ou lote de frente estreita associado à organização casa dianteira/câmara preponderante desde o período tardo-medieval. Esta organização em dois espaços era conformada por uma parede estrutural, a meio da parcela, paralela às fachadas principal e posterior, que suportava os caibros das coberturas de uma ou de duas águas. As transformações mais relevantes desta tipologia resultaram da sua duplicação em altura (que numa solução mais elementar poderá comportar a integração de apenas uma casa sobradada) ou da sua duplicação em planta, com a associação de dois módulos de base.

Poderemos considerar, a este propósito, duas edificações situadas na rua D. Sancho II que nos permitem fazer uma aproximação às pequenas habitações da vila intramuros durante o Antigo Regime (figs. 90, 180 – edifício 13G). A habitação situada a norte combinava uma casa de fora, na frente, e uma casa de fogo, na parte posterior, com um único sobrado sobre a casa de fogo, acessível a partir da casa de fora através de escada de tiro encostada à empena. Para a integração deste sobrado, aproveitava-se o desvão do telhado de uma água, particularmente ajustado às áreas declivosas. Constituía uma solução corrente da habitação do pequeno comerciante, do artesão, do *marítimo* ou até do seareiro, podendo, neste caso, juntar a ramada com palheiro. A edificação contígua a sul corresponde à aglutinação de dois módulos, a que mais tarde se terá acrescentado um terceiro, a sul, convertido em logradouro com a ruína da edificação preexistente. De facto, neste como em muitos outros casos, a configuração e dimensão do quarteirão não permitiam a integração de um logradouro entre a fachada tardoz e o afloramento rochoso, originando compartimentos interiores sem luz ou ventilação natural, como era muito característico das designadas *casas de dentro*. Num período que em Mértola não é ainda fácil de determinar, a habitação de frente estreita acabou por integrar a cozinha na casa de fora, formalizando nalguns casos a característica fachada principal com o corpo da chaminé saliente junto à porta de entrada.



AS MORADAS DE CASAS ALTAS E A HABITAÇÃO DE FRENTE LARGA

A transformação do tecido edificado da vila intramuros durante o Antigo Regime resultou, em muitos casos, na conversão gradual de volumetrias mais irregulares (de um e dois pisos) em volumetrias mais constantes (de dois pisos). Esta mudança traduz a transição, em especial nas áreas a cota mais baixa, da habitação de frente estreita de génese medieval e moderna na habitação de frente larga que adquiriu maior relevância durante os séculos XVIII e XIX. A documentação consultada (Livros da Décima e Livros dos Tabelaões) confirma a pouca relevância que a propriedade horizontal e as tipologias com uma ou mais habitações por piso adquiriram em Mértola. Quando aparecem ocasionalmente, não comportam a introdução de lances de escada comuns, limitando-se a aproveitar o acesso ao edifício a diferentes cotas viabilizado pela implantação em áreas com declives acentuados. A importância da *morada de casas altas*

Fig. 90 · Quarteirões 12-13 (plantas do piso térreo, piso superior e cobertura, escala 1/1000)

1. Casa de fora/ casa de entrada
2. Casa de dentro / quarto
3. Casa de fogo / cozinha
4. Sala
5. Casa de jantar
6. Instalação sanitária
7. Casa de despejo / arrecadação
8. Escritório
9. Ramada/ cavalaria
10. Palheiro
11. Garagem
12. Cisterna
13. Pátio / quintal

Figs. 91 e 92 - Rua D. Sancho II
(habitações 13F-13H)



em Mértola está particularmente relacionada com a integração, no piso térreo, de espaços de comércio, armazéns e celeiros ou dependências associadas a diferentes ofícios, com paralelos a tipologias comuns a diferentes centros urbanos do país (fig. 93). Constitui uma organização que traduz a relevância de Mértola enquanto lugar central e porto associado a rotas de transporte de importância significativa. A integração da escada de tiro encostada a uma das paredes mestras, no sentido da profundidade da parcela, tenderá, neste contexto, a autonomizar o acesso a ambos os pisos (o que não ocorre nas tipologias mais elementares), permitindo ou não a sua ligação através de porta no átrio de entrada (fig. 94). É uma solução associada a edificações de maior dimensão que, num primeiro momento, poderá estar associada a um afastamento maior entre as paredes meeiras, com manutenção de dois espaços por pavimento, ou combinar os dois processos de duplicação referidos anteriormente (em planta e em altura), resultando em quatro compartimentos em cada um dos dois pisos.

Em qualquer caso, a ampliação de algumas das habitações da vila intramuros ocorre, neste período, através da combinação de três procedimentos distintos: a aglutinação de imó-



Fig. 93 · Rua D. Sancho II

Fig. 94 · Rua D. Sancho II
(habitação 13B)

veis de duas ou mais parcelas; o crescimento em altura e a integração de *águas furtadas*; e a ampliação da edificação para o interior da parcela. Estes processos de ampliação marcam, fundamentalmente, as áreas à cota mais baixa da vila intramuros. É nestas áreas que os *Livros dos Tabeliões do Cartório Notarial de Mértola* registam, já numa fase tardia, a frequente aquisição de alguns prédios por parte dos proprietários de parcelas confrontantes, num processo que, por vezes, resultou mesmo na aglutinação de dois ou mais edifícios contíguos. Muito frequentemente, este processo de aglutinação é perceptível na composição da fachada, no desenho do parcelário, na combinação de sistemas construtivos ou até na diferença de cotas de pavimentos, no interior da mesma habitação, ao nível do piso superior. Em qualquer caso, as campanhas subsequentes de obras nestes imóveis procurarão disfarçar a individualidade dos edifícios e parcelas originais.

É o que ocorreu, por exemplo, com a *morada de casas altas* situada na Rua Direita, entre a praça e a porta da Ribeira que constituía um dos exemplos mais importantes da vila de setecentos, propriedade do capitão Francisco Luís Beltrão, provedor da Misericórdia. Este conjunto chegou a ser designado por *Casas da Praça* (ADB, 1810/1920, livro 3, fls 123V-128V),

sendo constituído por casas térreas e sobradadas e pela capela de Santo António referida nas Memórias Paroquiais de 1758 (Boiça & Barros, 1995: 65) e em escritura datada de 1797 (ADB, 1793/1955, livro 1, fls 57V-60). A interpretação conjunta das plantas (figs. 100, 180, 181, edifício 3D) e das fontes documentais permite delinear uma primeira hipótese de reconstituição do que poderia ser a casa de setecentos, combinando uma geometria marcada pelas paredes mestras do parcelário anterior, com uma nova organização associada à presença de uma escada central e à composição simétrica da fachada (três vãos de sacada de cada um dos lados da porta de entrada). Mas um desenho definitivo desta reconstituição, compreendendo também a relação com a capela de Santo António, é no atual momento, muito difícil, considerando a expressão das sucessivas intervenções a que este conjunto foi sujeito, envolvendo ulteriores alterações dos limites da parcela (com novas divisões e aglutinações) e de organização interna (cf. Costa, 2015) (fig. 99). Em qualquer caso, as *Casas da Praça* continuam a constituir um exemplo relevante para a descrição da organização característica de muitas das casas mais ricas da vila de intramuros que conciliavam o piso térreo (aberto em arcaria interior para armazéns e celeiros, fig. 95) com o piso nobre da habitação (figs. 96, 97) e, nalguns casos, com um terceiro piso em *águas furtadas* (fig. 98).



Fig. 95 - Casas da Praça
(habitações 3C-3D)

Esta organização remete necessariamente para um segundo tema de transformação da habitação neste período, relacionada com o crescimento em altura. Como vimos anteriormente, o livro da décima de 1765 (AMM, 1765/1834) regista uma situação, a nível da distribuição de *casas térreas* e *casas sobradadas*, muito idêntica à registada em meados do século passado (fig. 181). Esta situação era já então o resultado de uma transformação que, vindo de trás, se acentuará posteriormente de dois modos distintos. Por um lado, os sobrados, que em muitos casos ocupavam apenas uma parte do edifício, vão-se estendendo a toda a frente da edificação, consolidando a importância do piso superior enquanto piso nobre da habitação e do piso térreo enquanto armazém ou espaço adstrito a outras dependências. Tal como foi possível compreender com o exemplo paradigmático das *Casas da Praça*, esta transformação, associada ao processo de aglutinação de parcelas a que antes fizemos referência, configurará a gradual importância da habitação de frente larga com dois pisos.

Muitas destas habitações serão objeto de um segundo tempo de crescimento em altura, relacionado com a importância que, a partir de então, adquiriram as *águas furtadas* (como na habitação 15E, figs. 104-108). A referência a esta solução em escrituras datadas do século XIX e a sua conservação em diferentes edifícios até aos dias de hoje confirma a sua importância enquanto habitação de serviços e espaços de arrecadação, pelo menos desde a fase final do Antigo Regime. A implantação em declive e a decorrente preferência pela cobertura de uma água justificava o aproveitamento do desvão do telhado que, configurando o beirado do piso nobre da habitação, adquiria um pé-direito significativo na parte posterior. De um modo geral, as áreas de arrecadação eram afetadas aos compartimentos mais baixos da ala anterior, deixando os usos habitacionais propriamente ditos aos compartimentos da parte posterior. Esta solução não incluía, em qualquer caso, a presença trapeiras (que só aparecerão na vila a partir de finais do século XIX), beneficiando da iluminação e ventilação através dos vãos abertos na fachada tardoz. O acesso a este terceiro piso comportava a integração de um segundo lance de escadas de construção integral em madeira, quase sempre, desarticulado das escadas de acesso ao piso nobre e mais próximo da cozinha. Poderemos observar, a este propósito, diversas variantes deste modelo (habitações 3D, 5A, 5G, 13B, 15E, etc., figs. 180, 181) que adquirirá a sua maior expressão já no século XIX.



Figs. 96-98 · Casas da Praça
(habitações 3C-3D)



Fig. 99 - Rua Professor Batista da Graça (edifícios 3A-3E)

Um terceiro artifício associado à ampliação da habitação, neste período, está relacionado com o crescimento, em profundidade, para o interior do quarteirão, quando a estrutura parcelar assim o permitia. Este processo era inviável nalguns dos quarteirões de pequena profundidade das zonas mais baixas da vila intramuros, como o das *Casas da Praça*, que se encontravam então já integralmente edificados. Mas noutros casos, foi possível juntar um terceiro alinhamento de compartimentos aos edifícios já constituídos por outros dois (o primeiro voltado para a rua e o segundo para o logradouro). Esta operação obrigou, em diferentes circunstâncias, a novos processos de modelação e de alteração do substrato rochoso, dando sequência a uma

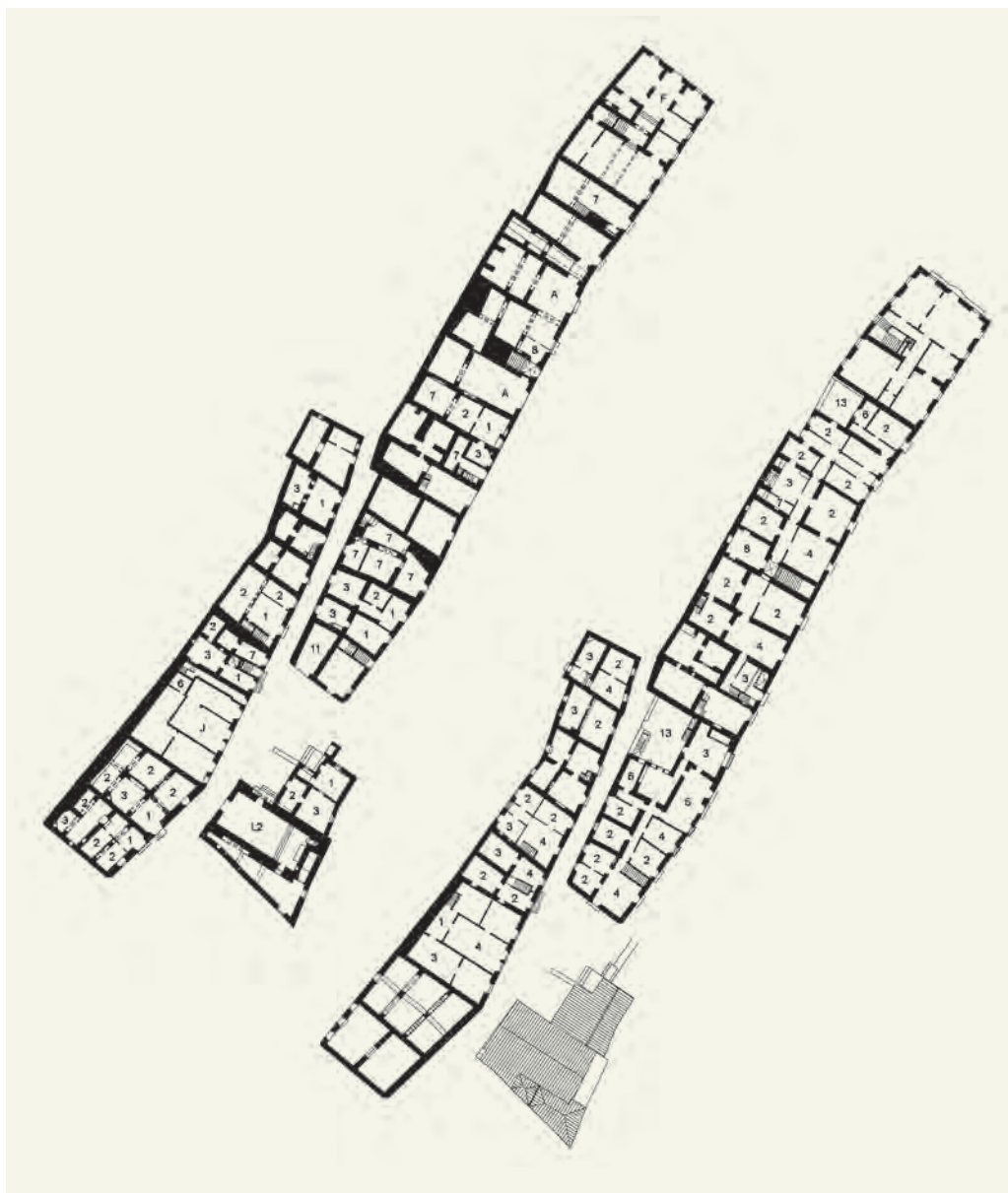


Fig. 100 · Quarteirões 2-3
(plantas do piso térreo e do
piso superior, escala 1/1000)

- | | |
|--------------------------------------|----------------------------|
| 1. Casa de fora / casa
de entrada | 9. Ramada / cavalaria |
| 2. Casa de dentro / quarto | 10. Palheiro |
| 3. Casa de fogo / cozinha | 11. Garagem |
| 4. Sala | 12. Cisterna |
| 5. Casa de jantar | 13. Pátio / quintal |
| 6. Instalação sanitária | A. Loja/Armazém |
| 7. Casa de despejo /
arrecadação | F. Câmara |
| 8. Escritório | J. Notário |
| | L2. Igreja da Misericórdia |

→

Fig. 101 · Praça Luís de Camões
(reconstituição em finais do
século XIX)

Fig. 102 · Praça Luís de Camões
(descrição constante na décima
de 1765)

Livro da Décima de 1765.

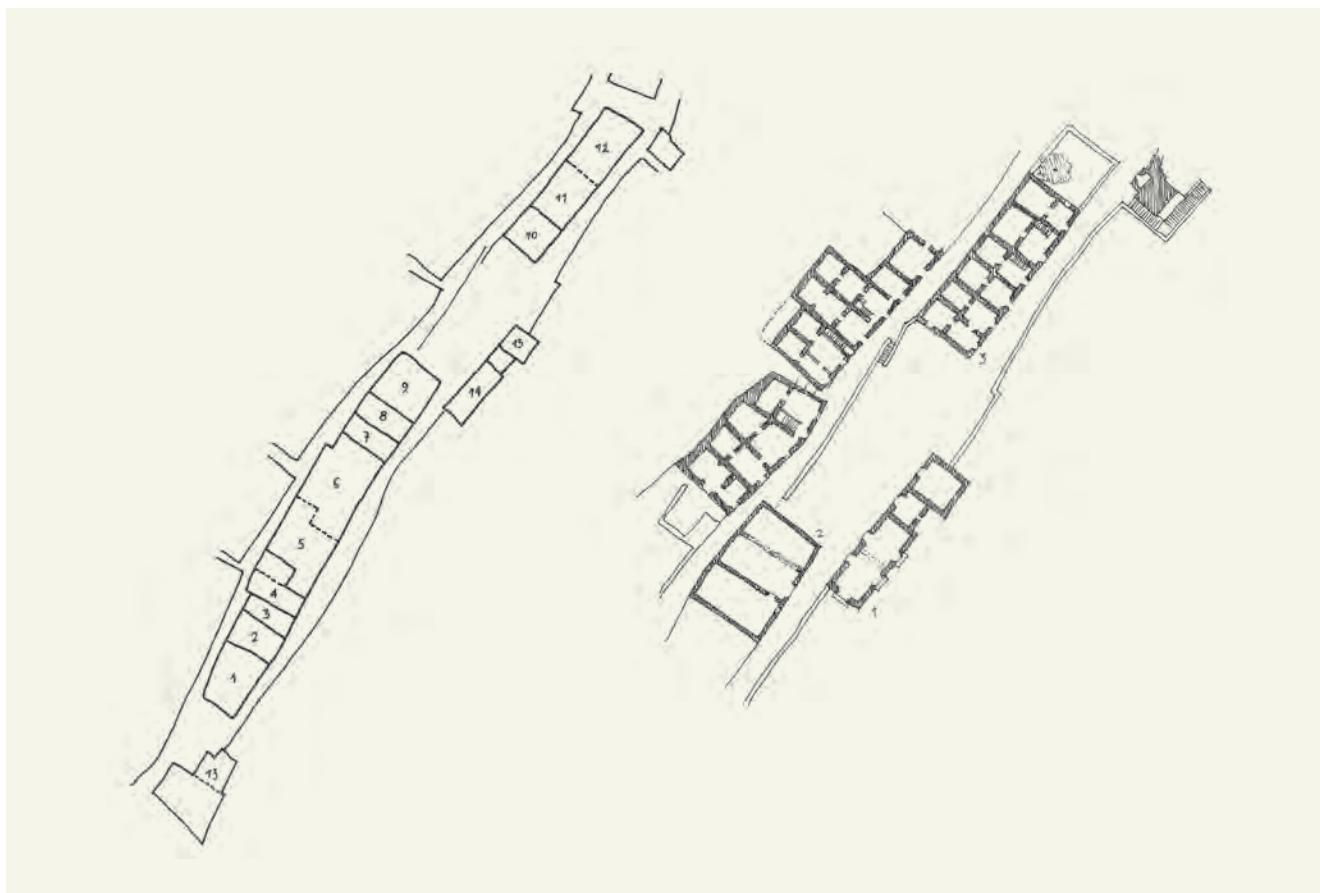
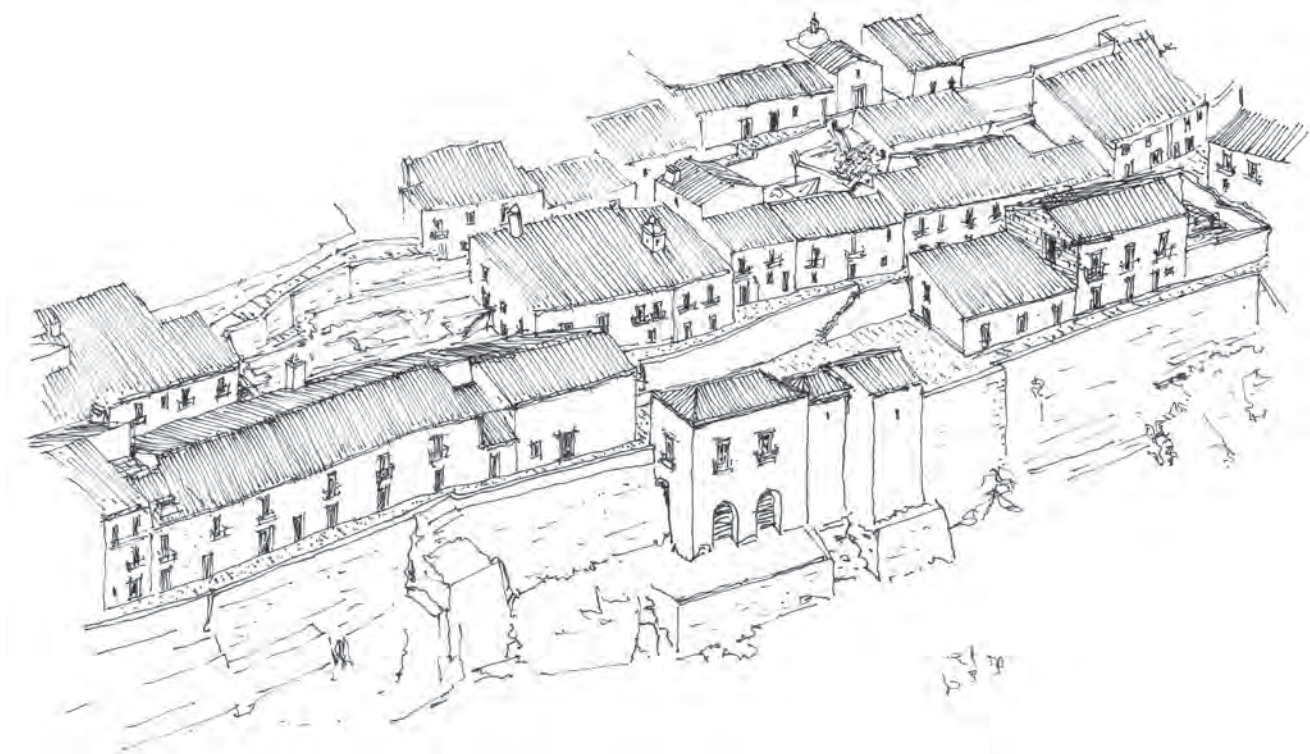
Rua da Praça. Lado direito.

1. Casas de D. Luísa Joana Aroéz de Magalhães, altas e baixas arruinadas
2. Casas do Capitão Domingos Guerra Leitão [...]
3. Casas em que estava a cadeia velha, arruinada, e sem estimação
4. Casas de Bárbara de Brito, escrava forra, pobre, com ruína [...]
5. Casas de Mateus Francisco Padrão [...] Na Corte, q lhe serve de aposentadorias, altas e baixas [...]
6. Casas do mesmo Mateus Francisco Padrão altas e baixas por conta do mesmo. [...]
7. Casas de M.^a Rosada, pobre e com ruína em que vive [...]
8. Casas de Lucas Barroso Semblano de Magalhães [escrivão da Câmara] altos e baixos caídas [...]
9. Casas de José Caetano de Andrade da cidade de Tavira altos e baixos, caídas [...]
10. Casas pertencentes à Real Fazenda e servem de Alfandega arruinadas ao presente.
11. Casas de João Lampreia Guerreiro, escrivão dos órfãos, proprietário em que vive, altos e baixos [...]
12. Casas de Lucas Barroso Semblano de Magalhães, baixas, devolutas.

Rua da Praça. Lado esquerdo.

13. Casas da Santa Casa da Misericórdia que servem de hospital
14. Casas da Câmara que servem de Senado e Audiências
15. Casas que servem de açougue público

Fig. 103 · Praça Luís de Camões
(planta de reconstituição em
finais do século XIX)





Figs. 104-108 · Habitação 15E



Figs. 109-110 · Habitação 11A

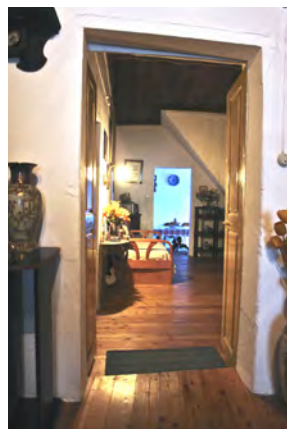




Figs. 111-113 · Habitação 13B



Figs. 114-117 · Habitação 13B



prática antiga, confirmada, por exemplo, em termos arqueológicos, na parcela da casa do Lanternim (habitação 5G), no início do período moderno (cf. Mateus, 2004: 323). Trata-se de uma intervenção que configura soluções distintas, em função das características da parcela e da própria habitação preexistente: nas áreas mais aplanadas pode suceder apenas a nível do piso térreo (habitação mais recente) ou de ambos os pisos (habitação 1F); na adaptação às áreas de declive mais acentuado pode ocorrer apenas ao nível do piso superior (habitações 4E, 11A ou 13B, figs. 180, 181).

Em todos estes casos, a ampliação da habitação compreendeu a edificação de uma nova cozinha na articulação com o logradouro (que só será parcialmente ocupado e que pode, inclusivamente, ser restringido a uma posição lateral em relação ao edifício, com ou sem acesso direto a partir do exterior). Esta conceção acabou por enfatizar a importância da localização da chaminé no tardo (casa de fora e cozinha dissociadas em dois espaços distintos), em detrimento da característica solução da chaminé saliente na fachada (casa de fora e cozinha configurando um mesmo espaço). De facto, como já anteriormente referimos, num número significativo de edifícios, a chaminé saliente na fachada desapareceu num período que se estendeu até meados do século passado. É o que deverá ter ocorrido também com a habitação n.º 13B (figs. 100, 113), cuja cozinha situada no piso térreo foi realocada, num período que não é fácil precisar, para um novo corpo implantado no logradouro no piso superior. Este exemplo sintetiza, de resto, algumas das transformações que temos vindo a descrever, incluindo a integração de uma nova volumetria correspondente a um terceiro piso, com acesso, a partir do interior, através de lance de escadas desarticulado do primeiro, e, a partir do exterior, através de porta na fachada tardo (figs. 111-117).

UMA IMAGEM DA ARQUITETURA DOMÉSTICA NO FINAL DO ANTIGO REGIME

O modo como as diferentes alterações descritas se sucedem, marcando os conjuntos edificados da vila, ocorre de forma prolongada no tempo. A demarcação das diversas cronologias, considerando os factos decisivos, os grandes episódios ou os momentos críticos da história são, quase sempre, profundamente matizados na transformação da arquitetura da habitação, mesmo nos maiores centros urbanos. Para o estudo de um núcleo do interior, como este, importa, assim, considerar tempos alargados de sobreposição ou de transição tipológicas, e balizas cronológicas menos estritas, reconhecendo também os temas de continuidade específicos das diferentes arquiteturas. A caracterização do quarteirão situado entre a praça Luís de Camões e a Porta da Ribeira do terceiro quartel do século XVIII, que é possível fazer através do Livro da Décima, remete para esta condição de diversidade, juntando de forma surpreendente, num espaço privilegiado da vila, as vetustas *casas da Praça*, a outras *moradas de casas altas e baixas* arruinadas (num dos casos com uma *loja*), à antiga cadeia *sem estimação*, e a outras casas, térreas e em ruína, associadas a uma *escrava forra* de nome Bárbara ou a uma *pobre* de nome Maria (AMM, 1765/1834, livro 1: fls 5-7) (fig. 102). Um número significativo de edificações encontrava-se devoluto e em ruína, por comparação com os restantes quarteirões da vila intramuros.



Para compreender a forma como as diversas tipologias se poderiam combinar numa mesma área, poderemos também observar os conjuntos edificados situados no limite meridional da *vila velha*, sobre a ribeira de Oeiras, na antiga rua da Afreita (figs. 118-121). Algumas das edificações mais abastadas localizadas nesta área contrariam a tendência para a ausência de elementos decorativos ou de marcação da fachada reportáveis a diferentes períodos. Este troço da rua da Afreita é um dos exemplos mais claros desta condição, sendo caracterizado pela coexistência de vãos de diferentes períodos. A edificação 1B (figs. 180, 181), de frente estreita, constitui um exemplo do modo como a fachada regista, por si só, diferentes campanhas de obras (correspondendo certamente a um interessante caso de estudo a nível da arqueologia da arquitetura), juntando: um vão largo com cantaria de cunhais chanfrados dito quinhentista; o volume do que deverá constituir a base de uma chaminé proeminente na fachada (entretanto desmantelada); o provável rebaixamento da cobertura que ocorre num dado momento (evidente pela preservação do desenho do beirado na fachada); e a inversão deste processo com o alteamento do pé-direito associado à integração de uma pequena janela (fig. 119).

A edificação 4B (figs. 180, 181), de frente larga, apresenta: cinco vãos com cantarias de um palmo (duas janelas e duas portas na fachada principal, mais uma porta no acesso ao quintal

Fig. 118 · Quarteirão 1
(plantas do piso térreo e do
piso superior, escala 1/1000)

1. Casa de fora/ casa de entrada
2. Casa de dentro / quarto
3. Casa de fogo / cozinha
4. Sala
5. Casa de jantar
6. Instalação sanitária
7. Casa de despejo / arrecadação
8. Escritório
9. Ramada/ cavalaria
10. Palheiro
11. Garagem
12. Cisterna
13. Pátio / quintal
- A. Loja/Armazém
- H. Dispensário

através da rua Latino Coelho, sem soco nos casos das portas), possivelmente seiscentistas ou setecentistas, ao nível do piso térreo; quatro vãos de sacada, com o característico desenho clássico de verga reta com cornija, executados em massa (associados a gola em tijolo burro), provavelmente setecentistas (figs. 122, 126); uma porta de entrada de acesso ao átrio da escada e ao piso nobre, com cantaria datável da primeira metade do século passado. Poderíamos ainda referir as edificações, do outro lado da rua, com molduras em massa destes mesmos diferentes períodos (fig. 120), ou, em particular, a designada *Casa Amarela* marcada por cantaria de portal de verga reta com dupla cornija (fig. 121).

A referencia genérica a estes elementos inscreve-se aqui num conjunto de temas que poderemos reconhecer noutros lugares da vila intramuros, incluindo o reaproveitamento e realocação frequente das pedras dos vãos, como é especialmente evidente com algumas portas de cantaria com chanfro (que, apesar de tudo, se manterão fundamentalmente nos pisos térreos das edificações situadas a cotas mais baixas). As molduras executadas em massa são um testemunho certo, ainda que não muito frequente, de determinadas campanhas de obras, considerando, especialmente: as já referidas de desenho de verga reta e cornija (que aqui poderão corresponder à segunda metade do século XVII ou, mais provavelmente, à primeira

Fig. 119 - Rua Dr. António José de Almeida (habitação 1B)

Fig. 120 - Rua Dr. António José de Almeida (habitação 1F)





Fig. 121 · Rua Dr. António José de Almeida (habitação 1A)

Figs. 122-123 · Rua Dr. António José de Almeida (habitação 4B)

metade do século XVIII); ou ainda as de recorte pombalino e as de expressão tardo-barroca (da segunda metade do século XVIII a todo o século XIX). Infelizmente, alguns destes trabalhos em massa, por vezes associados à técnica de *esgrafito* na simulação de cantaria, têm desaparecido, mesmo em períodos mais recentes.

As fachadas dos quarteirões da antiga rua da Afreita registam assim as sucessivas alterações a que foram sujeitas estas edificações, com repercussões a nível da volumetria e da organização interna. Também aqui se reconhecem os temas anteriormente descritos de transformação do conjunto edificado, com aglutinação de parcelas e crescimento em altura e em profundidade. A interpretação do levantamento integral do quarteirão voltado à ribeira de Oeiras, permite avançar com uma hipótese de reconstituição do parcelário e estrutura murária antes da ocupação gradual da *esplanada* e do espaço de ronda que haveria de projetar estas habitações para o plano da muralha (cf. Mateus, 2004: 323) (figs. 124, 125). Numa fase anterior, este conjunto edificado seria caracterizado pela prevalência de edificações com duas alas delimitadas por paredes mestras e, nalguns casos, eventualmente compartimentadas com paredes ligeiras. Esta solução resultaria numa fachada posterior paralela e distante em cerca de 5 metros ao limite exterior da muralha (fig. 127). A consolidação deste processo de transformação ocorre já fora do âmbito cronológico que estamos a tratar, quando grande parte das edificações foi adquirida por um mesmo proprietário, Bartolomeu José Pereira e seus descendentes, a partir do advento do Liberalismo. De resto, o número de parcelas registado, para esta área, no Livro da Décima de 1765 (AMM, 1765/1834, livro1: fls 17-22V) era bastante superior ao que se poderia contar neste período marcado por duas casas grandes, sendo uma das quais a *Casa Amarela* (fig. 121).



Figs. 124-125 · Vistas poente e sul sobre o núcleo intramuros



Fig. 126 · Reconstituição da fachada da habitação 4B

Fig. 127 · Rua Dr. António José de Almeida (reconstituição)

Figs. 128-129 · Habitação 15E



No final do Antigo Regime, as sucessivas alterações do tecido edificado tinham resultado na afirmação da *morada de casas altas* de frente larga, com a habitação no piso nobre, por vezes com prolongamento num terceiro piso parcial, e armazéns e outras dependências no piso térreo. Em termos formais, esta solução resultará na característica fachada encimada por cornija, com vãos de sacada saliente encadeados no piso nobre (por vezes, de desenho clássico, de influência pombalina ou tardo-barroca) e vãos em geral modestos no piso térreo (que podem integrar cantarias de aresta chanfrada). Predominam as extensas coberturas telhadas de uma água, nalguns casos, combinadas em telhados múltiplos que conformam as diferentes volumetrias, juntando-se a outras coberturas de uma água, a terraços (dupla fiada de ladrilhos sobre barrotes) ou, mais raramente, a telhados de tesouro (figs. 128, 129). Os espaços interiores são marcados pela predominância das paredes mestras revestidas e pintadas a cal, onde se abrem as portas com bandeira, pelos soalhos de tábuas de dimensão muito variável (por vezes com mais de 40 cm) e, na maior parte dos casos, por forros de teto de camisa e saia, encabeirados nos com-

partimentos principais. A escada de acesso ao piso nobre adquire uma dimensão de representação, frequentemente formalizada pelo desenho de abóbadas.

Durante este período, assistir-se-á também à tendência para uma maior especialização dos compartimentos com frequente diminuição da sua superfície média. Esta mudança é acompanhada por uma maior proximidade e regularidade da composição dos vãos na fachada que poderá advir ainda do século XVIII mas que adquire maior importância já no século XIX. Aos compartimentos maiores e mais nobres da sala e da casa de jantar (que pontualmente aparecerá em duplicado, distinguindo o uso quotidiano dos dias de cerimónia), voltados à fachada principal, poderão corresponder dois vãos de peitoril ou sacada (como por exemplo nas casas 1E e 1F). A tendência para uma maior especialização, com aumento do número de compartimentos, compreendeu inclusivamente a transformação de algumas edificações, traduzindo-se no aparecimento de novos vãos entre aqueles preexistentes. Noutros centros urbanos, o recurso mais frequente às cantarias no emolduramento dos vãos fixou este processo com desenhos de cronologias distintas nas fachadas (designadamente de vãos de peitoril oitocentistas entre vãos de sacada seiscentistas e setecentistas). Esta mudança, ainda que menos expressiva, foi registada também em Mértola, nalguns casos, correspondendo já a uma manifestação tardia, como ocorreu por exemplo com as Casas da Praça a que antes fizemos referência.

A TRANSFORMAÇÃO DA ARQUITETURA DA VILA A PARTIR DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

MIGUEL REIMÃO COSTA

ANA COSTA ROSADO

MARTA SANTOS

As alterações decorrentes da implantação do Liberalismo e a preponderância das novas classes de proprietários e da burguesia marcarão o início de um processo de transformação da arquitetura doméstica que apenas se consolidará a partir do último quartel de oitocentos. As repercussões decorrentes da mudança do sistema predial e, num segundo tempo, do aumento expressivo da superfície cultivada adquiriu, durante este período, uma importância decisiva, num território marcado pela presença da grande propriedade. Aliás, se retomarmos a descrição dos diferentes momentos de construção do monte da herdade de Almoinha Velha, poderemos mesmo traçar algumas analogias com a transformação da arquitetura da vila que a seguir se fará.

Depois de um período de estagnação entre finais do século XVIII e o início da segunda metade do século XIX, enquadrado pelos sucessivos momentos de crise que caracterizam a história de Portugal, Mértola assistiu a uma fase de prosperidade marcada, entre outros temas, pela importância reforçada do Guadiana enquanto via de transporte e por um novo ciclo de exploração das Minas de São Domingos com início a partir de 1858. Ainda que pautada por conflitos fiscais registados entre a Administração da Mina e a Câmara de Mértola, a relevância que o assentamento mineiro adquiriu na região, a partir de então, contribuiu para o reforço da vila enquanto lugar central. Este período será, por isso, caracterizado por investimentos diversos, a nível das estruturas de utilização coletiva e da reestruturação do espaço intramuros, e por um processo de expansão urbana, em especial, do arrabalde da Vila, pautado pela importância dos novos espaços comerciais e de armazenagem.

A TRANSFORMAÇÃO DA ARQUITETURA NO SÉCULO XIX ENTRE A VILA VELHA E O ARRABALDE

Num primeiro momento, a transformação da arquitetura que se segue ao advento do Liberalismo é caracterizada pela continuidade e consolidação das práticas já descritas para o Antigo Regime que, gradualmente, vão refletindo a influência, mais ou menos tardia, da arquitetura oitocentista. É o que ocorre com algumas das edificações que fomos descrevendo para a *Vila Velha*, como as casas da Afreita, cujas mudanças se projetam para a segunda metade do século XIX.

Um dos exemplos que se inscreve neste momento está relacionado com a instalação da estação telegráfica, em Mértola, na sequência da Regeneração e das políticas e reformas dos transportes e das comunicações gizadas por Fontes Pereira de Melo. Para tal, a Fazenda Nacional adquire, em 1862, «duas moradas de casas» que constavam de «cinco casas térreas e três altas» situadas junto à antiga porta do Buraco, na rua da Afreita (atual rua António José de Almeida) (ADB, 1810/1920, livro 22, fls 32V-34V). A conversão ao uso público destas edificações – que haveriam depois de servir, entre outros usos, de posto dos correios e dispensário antituberculose – resultaram, mais uma vez, na aglutinação de duas parcelas que, hoje, apenas são perceptíveis em planta (figs. 118, 180, edifício 1H). De facto, não é de excluir a hipótese de uma dessas edificações corresponder, originalmente, a uma construção de um único piso, posteriormente integrada numa volumetria de fachada unitária e simétrica como a do edifício atual (fig. 130). O acesso ao piso superior é, então, resolvido através de escada encostada à fachada lateral, em quintal parcialmente coberto pela estrutura abobadada da porta do Buraco. É assim que o edifício aparece representado em documento da Direção da Obras Públicas de Beja, com data de 1867, relativo ao «Projeto dos reparos a fazer na parte da muralha da antiga fortificação contigua à Estação Telegráfica da vila de Mértola» (GEAEM/DIE, 1867) (fig. 131). Este documento revela-se hoje fundamental para a reconstituição deste troço da estrutura amuralhada, já que, ao contrário daquele que era o seu propósito, a porta do Buraco seria destruída em finais do século XIX, no contexto da reformulação dos acessos à vila intramuros.

Já antes tivemos a oportunidade de compreender as circunstâncias que enquadram, a partir deste período, a progressiva afirmação do Arrabalde enquanto novo espaço de centralidade, que resultará numa

Fig. 130 - Rua António José de Almeida (habitação 1H)



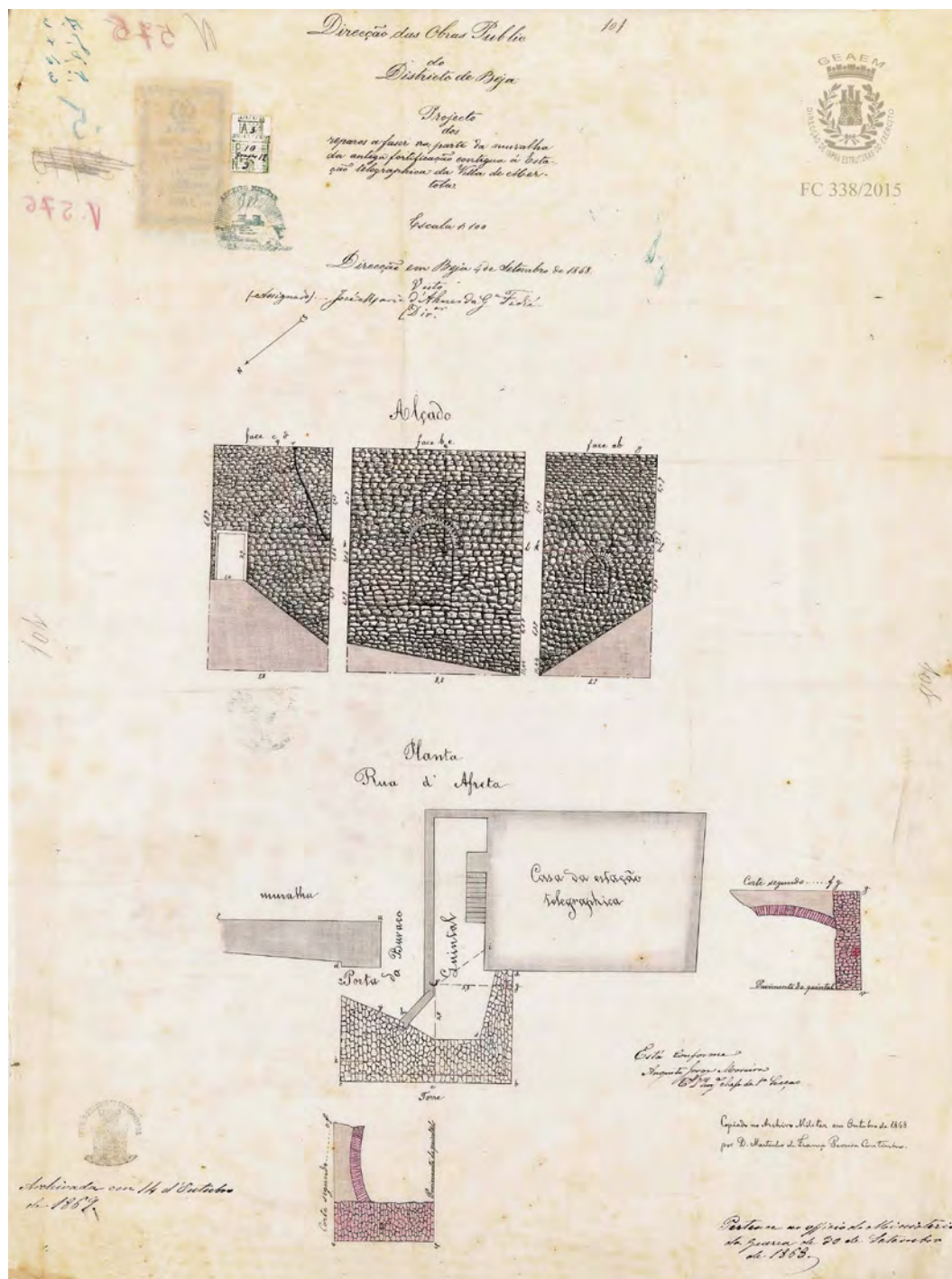


Fig. 131 - Projeto dos reparos a fazer na parte da muralha [...] contigua à Estação Telegráfica [...] (1867). Cota 3122-2A-25-35 - GEAEM/DIE.



expressiva diversidade a nível do conjunto edificado. Até então, a arquitetura desta área era bastante indiferenciada, em termos funcionais. O Livro da Décima de 1765 (AMM, 1765/1834, livro1: fl 7) confirma este caráter indistinto, remetendo para uma clara preponderância de edifícios térreos habitacionais. A sua imagem era, no entanto, caracterizada por uma composição volumétrica rica, própria da adaptação à topografia e da combinação dos planos de cobertura telhados, como é evidente também, no início do século passado (figs. 132, 133). Entre as edificações que então se distinguiam das pequenas habitações do Arrabalde, contavam-se duas estalagens que correspondiam a edificações com sobrado localizadas, em ambos os casos, na rua Larga do Arrabalde (atual rua 25 de abril), na aproximação à vila intramuros a partir da antiga estrada para Beja. A construção da ponte sobre a ribeira de Oeiras, mais de um século depois, acabará por resultar na concentração das estalagens nesta parte da Vila, quando passaram a ser servidas também, de forma mais expressiva, pela estrada proveniente do Algarve e pelas ligações aos montes e povoações da outra margem da ribeira de Oeiras.

As estalagens constituíam fundamentalmente uma ou mais cavalariças de grande dimensão, onde se alojavam os animais nos dias dos afazeres na vila. Poderemos compreender genericamente a composição de algumas destes estabelecimentos através de uma escritura de arrendamento por três anos, datada de 1882. Propriedade de Cipriano dos Santos Gonçalves Vargues, é então descrita enquanto «[...] estalagem para guardar animais com uma casa que serve de venda, com estante e balcão, uma cozinha e dois quartos, um pátio pertencente à mesma estalagem, uma casa para palheiro, e uma casa para carreiros, situada na estrada real

Fig. 132 - Rua Cândido dos Reis

Fig. 133 - Rua 25 de Abril (antiga rua Larga do Arrabalde)

desta vila a Beja [...] e uma morada de casas térreas pegadas à mesma estalagem que consta de seis casas e uma cozinha fronteira [...]» (ADB, 1793/1955), livro 51: fls 39V-41). No levantamento em curso do Arrabalde foram identificadas outras estalagens localizadas justamente na área mais próxima à ponte sobre a ribeira de Oeiras. Estas estruturas tanto se poderiam associar a tipologias edificadas mais antigas (edifício 20B, figs. 180, 181), como se inscrever nos novos modelos arquitetónicos, a que a seguir atentaremos, como é evidente na casa que José Joaquim Alho mandou edificar sobre anterior construção, já representada na planta de Miguel Luís Jacob (fig. 70), dotada do único portal de arco quebrado e cunhais chanfrados da vila (edifício 21A).

Antes ainda das alterações significativas que marcaram as áreas de transição da vila intramuros com o Arrabalde – considerando, por exemplo, a construção do mercado em 1918 e a renovação da Porta de Beja – foi edificada a nova cadeia da vila, no final do primeiro quartel do século XIX, no lugar de antiga hospedaria (Mateus, 2014: 331-2) (fig. 134). O interesse deste edifício para o estudo da arquitetura doméstica está relacionado com a solução recorrente de acesso às celas comuns, situadas no piso térreo, através de alçapões e escadas de corda a partir do piso superior, onde se situava a habitação do carcereiro na primeira metade do século XX, passado. A preservação da cadeia, com este fim, até ao início da segunda metade do século XX,



Fig. 134 - Antiga cadeia
(edifício 17F)



Fig. 135 · Quarteirões 15-17
(plantas do piso térreo e do
piso superior, escala 1/1000)

1. Casa de fora/ casa de entrada
2. Casa de dentro/ quarto
3. Casa de fogo/ cozinha
4. Sala
5. Casa de jantar
6. Instalação sanitária
7. Casa de despejo/ arrecadação
8. Escritório
9. Ramada/ cavalaria
10. Palheiro
11. Garagem
12. Cisterna
13. Pátio/ quintal
- A. Loja/ Armazém
- H. Grémio da Lavoura
- O. Cadeia

Fig. 136 - Quarteirão 27
(plantas do piso térreo e do
piso superior, escala 1/1000)

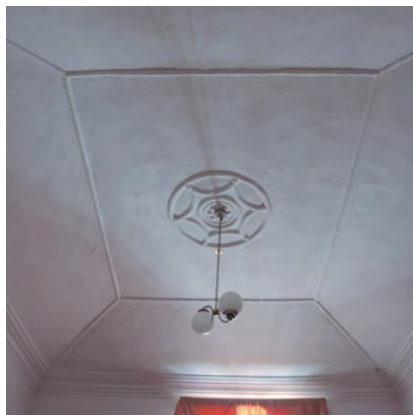
1. Casa de fora/ casa de entrada
2. Casa de dentro / quarto
3. Casa de fogo / cozinha
4. Sala
5. Casa de jantar
6. Instalação sanitária
7. Casa de despejo / arrecadação
8. Escritório
9. Ramada/ cavalaria
10. Palheiro
11. Garagem
12. Cisterna
13. Pátio / quintal
- A. Loja/Armazém
- C. Taberna

permite-nos recorrer à memória e aos testemunhos de anteriores residentes. O acesso a esta habitação era feito mediante lance de escadas exterior, situado também na fachada lateral do edifício (figs. 147, 180, edifício 17F). A residência do carcereiro comportava então compartimentos idênticos aos das pequenas e médias habitações da vila, com a particularidade de, a partir de cada um destes espaços, se aceder a uma cela diferente, através de um dos alçapões referidos: a casa de fora ou de entrada com acesso à cela comum para os homens; a cozinha com ligação à cela mais pequena para as mulheres; e um dos quartos com ligação à solitária ou ao *segredo* como era aqui designada. Todos os dias, os reclusos subiam e desciam a referida escada e percorriam a estreita passagem exterior entre o edifício e o muro de suporte a poente, para aceder ao espaço de recreio confinado à *torre circular* da Porta de Beja.

A construção desta infraestrutura constituiu uma opção circunstancial mas que é, de algum modo, premonitória da mudança dos espaços de centralidade da Vila que temos vindo a referir. Em qualquer caso, será apenas a partir da segunda metade do século XIX, e em especial a partir do último quartel, que o Arrabalde da Vila começou a afirmar-se enquanto espaço privilegiado pelas classes mais abastadas para a implantação da sua habitação. Os conjuntos edificados marcados pela prevalência da pequena habitação, representados na carta de Miguel Jacob, serão enquadrados no limite norte por edificações de maior dimensão associadas a áreas rústicas de superfície significativa (fig. 136).



É o que ocorre com a habitação que conforma o limite norte do quarteirão nascente da rua 25 de abril (habitação 27K). A aparência despretensiosa da fachada principal, voltada àquela rua, contrasta com a sucessão e articulação de espaços e de planos de representação que encontrámos no seu interior. A atual composição da fachada, com uma única porta ladeada por três janelas (fig. 137), não deverá corresponder ao desenho original, provavelmente marcado por uma duplicação de acessos mais consonante com a organização dos diferentes usos no seu interior. É à ala de compartimentos da fachada principal que corresponde a imagem mais cuidada relativa ao escritório (único espaço com teto de masseira que poderia corresponder a anterior espaço de entrada, fig. 138), à casa de jantar e ao quarto principal (ambos com teto encabeirado de camisa e saia). A única exceção, entre estas casas mais nobres, é o atual compartimento de entrada que adquiria a designação de corredor (apesar dos 2,40 metros de lado),



Figs. 137-139 · Edifício na rua 25 de Abril (habitação 27K)



Figs. 140-141 · Quintal e cisterna de edifício na rua 25 de Abril (habitação 27K)

onde, ao contrários dos restantes, eram visíveis os diversos elementos do madeiramento da cobertura. A cozinha (fig. 139), com acesso a partir deste corredor e mais uma vez localizada na parte posterior da habitação, adquiria uma posição fundamental de articulação dos diferentes compartimentos de serviço (quartos das criadas, espaços de arrecadação e espaços de higiene) e indiretamente dos espaços do logradouro. A descrição do imóvel constante numa escritura datada de 1885 é consonante com o edifício que chegou aos dias de hoje, sendo então descrito enquanto prédio urbano de «dezoito compartimentos, varandas, quintais com cisterna, cavaliça e palheiro» (ADB, 1793/1955, livro 56, fls 9-10V).

Um dos aspetos mais interessantes deste conjunto está, de resto, relacionado com a organização em diferentes terraços do espaço do logradouro com acesso direto a partir do exterior a diferentes cotas. É retomada aqui a característica contraposição entre o *quintal de ladrilho* e o *quintal de terra* (fig. 140) que encontramos em muitas das maiores habitações da vila intramuros aos arrabaldes. Partindo de um pequeno pátio de serviço e do quintal mais alto para travessa de ligação para a estrada para Beja, e do quintal mais baixo, para a mesma travessa, através de

uma antiga cavaliça (convertida em habitação ainda no primeiro quartel do século passado) ou para a travessa Dr. Serrão Martins no quadrante oposto. A cisterna (fig. 141), com cerca de 3,40 m × 2,00 m em planta, tinha acesso quer a partir do quintal de ladrilho, à cota mais alta, através de um poço (aberto entre dois arcos torais na abóbada de berço em alvenaria de xisto e tijolo maciço), quer através do espaço regado à cota mais baixa com vão aberto na parede (ao eixo, entre aqueles arcos, fig. 141). No seu conjunto, os dois quintais combinavam a dimensão recreativa e produtiva – quase ao jeito das quintas de recreio – compreendendo a presença da água, a integração de áreas de sombra associadas a um caramanchão muito elementar (à cota mais alta) e uma fonte com curiosos trabalhos em massa, quatro figuras humanas e uma cabeça de vaca onde se encontrava a bica (fig. 140).

Na antiga rua de Trás (atual rua da República), na mesma área do Arrabalde da Vila, encontramos um outro conjunto edificado (habitação 25A) que se inscreve na tipologia que acabamos de descrever, conformado também por um corpo principal com duas alas de compartimentos

associadas a uma cobertura de duas águas (associada a dois compartimentos abobadados) e por uma morfologia mais irregular das dependências na articulação com o logradouro que adquiria também importância significativa a nível da produção. Este conjunto pertenceu, na primeira metade do século de oitocentos, a Manuel Francisco Vargas, diretor da Alfândega da vila, sendo vendido a José Miguel Garcia, negociante, em 1840, e a André Gomes em 1851. Neste período correspondia a «[...] uma morada de casas térreas e quintal, situado tudo no Rocio desta vila [...] de dez casas além de cavalaria e palheiro e tem um quintal murado que consta de terra de semear e arvoredos de oliveiras e amendoeiras [...]» (ADB, 1810/1920, livro 7, fls 46-46V). A posterior transformação deste conjunto compreendeu a integração de corredor na ala posterior do imóvel através da construção de paredes ligeiras associada à alteração significativa da imagem do interior da habitação. Tal como ocorre noutros conjuntos edificados, este tipo de intervenção procurava conciliar a conservação da estrutura preexistente com os novos modelos de organização da habitação que procuraremos compreender de seguida.

A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA IMAGEM PARA A CASA E AS TIPOLOGIAS DE TRANSIÇÃO

A abertura da mina de São Domingos em época contemporânea alargará o quadro de influências da arquitetura da vila que, a partir de então, será um pouco menos restringido às expressões regionais entre o Alentejo e o Algarve. O crescimento das economias do comércio e do transporte e, também, do setor primário, a par do robustecimento das classes mais abastadas, resultará em investimentos avultados na arquitetura da habitação, cada vez mais marcados pelos ditames de expressão oitocentista. Este quadro genérico resultará na transição para modelos de habitar muito distintos, com reflexos a nível tipo-morfológico e construtivo.

Importa considerar, a este propósito, uma das edificações situadas na atual Rua Dr. Francisco Gomes (habitação 4M) por, justamente, resultar na reconversão e transformação profunda de uma construção vernacular característica do Antigo Regime. A fotografia panorâmica datada de 1875 (Custódio, 2013: 21) (fig. 142), mostra-nos ainda a morfologia do conjunto edificado preexistente, caracterizado pela combinação de uma edificação térrea, a sul, e uma edificação sobradada, a norte, com janela de sacada, ambas cobertas pelo característico telhado de uma água. A planta atual permite reconhecer a configuração dos compartimentos originais, não esclarecendo, no entanto, nem a posição da anterior escada de tiro, nem a localização de um eventual vão de ligação entre os dois corpos. É possível que se tratassem, mesmo, de dois imóveis autónomos, cada um dos quais conformado, a nível do piso térreo, pela característica combinação de casa de fora e casa de dentro.



Fig. 142 - Panorâmica de Mértola em 1875 (Custódio, 2013: 21)

Esta edificação foi sujeita, no último quartel do século XIX, a uma campanha significativa de obras que a haveriam de desenlaçar da integração anónima num conjunto de características indiferenciadas, para a afirmar enquanto uma das volumetrias mais notórias da panorâmica da vila. Esta condição resultou da integração de um terceiro piso (com acesso autónomo, na parte posterior da parcela, a partir da rua à cota mais alta) e da composição simétrica da fachada associada à marcação em massa dos vãos, pisos e cunhais, e à introdução de platibanda e de uma trapeira (que a fotografia panorâmica da transição do século XIX para o século XX regista) (figs. 71, 143, 144).

A composição simétrica da fachada (com a porta de entrada ao centro) reflete-se, a nível da organização interna, no deslocamento da escada de tiro, da empena para o eixo da composição, associada à integração de átrio de entrada e corredor (figs. 145, 146). Esta alteração adquire também uma dimensão imagética e de representação, a partir da porta de entrada, marcada pela integração: de azulejaria nos espelhos dos degraus; de uma porta falsa ao nível do átrio de distribuição do piso superior (procurando sugerir uma profundidade que a parcela não tem); do forro de teto encabeirado de camisa e saia; dos fingidos de madeira nas portas com bandeira; e, possivelmente, da escaiola entretanto desaparecida das paredes interiores. Do ponto de vista construtivo, esta transformação resulta na demolição da parede meeira no sentido da profundidade da parcela (sem contudo comportar a alteração da direção dos madeiramentos do pavimento) e na introdução de paredes de tabique. A pequena superfície

Fig. 143 - Rua Manuel
Francisco Gomes (habitação
4M-4N)

Fig. 144 - Rua Latino Coelho
(habitação 4M-4N)



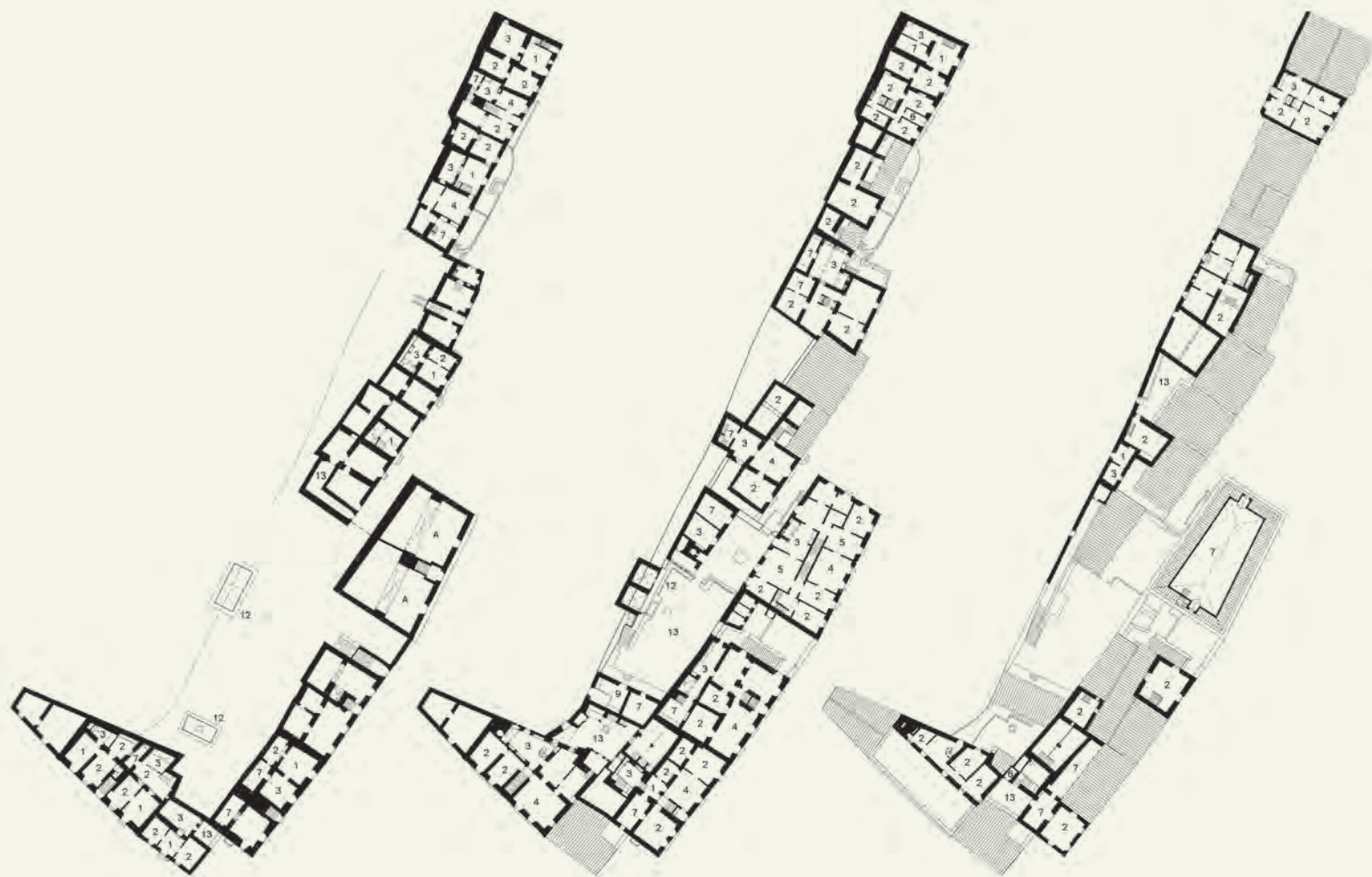


Fig. 145 - Quarteirão 4
(plantas do piso térreo
e dos pisos superiores,
escala 1/1000)

- | | |
|-------------------------------------|----------------------|
| 1. Casa de fora/ casa
de entrada | 8. Escritório |
| 2. Casa de dentro/ quarto | 9. Ramada/ cavalaria |
| 3. Casa de fogo/ cozinha | 10. Palheiro |
| 4. Sala | 11. Garagem |
| 5. Casa de jantar | 12. Cisterna |
| 6. Instalação sanitária | 13. Pátio/ quintal |
| 7. Casa de despejo/
arrecadação | A. Loja/Armazém |

da parcela obriga, no entanto, à distribuição da casa grande pelos diferentes andares do edifício, não se reconhecendo assim o piso intermédio enquanto piso nobre da habitação.

No entanto, noutros casos coevos menos condicionados pela integração em métricas parcelares preexistentes ou pela exígua superfície da parcela, o piso superior continuará a agregar os principais espaços da habitação. Poderemos apresentar, a este propósito, algumas edificações localizadas no Arrabalde da Vila que se inscrevem nesta mesma tipologia (como as habitações 23F, 24L, 29L, figs. 147-149). Em termos genéricos, este conjunto de habitações é organizado a partir de um eixo central, constituído por átrio de entrada, lance de escadas de tiro e segundo átrio ou corredor de distribuição, a nível do piso superior, que estrutura o acesso a três alas de compartimentos. Esta solução tenderá a não excluir, no entanto, a importância do atravessamento de alguns compartimentos para garantir o acesso a outros, como era característico das *moradas de casas do Antigo Regime*. Pode-se reconhecer, assim, uma espécie de condição de transição relativamente a tipologias mais tardias que, como veremos, aprofundarão alguns princípios distributivos-constructivos que aqui começam a ser equacionados. De facto, a preponderância das paredes ligeiras de adobes ou tabiques com estrutura de madeira ou canas (no sentido da profundidade da parcela) aparecem ainda associadas às paredes de alvenaria de xisto e de taipa (no sentido transversal) para suporte dos madeiramentos dos soalhos.

No entanto, na maior parte dos casos, a presença de paredes estruturais no interior da parcela não tem quaisquer repercussões a nível dos sistemas de cobertura, como ocorre, por exemplo, com as edificações localizadas na rua da República (habitação 24L, fig. 148) ou na rua Serrão Martins (habitação 29L, fig. 149). Nestes casos, o madeiramento do telhado de quatro águas assenta exclusivamente nas paredes mestras que conformam o perímetro exterior da edificação, compreendendo a integração de diferentes tipos de asnas (com a tesoura de linha alta, fig. 150, no segundo caso, e com a asna corrente de linha baixa, pendural e escoras, no primeiro caso). O espaço das águas furtadas era aqui aproveitado, sem qualquer compartimentação, comportando, pela primeira vez, a integração de uma ou duas trapeiras. A escada de acesso a estes espaços era oculto por uma porta (quase sempre, mais alta que o pavimento), aproveitando invariavelmente a sobreposição com o lance de escadas principal. Ao nível do piso térreo, esta tipologia tanto podia compreender o uso habitacional como o uso comercial (reintroduzindo, neste último caso, a arcaria de alargamento do vão do piso térreo característica de algumas edificações do Antigo Regime).



Fig. 146 - Piso superior de edifício na rua Serrão Martins (habitação 29L)



Fig. 147 · Edifício na rua da República (habitação 23F)



Fig. 148 · Edifício na rua Cândido dos Reis (habitação 24L)



Fig. 149 · Edifício na rua Serrão Martins (habitação 29L)

Fig. 150 · Águas furtadas de edifício na rua Serrão Martins (habitação 29L)



A TRANSFORMAÇÃO DA PRAÇA NO INTERIOR DA VILA INTRAMUROS

O final do século XIX e as primeiras décadas do século XX confirmaram a afirmação e a apuração deste modelo nas casas maiores da vila. Nalguns casos, tentou-se compatibilizar este novo paradigma com a preservação da estrutura portante fundamental das antigas habitações abastadas da *Vila Velha*, compreendendo, por exemplo, a integração de corredor por parcelamento dos compartimentos originais ou a introdução de novas gramáticas decorativas em figurinos diversos (como a escaiola ou os trabalhos em massa). Mas noutros casos, procurou-se mesmo livrar as novas habitações dos constrangimentos das estruturas preexistentes, com tendência para o desaparecimento das paredes mestras no interior da edificação e a presença de diferentes tipos de asnas ou *tesouras* na cobertura. Este modelo renuncia ao desenho das antigas *moradas de casas* e à combinação, circunstancial e irregular, de diferentes topologias. De facto, o levantamento destas edificações regista o desenho, em planta, de ângulos retos e medidas padrão, pautado pela estrutura de madeira das paredes de tabique.

Os exemplos paradigmáticos que poderemos considerar na área intramuros resultaram de um processo análogo de aquisição de várias parcelas contíguas (que os Livros dos tabeliães confirmam) e de demolição das antigas edificações, procurando fazer tábua rasa do tecido edificado preexistente. É o que ocorre com a famigerada *casa dos Azulejos* (habitação 13A), localizada entre a Torre do Relógio e a Praça Luís de Camões, datada de finais do século XIX (fig. 151). A sequência das diversas panorâmicas da vila sintetiza a sua transformação: no início do último quartel de oitocentos, esta área é caracterizada por um conjunto edificado de volumetria inconstante, resultando da combinação de vários edifícios de dois pisos com cobertura de duas águas, a norte, com edifícios de um piso com sobrado de uma água, a sul (figs. 101, 142); na transição para o século XX, este conjunto tinha já dado lugar ao novo edifício, conservando-se apenas a edificação voltada à praça que deveria corresponder à antiga Alfândega (fig. 71); numa fase subsequente, esta construção foi demolida permitindo, assim, a ampliação expressiva do principal espaço público de Mértola (fig. 72).

Na realidade, a *casa dos Azulejos* acabou, mesmo, por lançar o mote para um conjunto de transformações significativas que haveriam de mudar a praça da vila, conferindo-lhe a imagem que ainda hoje apresenta (figs. 151-153). Para além da ampliação antes referida, esta intervenção integrada contemplou a reestruturação dos serviços públicos associada à intervenção em construções preexistentes com afirmação de figurinos arquitetónicos oitocentistas. Em 1891, a Câmara Municipal de Mértola compra um «prédio urbano que se compõe quatro casas que servem de armazéns, duas no pavimento térreo e duas no pavimento superior» (com acesso direto, a cotas diferentes, a partir das atuais ruas dos Combatentes da Grande Guerra e D. Sancho II)

(ADB, 1876/1908, livro 8: fls 3V/6) (figs. 101-103). Com a aquisição deste imóvel, conformando o limite meridional da praça, a Câmara pretendia dotar a vila de um edifício para os Paços do Concelho mais consentâneo com os novos tempos. O projeto foi encomendado ao engenheiro civil Henrique Teles Massano de Amorim, com data de entrega de 1894. É interessante notar como a Memória Descritiva do projeto (AMM, 1894) coloca a também a questão da demolição versus a conservação do edifício preexistente, optando por esta última solução por questões relacionadas com a economia de custos. Em termos construtivos, a proposta assenta na manutenção das paredes mestras exteriores e meeiras (entre as duas unidades), a compartimentação com a construção de novas paredes mestras no piso térreo (de suporte ao madeiramento do soalho do piso superior) e de paredes de tabique no piso nobre (mais uma vez associadas à integração das asnas convencionais no telhado de quatro águas).

Para além dos aspetos programáticos e construtivos, a descrição do projeto privilegia, justamente, algumas das opções relacionadas com a reconversão das estruturas construídas preexistentes, assumindo a sua morfologia, legível em planta (fig. 100), em dois corpos separados por pilastras «afim de tornar aquelas fachadas mais simétricas e agradáveis à vista» e acabando por propor a demolição e reconstrução da parede voltada à praça de modo «a tornar regular a fachada principal do edifício» (AMM, 1894: fl. 1) (fig. 152). O projeto original (infe-



Fig. 151 · Casa dos Azulejos
(habitação 13A)

lizmente restringido às peças escritas na cópia disponível no Arquivo Municipal de Mértola) é, de resto, bastante expressivo na descrição dos elementos de fachada, considerando a sua importância enquanto espaço de representação: soco, facha de pavimento e cunhais de cantaria (neste caso retos); frontão destinado a receber as Armas da Vila; coroamento do edifício associado a platibanda sobre a cornija, com balaustrada de louça fosca, interrompida por painéis cheios; janelas de sacada (com sistema de portadas à francesa) e cantaria do Algarve nos diferentes vãos.

É a mesma expressão que poderemos encontrar no antigo edifício da Câmara, debruçado sobre a muralha, que, numa fase imediatamente posterior, será também objeto de uma campanha de obras, provavelmente com desenho do mesmo projetista. A conclusão dos novos Paços do Concelho libertou, para outros usos, a antiga construção seiscentista registada, por exemplo, no Livro da Décima de 1765 (AMM, 1765/1834, livro 1: fl 7), como Casa da Câmara (Senado e Audiências) e Açougue Público. A abordagem de projeto é muito idêntica à da nova edificação da Câmara, não apenas a nível do desenho dos elementos da fachada (fig. 153), mas no modo como, mantendo as estruturas originais, se tenta dissimular os diferentes volumes (de dimensão evolutiva) (fig. 101), introduzindo uma nova ordem através: do alteamento e uniformização da cércea das diferentes volumetrias e da integração de um mesmo sistema de cobertura (em substituição da composição de telhados de tesouro e cobertura de duas águas); da abertura de novos vãos e da ampliação do edifício para norte que permite a composição de uma fachada principal simétrica; ou da integração de pilastras e outros elementos de fachada, considerada de forma coerente em todo o conjunto edificado.

Como foi antes referido, a linguagem proposta para as novas edificações é consonante com o modelo da casa dos Azulejos, sugerindo uma intervenção global para a imagem da Praça. Em qualquer caso, será mesmo naquela casa que a evocação dos temas oitocentistas atingirá o expo-

Fig. 152 - Paços do Concelho (edifício 3E)

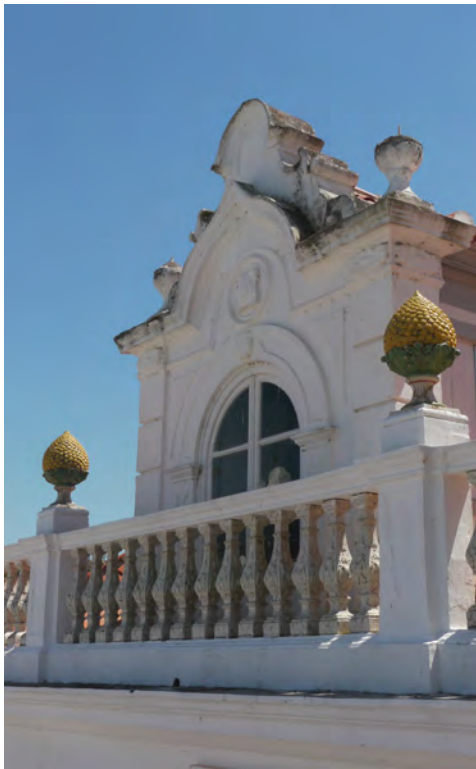


Fig. 153 - Antigo tribunal
(edifício 3F)



ente máximo. Nalguns casos, estes temas são comuns às três edificações: os vão de verga em volta perfeita (com bandeira fixa dividida em três); a cantaria no emolduramento dos vãos (apenas os vãos da fachada sobre a praça, executados numa fase posterior com a demolição do antigo edifício da Alfândega, serão em massa, ainda que de desenho idêntico aos restantes); a marcação dos cunhais e do pavimento; o coroamento do edifício com platibanda e balaustrada; as sacadas com gradeamentos em ferro. Noutros casos, adquirem uma expressão particular na casa dos Azulejos: os característicos azulejos nas fachadas; o recorte das inúmeras trapeiras; a presença de gárgulas e outros elementos em loiça; o desenho da expressiva chaminé de balão; ou a diversidade de motivos decorativos nos espaços internos, a que voltaremos posteriormente (figs. 154-156).

A nível da organização interna, a integração do corredor longitudinal no piso nobre aparece combinada com um segundo eixo paralelo, conformado pelo alinhamento das portas de ligação direta dos compartimentos da fachada principal (ao contrário do que ocorre com a ala posterior) remetendo para a permanência de um elemento fundamental da estética das habitações nobres seiscentistas e setecentistas. Estes eixos refletem-se nos dois vãos que o edifício abre sobre o pátio contíguo a norte (fig. 156), encerrado, nos restantes três lados, por pórtico abobadado que, no nível superior, se abre sobre a vila e o Guadiana enquadrado pela Torre do Relógio.

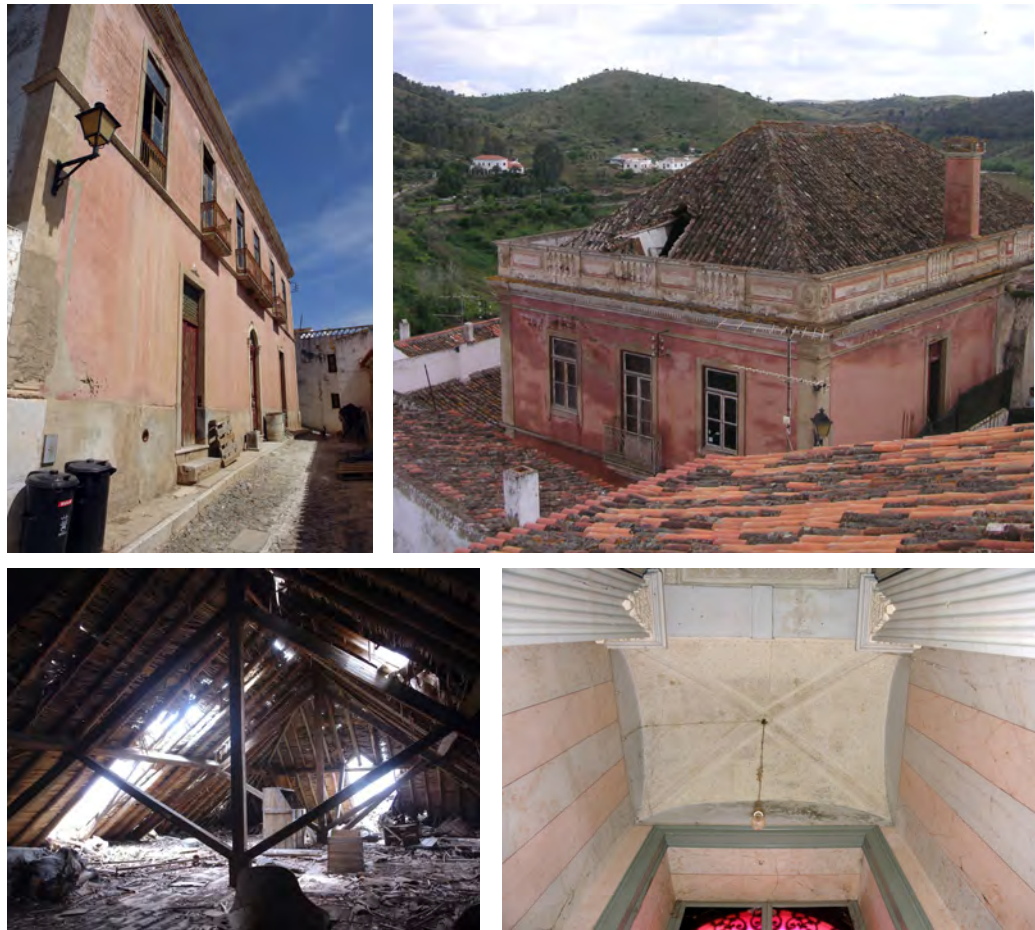


Figs. 154-156 - Casa dos Azulejos (habitação 13A)

CONSOLIDAÇÃO DE UM NOVO MODELO DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DOMÉSTICO DA CASA ABASTADA À PEQUENA HABITAÇÃO

Alguns anos mais tarde, já no século XX, a panorâmica da *Vila Velha* será de novo marcada pelo aparecimento de uma outra volumetria contrastante, neste caso, do edifício que ficará conhecido por Casa Rosa (habitação 4F). Mandada construir por Manuel Francisco Gomes, comerciante e proprietário de barcos de transporte no Guadiana (Boiça & Mateus, 2014: 134), a sua implantação resultou de um processo idêntico ao da casa dos azulejos. De facto, também aqui se procedeu à aquisição de várias parcelas para ulterior conversão numa única e grande habitação de dois pisos e águas furtadas (figs. 157-160). Entre as parcelas adquiridas constavam, pelo menos, um grande quintal e três construções (com a expressiva e longa cobertura de uma água), incluindo, no gaveto a noroeste, o *armazém da Capelinha* (sobre o qual não foi possível adquirir qualquer informação complementar) e, voltado a nascente, um anterior *celeiro comum* (Cf. ADB, 1793/1955, 2.º Ofício, livro 11, fls 25V-27).

A organização interna da habitação encontra alguns paralelos com a casa dos azulejos, ainda que sem a mesma expressão de erudição. A escada de lances simétricos, que naquela adquiria uma posição mais excêntrica, é colocada aqui ao centro da composição, tomando o lugar do corredor e obrigando ao atravessamento dos diversos compartimentos (em dois eixos de portas alinhadas). A organização do programa é, neste caso, muito clara: com espaços de armazém num piso térreo de elevado pé-direito (associado a estrutura de vigotas de ferro e ladrilho); os compartimentos mais nobres voltados a nascente, na fachada principal; e os compartimentos de serviço na parte posterior, de transição para o quintal (fig. 145). O logradouro é, de resto, um dos elementos mais interessantes deste conjunto, distinguindo o quintal de ladrilho, que articula o edifício principal com dependências autónomas (alpendre do forno, casas de



Figs. 157-160 · Casa Rosa
(habitação 4F)

fogo e de despejo), do quintal de terra, arborizado, com ligação para o conjunto da cavalaria e antigo palheiro. Este logradouro, que beneficiava ainda de três acessos autónomos, a partir do exterior, a cotas distintas, é ainda caracterizado pela presença da maior cisterna da vila (6,5 m × 3 m em planta por mais de 6 m de profundidade) que avança a partir do muro posterior do quintal para debaixo da rua Latino Coelho.

Durante este período, as habitações de dimensão mais modesta acabarão também por sofrer um processo de transformação que é, apesar de tudo, menos evidente que nas edificações de maior dimensão. Nalguns casos, a tendência para a especialização, no interior da habitação, resultou na compartimentação dos antigos espaços e, por vezes, na introdução de um pequeno corredor ou átrio de entrada. Mas pode-se dizer que, do ponto de vista do modelo para a pequena habitação, a morada de duas casas disposta no sentido transversal do quarteirão dará, cada vez mais, lugar ao edifício de três compartimentos desenvolvido no sentido longitudinal. Esta solução é frequentemente caracterizada pela entrada ao eixo para uma casa de fora, ladeada de um dos lados por uma cozinha e do outro lado por um quarto, correspondendo a uma composição de fachada simétrica com uma porta com uma janela de cada lado. Poderemos encontrar alguns exemplos que se inscrevem nesta tipologia nas áreas à cota mais alta da vila intramuros ou nos arrabaldes.

Esta mudança é, apesar de tudo, mais evidente nos espaços rurais do que na vila, onde os constrangimentos ditados pela estrutura predial não viabilizaram, em muitos casos, o aparecimento de novas edificações com esta organização. De qualquer modo, o modelo traduz alguns princípios relevantes que, conformados em cada caso por circunstâncias particulares, marcarão presença nas novas habitações, como sejam: a maior preponderância das paredes ligeiras, quase sempre de adobes, na compartimentação da habitação; a maior preponderância da janela de peitoril; a difusão do *chupão* (de parede ou de canto) na cozinha com manutenção do lar baixo (fig. 161) e chaminé de pequena secção (em muitos casos, com data inscrita do primeiro quartel do século passado).

Um segundo tema de transformação desta tipologia de base está relacionado com a sua duplicação em profundidade, resultando na conversão do telhado de uma água num telhado de duas águas ou, mais tarde, numa cobertura plana, já com laje de betão armado. Note-se aqui, a tendência de conversão da casa de fora em corredor e da passagem da cozinha para a ala posterior. A primeira metade do século passado é, de resto, caracterizada pela afirmação definitiva do corredor e pela gradual ausência da comunicação direta entre compartimentos quer nas habitações mais pequenas, quer nas habitações mais abastadas.

Fig. 161 · Chupão
(habitação 10F)



A ORNAMENTAÇÃO DAS EDIFICAÇÕES DA VILA DE MÉRTOLA

É com o aproximar do final do século XIX que a ornamentação das fachadas exteriores e dos paramentos interiores adquiriu maior importância em Mértola. Em períodos anteriores, os trabalhos em massa estiveram associados fundamentalmente ao emolduramento dos vãos, às pilastras, aos cunhais ou ao remate do beirado de cimalha com trabalho de massa bastante saliente e recurvado. A partir de então, assistiu-se ao recurso cada vez mais significativo à ornamentação das fachadas com detalhes decorativos de grande requinte e labor construtivo, quer na transformação de edifícios preexistentes quer na construção de raiz.

A ornamentação em relevo concentra-se, na sua maioria, no preenchimento dos paramentos das platibandas (que então passaram a constituir o remate de várias edificações da vila), mas também em elementos de remate no fecho de pilastras e, mais raramente, em elementos isolados que se combinavam com cantarias e cunhais. Alguns elementos de transição são também utilizados, em particular, no friso decorativo de platibandas e de remate de cobertura (figs. 162-165). São ainda muito frequentes os trabalhos de massa na simulação de cantarias e de cunhais de pedra, recorrendo à técnica de *esgrafito* e riscado a fresco a lápis de carvão para simulação cuidada da estereotomia da pedra.

As classes predominantes dos motivos ornamentais são as que incluem os motivos fitomórficos, de composição simples, com a reprodução de um único elemento floral, ou combinado vários elementos de inspiração vegetalista. Os motivos geométricos simples preenchem e compõem padrões nos paramentos da platibanda, enquanto que os motivos geométricos compostos, como os dentículos da casa Rosa, os óvulos da casa situada na rua Dr. Afonso Costa e as pontas de diamante recorrentes nesta última e na casa da rua Elias Garcia (habitação 6A), tenderão a servir enquanto elementos de transição entre pilastras e platibanda.

Poderíamos distinguir a casa Rosa, a casa dos Azulejos e a casa da rua Dr. Afonso Costa enquanto edificações de referência nas propostas ornamentais da arquitetura de Mértola. A casa Rosa é conhecida pelo seu barramento rosa-almagre que reveste todas as fachadas, introduzindo um conjunto variado de técnicas de revestimento e de ornamentação: platibanda com balaustrada e frisos de remate ornamentados com reentrâncias; dentículos sob as soleiras das janelas de sacada; ornatos relevados, modelados em bancada, com motivos de inspiração vegetalista no remate superior das padieiras dos vãos e da platibanda; cunhais e molduras dos vãos de janela e de porta em massa com simulação de bujardado de pedra, através do recurso a técnica de *esgrafito*, com marcação de estereotomia a carvão; corpo da chaminé revestido com fingimento de tijolo à vista.

A casa dos Azulejos, identificada pelo revestimento de todo o seu paramento a azulejo com simulação de pintura, tem como elementos mais significativos a aproximação decorativa



←

Fig. 162 · Pormenor da platibanda (habitação 4F)

Fig. 163 · Pormenor da fachada

Fig. 164 · Pormenor da padieira da porta (edifício 20I)

Fig. 165 · Pormenor da platibanda (edifício 19C)

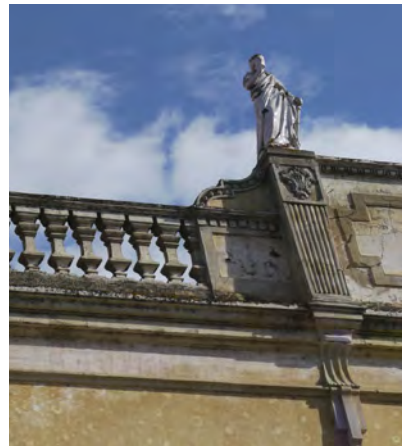
Figs. 166-167 · Pormenor da moldura de vão (edifício 13A)

entre a ornamentação em argamassa decorada e os elementos de cantaria de pedra (molduras com desenho idêntico com elemento floral de remate superior) (figs. 166-167). São relevantes também os elementos geométricos e os elementos vegetalistas que ornamentam de forma pontual as trapeiras e os cunhais. O interior da construção integra bastantes elementos relevados em estuque, sendo os diversos compartimentos revestidos, na sua maioria, a escaiola que se encontra em bom estado de conservação.

A casa na rua Dr. Afonso Costa (ao lado do cineteatro Marques Duque) apresenta uma fachada de grandes dimensões, com revestimento marmoreado ocre em todo o seu paramento (fig. 168) A porta principal é marcada com elemento relevado central, coroando o eixo central da fachada, com medalhões circulares e caneluras entalhadas. Os trabalhos de massa nos cunhais, pilastras e cantarias têm um tratamento cuidado de polimento e picagem, com seleção criteriosa do agregado para melhor simulação da pedra. A platibanda é ornamentada pontualmente com elementos de inspiração vegetalista (fig. 169), e com utilização de dentículos, botões e óvulos nos frisos de remate.

A partir do início do segundo quartel do século XX, surgem alguns exemplares com propostas ornamentais geometrizadas, resultando da reformulação das fachadas existentes (fig. 170) ou pelas reconfigurações urbanas dos eixos de circulação da rua Alves Redol e rua Serrão Martins. Os programas decorativos destas casas propõem a estilização dos elementos ornamentais, acentuando a austeridade do desenho de fachada, e reforçando a sua simetria através da configuração de um frontão quadrangular central (fig. 171). As linhas geométricas são valorizadas, com marcação dos volumes da fachada, sendo reforçado a verticalidade recorrendo a elementos em massa verticais com alternância cromática na platibanda ou no remate dos cunhais. Nestes exemplos, não há recurso a quaisquer ornamentações de relevo de inspiração vegetalista ou figurativa, e os elementos geométricos são modelados diretamente sobre a superfície da fachada. É o que ocorre com os relevos alternados dos elementos cúbicos que enquadram os motivos cilíndricos da platibanda do Café Central (edifício 19 C, figs. 171, 172) ou os elementos geométricos do frontão quadrangular associado a molduras geométricas dos vãos da casa da rua Alves Redol.





Figs. 168-169 · Fachada e pormenor de casa na rua Serrão Martins

Fig. 170 · Edifício na rua Alves Redol (habitação 21A)

Figs. 171-172 · Fachada e pormenor do antigo Café Central (edifício 19C)



A VILA VELHA E O ARRABALDE DA VILA NO TERCEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX

MIGUEL REIMÃO COSTA
ANA COSTA ROSADO

Com a construção da ponte sobre o Guadiana, na década de sessenta do século passado, o núcleo intramuros adquiriu, cada vez mais, uma posição excêntrica em relação aos sistemas de vias e aos principais espaços comerciais da vila. O Arrabalde afirmou-se definitivamente enquanto área privilegiada para as novas habitações, seja no quadro da renovação arquitetónica, seja através da expansão urbana para norte. Durante esta fase acentuou-se o abandono da *Vila Velha*, por parte das classes mais abastadas. As grandes habitações setecentistas e oitocentistas foram, em muitos casos, objeto de um processo de divisão, em que se inverteram as lógicas de aglutinação de parcelas que concluímos terem sido relevantes durante o Antigo Regime. Poderemos considerar, a este propósito a Casa Amarela (habitação 1A) que, correspondendo a várias parcelas em 1765 (AMM, 176/1834), foi convertida posteriormente numa grande casa, conforme referência em escritura datada de 1856 (ADB, 1810/1920, livro 8: fls 8V/11), para ser, posteriormente, dividida de novo em várias frações arrendadas. Noutros casos as dependências localizadas nos pisos térreos destas habitações maiores ou noutras edificações apartadas (lojas e armazéns, casas de despejo, cavalariças, palheiros, etc) foram também convertidas em habitações, assistindo-se assim, durante este período, ao aumento significativo do número de fogos.

Num primeiro tempo, esta transformação do conjunto edificado não comportou alterações significativas, a nível da estrutura dos edifícios, recorrendo-se fundamentalmente ao encerramento de portas e à execução de paredes ligeiras, na reorganização dos diversos usos no interior da habitação. A integração de instalações sanitárias e a alteração da cozinha consistiram, naturalmente, nas obras privilegiadas na reabilitação. Num segundo momento, em particular a partir do início do último quartel do século passado, a posição excêntrica da *Vila Velha* contribuiu para o seu esvaziamento, associado ao gradual envelhecimento da população residente. Ao mesmo tempo, os modelos de intervenção no património edificado corresponderam, cada vez mais, a alterações tipológicas profundas e ao propósito da renovação das

arquiteturas. É neste contexto que se assistiu à crescente valorização do património construído de Mértola, fixado em diversos instrumentos de salvaguarda, e à importância gradual da vila enquanto destino de turismo cultural.

A planta de conjunto elaborada no âmbito deste projeto procura justamente representar a Vila Velha e o Arrabalde entre estes dois momentos de mudança, sofrendo, por isso, das contradições que marcam este processo, a nível da caracterização destas arquiteturas (fig. 181). Não se restringe assim a um momento preciso, o que não seria possível no presente, mas a um período alargado ao terceiro quartel do século XX. A planta constituirá, no entanto, a base para períodos subsequentes da investigação, nos quais se procurará alargar a outros casos de estudo, a reconstituição do processo tipológico. A situação retratada nos desenhos é o resultado desse processo, em parte legível, quer através dos diferentes temas de sobreposição de tipologias, quer através da sua individualização, com a qual gostaríamos, de, em jeito de síntese, encerrar este trabalho.

AS DIFERENTES TIPOLOGIAS ARQUITETÓNICAS PARA UMA LEITURA DA PLANTA DA VILA

CASA PÁTIO

A primeira tipologia que importa considerar é a «casa pátio». Ainda que corresponda a um período histórico bem delimitado e que não se tenha conservado na sua forma mais estrita, constitui uma tipologia bem estudada a nível arqueológico (bairro da Alcáçova e Arrabalde

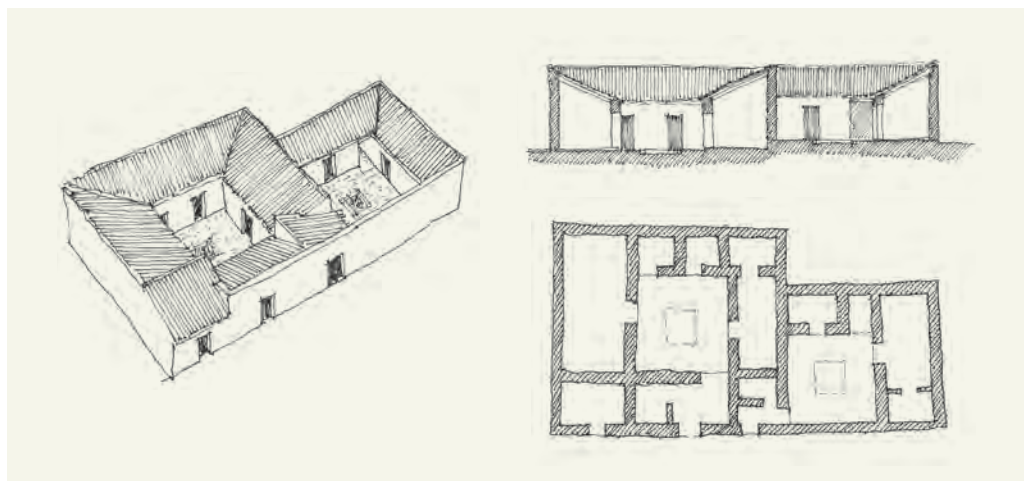


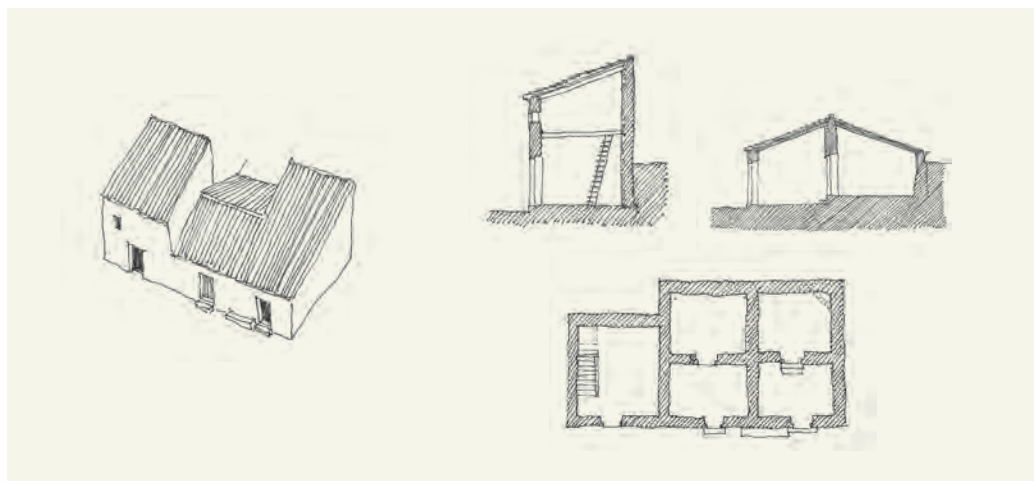
Fig. 173 · Casa pátio

Ribeirinho). É um modelo de casa voltada para o interior, em que a salvaguarda do ambiente doméstico adquiria uma importância primordial, formalizada pela entrada em cotovelo e pela presença do pátio. Este constituía o espaço fundamental para ventilação e iluminação da habitação, organizando simultaneamente o acesso à generalidade dos restantes compartimentos. A casa pátio almóada, apesar da sua pequena superfície, era marcada por um nível de especialização significativo, contrapondo compartimentos de maior dimensão (pátio, salão/alcova) com outros mais pequenos (cozinha, arrecadação, latrina).

MORADA DE CASAS DE FRENTE ESTREITA

A «*morada de casas de frente estreita*» é uma tipologia de base que conforma a transformação da estrutura predial na transição para o período tardo-medieval, mas cuja importância se conservará até ao presente. Corresponde a uma habitação organizada em profundidade, constituída, na maior parte dos casos, por dois espaços distintos, de dimensão aproximada, delimitados por paredes mestras. A expressão «*morada de casas*» conservava-se ainda há pouco no léxico local, sendo registada também a nível documental: a *casa* corresponde, nesta expressão, a cada um dos compartimentos da habitação, designada no seu todo por *morada*. O nome de cada uma das *casas* poderia mudar ao longo da história: *casa dianteira*, *casa de fora* ou *casa de entrada* correspondiam ao compartimento de entrada na habitação (iluminado apenas pela porta da rua); e *câmara* ou *casa de dentro* correspondiam ao compartimento posterior (que por vezes dava acesso a um logradouro e noutros casos não tinha qualquer vão aberto para o exterior). A cozinha tanto aparecia no espaço de entrada, associada, por vezes, à chaminé saliente na fachada principal, como era relegada para a parte de trás da parcela.

Fig. 174 · Morada de casas de frente estreita



MORADA DE CASAS DE FRENTE LARGA

A ampliação da morada de frente estreita resultava na integração de um sobrado ou na duplicação em planta através da aglutinação de duas parcelas. Neste último caso, estaremos perante a «*morada de casas de frente larga*» que, por sua vez, poderia adquirir também um ou dois pisos. A consolidação deste tipo tenderá a fixar a habitação no piso superior, deixando o piso térreo para armazéns e outras dependências não habitacionais. O acesso ao piso nobre da habitação era feito através de escada de um só lance encostada a uma das empenas, com respetivo átrio no piso térreo que permitia a autonomização das portas de entrada de ambos os pisos. Cada um dos compartimentos ou *casas* continua aqui a ser delimitado integralmente por paredes de alvenaria de pedra ou taipa, já que as paredes ligeiras de tabique têm uma presença episódica.

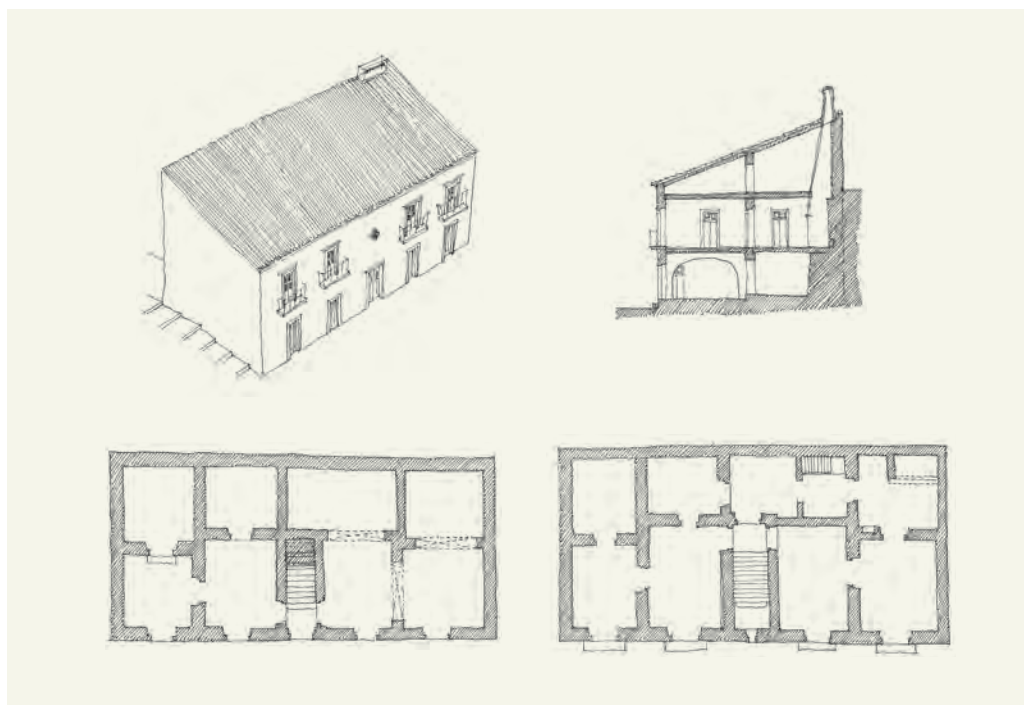


Fig. 175 - Morada de casas de frente larga

MORADA DE CASAS NOBRES

A «*morada de casas nobres*» é uma expressão que aparece fundamentalmente em escrituras do século XIX, reportando-se às casas antigas mais abastadas da vila. Em termos tipológicos, esta solução resulta da ampliação e relativa *nobilitação* dos tipos anteriormente descritos que se poderá traduzir numa frente ainda mais larga e na integração de um terceiro piso, em *águas furtadas*, com aproveitamento do desvão do telhado. A fachada principal do piso nobre é marcada pela presença das janelas de sacada associadas aos compartimentos mais importantes (casa de jantar, sala, quarto do proprietário, por exemplo), relegando a cozinha para a parte posterior. A implantação em áreas com declives acentuados poderá aparecer associada à ampliação de cada piso para a parte posterior, à prevalência da cobertura de uma água e à importância do quintal, por vezes, de dimensão considerável e caracterizado pela presença da cisterna.

Fig. 176 - Morada de casas nobres



CASA DE TABIQUES

A «casa de tabiques» traduz uma alteração gradual da estrutura da habitação que adquiriu relevância a partir da segunda metade do século XIX, quando o termo *casa* começa a designar fundamentalmente o todo da habitação. A construção de paredes mestras foi sendo cada vez mais restringida às fachadas exteriores e às paredes de suporte da cobertura, sendo a restante compartimentação assegurada com tabiques (de adobes, ou engradado de canas ou ripas, argamassado). Na solução mais elementar, a habitação era constituída por dois ou três espaços (casa de entrada, cozinha e quarto), privilegiando uma implantação que assegurasse a luz natural e a ventilação de todos os espaços. Ainda que neste período, algumas habitações preexistentes de frente estreita sejam reconfiguradas, procurava-se sempre que possível a implantação ao longo da rua associada à composição da fachada simétrica com uma porta ao eixo ladeada por uma janela de cada lado. A duplicação desta solução em profundidade, com uma cobertura de duas águas, era também muito frequente. Esta tipologia evoluiu, a partir do segundo quartel do século passado, para o que poderíamos designar por «casa funcional», com a afirmação da importância do corredor, separação clara das funções de cada espaço, e introdução gradual na estrutura de elementos em betão armado, numa primeira fase restringidos à cobertura.

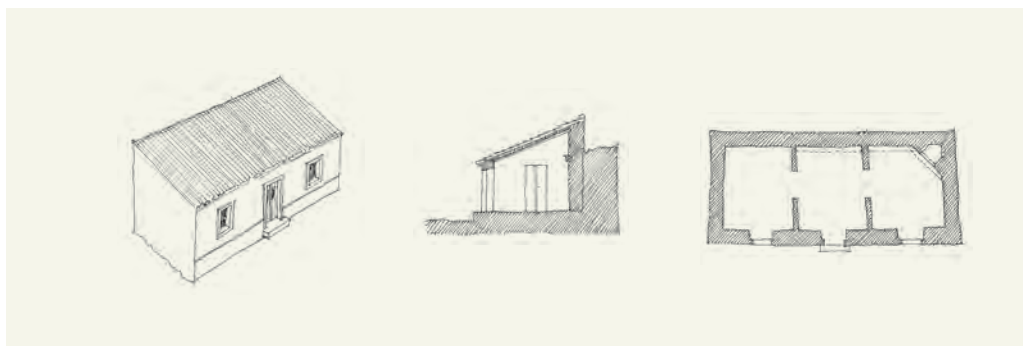


Fig. 177 - Casa de tabiques

CASA DE ESCADA CENTRAL

A «casa de escada central» resulta da transformação do tipo anterior, mantendo quase sempre a composição simétrica da fachada, e comportando a ampliação em altura e a integração da escada de tiro ao eixo (associada a átrio de entrada na parte anterior e a corredor de distribuição na parte posterior). A nível distributivo, constitui assim uma solução de transição, combinando o corredor com o atravessamento indispensável de alguns espaços no acesso a outros. A organização em duas ou três alas de compartimentos combina frequentemente paredes mestras no sentido transversal e tabiques no sentido longitudinal. O aproveitamento da cobertura, muitas vezes de quatro águas, compreende a execução de madeiramentos mais complexos e a introdução de trapeiras nas *águas furtadas*.

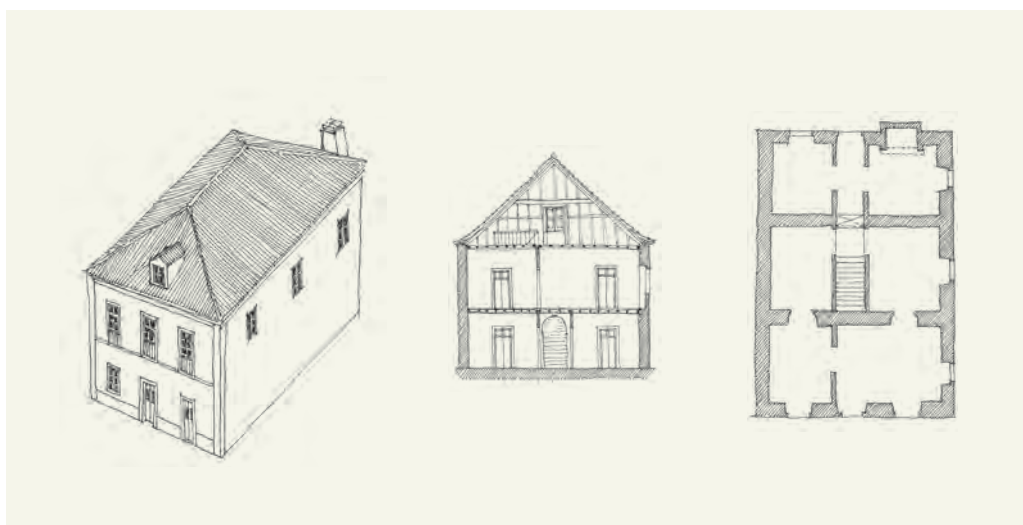
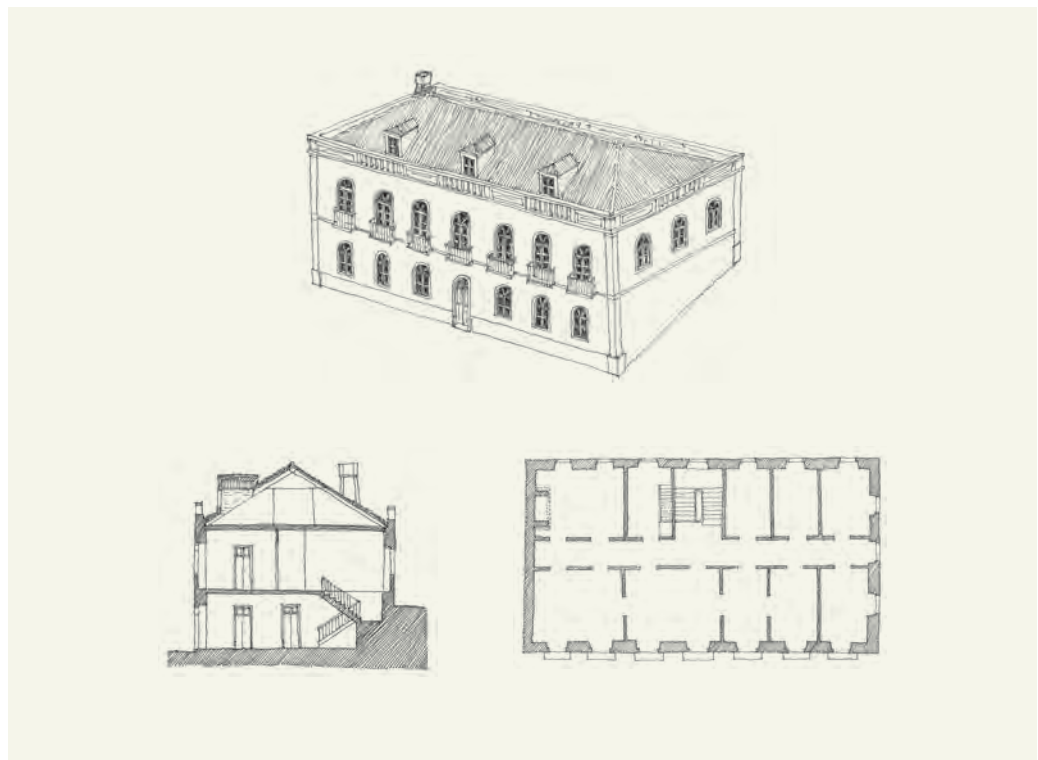


Fig. 178 - Casa de escada central

CASA DE APARATO

A «casa de aparato» constitui a tipologia da habitação mais abastada, marcando presença na *Vila Velha* e no Arrabalde, a partir de finais do século XIX. O desenho cuidado da habitação como um todo poderia projetar para os edifícios contíguos, mais modestos, alguns dos espaços, (como as arrecadações, os celeiros, ou as casas do fogo ou do forno) que se pretendia afastar da habitação principal. Esta combinava alguns dos princípios estruturais e organizativos dos tipos anteriores, com uma presença muito marcada no espaço urbano, não apenas em função da sua escala, mas também do recurso a diferentes figurinos estéticos e ornamentais que registam a mudança de gosto neste período. O espaço interior reflete o mesmo desígnio, traduzindo-se, em geral, em soluções de organização mais diversificadas que relevam o papel de representação conferida a espaços como a entrada, a escada de lances simétricos ou assimétricos, a casa de jantar ou o corredor que tenderá a adquirir uma importância cada vez mais decisiva.

Fig. 179 - Casa de Aparato



MÉRTOLA

ARCHITECTURE IN THE TOWN AND ITS TERRITORY

THE OLD TOWN OF MÉRTOLA

CLÁUDIO TORRES

When the sun approaches the hill tops that hide the horizon, the menacing shadow of the castle keep covers the rooftops of the Old Town for a moment longer, before diving definitively into the deep waters of the river. This silhouette, although a reminder of powerful and ancient forces long gone, has now faded into the folds of other powers, linked to a new vision of place, a new way of looking at people and things, a new manner to approach and respect ancient architectural spaces, the historical facts transformed into culture gestures.

At the foot of the castle walls, numerous houses snuggle up tightly to an imposing ring of walls that wrap and protect them. It is the urban core of the old town, with its tangled narrow streets where for over three or four thousand years, fishermen, caulkers, carpenters and especially sailors lived, that links Mértola to all ports of the old world through the might of their powerful oars and sails.

The streets were not laid out by the surveyors of the Roman Empire, used as they were to drawing straight lines and orthogonal spaces in the Gallic plains, respecting and unfolding the language of Imperial power. Here, as in Mediterranean cities, generally, the urban space is spontaneously organised and submissive to its topography. It is used to locate and enhance the defensive structures or to stratify the different social classes.

As in the ancient Greek polis, the old town of Mértola is organised according to two main areas. The highest and better defended locus was the acropolis, occupied by military and religious powers, while the harbour area was inhabited by the traders and sailors who performed commercial and maritime roles.

In the current site of the castle could be found, in more ancient times, and at least from the Iron Age (seventh and third centuries BC) onwards, a powerful cylindrical tower with obvious military functions. Archaeological remains from the same period tell us that an

older town wall existed already as well as another one, which was five meters thick and two kilometres long, and wrapped around all the surrounding town area.

During the six centuries of the Roman Period, the archaeological information, although sparse and incomplete, points towards Mértola as a major port city where the acropolis was enhanced by a monumental Forum and a hypostyle temple that in its last phase at least followed the imperial cult.

From the fifth century (AD) and especially throughout the Paleochristian period – centuries sixth, seventh and eighth – Mértola seems to have experienced a strong urban development, unlike what happened to all of Western Europe at the time, which was in decline. During this period, Mértola was an important regional capital where a powerful Christian community of Monophysite families developed, which was also dominant in North Africa in the same period.

On top of the ancient Roman Forum was erected a luxurious episcopal palace, from which survived a huge baptistery and a corridor with a portico and with its pavement covered with beautiful figurative mosaics. Nearby, a few meters away, a Christian church was built on the foundations of the Roman temple. This church would, in turn, give way to the old Almohad mosque and the present church. As another monumental baptistery has recently been found, this indicates the existence of an additional Christian community in the same area.

This religious complex installed on the Acropolis is completed outside the walls by other buildings of funeral nature – two basilicas and a mausoleum – which confirm the importance of the town in the period prior to Islamization. From the end of the eleventh century, Islam begins to assert itself as the dominant religion, and therefore the two baptisteries and the episcopal palace are abandoned. Around 1170, in Almohad period, a new mosque was built. Also in this period,

and in the vicinity, a dense residential area was initiated where for the first time the central courtyard houses typical of the eastern Mediterranean tradition were introduced.

Following the city's Christian conquest – in 1238 – the mosque was converted into a Catholic Church, the Almohad neighbourhood was raised to the ground and the land turned into a cemetery. On the highest point was constructed a new and imposing castle, headquarters for the Order of Santiago. From that period only the church and castle survived.

Another neighbourhood, located in the suburbs, by the river, dates from around the same period of the African dynasties and used the same house typology. Half a dozen houses were dug up revealing the typical inner courtyard, and dated from the Almohad era. The only particular fact is that one of these house was inhabited by a Christian family.

Going from the castle to the lower part of the old town, near the river, we approach gradually the commercial area and the harbour, from where Mértola reached the four corners of the world. The two city gates, Porta de Beja and Porta do Rio, are connected through the main street, by a sort of *High Street* typical of medieval towns, where the most important commercial activities happened and where, even today, the municipal buildings are located. This street, Rua do Muro, overlooks the river, and has the wall as its own window ledge. This is where the town's richest buildings can be found, almost all with two floors, housing the majority of retailers, financial warehouses and shipping companies.

From this main street, in a chaotic juxtaposition of houses and roofs, and of entangled narrow sidewalks, alleys and stairs, the houses climb the slope. Following the almost parallel layout of the contour lines, the main streets are crowded on steps and secondary roads that gradually approach the citadel. Sometimes the ground floor that opens to the street above is the second floor of the lower street and the maze of volumes and compartments becomes even more intricate when the vertical property becomes diagonal or even ... skewed.

In this tangle of narrow streets, this maze of steps and dead ends, in these interior spaces of narrow corridors, the architect Miguel Reimão was able to disentangle the volumes, he uncovered the scales and decisive vectors that allow for a clearer reading of its multiple cultural layers. It is not easy to disentangle the true stratigraphy of this long, dense and mysterious history marked by many generations of different cultures that survived, jostled and lived here. It is an alphabet, a vocabulary, an urban grammar, now slowly deciphered and that, little by little, unravels its mysteries.

Mértola, November 2015

FOREWORD

MIGUEL REIMÃO COSTA

"Traditional architecture in Mértola's old town and its territory: built heritage and cultural tourism" is a project developed by the Archaeological Site of Mértola/ Archaeology Research Centre, Arts and Heritage Sciences in collaboration with the University of the Algarve, the Municipality of Mértola and the Serrão Martins Foundation. It is the result of research undertaken from 2009, based on a post-doctoral project, which broaden in scope in the context of the approved application to INALENTEJO program (Axis 2 appreciation of regional space/cultural heritage) from the Commission for the Coordination and Development of Regional Alentejo (2014/2015). This new framework gave the project a more pronounced purpose of revitalisation of the local economy based upon the promotion of cultural heritage, in line with a practice that has been developed for several decades by the Archaeological Site of Mértola.

The delimitation of this research has been, from an early stage, related to the following aims: study of the urban evolution of the old centre of Mértola from the late medieval and modern periods; interpretation of the various development and conversion stages of the home, based on a survey of various types of traditional houses; consideration of Mértola's location in the context of the routes of the Guadiana and the different cycles of exploitation of land resources (agricultural, coastal and mineral); characterisation of the history of architecture, urban design and landscape, around the town, using documentary research in national, regional and local archives; drawing of all the houses of the old town centre; drawing of some of the rural settlements of the municipality of Mértola, and establishing the (dis)continuity of trends in comparison to the architecture of the old town centre; registration of the systems for traditional construction; collection of evidential testimonies from the inhabitants of the town and the hamlets of Mértola, with a view to reconstitute the different organisational models for housing characteristic of traditional architecture in relation to the public space and the landscape.

The fundamental purpose of this project is to map and interpret the process of transformation of domestic architecture by studying the different spatial relationships using history and construction. It is also an experiential approximation, beyond discourse, to each of the houses, finding out their names, their past condition or culture of inhabiting, that if in many of them still remain the same, in others have been confined to memory. We aim, in short, to capture the way in which people express through their houses the more or less transient dimensions of a particular culture. In other words, we seek to recognize how different expressions of change may coexist in different times or follow different rhythms. With this purpose of assigning meaning to the spaces represented in the drawings, other tools needed to be used in order to capture their multiple dimensions.

Resorting to film or documentary was the way chosen to include the themes of light and shadow, textures, space, speech and hesitation, outlook and memory over time. This research combined therefore different approaches and methodologies, to characterise the architectural period studied, by considering not only the importance of the drawings, but also of documentary investigation and the gathering of information from local residents. Because of this, it is highly indebted to a significant number of people that we would like to thank next.

The design of the town plans is, in a sense, a collective work that gathered the contributions of several authors, through the consultation of a significant number of procedures and sources: licensing projects (1916/2005) found at City Hall Archive Mértola (fig. 180/pp. 190-191); projects and surveys conducted by ESBAL Architecture students at the beginning of the 1980s, in collaboration with the Municipality of Mértola, coordinated by professors José Manuel Fernandes, Manuel Tainha, Rui Duarte and Pardal Monteiro, in conjunction with the architect Fernando Varanda, by among others, Carlos Marques, João Rei, Armindo Pombo, José Miranda, António Melo, Margarida Garcia, José Campino, Ana Pestana, Ana Tostões and Ana Ramos; projects and surveys conducted by the Local Technical Office, between 1989/1991, coordinated by the architect Ana Paula Félix; surveys in digital format made available by the services of the Municipality of Mértola and Carlos Alves, to whom we are deeply indebted for his continued availability. Despite accessing all of this information, in order to complete the town plan it was necessary to survey about 57 buildings from the town inside the walls (numbers) and 20 more houses from the outskirts, Arrabalde da Vila (numbers). Ana Costa Rosado and Adriano Fernandes helped with this. A small number of inaccessible buildings (numbers) could, however, only be drawn using descriptions from the town's residents, which were also used for the representations of recently altered dwellings.

Regarding documentary evidence and bibliography, we would like to recognise here the support and availability shown by Rui Azedo, from the Municipal Archive of Mértola, by Olinda Mareco and Margarida Honrado from the District Archive of Beja, as well as by our colleagues Filipa Medeiros, Armanda Salgado and Paula Rosa, from the library of Mértola Archaeological Site. We are also very thankful for the indispensable support from the Municipality of Mértola and the municipal executive board, as well as Lúcia Rafael, Manuel Marques, Guilherme Machado, Margarida Fortunato e Manuel Passinhas.

Finally, we would like to thank all of the town residents and property owners that contributed to this study, in particular Adélia Maria, Ana Marta da Conceição, Ana Pernas, António Manuel Diogo, António Mendes Sequeira, Artur Oliveira, Benito Tomé da Rosa, Carlos Viegas, Clarice de Jesus Soares, Dilar Dias, Dolores Valente Pereira, Eugénia Santana Alho, Fernando Fernandes, Fernando Lampreia, Fernando Varanda, Florinda Barão dos Santos Sequeira, Francisco Pereira Coelho, Isabel Campos, Isabel Pereira Coelho, Isabel Serodio, Joaquina

Gomes Camacho, João Mendes Costa, Jorge Monteiro, José Alberto Rosa, José Dias, José Pedro Fernandes, José Severo dos Santos, Manuel Francisco Pereira, Manuel Ramires, Margarida Mestre, Margarida Matilde Angélica, Maria Vitória Santos, Maria Amália, Maria Emília Oliveira, Maria Gomes Camacho, Maria Manuela Costa Rodrigues Palma, Maria Teresa Pereira Coelho, Maria Vitória Manuela dos Santos, Marta Luz, Olavo Pereira Costa Baião, Rosa Roxo, Sebastiana Romana, Teodora Mendes Costa, Valquiria Ramires, Venâncio da Cruz and also to Geraldine Zwanikken, Christiaan Zwanikken, Louis Zwanikken and Nuno Roxo from the convent of São Francisco.

THE TRADITIONAL ARCHITECTURE OF MÉRTOLA, FROM THE RURAL LANDSCAPE TO THE URBAN SPACE

THE FIELDS, THE RURAL SETTLEMENTS AND THE TOWN

MIGUEL REIMÃO COSTA

SUSANA GÓMEZ MARTINEZ

ANA COSTA ROSADO

Mértola's landscape is relatively diverse, comprising the left bank of the Guadiana and the mountain ranges that it shares with Serpa, the river course, and fields that stretch to the west, to Almodôvar and Ourique (fig. 3/p. 13). These different subunits represented within the traditional economy, the combination of different resources and crop rotation. Even so, there was a preponderance of holm oak plantations, of rye crops and animal farming in the mountains, and of cereal crops with different fallow periods. The property system is characterized by a majority of land estates or large strips of land, as confirmed by the land register. Small property is more common around the rural settlements in the steeper slopes on the southern approach to the mountainous areas of the Algarve, or in several areas of the left bank of the Guadiana, which include the common land (*baldio*) on the mountain of Mértola, divided in the beginning of the second quarter of the last century.

We understand *monte* here to either represent the houses of the largest farms or a small rural settlement with a few dozen houses belonging to harvesters or rural workers. Some of Mértola's rural settlements included in a peripheral position the houses belonging to the farmer (for example, in João Serra or Algodor), in other cases the farmer's houses were separated by a few hundred metres (as in Touril or Organim) or constituted a separate structure in a more or less central position within the estate (as in Colgadeiros or Pereiras). This settlement, made of hamlets with different sizes and functions, was in addition polarised by the various villages scattered in the territory and characterized by the presence of the church in a more or less eccentric position.

The history of the town, the villages and rural hamlets is also a reflection of the transformation of the landscape, since its description as lands covered with undergrowth, cultivated only in the best areas, during the *Ancien Régime*, to the intensification of cereal crops, especially from the beginning of the last century, and, finally, the abandonment and demographic recession that has characterized the last decades. It is also within this context that the traditional buildings should be considered in the landscape, on the edge of the hamlet to the farthest places, marking in different ways, the past complementarity nature of forms of farming, including livestock, cork oak plantations, cereal crops and vegetable gardens.

THE LANDSCAPE OF THE TOWN, THE VEGETABLE GARDENS, COUTOS AND THE CONVENT OF SÃO FRANCISCO

The approach to town introduces, however, some particular issues in the context of the region, in relation both to the municipal lands and the presence of the convent of São Francisco. In his description of Mértola, on the turning of the eighteenth to the nineteenth century, the German botanist Heinrich Friedrich Link (1801: 464–5) emphasised the harsh and sad character of the steep and naked slopes around Mértola. Link identified one farm only, in a landscape apparently marked by a lack of gardens and irrigated fields, these could instead be found in the more fertile areas, nearing the course of the river (fig. 8/p. 17). The biophysical characterisation of this territory gives us fundamental guidelines for the description of the cultural dimension of the landscape. The watered spaces appear well defined in the flatter and alluvial areas, along bodies of water, or between slopes. They are partially confined, on the military maps, which reference the gardens of the convent, of Canas, of Alamo, of Amores, Barreiro or even Malhadinha. This was also the case for the garden of Murtalheira, about 500 metres west of the chapel Nossa Senhora das Neves. As reported in 1685, in the *Tombo dos Bens e Propriedades do Concelho de Mértola*, this garden was watered from an outside fountain, located upstream from the rammed-earth and stone walls that enclosed it (with a surface of 44 by 32 metres) (Boiça 2000: 54). One of the most interesting aspects of that document is its reference to the wax mill, next to this vegetable garden, made of two houses: a larger one for production, with the characteristic rod and screw system; and the other one used for storing the fuel for the boiler. In some other cases, the irrigated lands appeared associated with the presence of a well mechanism, tanks and water ways, as with the convent lands (fig. 8) or the large garden of Almoinha Velha (fig. 36/p. 40) that although located a few kilometres to the south also supplied the town with fresh produce.

The landscape around the town was dominated by the lands of the *coutos* of Mértola that surrounded it on both banks of the river Guadiana and the Oeiras tributary (fig. 8). Considering the limits drawn by the land-registry sections or by the Forest Management

Plan for the Perimeter of *coutos* de Mértola (Serrão, 2010), these account for an area of about 382 hectares today (*coutos da Câmara*) plus 126 hectares (*coutos da Margem Esquerda*). The current limit of *coutos de Mértola* goes from the southern area, next to the Guadiana bank, which then departs to circumvent the land and wall around the convent of São Francisco, crossing to the north the Oeiras tributary, to the east approaching the chapel Nossa Senhora das Neves and reaching the alluvial areas along the Guadiana, near the mills, extending then to the north to the *Barranco das Vinhas*. The smaller *coutos* on the left margin occupy the upper third of the slope facing the Guadiana, well above the settlements of Além Rio.

The demarcation of the *coutos* included in the *Tombo da Comenda de Mértola da Ordem de Santiago de 1515* (Barros, Boiça and Gabriel 1996: 129–131) points to, however, a bigger area than at present, especially obvious on the left bank of the river. The perimeter of such municipal land is then scored from a line of over thirty milestones, beginning with the Guadiana, crossing on the left bank the old road to Serpa, crossing the river after that, reflecting on the right bank a line with points of reference identical to the present, returning again to Guadiana. That document also helps to enlighten for what purpose *coutos* were used for. They served for wasteland, pasture, and therefore only gardens and orchards could be planted there (Barros, et al 1996: 166).

But more than two centuries later, and as it was common practice in many parts of the kingdom – a practice that the decree of the 23rd of July 1766 sought to counteract – *coutos* were abused in Mértola. The local government, before and after the said license, appropriated the fields from the *coutos*, and much of the pasture was auctioned off to councillors and individuals with jobs in the county (Santos 1993: 366). In order to study the evolution of the use of these lands, from the modern period to the contemporary era, it is important to look into additional documents from the Municipal Archive, such as the *Tombo dos Bens e Propriedades do Concelho da vila de Mértola* or *Autos de Arrematações de Folhas*. Some of the older inhabitants still recall the importance that the fields of the *coutos* had in the local economy, which was then dominated by grain crops, before its allocation to forestry, in the transition to the second half of the last century. This resource contributed, moreover, to the increased importance of the harvester, which led to the appearance of the small house including a barn and stable/cowshed. Around the town, especially on the slopes to the west of Arrabalde, the increased importance of the pens for the small farm animals and of the pig sties is still remembered, even if deeply changed today.

Among the properties located in the town surroundings, the convent of São Francisco is an important one. It was founded in 1612 by Nunes Diogo Figueira Negreiros, in his property, joined together with other lands assigned by the local government (fig. 8). The organisation of the monastery is also the result of the combination of different

plots. In the goods' inventory (*Bens de Raiz*) following its incorporation into the National Treasury, the following properties were identified: the convent building with an old fence (estimated value of one million *reis* [which was the Portuguese coin until the establishment of the republic]); a small fence with a house that served as a barn and a stable (valued at thirty thousand *reis*); a bigger fence where the convent garden was located, associated with a water wheel house (fig. 13/ p. 21), and also olive trees, almond trees, walnut trees, sour orange trees and holm oaks (valued at two hundred and fifty thousand *reis*); and another part that bordered to the west and south with county's lands (valued simply at six thousand *reis*) (ANTT, 1838).

The characteristic place of Franciscan monasteries would, in Mértola, overlook the old road to the Algarve, next to the crossing area of the Oeiras tributary, and with access to the town inside the walls through the *Porta* [Gate] *da Ribeira* and *Porta do Buraco*. The building occupied a ridge-flattened area (north of a higher hill where was the old threshing floor), featuring a prominent location in relation to the views of the three banks. The view of the convent in the panoramic picture in the transition to the twentieth century (fig. 71/ pp. 74-75) records this significant presence, considering: the scale of the facade of the church marked by a door with double lintel, cornice and a triangular pediment on top, the window and a oculus of the high choir; the main body of the convent, on the right, with a simple facade crowned by the morphology of multiple four-slope roofs; and the group of buildings on the left, which position the access door to the convent wall to the back.

This position thus distinguishes the front of the convent building facing southeast (with access to the old road through a vernacular flight of stairs), from the backyards that connect with the production fields. This connection is formalised by an open courtyard, bordered on the north by the body of the new kitchen and to the west, by a supporting wall and bread oven and, in the background, at a lower level, by the stable and barn. Internally, the main building had no cloister, the floorplan was organised along a compact square, and intersected different spaces enclosed by load bearing walls and on the outside by the configuration of multiple hipped roofs (fig. 14/ p. 22). Rather than a convent, this monastic complex seems closer in style to some eighteenth century noble houses, previously studied in the Algarve region (cf. Correia, 2010; Caldas, 2007).

From the documentation consulted, it is not yet possible to fully reconstruct the organisation of the spaces of the convent, due to the successive alterations and degradation the building was subjected to. The description of the convent as one of the *Ordem dos Frades Menores* – counting at one time with about twenty friars – mentions a church (one hundred and five *spans* long and thirty-five *spans* wide, as it is presently), a sacristy (six by six *yards*), no chapter house, good workshops, a dining room and three bedrooms (one large with nine cells, a small one with two cells and another small one located over

the bigger one, with four cells) (ANTT, no date), and also a kitchen, storage room and barn (ANTT, 1837).

The building suffered several transformations between its foundation in the early seventeenth century, and the extinction of the religious orders in 1834. A significant programme of works took place at the end of the 1600s (Boiça 1998: 64), most probably followed by others. In addition, the transformations following the extinction of the religious orders should also be considered, and namely the use of its spaces as storage and agricultural annexes, as was listed by, among other sources, the deed from 1904, where was recorded the sale of three warehouses in the area of *Além de Oeiras*, one of them being the old church of the convent and the other two the sacristies of the church (ADB, 1793/1955, book 94: F4/6V).

GENERIC ASPECTS TO DESCRIBE THE ARCHITECTURE OF THE RURAL SETTLEMENTS AND THE TOWN

Mértola has changed over time. Mértola was, in different circumstances, a place of passage, an intermediary place, and a linking location to more distant territories. A privileged place between two worlds, it served land and river routes, and was the most favourable crossing of the Algarve hills, for connecting the Mediterranean to the Atlantic. Mértola had several golden ages of connections to the outer world, including the first half of seventeenth century and the second half of the nineteenth century. At a local level, the town's outskirts crossed over very different territories, from the Alentejo peneplain to the Algarve mountain range and, beyond this, to the Lower Algarve. In difficult times, Mértola strengthen its connection with this rugged landscape, linking hierarchically a system of rural settlements. Nonetheless, the town of Mértola remained significantly different from the settlements located in its outskirts, due to the different relationships established with more or less distant territories.

Firstly, the location of the town cannot be understood considering exclusively the resources of the productive landscape. Mértola is located on a hill, between rivers, and has many particularities, to which its defensive walls testify, symbolising the town's importance in different periods of history. The traditional architecture of Mértola that, at a first glance, may appear plain, is in fact diverse due to the variable relationships of scale established with the connecting territory. Many of the general themes of southern Portugal and Mediterranean architectures can be found in the town. The morphology of adaptation to place and the sequencing of the white facades are almost always framed by thematics of permanence and continuity. But, as we shall see, the diverse characterisation of this domestic architecture must take into account different historical times, contrasting social and economic fabrics, and relationships to landscape, and different territorial centres.

One of the outstanding aspects of this architecture is related to what could be called its cell aggregation, which can be found in most

of the settlements represented in the floorplans of the town and of Almoinha Velha (fig. 181/annex, 40/p. 43). Frequently, houses built here overlapped and multiplied stone and rammed-earth walls, which transformed the original two separate areas into a more complex layout. In the countryside, on the harvesting and farming settlements, these alterations were more random, buildings enlarged remained single-storey, as only very rarely an upper floor was added. For economic reasons, the pre-existing walls were reused whenever possible for defining the perimeters of the new buildings, thus favouring the expansion of the existing edifice rather than the construction of a new separate building (figs. 15, 16/p. 24). In this assembly process, cells with mono-pitched roofs were mostly used, often generating complex geometrical roofs over time. Regarding the load-bearing walls, this model gradually transitioned from using shale masonry, in the county's southern mountains (and in the continuity of the Algarve Mountain) to a rammed-earth construction, found in the central and northern hills (fig. 17/p. 25).

When circumstances allowed, these buildings acquired more than two dozen rooms which corresponded, in many cases, to several dwellings and farm annexes. These larger units, which are found in the centre of many rural hamlets, are organised from a central alignment of gabled cells, with a ridge beam, that would discipline later additions of mono-pitched roofs. Examples of this include harvesters' settlements such as Corte da Velha, Manuel Galo or Roncão do Meio (fig. 18/p. 25), and some of the houses located at the centre of the farming estate, such Almoinha Velha, to which we will return later. Contrary to what happens in this latter case, however, the trend in most rural settlements is for the front door to be located on the East or Southeast.

The rural settlements of Mértola have obvious analogies with Serra do Caldeirão, where the villages are nevertheless smaller (Cf. Costa, 2014). This was a very flexible system of house organisation, and while each of its spaces was markedly independent, it could also be combined in many different ways through the opening and closing of doors inside the house (using stone masonry or adobe), dependent on whether this was a period that favoured sharing or enclosure.

This sense of autonomy agrees with a prior concept of 'house', applied here not to signify the home as a whole, but to mean each of one its divisions. A "dwelling of houses" was a commonly used expression by several documents during the whole of the *Ancien Régime* and up until the transition from the nineteenth to the twentieth century. In the local dialects of the mountainous and rural areas, this expression kept this meaning almost to the present day. Each of the 'houses' had a different name, that depended on the position within the building – these included, the outside or entrance house, the inside house, the middle house, the loft and the attic (in this context, was used for the lower floor beneath the loft) – or their specific use – hearth house or kitchen, barn, stable/cowshed (here it refers to the building where the grown cattle is kept).

A "dwelling of houses" was applied to a number of different layouts. The base composition included the exterior house (i.e. entrance hall) and the interior house (interior space, often with no natural light). Some houses in the oldest settlement, Almoinha Velha, had this arrangement (fig. 40/p. 43). In the larger settlements, the combination of various compartments of the same family, could be scattered in different buildings throughout the hamlet, sometimes several metres apart. The smaller dwellings had a very basic level of specialisation, consistent with the designations they acquired. In the larger of the farmers' houses, the specialisation of the various spaces was obviously much more relevant in the divisions of the home, the storage spaces and annexe facilities. Until the beginning of the last century, the combination of this high number of spaces resulted in one or two large groups of buildings, with extensive pitched roof and no natural light in some of the rooms. (figs. 19, 20/p. 27).

This kind of house organisation is also very important in the town of Mértola. Some of the buildings here are very similar to the ones found on the rural areas. An example of this is the elevated area inside the town walls (fig. 22/p. 28, 24/p. 29). These buildings aggregate a significant number of cells (many of which had no natural light), combined into a more or less irregular perimeter and enclosed by streets on all sides. This meant that sometimes there was no free space to be used as an inner courtyard, which was traditionally found in many cities. As we will see further on, this was the basic house model found in Mértola's urban area, up until the late nineteenth century. Evidently, here, the annexes used for farming and livestock gradually lost the place they held in the rural areas.

A process of enlargement and increased building height, particularly in the lower areas inside the walls, would transform the appearance of the buildings in the town. In the simpler cases, a loft space was built above one of the house's cells only, and was accessible from a (steep) wooden ladder or, more rarely, a stone one. Frequently, the second floor would extend itself to the entire floor area of the building, initially by the addition of roof space to the basic combination of exterior house and interior one (as above described for the single-storey house). The two-storey house evolved into various forms until it culminated eventually in the double-fronted house (fig. 23/p. 28). In other cases, however, it could also integrate an extra floor, the attic. It should be noted here that these different houses, while differently formed, maintained however some of the features of the simpler developments. There was a indoor straight flight of stairs of stone masonry, perpendicular to the main façade, and, in many cases, leaning against one of the longitudinal walls. The surface of the upper floor was larger than the ground floor, due to its traditional implementation on steep slopes, and integrated in many cases a visible shale rock to the rear of the ground floor rooms (fig. 25/p. 30).

The various uses of the spaces repeated trends found in other old town centres. The upper level was the main floor of the house while

the ground floor housed the commercial and warehouses spaces, underlining the specific character of town architecture in comparison to rural settlements. The multi-storey house kept a characteristic organisation by juxtaposing different spaces enclosed by load-bearing walls – as we had also observed previously for the single-storey house – with the occasional inclusion, until the second half of the nineteenth century, of partitioning walls. At the ground floor level, this solution led to the frequent integration of archways on the load-bearing walls inside the cell, in order to maximize the spaces in the warehouse (fig. 26/p. 30). The two-storey houses, just like the previously mentioned single-story houses, were flexible enough to combine different cells, by absorbing and dividing the contiguous rooms, which is visible in the many infilled doors.

The most important rooms in the house kept their location on the main façade, by the use of balconies and their orientation to the east (living room, dining room, master bedrooms). The kitchen is positioned at the back of the building, and, in many cases, connected to the yard when this existed, in a similar fashion to the cases already studied for the different regional subunits of the Algarve. Some homes included the characteristically prominent volume of a chimney next to the front door, on the main façade, recalling the morphology of many of the streets of the settlements in the northern most part of Alentejo. This solution combines, in Mértola far less frequently, the entrance house with the kitchen, and was found in buildings of one or two floors (in some cases already gone, fig. 27/p. 31) in the areas of the town within the walls and in the Arrabalde da Vila. Chimneys were very popular in the nineteenth century, as captured by the photograph from the transition of nineteenth to the twentieth century (fig. 71/pp. 74–75). The rectangular base chimney with tiled grid triangle was the most used at the time, even if, square based, circular, decorated or balloon chimneys also existed.

The main walls of traditional town buildings are primarily made of rammed-earth overlapped with shale masonry, which in the areas of steep slopes became a retaining wall in the rear and side façades. The basic solution for the roof includes the integration of rafters towards the direction of the roof, supported on main and back facades, and on the main walls parallel to those inside the building. On these rafters was applied a reed mat where the traditional tiles were layered. As had happened in the rural areas, the combination of various mono-pitched roofs makes up the coverage of these buildings and becomes the most common solution in the town centre. But here, however, it is also possible to identify a plurality of timber systems for coverage related to the transformation process of this architecture over time.

Despite the town's early modern period representation, contained in *Livro das Fortalezas* (fig. 86/pp. 98–99), suggesting that the gabled roof with ridge beam was also important, the truth is, it lost its significance throughout history due to the densification process referred to above. Other solutions emerged in the town, which were absent or vir-

tually absent in the countryside. In narrower plots and in buildings consisting of various compartments aligned in depth, the rafters will often be fixed on the main ridges supported on the sidewalls of the buildings.

In some other cases, the prevailing mono-pitched roofs will be replaced in one of the house's divisions by a small tiled roof terrace, in a double row based on rafters (fig. 30/p. 33). More rarely, hipped roofs could be found, and were since the sixteenth century, the preferred option of major urban centres of the Algarve (Tavira, Faro, Lagos), later spreading to the rural areas and the smaller towns (as Castro Marim, located further south, on the Guadiana). In Mértola, this solution, which was occasionally found in domestic architecture (fig. 128/p. 121), became very important in the set of multiple hipped roofs of the convent of São Francisco (fig. 71; pp. 74–75).

This initial characterisation of the traditional architecture of Mértola, which contrasts town architecture to the outskirts, privileges some themes over others. Behind the unassuming appearance of the built settlements, a variety of solutions is concealed. These do not fit in with a general description, but relate to various individual changes. These idiosyncratic solutions can only be analysed by considering additionally the connections to place and landscape, on the one hand, and spatial dimensions and historical factors on the other. That is what we will do in the second part of this catalogue.

A ROOM IN THE HOUSE: A FILMED ETHNOGRAPHY OF LIVING

CATARINA ALVES COSTA

The documentary made for the project "*Traditional architecture in Mértola's old town and its territory*" was shot during the spring of 2015. The preparation and field work spanned February and March, and in April we started filming with a team of four: camera operator, sound operator, production assistant, director. Beyond the town of Mértola, we filmed in various locations, the hamlets, like Corte da Velha, Amendoeira da Serra, Manuel Galo, Alcaria dos Javazes, Mosteiro, Miguenzes, Espírito Santo, Zambujal, Namorados, Morena, Ledo, Alcaria Ruiva, Corte de Gafo de Cima, Alcaria dos Javases, among others (figs. 31–35/pp. 36–37). This documentary is a journey through Mértola county in which the buildings and their interiors, especially the domestic habitat, are a pretext for the expression and the memory of its uses attached to Southern Portuguese culture and the Mediterranean way of life.

In the book *Arquitetura tradicional portuguesa*, researchers from the Ethnology Studies Centre, working on these thematics from the late 1950s, argued that rural housing should not be viewed and studied simply from the point of view of the materials and construction techniques used. The purpose of this research was not the analysis of the exterior buildings forms, but what they designated as

the interior plan, that is, the analysis of the “relations that are in them established between men, livestock and things” (Oliveira and Galhano 1992: 13). These ethnologists sought the affinity between men and the environment. They sought to establish a house classification from both the recurrences and regional variants, and by unpicking the more primitive and rudimentary aspects. This research sought essentially to define housing categories according to their function and relationship to nature and people, framing the evolutionary process of the so called “elementary house, primitive” by “more complex and differentiated” forms (1992: 23).

Inspired by the work of these ethnologists, we believed our study of Mértola would benefit from an ethnographic and documentary film approach. A documentary film could make visible the architectural aspects that tend to be overshadowed, such as the feeling of a place, the light and sounds associated with things built, but also the discourses of what is, and what is not, the memory of the life that has been consolidating and changing what was there first.

For this documentary we decided to show the contemporary value of the old houses: instead of looking for the “traditional” uses, we focused on the appropriations, renovations but also the endurance of certain aspects that invite the idea of a “mummification” process applied to the house. Aspects preserved include the original frieze inside the living room, some furniture, the glass case. Additionally, the habit of whitewashing the exterior of the house survived even when the inside of a building was ruined or not used, as with many of the abandoned bread ovens, testimonies to the value of wheat as a staple food of southern Portugal. In one scene of the documentary, two old sisters who live on *Monte dos Namorados* say that “the poor have not let anything fall”, claiming there is a concern for the maintenance of the buildings that has nothing to do with an economic investment. It was instead of the order of the symbolic, of what will be forever there, bricks and mortar.

This project, in which the documentary team worked in collaboration with the team of architects, incorporated questions, the voice that asks and seeks ways of relationship between house and memory, between the present and the past evoked in the houses, the tavern or the oven. The past appears in all the testimonies of those with whom we spoke, represented in a nostalgic and wistful way, as a time of harmony but also as a miserable time, “it was all so different”, there was the *arramada da burra*, “we did the fire in the middle of the house” and simultaneously “we all lived in harmony”. In short, as stated by Anaísa “people were friendlier, purer”. The domestic space thus appeared often associated with this idea of balance and harmony. In a society where temporary farming work led to much time spent on the fields, it was said that “people did not go out, it was all done at home”. It should be noted here, however, that the very concept of house was used interchangeably with compartment, that is, there were the fire in the middle house, the outside house, and the other divisions, which

speak of the functionality of the rooms and that were overlapped and mixed up in the film with feelings. The room where the cattle slept overnight appears linked to the idea of treating the animals well, and that, when they were sick, they would be “covered with a blanket” and “fed toast with olive oil”.

The so-called traditional architecture in the film does not refer so much to the building techniques, but rather to something akin to intangible heritage, a concept which has been crafted today by regional authorities. The house is characterised by the diversity of shapes, objects, and scales of observation, that is, from the heterogeneity of its constitutive elements, from the modes of living to the natural objects, designated and dominated by men. More than knowledge, techniques, tools, ways of doing and materials, we worked from the “social imaginary” (cf. Ribeiro 2008: 15). In this perspective, however, a nostalgic and idyllic vision of the past is once more emphasised, the idea of an “architecture with roots”, closely linked to “nature” and “tradition”, “extension of the landscape”, symbolic, and deeply rooted in the territory (Ribeiro, 2008: 16). Trying not to objectify architecture, this documentary ends up focusing on the memories associated with the buildings, on the way they were and are now experienced, and on their connections to farming, ritual and family.

In the film, we began with the arrival to the town on the river Guadiana in a timeless image, but which also included the swift movements of a canoeing boat. We got to our first home, Antonia’s, which seemed to have kept intact the house she inherited after many years of work as a maid. Breaking the silence when inside, she says “we did not change anything in the house,” “We did not mess with it.” She will tell us about the lives of those who lived along the river, about the floods, about never having gone to school – “my father wasn’t interested.” We feel that the space inside is a deposit of memories and objects associated with them, because of this, next to the modern stove, stands the old one, whitewashed and treated, preserved. The silence of the interior and the light filtered through the curtains set the scene for a place of intimacy. The well-known “casa cor-de-rosa” [Pink House] in Mértola, where no one longer lives, is revisited by the old service maid, who lived there since the age of 13. The house of Dr. Gomes is remembered as if the furniture was still there. The house had “such a beautiful bed,” “I can’t explain that bed, we were even afraid of cleaning it.” Here, the places of the house objects evoked like they were ghosts: the bed, the dresser, the zinc bath, and the function of each room is also remembered.

The film proceeds with a trip inland, leaving the town towards the countryside. We left Mértola with the bread van, connection and contact with the outside world. The baker is taking the birthday cake with *Star Wars* lettering to a child, who looks forward to it no doubt. But this journey is also a pretext to show the surrounding landscape. The voiceover speaks of the past, a father who sold dishes brought over from Beja across the rural settlements. Back home, the daughter,

now elderly and focused on maintaining the house and its past, show us the “frieze” with china, bowls and dishes that are kept and decorate the walls – “nothing was thought through,” she says. The outside space, the vegetable garden, is evoked by the herbs brought in for cooking lunch.

Men get together to have a “drink or two” in a grocery store and talk of emigration. Two men are sitting, one of them who had “lived in Hamburg,” had “bad jobs, always,” “worked ashore in boats, materials, rubber” “I put up with it” from 1971 to 2011, “the years that I was there”. They remember the trade on the vans that seem to be a contemporary link between the *montes*. In them you can find everything – grocery, butcher, fishmonger, clothing and shoes – and there is also the post office, the vet, the services that keep coming. We move on to another hill, which “looked like a village” to the memories of dancing, local musicians, the life that existed. A woman shows us a photograph of her marriage, tells us “how I met my husband,” and laughs, “another tragedy.” Aspects of architecture come up in conversation, focusing on the moments when a new room was built, a house, when life got better. One conversation addresses the roof of reeds, explaining that the “fire burns well and the smoke comes out well.” We ask about what is there now, what is gone and what remained. Sometimes there is a single thing reminding them of their past life, holding the memories of the house, “the showcase, my mother didn’t throw it away, it was my grandmother’s.” This documentary also talked to the children of a rich farmer, whose grandfather had 2000 hectares of land. The house was probably a support to the harvesters, a functional house, for the foreman, the overseers, and those who “kneaded the bread,” who “guided”. A large table where there was always food. The safe, the embroidered linen curtains, the decorative objects make it feel different from the previous houses.

In order for the present to retain some continuity with the rural past, we filmed a young farmer born in Amendoeira, where he returns every day, coming from the nearby hamlet, to take care of the land and the animals. In a scene which aims to show a discontinuity between the idea of leaving, emigrating, and staying in the homeland, this man says “we got used to it, this is where we come from”, noting that “even if we were to leave, we would want to come back”. Two neighbours, Anaísa and Catarina, in Corte da Velha, sow and chat sitting at home, and comment, about the house where they had lived: “oh, my dear, it was a dirt floor, but only in part, the fire was in the middle of the house”, “but now we have a good house,” and, once again, idealising the past, they remember that not everything was bad, “but we were young and beautiful then”.

More than a strict record, this film aims to incorporate the ambiguity of the dialogues and practices, their contradictions, unveiling negotiations and formulations often linked more to social imagination than to reality. This is the distinction that David MacDougall (1978) points out between the illustrative film, where the image is used as

information to be elucidated by a text or an expository speech, and the revealing film, a modality, which deliberately introduces the interviewees own words in a film which is self-contained. In the first case the film is mostly designed as a recognition activity, as the means, which serves, first and foremost, to inform and educate. The second type of film is an act of discovery that surpasses illustrative purposes. At the end of our film, the landscape relocates the viewer in a geography that is also a metaphor for the experience of our characters. The positive emphasis on the house, as the place that remains, that cannot be destroyed, ends up coinciding, in the final shot, with the large tree where several families of storks made their nests.

THE ESTATE AND THE HAMLET IN ALMOINHA VELHA

MIGUEL REIMÃO COSTA

MARIA RAMALHO

MARIA FÁTIMA PALMA

MARTA SANTOS

JOSÉ LIMA

ANA COSTA ROSADO

The estate of Almoinha Velha is located in a peneplain zone near the southern strip border with the Serra do Algarve. In this geographical subunit, Almoinha Velha typifies traditional large property farming by combining cereal crop plantation with the rearing of animals. The farm was organised into multiple plots punctuated by characteristic round-shaped animal enclosures, as well as, the allocation of a considerable part of the property for lease to the harvesters of the surrounding villages (which later paid a proportion of what they harvested to the land owner) (fig. 36/p. 40).

One of the most interesting aspects of this great estate is its considerably sized vegetable garden, which must have given the settlement its name (fig. 37/p. 41). This garden is bounded by a shale brick wall, near to one of Guadiana’s effluents, *Barranco do Azeite*, located 7km east of the river. The irrigation system was ensured by four wells, with the tank placed on the highest point. A smaller vegetable garden, which was separate and downstream, had a fifth well. Water was used for irrigation by employing a traditional water wheel with a short axis bucket, still preserved today, in the two east wells, which lean against the boundary wall of the plot. There should have been a third water wheel in the western well, but this was converted in 1967 into a public well (as indicated by the circular section of wall and in its relation to the two tanks downstream). Of these sets of water wheels, the furthest north is particularly important. It is located near the garden access, when coming from the *Monte do Lavrador*, and it was the last one to be rebuilt on the first half of the last century (figs. 38, 39/p. 41). The connection of the water wheel to the tank (which here is much higher than the others, over 7 metres length) is enclosed by the

garden wall and the former gardener's dwelling (made of an exterior house and a hearth house/kitchen), and which was inhabited until the end of the third quarter of the last century.

The built settlement of Almoinha Velha occupies a central position within the estate. The section of the new road EN [A Road] 122 between Vila Real de Santo António and Mértola, fully completed in 1947 only, emphasised the organisation of the hill in two distinct centres located on each side of the old walled allotment: Monte Velho is on the west, occupying a hillock overlooking the garden, and on the north, taking in two flattened areas of the same ridge, is the group of buildings that belonged to the farmer, dating from the 20th century (fig. 36).

THE OLD SETTLEMENT OF ALMOINHA VELHA

A small path verging from the road leads to *monte velho* da Almoinha, an old settlement of buildings, now virtually deserted, but not surprisingly so, considering this is just another empty cluster of buildings in an increasingly depopulated territory. Despite its desertification, this settlement abounds in patterns of different spatial organizations, different materials and construction techniques and, as we shall see, constitutes a rich example of historical-constructive development. *Monte Velho* combines two distinct organisations, visible in the settlement plan (fig. 40/p. 43): one set of larger buildings where more than two dozen rooms are joined together; and five smaller buildings scattered around them, made up of several sizable barns and cowsheds, and one small house. These two different organisations can be explained using a chronological framework. The larger unit is the most intricate construction of the old settlement. It integrates pre-existing structures from at least the early modern period, and was consolidated during the *Ancien Régime*.

Almoinha Velha is already referred to by this name in 1594, in *Tombo das Propriedades da Alcaidaria-mor e da Comenda de Mértola*, when (together with Bombeira, Montouto and Moinho de Vento) the estate in the outskirts of Mértola that belonged to the Order of Santiago was defined (Barros et al, 1996: 462). At least part of the 10 houses listed in the 1758 book *Memórias Paroquiais* (Boiça & Barros, 1995) must have been located in this settlement. The same could be said of the 10 residences enrolled in *Livro da Décima* de 1765 (AMM, 1765/1834: 615V-618V), as even then, several harvesters worked in the settlement located in Almoinha Velha, in a similar situation to today. This document confirms, moreover, the complementary nature between the rain-fed and the irrigated crops (associated, among others, to the designated large allotment cultivated in several plots), and the herds of goats and sheep. The area around the hill was limited by a shale and mud wall and by fences that divided the gardens from the goats' pens.

The main building in this hamlet combines more than twenty cells. It is characterised by a morphology which results, firstly, in quite an

irregular floorplan and perimeter, and secondly, in constancy of the gabled roofs (figs. 41-43/pp. 44-45). This morphology confirms an evolutionary process of construction, structured by centrally aligned gabled constructions with ridge beam, to which cells with mono-pitched roofs would later be added, prolonging the original roof slopes. This is a characteristic solution of the central areas of several of the county's rural settlements, and similar to those already studied in Serra do Caldeirão (Costa, 2014).

In this borderline area between the Algarve and the Alentejo, in many cases, these central alignments corresponded to a process of foundation or relocation of a settlement tied to an area of rich natural resources and specific farming potential. In this case, the alignment of central ridge beam houses present two particular features: a building in rammed earth, on the southeast limit, which is dated at least from the early modern period (which was later divided into several spaces); and, next to it, a larger house with two large arches which have replaced the cross walls.

In the third quarter of the last century, this settlement belonged to six different people and was organised into five homes and several annexes belonging to the farmer who owned the estate. These dwellings in their most basic form were formed by an outside house and a hearth house, to which a room or a separate bread oven could be added, limiting the space around the house. Only one of the cases still had the barn and cowshed typical of a harvester home (fig. 40).

HISTORICAL AND CONSTRUCTIVE TRAJECTORY BASED ON ARCHITECTURAL ARCHAEOLOGY

Although it is not usual for the field of vernacular architecture to include contributions from architectural archaeology, we believe that through them it may be possible for studies on built heritage to reach a higher level of analysis. In fact, one of the first conclusions to be drawn from the spaces of Almoinha Velha is that they reveal a complex trajectory made up of refurbishment, reuse and demolition but that nonetheless left some evidences throughout this journey that it is important to consider.

Instead of what is common to observe in studies of this nature, this is a settlement composed by a cluster of multiple cells where the "absent presence" of the families who had settled here is very strongly felt. Using accessible construction materials, these families adapted these spaces to their practical needs, strongly connected to the everyday work on the fields. By studying these spaces, we will contribute to a better understanding of the social and economic contexts of the communities that occupied them for centuries.

Regarding the case-study of Almoinha Velha, the approach chosen from the field of Archaeology of Architecture, will initially rely on the study of the surrounding territory, the research of its history, and the detailed analysis of the materials and construction techniques applied. In addition to all of this, and somehow in contrast to more

traditional research methods, a systematic and in depth approach will be also privileged. In the second stage of our research work, we will apply a stratigraphic method to the study of the building, that is, the same method used for archaeological excavations, only this time applied to above ground level. This approach understands buildings as resulting from cumulative processes of construction and demolition (natural or intentional), spanning centuries, rather than as static models, characteristic of a certain historical period, style, or building method.

This type of study requires exact graphics and photographs of the built settlement, registering each interior and exterior elevation and corresponding roofs, so that, on the basis of these, a stratigraphic analysis can be completed. For Almoinha Velha, we carried out an exhaustive photographic survey and, in the areas where this was not possible, graphic records. It was using these photographic and graphic records that the individual Stratigraphic Units (SU) were defined. For this, we registered the minimum constructive units present in the wall (fig. 44/p. 47), such as types of masonry, coatings, openings, decorative details, etc., in addition, to taking into account the dividing lines that marked the demolition of pre-existing partitioning walls.

Just as with other studies of more recent buildings, a major difficulty that emerged when carrying out the stratigraphic analysis of Almoinha Velha was the relatively good condition of the renders and plasters' coatings, which prevented the observation of the type of masonry used and the analysis of the relationships established between the different walls. Removing the plaster can get around this, but has to be very carefully done so as to not jeopardise the wall structure, and ensure that what is removed is accurately registered (analysis of the components present in the coatings and the various layers of whitewash or other type of finishing). Thus, the evolutionary process of a particular building or set of buildings can be reconstructed through the individual SU, and the analysis of the relationships they establish with one another (contemporary or later).

CONSTRUCTION TECHNIQUES AND MATERIALS

One of the key aspects to consider in the history of a building is the study of its construction techniques and existing materials (whether original or added later). A more detailed analyses of components, including geological, physical and chemical testing, is also helpful for the identification of the main building materials. It is also particularly important for this research to establish types (doors, masonry, coatings etc.) as well as the identification of the building's pathologies and the effects of this degradation on the existing materials. Architectural Archaeology does not, therefore, work in isolation. It contributes to a field where different perspectives or disciplines come together, such as historical research and the observation and analysis of construction processes and materials.

For our first observations of Monte Velho da Almoinha, we focused mainly on the analysis of the exterior elevations and some of the interior ones. We identified here a quadrangular building with two opposing doors (facing northeast and southwest), and a window (SW), in the central alignment of the composition. Unlike the other buildings built in stone masonry, this was entirely built of rammed-earth, in which was also possible to observe some fragments of lime plaster and sand, now in a bad condition. This rectangular shaped building with northwest-southeast direction had been heavily modified over the years.

Despite their many alterations (infilled or partially demolished), the original openings were built using similar materials, in this particular case, solid brick subsequently plastered with fine and well smoothed mortar, mixed together with dark yellow ochre pigment. On the southeast wall of this building, there is a pointed arch window with bevelled edges (fig. 45/p. 49), corresponding to one of the original openings. Next to this window, on the same wall, there is a door that, although significantly changed, is morphologically and chronologically identical, probably dating from the late Gothic period - the last quarter of the fifteenth century.

After slightly crumbling the opposite wall plaster we discovered another door, this one featuring a segmented bevelled arch (fig. 46/p. 50). Because of its stylistic features, this door was probably opened a bit later. Considering the described architectonic elements and implantation zone of this building, we can conclude there was a clear intention to promote the aesthetics of this building, although the reasons that lead to these are unknown. Interesting research hypotheses were opened when the most probable first building of the settlement, "the true heart of Almoinha", was identified, together with the surveying of the architectural and archaeological aspects of surrounding edifices.

This most probable first building is surrounded by other constructions that have walls built with shale stone and greywacke masonry, laid using earth mortars, and mostly covered on the outside by lime and sand renders, with a whitewash finish, and sometimes an earth-lime whitewashed rendering (fig. 47/p. 51). In most rooms earthen plasters were used for the internal coating, making this settlement relatively unique in the region's present landscape, as this a particularly short-lived construction material. Some of this earthen plasters coatings present a particularly complex construction method, taking into account the time and setting of these buildings.

The first stage of our building surveys identified simpler coating solutions, of a single layer of smoothed whitewashed earth plastering, as well as more complex solutions including two or three layers of different kinds of earthen plaster with different compositions (fig. 48/p. 52). Here the internal earthen plaster layers present coarse aggregates and have mostly the goal of levelling the stone wall masonry, while the final earthen plaster layer presents fine aggre-

gates and acts mostly as a base finishing layer, which in some areas is painted with shale clay paint before being whitewashed and occasionally coloured. This more complex construction method is typical of render and plaster made with mineral binders, like lime and sand plasters, which due to its intrinsic properties allow more complex solutions, such as the ones found in the *Monte do Lavrador* settlement part of the same estate. Typically earthen plasters present simpler construction solutions, in one hand due to its raw material constraints, and in other hand, because they were used mostly for secondary rooms or by communities with scarce resources. Therefore the predominant presence of the earth plasters and its elaborated solutions can be considered of utmost relevance in the old settlement of Almoinha Velha.

In addition to the previously mentioned openings with bevelled corners, it is also important to consider the other types of doors and windows, which are typically found in vernacular architecture of the rural settlements of Mértola. Some of these simpler door openings have no stone jamb reveal. They connect or give access to the land or barns and sometimes to the storage spaces. Here, the door jamb is made of stones alternatively locked in transversal and longitudinal wall directions. For the fixing of wooden doors to openings with no stone jamb reveal, two hinges are used, normally made of holm oak, which are embedded between the wooden lintels and the stone sill on the opening, and in this case it may also gyrate in a circular hole made onto the stone. This was the common solution used in the big opening at the entrance of the barns that allowed for the hay to be stored inside.

Less availability of elongated stone, called frequently "blue stone", meant that these lintels were less used on the door surround, as happened here in Monte Velho. When blue stone was available, it was applied to the exterior part of the door lintel and in some cases combined with different wooden poles. They would define the folding edge that on the door jamb could be made using stone or brick or tile masonry, or sometimes a combination of all three. Shale or greywacke stones vertically laid on the doorjamb were very rarely used here. There are almost no windows, which is a characteristic of the single-storey buildings of the older hamlets where the traditional door, with a wicket opening, was more commonly used. The few existing windows in this settlement are originated from conversions of pre-existing doors. The only exception to this is a window featuring a tiled flat arch, built when the top southeast façade was renovated.

THE FARMER'S NEW HOUSE

As happened in many other cases, the model of estate exploitation changed significantly with the alterations to the land system that were promoted by Liberalism. In relation to the settlements, these changes resulted in the farmer's house, estate owner and resident, located just over a hundred metres to the north of the old hamlet. Its

morphology and organisation is identical to the settlements located in the Lower Alentejo and in the Serra do Algarve. The farmer's house was organised along the alignment of the hall/kitchen, arranged in the direction of depth, which allowed access to the other connecting spaces in three rows of rooms (fig. 49/p. 53). Southeast was the privileged orientation, facing an open yard, bordered on the opposite quadrant by the house oven, to which were later added other constructions. The importance of this area is identifiable, not only by the symmetry of the main façade (with the characteristic composition window/door/window), but also by the inclusion of decorative elements on the façade using plasterwork and sgraffito (wall-corners, wall socles, mouldings and doorframes) in both the main building and the oven house.

The back exterior space, northwest of the main building, was mostly used for storage and support for agricultural and animal farming activities, comprising a porch (with roof supports in masonry and timber). The various changes to this settlement make it difficult to accurately draw the subdivision the dedicated dwelling space, converted in the meantime into a single large cowshed. The owner of this house also had a significant number of barns and cowsheds, scattered around the old hamlet, which shared the morphology and scale characteristics of buildings in the region's other big farming buildings (figs. 40, 41).

The house organisation, as previously described, resulted from multiple work campaigns, but possibly these buildings originated from existing *Ancien Régime* constructions. The polygon formed by the wings of the intermediate and posterior rooms of the current building, covered by a gabled roof, should date from the beginning of the second half of the nineteenth century. The expansion of this settlement probably led to the construction of the rooms on the southeast wing, probably around the year 1900, which is the date inscribed on one of the walls of the building. Because of the new rooms and the extension of the existing roof, the ceilings of the original construction were raised, as verifiable by the existing joints in the masonry. The significant increase in ceiling height allowed for a second floor compartment that was used as a bedroom, on the intermediate wing along the southeast façade. At a later stage, a new section was added on the side façade facing northeast to communicate directly with one of the rooms of the house.

This built settlement would later change its purpose from living to working buildings (storage spaces, barns, stable/cowshed, forges), when a new house was commissioned by Manuel da Silva Rodrigues Palma (son of José Rodrigues Palma, the property owner), at the end of the 1930s, to head masons from the Lower Algarve area. The choice of location for the new built was to the northeast of the previous house, along the same ridgeline, so it could benefit from the highest gradient. It is an L-shaped building, made up of two adjoining units with distinct typologies, and which therefore reflect different construction

and organisation processes (fig. 50/p. 55). The new Almoinha house would become a model for the organisation of the floorplan and for the construction processes used by other farmhouses, built later on by other family members. This was the case for the rural settlements located in Moinhos de Vento or Moinhos de Corvos.

The western part of the building is the section with privileged use and ornamentation. Here were located the fundamental social spaces, such as the dining room (watch out for the distinction between the dining room and the everyday dining room) or the bishop bedroom. Apart from the important decorative motifs, to which we will return later, this building establishes the position of the hall as the distribution space, from the main access to the house itself, and is shaped here as a T (figs. 50, 51/p. 56). The *building*, with an orientation south-west/northeast, had reinforced concrete slabs on the exterior walls of masonry shale and was internally divided by partitioning walls.

The eastern section repeats the region's typical dwelling organisation, from the second half of the nineteenth century onwards. It overlaps the longitudinal load-bearing walls (which support the roof beams) and the slight transverse walls, partitions or adobes (which subdivide the space). Here can be found the service spaces, barns and storage houses, maintaining the traditional link between rooms without a corridor. The large kitchen connects the western and eastern section, and benefits from the proximity to the yard with a cistern (enclosed by both buildings and the space for car storage). The organisation of these different uses, is reflected on the exterior spaces, from the contrast between the backyard (cobblestoned, and used for the everyday), to the southeast, and the space of the main entrance of the house, to the northwest (figs. 52/p. 57, 53/p. 57).

COMPOSITION AND DECORATION OF THE NEW HOUSE

Symbols for the central status of the main body in the new building can be found in the exterior and interior spaces, through the combination of *scagliola* with geometric motifs and Art Deco design. The decoration concept emphasises the verticality of the windows, prolonging them in height until they reach the *platband* (element associated with the terrace roof). The main façade, facing northwest, has six windows in symmetrical positions to the door that gives access to the central corridor (fig. 52). The opposite façade has three windows and accentuated ornamentation on the space where the fourth window would have been located emphasising the false symmetry of the façade (fig. 53). There is no continuity to the axis of the northwest façade door, yet it inspires the access door to the building via the office, revealing aspects of the internal organisation of the domestic space in the house. This house has an unusual architectural language in the context of the rural hamlets of the region. Its differential features include the prominent plinth, the crowning of the building with projecting plaster elements and expressive grooves, the corners cut with patterned motifs, the framing of the openings with imported

limestone stonework and the decorative paint applied across the coating simulating ornamental stone.

The coating of the decorative painting used for the simulation of stone effect, locally known as *escaiola* (derived from the Italian *scagliola*), is in very good condition (fig. 51). This is one of a set of coating techniques that simulate stone lining such as marble and natural stone. They are coating techniques which depend on the specific application and type of the desired finish. Overall, they require a first coating of hydrated lime putty, plaster (only when applied inside) and aggregates carefully selected for their polished finish (such as silica powder or other finely crushed stones), onto which *fresco* paintings would be applied over freshly-laid render layer (fig. 54/p. 59). For finishing and polishing, the surface was burnished (polished), and depending on the intended application, soap, waxes or resins were used.

In Monte de Lavrador da Almoinha colour is used purposefully and aesthetically to reinforce the differentiation of the construction materials employed. Shades of green and ochre are used along the entire façade, grey is used for the bases, the corners and channels of the cornice, and occasional ochre red marks applied to the cornice and its differentiation on the façade apex. Inside the building, the walls are coated with the technique of simulation a marble stone, differentiating social areas, such as the small sitting room and to the everyday dining room and the two distribution corridors, with decorative painting simulating ornamental stone and stucco gloss finish which gives it an extreme semi-gloss polished effect. In other divisions, such as the bedrooms, the phone house and the toilet room, all the surfaces are stuccoed, differentiated by geometric motifs, tinted in ochre, pink, blue, and finished with sanded matte. The chromatic choices of the *escaiola* coatings show a careful decorative painting technique, varying the colours and size of the veins and sponged patterns, controlling the progressive contrast between the background base colour and the simulation one, blurring spots and enhancing contours, and guaranteeing the various scales of observation and pretence. The design of the stereotomy uses coal on the surface of a *fresco*, which is then enhanced with a brush in dark grey, redefining contours and edges. The ceilings are plastered and have embossed ornamentation in the centres of the chamber, using geometric or floral motifs. Only in the small sitting room, the ceiling appears embossed with a human figure, illustrating its socialising function.

In addition to the main body of the building, it is important to consider two complementary buildings, arranged in the second block, at a right angle in relation to the first. This second body is more sober than the first, featuring whitewashed walls, where the only two pilasters and corner are decorated in relief with minor reliefs. The finishing of the tiled roof is formalised through a small ledge with a little projecting cornice. Access to this part of the dwelling is done through the outside house, which is decorated with plaster in the interior. From

there can be accessed the kitchen area, and the sowing house (old barn), the only section entirely whitewashed in ochre red.

These decorative and coating arts, such as the indoor *scagliolas* and the outdoor mural paintings, the interior plaster and the plasterwork and relief ornaments outside, required special commissioning of *scagliola* masters, simulation painters and skilled plasterers. This one-off commission was reserved to the richer patrons or linked to the financial availability of a good crop year. Some of the buildings that hold these architectural coatings in a rural context, in particular in the Algarve region, are similar ones located in urban settings. Although later, they resumed thus the constructive models and the aesthetic languages used by the architecture of the nearing towns and villages, and clearly differentiate the settlements that belonged to the farmer from the other rural buildings, even though some were wealthier than others.

THE URBAN DESIGN OF THE TOWN AND SUBURBS

MIGUEL REIMÃO COSTA

ANA COSTA ROSADO

The urban fabric of Mértola results from a long process of place building that can only be interpreted considering the different expressions of continuity and discontinuity, and the various stages that mark its history. In this context, the preponderant biophysical traits are decisive, not just for scaling the surrounding landscape, but also for the urban forms. Biophysical traits considered include: the importance of the river and the level of the Oeiras tributary near its navigability limit; the harbour and the implementation of land and sea routes; the flood levels and the flood recurrence interval; the orography and well-defined areas of agricultural potential (fig. 55/p. 62).

It is according to the particular characteristics of this territory, and the historic process of its transformation, that the village has acquired a significant diversity within the urban fabric and its vernacular architecture. The different units that can be defined within the traditional urban perimeter acquire, as a result of this process, a cultural dimension. The town's resident community redraws from memory different areas, considering mainly aspects of social nature and identity.

Within the town inside the walls, there are two types of areas, the lower level areas, typically richer and displaying more complex morphologies and architectural typologies, and the higher level areas which mostly have smaller basic housing. Outside the walls, the specific characteristics of the different suburbs – Arrabalde da Vila [the town's suburb] to the north, *Arrabalde de Além do Rio* [Beyond the River suburb] on the left bank of the Guadiana, and the Ribeira [Riverside suburb] and the settlement of *Além de Oeiras* [beyond Oeiras stream suburb], reflect, among other criteria, different relationships between the settlement, the landscape and the outskirts.

THE TOWN INSIDE THE WALLS

The occupation of the town's hill is delimited historically by a conglomerate of walls re-enacting the dividing line between the more pronounced slopes and the ones located on the upper level. None withstanding, even within the walls, the difference in elevation is significant, illustrated by a pronounced drop in the streets that run lengthwise, and particularly in the connecting streets that have, in some cases, flights of stairs adjoining various levels (figs. 56, 57/p. 63). If we consider, for example, the design of the cross section of the town square, we will go from a gradient 26 to a 64 over a distance of about 100 metres in the town plan (fig. 58/p. 64). This means the corresponding longitudinal roads are significantly close, distancing between 8 and 16 metres in the town plan (and often they overcome a difference in gradient of between 5 and 10 metres). Because of this, the typical neighbourhood here does not have houses back to back, they are fronted on to the street (fig. 59/p. 64).

Dating from the end of the first decade of the 1500s and prepared by D. Manuel's request, *Livro das Fortalezas de D. Duarte d'Armas* [Book of Fortresses by Duarte d'Armas] includes a representation of Mértola, which is relevant for the characterisation of the town in the early modern period. This work has been mostly used for the study of the town's defensive systems or grand buildings, rather than to characterise the built infrastructure and, especially, the road structure. In the specific case of Mértola, *Livro das Fortalezas* is critical, not only for the study of the ancient mosque and parish church, of the castle and the town wall (Gómez Martínez 2014), but also to characterise the urban fabric inside the walls. This quality is especially evident in the elaborate design of the east (fig. 86/pp. 98-99) that is, in our view, built from the reading and representation of the road structure, and corresponds largely to the morphology that survived today. The reason for this being, that in its making, it benefitted not only from a high viewpoint, on the other side of the Guadiana, but from the traits inherent to the settlement. The settlement was arranged on different levels because it was placed on steep slopes, which made the several longitudinal roads that make the urban structure more visible (fig. 59/p. 64).

From the representation of the doors on the façades – and considering simultaneously a picture, dating from the early 20th century, which is close to that representation – it is possible to propose a hypothesis for the reconstruction of the urban fabric based upon the shape of the existing longitudinal lanes (fig. 60/p. 65, 71/pp. 74-75) (rua dos Combatentes da Grande Guerra, rua D. Sancho II, rua de Nossa Senhora da Conceição, rua Dr. Manuel Francisco Gomes, rua da Igreja and rua Elias Garcia). The supremacy of these lanes for the organisation of the urban fabric is emphasised by the breaks in the alignment of the connecting roads when linking the various levels. This reconstitution hypothesis does not explain however either the outline of the connecting streets nor the existing widening spaces,

such as the one close to Porta [Gate] da Ribeira and to the Misericórdia's Church. Similarly, the representation of the urban fabric in the southwestern limit of the area inside the walls was also less precise in the sixteenth century document, where the representation refers to a flatter topographical area.

The town inside the walls included some of the characteristic themes of medieval urbanism of the post-Reconquista period, which are typical of border towns. Here, however, they are deeply marked by the town's particular circumstances, not only in relation to the characteristics of the site, but also by the inclusion of structures built prior to this period. These include, the consolidation and transformation of the pre-existing defensive system, from the start of the Romanisation period onwards; the organisation of the urban fabric in streets and connecting roads, with a dominant rua Direita [Main Street], perched over the Guadiana; the linking of Porta de Beja, to the north, to the Porta da Ribeira, to the South; the survival of the Almohad mosque, converted into the Igreja de Santa Maria (initially with a reduced campaign of alterations), set apart from the urban fabric since the old palatial area and the Alcaçova district to its west were abandoned.

The Main Street and the downtown inside the walls

The urban fabric of the town inside the walls is shaped by a dominant old Main Street connecting the Porta de Beja, to the north, and Porta da Ribeira, to the south. In the specific case of Mértola, the Main Street is not the longitudinal axis to the centre of the composition, serving instead as a kind of ring road, facing the Guadiana, on the eastern end of the wall (figs. 61, 62/p. 67). The commercial importance of this axis appears, historically, combined with Largo da Misericórdia (fig. 63/p. 67), next to porta da Ribeira, and the town square (now Largo de Camões), on the intermediate section further north. The opening and structuring of the latter space, yet to be studied, is part of the process of creating and formalising the town square as the space that concentrated the public and municipal structures, as was typical of a significant number of Portuguese settlements in the early modern period.

The design of the town square opening up to the Guadiana is framed by the difference in levels between the Main Street, to the east, and rua da Misericórdia, to the west, and is formalised by a support wall that organises the space into different heights (fig. 64/p. 67). The centrality of this space was emphasised by the projection of the arches of the old town hall to the outside of the wall, and by the construction of torre do Relógio [Clock Tower] on one of the turrets (which would eventually reframe the toponymy in the axis: Main Street or rua da Praça [Town Square Street] in the southern section, and rua do Relógio [Clock Street] in the northern section).

The modifications operated on the built settlement on this lower area had some similarities to the ones applied to the buildings in the suburbs and riverside districts outside the walls, and other town

centres. These depended on the force of the river in relation to the topography of the place near the port. Inside the walls, low Mértola, increased its population during the *Ancien Régime* in ways, which are not comparable to what happened in other areas of the town. This densification covered the areas that went from the Main Street to the longitudinal parallel west axis (the former rua da Misericórdia and rua Trás do Relógio, currently Sancho II) and around Largo da Misericórdia (the former rua da Misericórdia and the start of the old rua da Afreita) in the southern limit of the inside the walls core (figs. 65, 66/p. 68).

It is indeed in this area that a significant proportion of the high houses registered in the 1765 book *Livro das Décimas* and in the *Livros de Notas dos Tabeliães do Cartório Notarial de Mértola* is located. They correspond largely to the buildings owned by the wealthier families and local government and underpin the gradual transformation and expansion of the built settlements. This transformation resulted in the near complete occupation of the districts. There were very few empty areas, and the ones that were so, would be used either as small-sized courtyards or patios. On the other hand, these buildings also grew in height, typically combining warehouses and commercial spaces on the ground floor, with the main living area upstairs, and sometimes on an attic under the roof.

In some cases, during the *Ancien Régime*, the larger dwellings resulted from the joining together of smaller houses. These larger buildings did not however significantly change the formal and constructive features of single storey buildings. They resulted, as we mentioned, from the combination of several houses – designation given to each of the rooms – almost always enclosed by load-bearing walls and mono-pitched roofs. One of the specific features of these buildings in the context of Mértola's architecture is the ground floor, where the storage areas featured openings into a larger space through the integration of arches, a characteristic still found today in the central areas of many urban centres.

The high town, from rua da Igreja to Meio Mundo

The areas at highest gradient inside the town walls contrast, significantly, with the spaces closer to the Main Street and Porta da Ribeira, as we previously described. Unlike these, they are characterized by small sized single-storey buildings, to which sometimes an attic is added, under the roof. The section of the previously named rua da Afreita (currently Elias Garcia) (figs. 67, 68/p. 69), which leans against the west section of the defensive wall, was also designated, according to some of the locals, as the rua dos Ofícios [the street of Crafts], because there lived and worked craftsmen (blacksmiths, bakers, seamstresses, weavers and shoemakers) who served the town and, in some cases, also the nearby rural settlements, up until the third quarter of the last century.

The travessa do Açougue Velho [Old Butcher's passageway], connecting this area to rua da Igreja, and the alleyway very close to the

previously named rua do Açougue Velho [Old Butcher street], were characterized by two of the existing sets of bread ovens inside the town walls. Contrary to what occurred in rural settlements, where residents baked bread loafs in their own ovens or in community ovens, in Mértola the residents resorted to existing furnaces. In fact, in addition to the two sets mentioned, a third one existed on rua D. Sancho II, and others still in the Arrabalde da Vila. The oven houses of this area were mentioned by various documents from the eighteenth and nineteenth centuries. These ovens are still remembered today by the inhabitants, as having been located on the passage of the Old Butcher passageway (although reconstructed in the meantime).

The highest areas in the town inside the walls, and especially the Meio Mundo [Half-world Place] (as the northern section of the now rua Elias Garcia used to be called), were the zones later occupied. The slopes around the castle were uninhabited in the sixteenth century representation by Duarte d'Armas. They would, however, be transformed into habitational areas well into the last quarter of the eighteenth century. This area confirms the transition suffered in this period by the small dwelling, which goes from residents living in two houses (and the different variants we will study throughout the Roncanito passageway, figs. 87-89/pp. 101-102) to three rooms' dwellings, divided by slight walls of adobe or partition. Unlike the first model, which corresponds increasingly to in-depth housing, this latter solution is implemented alongside the street, and mostly benefits from natural light in the different rooms. It is this type which characterises many of the houses in this area, especially the east side of the castle, in Meio Mundo, but also further south on rua da Igreja.

THE OUTSKIRTS AND THE TOWN IN ITS LANDSCAPE

In the first half of the sixteenth century, the town of Mértola remained, as we have seen, limited to the inside of the walls. *Cadastro da População do Reino de 1527* [the 1527 residents' survey] (Colação 1929: 57) testifies to this, as it did not include any suburbs in its description of the town. It was mainly from the early seventeenth century onwards that the urbanisation process outside the town walls started. The town's position in the landscape and the topology of the territory became fundamental factors in a number of changes that occurred then. These included the design of new settlements on the suburbs of both banks of the Guadiana; the foundation of the convent of São Francisco, south of Oeiras tributary; and the reinterpretation of the orography by building the chapel of Nossa Senhora das Neves and the churches of Santo António dos Pescadores and Nossa Senhora do Carmo (next to the site of the previous Early Christian basilica). A survey of the town square in Mertola, included in the systematic survey of Alentejo town squares, drawn by Miguel Luis Jacob (GEAEM/DIE, 1755), registered the consolidation of this organisation until the beginning of the second half of the eighteenth century (fig. 70/p. 73). This document, done for military purposes, ignored the

urban fabric of the town inside the walls, defining instead the key features of the spaces outside the walls, and thus highlighting the important contribution of orography for the town planning, for the system of views and for the location of the main buildings.

The Riverside neighbourhood and the settlement beyond Oeiras tributary

On the sixteenth century representation of the town facing the Guadiana (fig. 86/pp. 98-99) it is possible to picture a small unassuming building, outside the town walls, almost leaning against the southern section of the fortification. Duarte d'Armas, using his typical stylistic representation of wild nature on the bedrock, emphasised on the drawing the shale outcrops at the base of the wall, thus highlighting the privileged sandy areas for boat mooring. The unassuming air of the small building depicted would be a premonition for the shifting fate of the small neighbourhood of Ribeira, liable to repeated destruction caused by river flooding. Its changeable fortunes are, also, evident when comparing panoramas from two different eras. The lively neighbourhood of Ribeira [Riverside], in the transition from the nineteenth to the twentieth centuries, (fig. 71/pp. 74-75) greatly contrasts with the silted and roofless houses in the mid of the last century, possibly after the great flood of 1947 (fig. 72/pp. 74-75). Some of this area's former residents still recall moving to small houses inside the town walls (as happened, for example, to the buildings situated in the porta da Ribeira under the Igreja da Misericórdia), due to this major flooding.

In the first half of the last century, the Ribeira settlement was made up of small modest dwellings, with one or two rooms only, which mostly served for storage and living spaces for local fishermen and their families. Two houses should be mentioned here, the renowned store belonging to Aunt Rita and the border and revenue control house. In addition to the harbour, Ribeira was also influenced by its proximity to the site of the ferry crossing linking it to the other side of the Oeiras tributary. Already mentioned in *Visitação de 1565 da Ordem de Santiago* (Barros et. al 1996: 385), the ferry connected those territories and settlements to the road of the Algarve. This road allowed access to the church and convent of São Francisco, the main buildings located in the Arrabalde de Além de Oeiras [beyond Oeiras suburb], as it was named in the deeds dating from early twentieth century (ADB, 1793/1955, livro 94, fls F4/6V). The road also explains the location of an old inn, to the east of the convent and at lower level (figs. 73, 74/p. 76), which closely corresponds to the shape represented, without an accompanying footnote, on the map from the 1700s authored by Miguel Luis Jacob (fig. 70/p. 73). The importance of this place and its notable buildings was eventually lost with the construction of the bridge over the Oeiras tributary, in the late nineteenth century. The new road map, besides contributing to its decay, also reinforced the growing role of the Arrabalde da Vila, on the opposite side of the walls.

The town outskirts between rua Larga and rua de Nossa Senhora das Neves

The expansion to the outside of the town walls is particularly significant in the hill located north of the Porta de Beja, in what would become known as the Arrabalde da Vila [the town outskirts] (an area that includes necropolis from different chronologies that extends from northeast to southwest). We will discuss now some of the aspects related to the morphology of this settlement during the mid-eighteenth century, by focusing on the blocks highlighted in red in the town square plan, as designed by Miguel Luis Jacob (fig. 70). The hypothesis of correspondence between the original representation of those blocks and their current configuration will be verified additionally through the implementation of elements taken from topographic and aero photogrammetric surveys (considering the various existing alignments, for example, Beja road, churches of Santo António dos Pescadores and Nossa Senhora do Carmo and the northern section of the wall with its towers). For our drawing, we will also finally consider the 1765 Book *Livro da Décima* (AMM, 1765/1834, book 1: fls 41-51) as it covers the Arrabalde da Vila, rua de Nossa Senhora das Neves (now ruas Alves Redol and Cândido dos Reis), and rua de Trás (presently, rua da República) and rua Larga do Arrabalde (now rua 25 de Abril).

On the representation of the three largest urban blocks, situated north of the current rua Alves Redol, there is no distinction between built-up areas and courtyard spaces, the connecting roads are not included and even rua de Trás (atual rua da República) does not figure here. On the contrary, the adjacent block, to the northern section of the wall, clearly sets up the alignment of the allotments built facing rua Alves Redol. This drawing also shows that there were no buildings on the approach to Porta de Beja in the mid-eighteenth century as the buildings that would later form the Terreirinho (currently Largo Vasco da Gama) were not represented here. Until then no edifice had been built on the edge of the fence located north of the Porta de Beja or between the two towers located to the west (in the area corresponding today to Café Guadiana). The 1765 book *Livro da Décima* mentions the yet incipient significance of the remaining built settlements associated with the old rua de Nossa Senhora das Neves (AMM, 1765/1834, book 1: 41-51).

The formation of urban fabric of this suburb resulted largely from the route of the old road to Beja and of the proximity of several alignments built parallel to this axis. In fact, the term urban block cannot strictly be used to describe them. The blocks built on the east side of rua Larga do Arrabalde and the west side of rua de Trás were similar, albeit disposed symmetrically, and in alignment with the corresponding masonry yards. The third block located between the first two (ie to the west of the old rua Larga do Arrabalde and the east of rua de Trás) was quite different and had almost no public spaces. It is possible that this third block is later than the first two. Thus, the suburb

would have had originally a wider place (*Largo*), comparable in size to the ones that can still be found in other southern Portuguese towns.

The urban structure of the Arrabalde da Vila corresponded, initially, to an undifferentiated settlement. In the third quarter of the eighteenth century, it is mainly a neighbourhood of single-storey houses. The book *Livro da Décima de 1765* (AMM, 1765/1834, book 1: 41-51) lists about 66 houses, of which only 12 are described as "high and low" or "single-storey with an upper compartment". What is more, some of added floors resulted from the partial occupation of the plot in sizes not significantly different from the other small dwellings. In functional terms, only two buildings were important, the two inns located in the old rua Larga do Arrabalde, near the Porta of Beja, to which we will return later. Contrary to what happened inside the town walls, here the built alignments are almost always arranged against the slope (rua 25 de Abril and rua da República). The prominent constructions are the ones that have two wings with gabled roofs, and which were successively built in the approach to the higher areas (figs. 132, 133/p. 126). Rua Larga do Arrabalde is an example of this layout, which led to the construction of prominent sets of stairs and steps to allow access to the houses located at different gradients.

The town outskirts between rua Nova Entre Pontes and Estrada Real 18

Arrabalde da Vila was significantly transformed by the end of the nineteenth century with the changes made to the road system. The road access heavily impacted this location due to its position on the river Guadiana and the Oeiras tributary and to the historic role associated with Mértola as a land and river crossing town. The construction of the bridge over the Oeiras tributary, in association with the redefinition of the longitudinal profile of the roads to the Algarve and Beja, led the way for this transformation by freeing the town inside the walls from its role as a crossing point, while simultaneously pointing to new routes for expansion outside of the walls. This is what happened with the changes to the current rua Alves Redol, former rua Nova da Ponte (crossing the area that goes from the castle hills to the suburbs) and in particular with the proposed route for Estrada Real 18, where the old road to Beja shifts east. Together they would become the new living area privileged by rich families, and locate the town's main commercial spaces as well.

In this context, the urban fabric from Arrabalde da Vila was gradually consolidated with the construction of a second front to the two main urban blocks represented on the 1700s town plan drawn by Miguel Luis Jacob (fig. 70/p. 73). These changes led to profound transformations in the built settlements of the Arrabalde, increasing their complexity in programmatic, morphological, typological and constructive terms. This is what happened, for example, with the expansion of the urban area to the east, along the Estrada Real to Beja (currently rua Serrão Martins) and from here onwards on the approach to

the river (currently rua Dr. Afonso Costa). Dwellings with very variable gradients – to the front and the back of the houses – were built in this area. This happened particularly in the district closer to the Guadiana, where the only floor facing the rua Serrão Martins corresponds to the third floor on the frontage facing rua Dr. Afonso Costa.

It would also be along here that, from the late nineteenth century, the town's new wealthy buildings would be built. As we will see further on, these new constructions departed significantly from the existing buildings, particularly in their style and size. That is, these new edifices added decorative elements and motifs to the main façade and inner spaces, and increased in size by raising the ceiling height of the one and two storey buildings. This rupture also had a typological side to it, as the internal organisation of the new buildings became freer, through the abundant use of partitioning walls, and the renunciation of the characteristic organisation typically found in the high houses of the old town.

Changing the road system also contributed to the gradual affirmation of Arrabalde da Vila as the central space of Mértola, fulfilling the role previously performed by the town within the walls, which, from then onwards, will increasingly become the outskirts, a position stressed by the construction of the bridge over the Guadiana in the early 1960s. The new trade and storage buildings in the different cycles of consolidation of the importance of the Arrabalde area, would exemplify different solutions, a theme too vast to be analysed here (figs. 75/p. 79, 76/p. 80).

The suburb beyond the river

As often occurred with the region's rural settlements, the Arrabalde de Além do Rio was made up of different units designated as montes [hills]. In this case, there are two units respectively named Monte de Cima [High Hill], situated on the highest elevation and located further south, and Monte de Baixo [Low Hill], located to the north of the previous one, opposite the town inside the walls, placed between the Torre do Rio [river tower] and the Praça [town square] (fig. 77/p. 82). This layout was already recorded by the map "Vista Geral de 1755" (fig. 70/p. 73), where the two hamlets, still very incipiently organised, were accompanied by the representation, further south, of a walled farm. The left margin of town had even then more than two dozen buildings.

A comparative reading of the documents concerning the Arrabalde de Além do Rio, included in the *Livros da Décima* from 1765 and 1834 (AMM, 1765/1834), is very useful here for the analysis of the transformations suffered by this area at the end of the *Ancien Régime*. On the one hand, it attests to the growth of the urban settlement of Mértola on the left bank of the Guadiana, with an increased number of articles, from 23 to 37 (including in both documents references to vacant or ruined buildings). More importantly, it proves that the relevance of the Arrabalde de Além do Rio increased significantly during this period, by

almost becoming a trading post for the left bank. This is shown in the increased number of celeiros [barns] (that go from 4 in 1765 up to 25 in the 1834). In fact, according to the book of 1834, of the 37 articles identified, only 9 were generically described as homes, 25 were barns (13 of them vacant) and 3 were inns (AMM, 1834: 33–36). The increase in the number of barns, during this period, is not explained only by the construction of new buildings, but also by the conversion of existing ones. It should be noted that barn must be here understood in its widest sense, meaning warehouse, rather than referring specifically to the storage of cereals. The same applies to some of the deeds included in the *Livros dos Tabeliões* where the terms barn and warehouse were used interchangeably (cf. ADB, 1810/1920, Book 2: 77).

The architecture of Além Rio illustrates the different uses of the settlement, as recorded by the documentary sources. The typical building here is identical to the ones in the rural settlements, or hills (*montes*), and to the single-storey houses that we described in some of the areas of the town inside the walls (especially at the higher elevation). These single storey buildings frequently combined several mono-pitched rooms of different gradients as happened, for example, with the settlement facing the river, on Monte de Cima (fig. 78/p. 82). The old warehouses, more recently occasionally converted into houses, were often larger single-storey buildings, where the timber roofs either used traditional solutions of rafters, purlins and roof trusses, or more recently metal structure.

FOR AN HISTORY OF DOMESTIC ARCHITECTURE IN MÉRTOLA

THE TRANSFORMATION OF TOWN ARCHITECTURE FROM THE ISLAMIC PERIOD TO THE EARLY MODERN PERIOD

MIGUEL REIMÃO COSTA

SUSANA GÓMEZ MARTINEZ

VIRGÍLIO LOPES

MARIA FÁTIMA PALMA

CLÁUDIO TORRES

Research carried out in the last decades by the Campo Arqueológico de Mértola has converted Mértola in a fundamental case study for the Almohad housing in the western Mediterranean. This research has extended beyond the town inside the walls, as with Arrabalde Ribeirinho, a suburb on the riverside, but is most relevant when considering the neighbourhood of Alcáçova, where 18 houses have been dug up and 2 of them were identified (Macias, 2005; Palma, 2013) (fig. 81/p. 88). This neighbourhood, which was abandoned and converted into a cemetery after the Reconquista, testifies to the signifi-

cance of the Mediterranean town house, organized around a courtyard, approximately rectangular in shape, similar to the ones found around the al-Andalus (Torres 1995: 109). The rooms of the Almohad neighbourhood in Mértola are a local expression of that model (at the cultural, socio-economic and technical-constructive levels). They make, however, for a more modest incarnation than the cohesive examples known in other peninsular sites (Macias 2005: 388-390) (fig. 82/p. 89).

THE HOUSES OF THE ALCAÇOVA NEIGHBORHOOD

The courtyard was the key area in the house, as it provided access to the various divisions inside (fig. 83/p. 89). It ensured very favourable lighting and ventilation conditions for the home, while simultaneously closing it from the outside public space, and therefore safeguarding the family environment and the space for women. The entrance lobby was a contained space that limited the visual relationship between public and private, while the front door was the single opening onto the street. The organisation of the different uses or activities inside the home was associated with the significant specialisation of the different rooms, particularly obvious when we consider the meagre area of many of these dwellings (with a floor area that could reach 160 square metres, but was generally somewhere between 60 and 90 square metres, including the courtyard). This specialisation resulted in a significant hierarchy of the different rooms and significantly contrasting dimensions (fig. 82).

The sitting room was the most extensively used space in the house, and it had a privileged position, facing east, which conditioned its location in relation to the courtyard and the entrance lobby. Most sitting rooms in the Alcáçova neighbourhood, included an alcove, occupying one of the smaller sides of the rectangle in the floorplan. The kitchen could be located in different areas of the house, but on the whole, it was placed in relative closeness to the entrance hall or the sitting room. In many cases, it was divided into two different spaces, which could or not be linked: the first, a storage area; and the second, the hearth house (cf. Macias 2005: 400). Besides these core rooms, there were also workspaces and storage spaces, as well as, latrines, which were almost always found and were located in the area closest to the entrance hall, or opened directly onto the courtyard, but exemplified different solutions devised to safeguard privacy.

One of the examples considered to characterise the small house of the Alcáçova neighbourhood was building 10 (fig. 82). This building was bound on the west and south by other dwellings, and to the north and east by a very narrow winding street, the location for the cesspit (where the waste was poured from the adjoining latrine, situated at a higher elevation to facilitate discharges). The entrance into the house was made through the north façade and gave way to an atrium that allowed access to the courtyard to the south and the privy to the east. The three doors of this chamber were not aligned

in order to avoid the prying from the other divisions and especially from across the street. The courtyard in the centre of the house, communicated with the remaining divisions. In the middle of the courtyard was a small allotment where there may have been a vine that, in addition to providing grapes, protected the dwelling from the heat, in the summer, without blocking the light and sun in the winter. A conduit poured onto this site, the waters from the storage compartment situated south, while on the opposite side, another pipe evacuated excess rainwater. A thin partition separated that storage room from the contiguous dependence that served as a kitchen, where a set of bricks placed on the mortar pavement bore the fireplace.

The house had two sitting rooms, one on the west side and one to the east, both with a small alcove on the south side, bordered by low walls that serve to support a dais. These two compartments were paved with grout mixed with iron oxide which also served to coat the walls. Access was made via narrow double doors, evidenced by holes in the hinges on the sills of the shale slabs of both chambers. The sitting room, located to the west, had an infilled door that originally allowed communication with the rooms of the adjacent house. The other chamber on the opposite quadrant, had a strange alcove plant in L. These and other aspects allow us to conclude the house was built at a late stage, taking advantage of part the house situated to the west and the public space to the north and east, which justified as well the winding route of the street. From the end of the twelfth century there was a greater densification of the Alcáçova neighbourhood, with further strengthening of the walled structure. This may be explained by a population growth associated with political and military instability generated with expansion of the Christians reconquest, including the arrival of new residents from the now occupied cities and of the suburbs, abandoned in the meantime (Gómez Martínez 2014: 63).

This is the very likely context for the transformation of house 16, located further south. This house, contemporary with the original construction of the district, had initially an area of 200 square metres, the largest house excavated (figs. 84/p. 91, 85/p. 92). It may have belonged to a distinguished member of the community, taking into account its size and its central position in the district (Macias 2005: 86), even though in sophistication and luxury of construction it was identical to all the other excavated dwellings. In its first stage, this house would have had a large courtyard, a walking area surrounding the central allotment that would have been used at least initially as a border to the plants, instead of a water tank. The courtyard was paved with slate slabs, sloping to the centre, with an edge of 0.20 m, all around, where water flowed. This room also had a distribution function, allowing access to the other compartments of the house. There were two sitting rooms, with the respective alcoves in the north, which had the floor plastered and painted with red ochre.

In the northern part of the house there was a storage compartment and a kitchen with respective fire dug into the pavement. In

the kitchen was found fallen on the floor, a small adobe wall made of rammed earth which separated the space into two. In the same northern area of the house, we identified the latrine, also divided into two, which was directly linked to the large sanitation pit, much larger than others dug up in this neighbourhood (1.05 m diameter). In the southern area of the house were located the entrance and lobby, and according to the archaeological data from recent expeditions, three additional rooms which is not possible to identify due to the fact they were later restructured and divided.

The subsequent subdivision of house 16 suggests a shared space among the several family heirs or the arrival of new family members. This process happened in two stages and resulted in three different homes. First, the house was divided into two medium-sized dwellings, also organized around a courtyard, still large (fig. 85). To do this, a dividing wall was erected, in the north-south direction, which cut the original courtyard, overlapping with the original slate flooring. This stone wall has no opening, which leads us to conclude that there was a complete split into two plots. The wall served to reorganise the spaces and make them independent and unrelated. Later a new intervention was made in house 9, with a view to separating it from house 8 that, with an area of about 48 m², consisted of a lobby, courtyard, storage space, kitchen and sitting room (fig. 85). Again it can be said that, despite the various stages of reorganisation and restructuring of different areas of this neighbourhood, the new independent houses ended up with the same functionalities of the original houses, although, of course, with smaller spaces. It is also from this time the construction of the battlement – a narrow street with no way out – which allowed access to the new homes 9 and 16.

HOUSES OF THE MEDIEVAL CHRISTIAN PERIOD AND THE BEGINNING OF THE MODERN PERIOD

From the reconquest and siege of Mértola in 1238, there was a profound transformation of its urban fabric, comprising of a very significant typological break with the emergence of a new model of organisation of domestic space that, first of all, replaces the courtyard as a fundamental linking space. Overall, the basic typology of a late medieval house formally resulted from the combination of two distinct spaces, the front house and the inside house. It is this model that, since then and with different variants, was found in the rural and urban areas of these territories, including here the nucleus, over the Guadiana, downstream, of Alcoutim and Castro Marim.

In Mértola, the most common variations to this basic solution included the addition of a second chamber and/or an upper compartment resulting from a joining system that would endure over time. The inventory documents of the Santiago Order between 1482 and 1607 (cf. Barros *et al.* 1996) confirm the importance of this house model in the town and outskirts. The entrance compartment and the inside chamber were the dominant spaces, to which occasionally were added the exte-

rior house (a separate annexe), a loft (a lower house), an upper chamber or an upper ground level house (associated with its location on a slope that often allowed direct access from the house to the street).

This solution survived throughout the *Ancien Régime* as the basic model for house organisation in the urban space of Mértola. The dwelling of two compartments constituted during this period the most common solution for small housing in Mértola, and we will return to it later. Meanwhile, it is important to consider some fundamental aspects of this model in contrast to the Islamic house, organised around a courtyard. We will consider here, among other aspects, the study of the history the territory's traditional architecture, spanning from the southern area of the municipality of Mértola to the western boundary of Serra do Caldeirão (Costa, 2014).

Unlike in the Alcáçova neighbourhood, the dwelling of two houses was characterised by a very weak level of specialisation. One of the criteria that could have been used for the distribution of the various activities or uses inside the dwelling was related to lighting, as only the outside house (front house) enjoyed natural light, through the front door, while the inside house (old inside chamber) became a dark space. Moreover, these two compartments had similar dimensions and did not, therefore, reproduce the difference in size of the rooms in the dwellings of the Alcáçova neighbourhood (fig. 82).

The location of the lower hearth, where there was the fire, was very variable. It could be found in the *casa de fora* [outside house], in the *casa de dentro* [inside house], and sometimes in a third separate house designated as the *casa do fogo* [hearth house]. In the homes of the harvesters, the site of the fire could even be positioned in a corner of the cowshed, together with the working animals. The rooms used for sleeping were distributed among the different houses (including the hayloft in the homes that had them). The inside house (sometimes also called barn) as well as the house on the second floor (when it existed) were also privileged spaces to store the grain and other agricultural products. The outside house established a frank relationship with the outside space that served as an extension of the domestic space. The domestic space was no longer bound therefore to the courtyard inside, but connected instead to a shared common area with the adjoining houses.

CONTRAST BETWEEN TWO MODELS OF LIVING

These two cultural models of inhabiting acquired contrasting spatial expressions. But the different periods of occupation of the urban areas further complicated the reconstitution process, and the drawings, of these various topologies we have been describing. This is what occurred in Mértola, beneath the castle, in the town inside the walls, in the Almohad neighbourhood, in the Parish Church and in the former mosque. A first approach to topological, metrics and constructive issues, can nevertheless be made by comparing the neighbourhood of Alcáçova and the single-storey house characteristic of the *Ancien Régime* in the town inside the walls.

The similarities between the building systems used in domestic architecture from the transition of the Islamic period to the Christian Middle Ages and the *Ancien Régime* have already been mentioned. We considered here, among other things, the importance of the rammed-earth walls of shale masonry laid with mortar and the significant number of mono-pitched roofs (Palma et al 2005). The low-level of expertise of the small late-medieval and modern housing resulted, as we have seen, in larger compartments, when compared to the interior spaces of the Islamic home (fig. 181/annex). This change of scale is particularly evident when we consider the width of each of the wings bordering the courtyard of the houses of the Alcáçova neighborhood (sized between 1.60 m and 2.70 m). The tighter rooms were a fundamental requirement for the viability of the courtyard house, especially where, as here, these were relatively small dwellings. Contrastingly, the houses in the town and outskirts of Mértola, as described in the visitations of the Order of Santiago, between 1482 and 1607, had as the recurring width for different rooms, between three *varas* (3.3 m) and four *varas* (4.4 m), and more variable length dimensions (cf. Barros et al. 1996).

The narrower type of house characteristic of the Islamic period (a combination of very different small spaces, such as the kitchen, the hall, the latrine, or the elongated living rooms, in some cases, amounted to about 8 m × 2.5 m) is replaced by a less elongated rectangular model corresponding to the late medieval and modern house (which often approaches the form of a square, with a width of between 3 and 5 metres). From a construction point of view, changes registered included the increased length of the roof rafters and the increased thickness of the load bearing walls, from roughly 45/55 cm in the Almohad period, to 55/65 cm in the characteristic architecture of the *Ancien Régime*. These will also be the guiding metrics of Mértola's subsequent urban fabric modifications, still during the *Ancien Régime*, as we will see next.

Only continued archaeological research may further clarify how the Almohad urban fabric may have influenced the design of later urban structure, and namely the street area and the partitioning of space. A line of research could be, for example, the typological transformation associated with covering up of the courtyard and the altered relationship with the adjacent spaces, as had happened in other urban centres.

THE TRANSFORMATION OF DOMESTIC ARCHITECTURE DURING THE *ANCIEN RÉGIME*

MIGUEL REIMÃO COSTA

The Christian medieval period was characterized by a significant number of changes, which, as we saw earlier, shaped the town inside the walls. In fact, most of the principles guiding urban structure con-

solidation were established during this period. In the early modern period, the settlement densification inside the walls was visible in the addition of a top floor to some of the buildings, as seen in the depiction of the eastern area included in the *Livro das Fortalezas de Duarte d'Armas* (and by comparison, for example, with the representation of the neighbouring town of Alcoutim) (fig. 86/pp. 98-99). Mértola had then more than two hundred houses within its walls or, more precisely, 213 as registered by the census *Numeramento de 1527-32* (Collaço 1929: 57). As testified by many documents, the number of houses within the walls nevertheless decreased between this period and the mid-eighteenth century, when, according to *Livro da Décima de 1765* (AMM, 1765/1834), 160 were counted (excluding the local council buildings).

Among other reasons, house numbers decreased due to a process of joining together of contiguous buildings, forming larger properties, probably from the 1500s onwards. This process increased sharply on the end of the third quarter of the sixteenth century when the instability brought by the Restoration War came to an end. This change was contemporaneous with the formation and consolidation of the urban fabric in Arrabalde da Vila [town outskirts] and Arrabalde Além do Rio [Outskirts Beyond the River], which counted in 1765, respectively, 62 houses (45 single-storey, 9 tall and 8 vacant, in addition to 2 inns and 2 stables) and 19 houses (15 single-storey, 2 high and 2 unoccupied, 4 barns and 1 stable). This transformative process was very different from the one that happened between the end of the Islamic period and the early modern period, characterized by an increased numbers of buildings inside the town walls. On the other hand, the trend for densification and height growth of the urban fabric inside the walls did not stop, especially at the lower level, which would remain as the most prestigious area of the town. The consolidation of this process was recorded in the documents titled *Livros da Décima* that distinguished between the single-storey houses and the high dwellings. The registered house distribution in the town plan had a very similar disposition to the one we find today in the town inside the walls. The areas that currently have two-storey buildings (southern boundary and longitudinal axes to the lower level), already existed in mid-seventeenth hundreds, although the majority suffered alterations later on.

THE DWELLING OF SINGLE-STOREY HOUSES AND THE NARROW FRONTED BUILDING

Before moving on to the main topics that marked the expansion of the wealthier houses along the axes of greater commercial importance of the town inside the walls, under the *Ancien Régime*, we would like to address some aspects related to the small single-storey house. The small single-storey dwelling, as previously mentioned, remained important throughout this period (especially in the higher areas of the inside the walls core, in the Arrabalde da Vila, and the

Arrabalde de Além do Rio). The block limited to the west and north by rua Latino Coelho, on the east by rua Elias Garcia and to the south by travessa Roncanito (figs. 87, 88/p. 101) is a good case-study for the small dwelling located in the upper area inside the walls, as it includes several dwellings of two houses with no yard or patio (cf. Costa, 2015: 15). These are typical dwellings which feature an outside house, benefiting from natural light, attached to a dark inside house (as was described in the first part).

By comparing this settlement to the blocks located in the lower areas within the walls, we can find an additional difference, aside from the volumes. The boundaries of the various plots tend to be more jagged here, exemplifying in some cases the gradual process of joining new cells, as in the rural settlements, and the addition of steps which articulate the spaces with different gradients (fig. 89/p. 102). In fact, in the rural settlements, this process often leads to a significant disruption of the lines demarcating each of the plots (both in the longitudinal and transverse directions). The houses here were formed by a combination of variably shaped cells, conditioned by the construction techniques and materials used. Many settlements located on the foothills between the Alentejo and the Algarve had a similar shape, and also used a free building process, because there was no prior building plot structure in either the municipal lands or the larger properties (cf. Costa 2014: 295-302).

The land on the lowest areas of the town inside the walls was divided very differently. Settlement and block perimeters were less jagged and plots were almost always shaped like rectangles or trapezoids. In some blocks – less marked by the partial demolition and renovation typical of the second half of the nineteenth century onwards – the transverse load-bearing walls organised the different houses and made up the building structure. In some cases, the distance between plots remained constant, while in others, it varied significantly, but the study of medieval Christian land parcels has not yet been done. Although this layout could be explained by an elementary process of planning, circumstances attached to the topography and to different historical periods, contributed decisively to the urban morphology of this area (for example, difference in plot sizes and depth).

When considering the transformation of domestic architecture during the *Ancien Régime*, the block's elementary design should be taken into consideration. These blocks had many different elevations (in many cases with more than one floor) between the main and the back façades. They were also characterised by the multiplication of transversal load bearing walls made up of shale and rammed-earth. On its basic typology, the narrow single fronted plot coincided with the space between the partitioning walls, linked to the organisation of the front house/chamber, dominant from the late medieval period onwards. This organisation into two spaces was divided by a load bearing wall in the middle of the plot and parallel to the front and back façades, which bore the rafters of the mono-pitched or gabled

roofs. The most important transformation of this typology was its doubling in height (which in the most elementary solution was made up of a two-storey home) or its duplication in plan, with the combination of two base modules.

In this regard, two buildings located on rua D. Sancho II allow us to study the small *Ancien Régime* houses located inside the town walls (figs. 90/p. 104, 180/p. 190-191 – house 13G). The north building combined at the front an outside house, and a hearth house, at the back, with a single floor above the hearth house, accessible from the exterior house through the straight flight of stairs leaning against the gable. The integration of this additional floor used the slope in the mono-pitched roof particularly suited to the hilly areas. This was typical of houses owned by small traders, artisans, sailors or even harvesters, who in this last case may have joined the stable/cowshed with the haystack. The southern adjoining building was assembled through two modules, which later added a third, converting into a patio the ruin of a pre-existing building. Indeed, in this, as in many other cases, the configuration and size of the district did not allow for the integration of a backyard between the masonry façade and the rocky outcrop, and therefore the interior rooms had no natural light or ventilation, as was typical of the previously mentioned inside houses. In an unknown period for Mértola, the narrow single fronted house eventually joined the kitchen to the outside house, formalising in some cases the characteristic main façade, with the chimney near the front door.

THE HIGH HOUSE DWELLINGS AND THE BROAD DOUBLE FRONTED HOUSE

The transformation of the built fabric of the town inside the walls during the *Ancien Régime* resulted in many cases in the gradual conversion of irregular-shaped buildings (one and two floors) into more constant ones (two floors). These changes reflected the transition, particularly in lower level areas, from the narrow single fronted medieval house into the broad double fronted house dominant in the eighteenth and nineteenth centuries. The documentation consulted (*Livros da Décima* and *Livros dos Tabeliães*) confirmed that horizontal properties and typologies of one or more dwellings per floor had very little bearing in Mértola. The few existing examples did not include the introduction of common flights of stairs, but simply used the access allowed to the building at different levels from its deployment in areas with steep slopes. Akin to what happened in other urban centres, the high house dwellings were particularly important in Mértola due to the integration of commercial spaces, warehouses, barns or outbuildings on the ground floor (fig. 93/p. 106). This organisation reflects Mértola's importance as a central place, with a port linked to significant transportation routes. The integration of a straight flight of stairs against a load bearing wall, in the direction of the depth of the plot, meant that in most cases both floors could be accessed autonomously (which did not happen in the most basic typologies), in

addition to their other alternative access, that is, the door located in the front lobby (fig. 94/p. 106). This happened to the larger buildings due to an initial increased separation between the longitudinal load bearing walls, which allowed for two areas in each floor. Alternatively, it combined the two doubling processes previously mentioned (in plan and height), originating four rooms per each of the two floors.

During this period, three different processes contributed to the enlargement of houses: the joining of properties of two or more plots; growth in height and integration of attic; expansion of the building into the plot. This process of expansion occurred mainly in the lower level areas of the town inside the walls. The frequent acquisition of certain buildings by owners of nearing plots, a process that sometimes resulted in the joining of two or more contiguous buildings, is recorded for this area at a later stage in *Livros dos Tabeliões do Cartório Notarial de Mértola*. Very often, this joining of buildings was visible on the façade, on the shape of the plot, in the combination of several construction systems, in floors with different gradients inside the same house, and on the upper floor level. Subsequent work campaigns done to these buildings sought to disguise the originally separate nature of buildings and plots.

This is what happened, for example, with the high houses, located on the Main Street, between the Town Square and Porta da Ribeira, which are one of the most important examples of the town in the 1700s, and were owned by Captain Francisco Luis Beltrão, director of the charity *Santa Casa da Misericórdia*. This group of edifices came to be known as Casas da Praça [Town Square Houses] (ADB, 1810/1920, book 3: 123V-128V), consisting of several two-storey houses and the Santo António Chapel referred to in the 1758 *Memórias Paroquiais* [Parish Memories] (Boiça & Barros, 1995: 65) and in a deed dated from 1797 (ADB, 1793/1955, book 1: 57V-60). The joint interpretation of the town plans (figs. 100/p. 110, 180/pp. 190-191, 181 – building 3D) and of documentary sources helps to outline a first hypothesis of reconstitution of the appearance of a 1700s house. The shape of this “dwelling of houses” was probably influenced by existing load bearing walls, which they probably combined into the new house organisation that included a central staircase and a symmetrical façade (three balcony windows on each of the sides of the front door). Achieving a definitive design of this reconstitution, comprising as well its relationship to the Santo António Chapel, is presently very difficult, considering the successive interventions to this dwelling, which resulted in further changes to the limits of the plot (with new partitioning and joining of divisions) and to the interior organisation of the house (cf. Costa, 2015) (fig. 99/p. 109). Casas da Praça remain nevertheless a relevant example for the description of the characteristic organisation of many of the richer houses of the town inside the walls, reconciling the ground floor (open through an indoor arcade to the warehouses and barns, figs. 95/p. 107, 96, 97/p. 108) with the main floor of the house and, in some cases, an attic on the third floor (fig. 98/p. 108).

This organisation invokes a second theme of housing transformation in this period, growth in height. As we have seen, *Livro da Décima de 1765* (AMM, 1765/1834) recorded the distribution of single-storey and two storey houses in a very similar way to that of the middle of the last century (fig. 181). This registered transformation developed in time into two distinct modes. On the one hand, the houses, which in many cases occupied only part of the building, extended to the entire front of the building, consolidating the importance of the upper floor which was used as the main space of the house, while the ground floor was used as a warehouse or attached to other dependencies. The paradigmatic example of Casas da Praça shows that this transformation was the result of a process of joining plots, which would gradually confirm the importance of the two storey wide house.

Many of these dwellings grew in height a second time as attic space became increasingly important (house 15E, figs. 104-108/p. 112). Attics were referenced in deeds dating from the nineteenth century, and several buildings still preserve them today, confirming how important they were as storage spaces and servant quarters, from the last stage of the *Ancien Régime* onwards. The implementation of buildings downhill and the consequent preference for mono-pitched roofs justified the use of the attic space, that set on the eaves of the main floor of the house, allowed for significant head height at the back. In most cases, the storage spaces were placed in the restricted height areas, while the living spaces were located towards the rear of the building. This solution did not include any dormers (which appear in the town only from the late nineteenth century onwards). It benefited however from natural lighting and ventilation through the gaps opened in the rear masonry façade. Access to this third floor required the addition of a second wooden stair case, almost always out of line with the stairs that gave access to the main floor, located closer to the kitchen. This model, that included a number of variations (houses 3D, 5A, 5G, 13B, 15E, etc., figs. 180, 181), was particularly prominent in the 1800s.

A third way in which house expansion happened in this period was for buildings to extend in depth, when plot divisions allowed it. This process was not feasible in some of the small depth blocks located in the lowest areas of the town inside the walls, such as Casas da Praça, which were by then already fully built. But in other cases it was possible to add a third alignment bay to buildings already made of two (the first facing the street and the second the backyard). This addition demanded new ways to mould and alter the bedrock, which would become traditional practices, seen, for example, in the archaeology of the plot of *Casa do Lanternim* (house 5G), dating from the early modern period (cf. Mateus 2004: 323). This was an intervention comprised of different solutions, depending on the characteristics of the plot and the actual house. In the flatter areas it could only be applied to the ground floor (house 23N more recent), or on both levels (house 1F), while on the steeper slope areas, it could only be used on the upper floor (as in the houses 4E, 11A or 13B, figs. 180, 181).

In all these cases, the expansion of the house included building a new kitchen connected to the backyard (which would be partially occupied only, and may have been restricted to a lateral position relative to the building, with or without direct access from the outside). This expansion emphasised the importance of the rear location of the masonry chimney (outside house and kitchen were separated into two individual spaces) at the expense of the typical solution, a projecting chimney on the façade (outside house and kitchen sharing the same space). In fact, as previously mentioned, in a significant number of buildings, the projecting chimney on the façade would completely disappeared, in a period that lasted until the middle of the last century. This is what probably happened to house 13B (figs. 100/p. 110, 113/p. 113), which had its ground floor kitchen relocated to the upstairs courtyard at an unconfirmed date. House 13B synthesises, moreover, some of the changes listed here, such as the integration of new areas, the addition of a third floor with access from the inside, through a staircase that was not aligned with the one on the first floor, and which was accessible from the outside through a door opened into the rear façade (fig. 111-117/pp. 113-114).

AN ILLUSTRATION OF DOMESTIC ARCHITECTURE AT THE END OF THE ANCIEN RÉGIME

The various changes outlined here gradually affected the town's built settlements. In fact, when considering the transformation of housing architecture, even in the major urban centres, it may not always be obvious which decisive factors, major episodes or critical historical moments should be used in the demarcation of the various timelines. For the study of an inland settlement, like this one, it is necessary to resort to fluid chronological boundaries, extended times of overlap, or typological transition, recognising that there is a continuity of themes identifiable in different architectures. The characterisation of the block located between praça Luís de Camões and Porta da Ribeira, from the third quarter of the eighteenth century, based on *Livro da Décima*, exemplifies this diversity, featuring surprisingly, in a privileged area of the town, the time-honoured Casas da Praça, the other high and low houses in ruins (in one case with a shop), the old dilapidated jail, and other single-storey homes in ruins, where a freed slave called Barbara or a poor woman named Mary may have lived (AMM, 1765/1834, book 1: 5-7) (Fig. 102/p. 111). This is a significant number of vacant ruinous buildings, especially in comparison to the other blocks also located inside the town walls.

In order to understand how the different typologies of buildings could have occupied the same area, we should look into the built settlements located at the southern edge of the old town, on the bank of Oeiras tributary, in the old rua da Afreita (figs. 118-124/pp. 116-119). Some of the wealthiest buildings in the area exhibited the coexistence of decorative elements dating from different periods on the façade. An example of this is the section of rua da Afreita that clearly displays

entrances from different periods. Building 1B (figs. 180, 181), with a narrow front, illustrates in its façade different campaigns of work (and therefore constitutes an interesting case-study for the archaeology of architecture). It combines a wide opening with bevelled corners from the sixteenth century; the space where a prominent chimney should have existed in the façade; the likely lowering of height of the roof; and the reversal of this process, with the increase of ceiling height with the addition of a small window (fig. 119/p. 117).

Building 4B (figs. 180, 181), with a wide front, features on the ground floor five openings, possibly from the seventeenth/eighteenth centuries, with stonework of one span width (22 cm.). Of these, two windows and two doors are located on the main façade, while the other door gives access to the backyard through rua Latino Coelho. The four openings, with the characteristic classic design of straight lintel and cornice, built in plaster (associated with a coving with terracotta bricks) are probably from the eighteenth century (figs. 122/p. 118, 126/p. 120). The front door, which gives access to the lobby staircase and to the main floor, has stone work dating from the first half of the previous century. We could also mention here the building across the street with massive plaster frames dating from all of these different periods (fig. 120/p. 117), or, in particular, the so-called Casa Amarela [Yellow House] with lintel and double cornice (fig. 121/p. 118).

The generic references and themes identified here can also be recognised in other places inside the walls town. These include the reuse and frequent relocation of the stones from the openings, and is especially evident with some bevelled stonework doors (which, mostly survived on the ground floors of the buildings located at the lower elevations). Although not very frequently found, plaster frames are a sure signal of particular reconstruction stages. They include the aforementioned straight lintel and cornice design (that may correspond here to the second half of the seventeenth century or more probably to the first half of the eighteenth century); or those made in *Pombal* or late-baroque styles (between the second half of the eighteenth century and all of the nineteenth century). Unfortunately, and even if more modern, some of these plasterworks using *sgraffito* techniques in masonry simulation have now disappeared.

The facades of the blocks from the old rua da Afreita recollect the successive changes which these buildings underwent, with repercussions also in terms of volume and the internal organisation. Here, too, it is possible to find the studied themes of building transformation, such as the joining of plots and the growth in height and depth. The interpretation of the full survey to the block facing the Oeiras tributary, allows us to propose a reconstitution hypotheses of plot division and wall structure before the gradual occupation of the esplanade and the round space that would push these buildings onto the plane of the fortified wall (cf. Mateus, 2004: 323) (figs. 124, 125/p. 119). At an earlier stage, in this settlement, buildings with two wings were prevalent, delimited by load bearing walls and, in some

cases, by dividing walls. This solution meant that the later parallel façade would distance itself for about five meters to the outer limit of the wall (fig. 127/p. 120). The consolidation of this transformational process goes beyond the chronological context we are dealing with here, when many of the buildings were owned by either Bartolomeu José Pereira or one of his descendants, from the Liberal period onwards. Moreover, the number of registered plots for this area, in *Livro da Décima* of 1765 (AMM, 1765/1834, book 1: 17-22V), was significantly higher than the ones accounted for in this period, when only two large houses could be recorded, one of which Casa Amarela (fig. 121).

At the end of the *Ancien Régime*, successive amendments to the building fabric had resulted in the affirmation of the widely fronted high houses, that had their main living areas on the second floor, and sometimes partially extended onto a third floor, while the warehouses and other facilities were located on the ground floor. In formal terms, this solution resulted in the characteristic façade topped by a cornice with projecting balconies attached to the main floor (sometimes following a classic, Pombal or late-Baroque designs) and generally modest openings on the ground floor (which can integrate bevelled edged masonry). Large mono-pitched tiled roofs dominate, in some cases combined with multiple roofs that make up the different shapes, by joining to other mono-pitched roofs, to terraces (double row of tiles on bars) or, more rarely, to hipped roofs (figs. 128, 129/p. 121). The interior spaces are dominated by load bearing walls lime coated and painted, where fanlight doors are introduced, by floor boards with variable sizes (sometimes wider than 40 cm) and, in most cases, wooden boarded ceiling in the main rooms. The stair access to the main floor acquired a symbolic value, often formalised by the design of the vaults.

During this period, there was trend towards greater specialization of compartments with a frequent decrease in their average size. This change is accompanied by a greater proximity and regularity of the composition of the openings in the façade, which may have had its origins in the eighteenth century but which becomes more important in the nineteenth century. The greatest and noblest compartments of the living and dining rooms (which occasionally appear in duplicate distinguishing every day and ceremonial uses), faced the main façade, and may contain two sill openings or balcony (for example in houses 1E e 1F). The trend towards greater specialization generated an increase in the number of compartments, also including transformations to existing ones, and the introduction of new openings between the pre-existing ones. In other urban centres, stonework was more frequently used to frame the openings, which meant designs typical of different chronologies coexisted on the facades (including the nineteenth-century openings between seventeenth-century and eighteenth-century entrances). This change, although less significantly, was also registered in Mértola, in some cases, with a later date, as happened for example with the previously mentioned Casas da Praça.

THE TRANSFORMATION OF TOWN ARCHITECTURE FROM THE EARLY NINETEENTH CENTURY

MIGUEL REIMÃO COSTA

ANA COSTA ROSADO

MARTA SANTOS

Changes resulting from the implementation of Liberalism and the preponderance of new classes of owners and the bourgeoisie marked the beginning of the transformation process of domestic architecture that would be concluded in the last quarter of nineteenth century. The repercussions resulting from the change of the land system and, subsequently, the significant increase in acreage, were during this period of decisive importance in a territory marked by large properties. In fact, if we take the description of the different stages of construction of the settlement Almoinha Velha, we may even draw some analogies with the transformation of the town architecture, as we will next address.

After a period of stagnation between the late eighteenth century and the beginning of the second half of the nineteenth century, and supported by the successive moments of crisis that characterized Portuguese history of this period, Mértola lived a period of marked prosperity. Guadiana's importance increased as means of transport and a new cycle of exploitation of Minas de São Domingos started in 1858. Although there were conflicts between the Mine Administration and the Chamber of Mértola regarding taxation, the relevance that the mining settlement acquired in the region, since then, helped to strengthen the town's position as a central place. This period was characterized by various investments at the level of the collective use of structures and the restructuring of the town inside the walls, and through a process of urban expansion, in particular of the town suburbs, guided by the appearance of new commercial and storage spaces.

THE TRANSFORMATION OF NINETEENTH CENTURY ARCHITECTURE IN THE AREA BETWEEN THE OLD TOWN AND THE ARRABALDE

Initially, the architecture following the Liberalist period continued and consolidated the practices already described for the *Ancien Régime*, while gradually introducing changes identifiable with 1800s. This is what happened to some of the buildings of the Old Town that we have been studying, such as the houses of Afreita, which changed significantly in the second half of the nineteenth century.

One example that fits in with these changes is related to the installation of the telegraph station in Mértola, in the *regeneration* period, and the policies and reforms of the transport and communication systems devised by Fontes Pereira de Melo. To this end, the National Treasury purchased in 1862, two "dwellings of houses" which consisted of "five single-storey compartments and three high ones" located next to the old Porta do Buraco on the former rua da Afreita (currently rua António José de Almeida) (ADB, 1810/1920, book 22:

32V-34V). The conversion to public use of these buildings – which would later be used as post office and anti-tuberculosis dispensary – resulted once again in the joining of two sections that today are only noticeable on the floor plan (figs. 118/p. 116, 180 – building 1H). In fact, it is possible that one of these buildings matched originally a single-storey construction which was later integrated into a symmetrical double fronted façade, as can still be found today (fig. 130/p. 124). The upper floor was accessed through a ladder positioned against the side façade, in the yard partially covered by domed structure of Porta do Buraco. This was how the building was represented in the document of the Directorate of Public Works of Beja, dated 1867, concerning the “project of repairs to the wall of the ancient fortification contiguous to the Telegraph station of the town of Mértola” (GEAEM/DIE, 1867) (fig. 131/p. 125). This document is critical today to rebuild this section of the walled structure, since Porta do Buraco was destroyed in the late nineteenth century, due to the changed access to the town inside the walls.

We analysed above the circumstances that led to the Arrabalde becoming a core space of the town from this period onwards, and consequentially having its buildings significantly changed. Up until then, the architecture of this area was, in functional terms, rather undifferentiated, and consisted mostly of single-storey residential buildings. Buildings varied significantly however in their shape, due to adapting themselves to the topography and the combination of different roofs, as was still visible at the beginning of the last century (figs. 132, 133/p. 126). Livro da Décima from 1765 distinguished two inns from the majority of existing small dwellings (AMM, 1765/1834, book 1: 41-51). These were situated in two-storey buildings, located on rua Larga do Arrabalde (current rua 25 de Abril), when approaching the old city from the old road to Beja. The construction of a bridge over the Oeiras tributary, over a century later, would eventually lead to a concentration of inns in this part of town, when they became more accessible from the road to the Algarve and from the routes to the mountains and settlements on the other side of the Oeiras tributary.

The inns were constituted by one or more large stables where the animals were housed in the days when there were affairs to be dealt with in town. The composition of some of these properties can be understood through the 1882 deed for a three years lease. Owned by Cipriano dos Santos Gonçalves Vargues, it was described as an “[...] inn to store animals with a building working as a shop, with a shelf and desk, a kitchen and two bedrooms, a courtyard belonging to the same inn, a house used as a barn and a house for passers-by, situated on the royal road from this town to Beja [...] and a dwelling of single-storey houses attached to the same inn with six rooms and a bordering kitchen [...]” (ADB, 1793/1955, book 51: 39V-41)). On our survey of the Arrabalde we identified other inns located precisely in the area closest to the bridge over the Oeiras tributary. These structures were either erected according to the old building typologies

(House 20B, figs. 180, 181), or followed the new architectural models, as is the case with the house that belonged to José Joaquim Alho, built over a previous construction, as shown in the plan by Miguel Luís Jacob (fig. 70/p. 73), equipped with the only door with pointed arch and bevelled corners in town (House 21A).

The new prison was constructed in the location of an old inn at the end of first quarter of the nineteenth century (Mateus 2014: 331-2) (fig. 134/p. 127), before the significant changes that marked the transition in significance between the areas of the town inside the walls and the Arrabalde, such as, for example, the construction of the market in 1918 and the renewal of Porta de Beja. The interest of this prison building for the study of domestic architecture is related to the chosen access solution to the common cells, located on the ground floor. Trapdoors and rope ladders were used from the top floor where, in the first half of the last century, the prison warden lived. As this prison was used until the beginning of the second half of the twentieth century, we can resort to the memory and testimonies of former residents for its study. Access to the prison building was done through a flight of outside stairs, located on the side façade (figs. 146/p. 137, 180 – building 17F). The warden’s residence had similar rooms to those of small and medium sized houses from town, with the difference that, from each of these spaces, a different cell was accessed, through one of the trap doors. The outside house or entrance gave access to a communal cell for men; the kitchen linked to a small cell for women; and one of the rooms connected to the solitary or “the secret”, as it was called here. Every day, prisoners went up and down the said ladder and roamed the narrow outside walkway between the building and the load bearing wall to the west, in order to access the recreational space confined to the circular tower of Porta de Beja.

The construction of this building, while circumstantial, somehow, pre-empted the changes operated to the central spaces of town. In fact, it was only from the second half of the nineteenth century, and especially from the last quarter onwards, that the Arrabalde became the chosen area for the construction of the houses of the upper classes. The built settlements that were dominated by small housing, as represented in the plan by Miguel Jacob, would be framed at their northern border by larger buildings linked to sizeable rustic areas (fig. 136/p. 129).

This is the case of the house that shapes the northern boundary of the east side block of rua 25 de Abril (house 27K). The unassuming main façade of this house, which faces rua 25 de Abril, greatly contrasts with the numerous spaces found inside. The current composition of the façade, with a single door flanked by three windows (fig. 137/p. 130, does not most probably match the original design, which possibly included double access, more consonant with the organisation of the different uses of the inside spaces. It is in this wing of the main façade where more aesthetically refined spaces are located, such as the office (the only room in the house to have a

tray ceiling, that could have integrated the previous entrance space, fig. 138/p. 130), the dining room and the master bedroom (both with wooden boarded ceiling). The only exception, among the richer houses, is the current entrance room that was designated as the corridor (despite of its 2.40 metres width) where, unlike the other spaces, the various roof timber materials were left uncovered. The kitchen (fig. 139/p. 130), that is accessible from this corridor, and once again located at the back, was a fundamental connecting space of the different servants quarters (the maids' bedrooms, storage spaces and toilet spaces). It also gave indirect access to street. The description of the property included in a deed dated from 1885 is in line with the building that survived today. On this deed, the house was described as an urban building of "eighteen rooms, balconies, backyards with a cistern, stable and barn" (ADB, 1793/1955, book 56: 9-10V).

One of the most interesting aspects of this dwelling is the organization of the backyard space into different terraces, which are directly accessible from the outside on the several levels. The characteristic contrast between the *tiled yard* and the *dirt yard* (fig. 140/p. 131), found in many of the largest houses of inside the town walls is resumed here in the outskirts. The small service courtyard and the highest level backyard connected to the road to Beja. The lower yard connected on the same lane, and through an old stable (converted into a house in the first quarter of the last century), and to rua Dr. Serrão Martins in the opposite quadrant. The cistern (fig. 141/p. 131), about 340 m × 2.00 m in plan, was accessible both from the tiled yard, on the highest level, and through a well, (opened between two semi-circular archers on the barrel vault made of shale masonry and terracotta brick), and from the dirt yard on the lower level, through an opening on the wall (on the axis, through those archers, fig. 141). Both yards, together, combined the recreational and productive spaces – in a similar way to the recreational farms – by including water, shade – benefitting from an arbor on a higher level and a fountain decorated with singular plasterwork, four human figures and the head of a cow where the spout was.

In the old rua de Trás (current rua da República), still in the same area of Arrabalde da Vila, there is another building which falls under the typology just described (house 25A). Made up of a main body with two wings of rooms with a gabled roof, these buildings have a less regular morphology of the premises in connection with the yard, that here acquired a significant productive role. These buildings belonged to the head of the town's Customs, Manuel Francisco Vargas, in the first half of the eighteenth century. They were sold to José Miguel Garcia, a businessman, in 1840, and to André Gomes in 1851. In this period it was "[...] a set of single-storey houses and garden, situated in Rocio of this village [...] ten houses plus stables and barn and has a walled garden that consists of land to sow and a grove of olive and almond trees [...]" (ADB, 1810/1920, Book 7: 46-46V). The later transformation of this set included the integration of a corridor at the rear

of the property, made through the construction of partitioning walls and significant changes operated to the interior layout. As happened with other buildings (including Casas da Praça), this type of intervention sought to reconcile the conservation of the existing structure with the new housing organisation models that will now be addressed here.

THE EMERGENCE OF A NEW IMAGE FOR THE HOUSE AND THE TRANSITION TYPOLOGIES

The opening of São Domingos mine in modern times extended the influence of the town's architecture that, from then on, would be less restricted to the regionalisms from the Alentejo and the Algarve areas. The growth in the economies of trade and transport, and also of the primary sector, along with the strengthening of the wealthier classes, resulted in major investments in housing architecture, increasingly marked by the nineteenth-century standards. This generic framework originated very different modes of living, influencing the type-morphological and constructive levels.

In this regard, one of the buildings located in the current rua Francisco Gomes (house 4M) should be pointed out. Due to its conversion and profound transformations, it is an illustrative example of a vernacular building characteristic of the *Ancien Régime*. The panoramic photograph dated from 1875 (Custódio, 2013: 21) (fig. 142/p. 133), showed the morphology of the pre-existing building, characterised by the combination of one single-storey building on the south, and a multi-storey building to the north, with a balcony window, both covered by the characteristic mono-pitched roof. The present floor plan allows us to recognise the configuration of the original rooms, even if, it does not help with the exact position of the straight flight of stairs, or the location of the possible connection corridor between the spaces. It is even possible that these were two separate buildings, each one of them formed on the ground floor by the characteristic combination of an outside house with an inside one.

In the last quarter of the nineteenth century, significant work campaigns were undertaken that would unravel the limited integration of a set of undifferentiated characteristics, asserting it instead as one of the most notorious shapes in the town's landscape. This layout resulted from the integration of a third floor (with independent access, on the back of the plot, from the street with the highest gradient) and a symmetrical double fronted façade associated with the plaster marking of openings, floors and corners, and with the introduction of a fascia and a dormer (that the landscape picture at the turning of nineteenth-century suggests) (figs. 71/pp. 74-75, 143, 144/p. 134).

The symmetrical façade composition (with the front door at the centre) is also reflected in the changes to the internal organisation. The straight flight of stairs changed place to the axis of the composition, which led to the integration of the entrance lobby and hallway (figs. 145/p. 135, 146/p. 136). This amendment allotted representative qualities to the entrance including the addition of tiles to the mirrors

of the steps; a false door on the upstairs distribution lobby (attempting to simulate depth where the plot had none); wooden boarded ceiling; of decorated feigned wood on the doors; and possibly interior *scagliola* walls now extinct. In relation to the construction, this transformation results in removing the partition wall in the direction of the plot depth (without nevertheless changing the direction of the floor timbers) and the introduction of other partition walls. The small size of the plot required, therefore, the distribution of the large house by the different floors of the building, the implication being that the top floor is no longer the main floor of the dwelling.

However, in other contemporaneous cases, less conditioned by the integration into existing partial metrics or a meagre plot dimension, the upper floor would continue to hold the main spaces of the house. Some examples of this could be found in the buildings located in the Arrabalde da Vila (houses 23F, 24L, 29L, figs. 147-149/p. 137). Generally speaking, this housing settlement is organized from a central axis, comprising of an entrance hall, a straight flight of stairs and a second lobby or distribution corridor, on the upper floor level, that gave access to three wings of compartments. This solution did not exclude, however, the crossing of some rooms in order to access others, as was typical of *Ancien Régime* homes. A transitional condition could be pointed here in relation to later construction types which, as we shall see, intensify some of these distributive-constructive principles. Indeed, small adobe partition walls (in the direction of plot depth) are combined with masonry walls and rammed earth (in the transverse direction) to support the timber floors.

In most cases, the existing load bearing walls did not have any repercussion on the choice of the roof, such as in the examples located in rua da República (fig. 148/p. 137 – house 24L) and in rua Serrão Martins (fig. 149/p. 137 – house 29L). In these buildings, the hipped roof is supported solely on the load-bearing walls which form the outer perimeter of the building, integrating different types of roof trusses (with collar beam roof, in the first case, and king post roof in the latter case, fig. 150/p. 137). The attic space was used here without any partitioning, including, for the first time, the integration of one or two dormers. The staircase that provided access to these spaces was hidden by a door (almost always higher than the floor), invariably taking advantage of the overlap with the main flight of stairs. At the ground floor level, this type of housing could be used either for residential or commercial purposes (reintroducing in the latter case, the arches of extension of the ground floor, typical of some *Ancien Régime* buildings).

THE TRANSFORMATION OF THE PRAÇA INSIDE THE TOWN WALLS

The late nineteenth century and the first decades of the twentieth century confirmed the prevalence and specialisation of this model for the larger houses in town. In some cases, this new paradigm was

matched to the existing load-bearing structure of the old wealthy houses, including, for example, the addition of a corridor, by dividing the original rooms or the introduction of new decorative motifs in various guises (such as *scagliola* or plasterwork). In other cases, the new homes escaped the constraints of the existing structures by removing the load-bearing walls inside the building and by adding different types of trusses or scissor braces on the roof. This model rejected the design of the old houses and also refused the combination, circumstantial and irregular, of different topologies. In fact, the survey to these buildings notes the design in the floorplan of right angles and standard length, guided by the wooden structure of the partition walls.

The paradigmatic examples considered from the area inside the walls resulted from a similar process of joining contiguous plots (confirmed in the *Livros dos Tabeliães*) and the demolition of old buildings, looking in this way to make a clean start from the previously built area. This is the case of the late nineteenth century house casa dos azulejos [house of tiles], located in between the Clock Tower and praça Luís de Camões (fig. 151/p. 139). The sequence of the various panoramic photographs synthesises its transformation: at the beginning of the last quarter of the eighteenth century, this area was characterised by a built settlement irregularly shaped, which resulted from the combination of several two-storey gabled roof buildings, to the north, with one single-storey mono-pitched roof house to the south. In the beginning of the twentieth century, this settlement had already been replaced by the new building, keeping only the part facing the square where probably the old Custom House was located (fig. 71/pp. 74-75). On a later stage, this structure was demolished, thus allowing a significant expansion to the main public space in Mértola (fig. 72/pp. 74-75).

In fact, house of tiles was the starting point of a series of significant transformations that were to change the town square and give it its present layout (figs. 151-153/pp. 139-141). In addition to the previously mentioned extension, this intervention included the restructuring of public services and existing buildings with architectural statement of nineteenth-century styles. In 1891, the Municipality of Mértola purchased an "urban building that consists of four houses used as warehouses, two on the ground floor and two upstairs" (with direct access to different levels, from the streets now named Combatentes da Grande Guerra and D. Sancho II) (ADB, 1876/1908, livro 8: fls 3V/6). With the acquisition of this property, forming the southern boundary of the town square, the Municipality wanted to give the town a building that could serve as a modern Town Council. The project was commissioned to the civil engineer Henrique Teles Massano de Amorim and delivered in 1894. Interestingly, it should be noted here that descriptive document for this project (AMM, 1894) posited the question of demolition versus preservation of the existing building, but opted for the latter in order to reduce costs. For the construction of the new building, the proposal kept the exterior and interior load-

bearing walls, and added further partitioning by the construction of new load-bearing walls on the ground floor (in order to support the upper level wooden floor) and partition walls on the main floor (again associated with the addition of conventional trusses to hipped roof).

In addition to these programmatic and construction aspects, the project description focused on some of the options relating to the conversion of existing built structures, assuming for its morphology, readable in the floorplan (fig. 100/p. 110), two bodies separated by pilasters “in order to make those façades more symmetrical and pleasing to the eye” and eventually proposing the demolition and reconstruction of the wall facing the square so as “to make regular the main façade of the building” (AMM, 1894: 1) (fig. 152/p. 140). The original project (unfortunately restricted to the written documents available in Mértola’s Municipal Archives) is, moreover, very expressive in its description of the façade elements, considering their importance as a representation space: wall socles, floor line and masonry corners (in this case straight); pediment for receiving the Town Coat of Arms; building crowning associated with parapet on the cornice, with a balustrade of matted ceramic, interrupted by infilled panels; French windows and the Algarve stonework on the doors.

The same layout can be found in the old town hall building, overlooking the fortress, which on a later stage was also subject to renovation, probably using drawings by the same designer. The completion of the new City Hall freed for other uses the old seventeenth-century construction, which, as recorded in the *Livro da Décima de 1765* (AMM, 1765/1834, book 1: 7), was used as a Town Hall (and for Senate hearings) and a community butcher. The design approach was very similar to the new building of the Town Hall, not just in the elements on façade (fig. 153/p. 141), but also, in keeping the original structures, while trying to conceal the different volumes (of evolutionary scale). This was accomplished by introducing a new order by: increasing and unifying the heights of the different shapes and the use of the same type of roof (replacing the composition of hipped roofs and gabled roofs) (fig. 101/p. 111); the opening of new doors and the expansion of the building to the north, allowing for a symmetrical double fronted main façade; and by integrating pilasters and other façade elements, in agreement with the overall built complex.

As mentioned before, the proposed language for the new buildings is in line with the model of the house of tiles, suggesting a global intervention to the town square. In any case, it was in the house of tiles that nineteenth-century themes reached their pinnacle. In some cases, these themes are common to all three buildings: round arch openings (with fanlight divided into three); the use of stonework to frame the doors (only the doors on the façade looking out to the town square, performed at a later stage with the demolition of the old building of customs, were covered in plastering, albeit identical to the others); stone used in the corners and pavement line; the crowning of the building with cornice and balustrade; balconies with wrought

iron. In other cases, the house of tiles presents particular traits: the characteristic tiles on the façades; the shapes of the numerous dormers; the presence of gargoyles, pine cones and other elements in ceramic; the expressive design of the *balloon* chimney; or a variety of decorative motifs in interior spaces, to which we will return later (figs. 154, 156/p. 142).

Regarding internal organisation, the integration of the longitudinal corridor on the main floor appears combined with a second parallel axis, directly connecting the rooms in the main façade (unlike what happens with the rear wing), implying the continuity of a fundamental element of the aesthetics of the seventeenth century and eighteenth century noble houses. These axis are reflected in the two doors that the building opens to the patio adjacent to the north (fig. 156), closed in the remaining three sides by a vaulted portico, which on the upper level opens up over the town and the river Guadiana framed by the Clock Tower.

CONSOLIDATION OF A NEW MODEL OF ORGANISING THE DOMESTIC SPACE, FROM THE WEALTHY HOME TO THE SMALL HOUSE

A few years later, in the twentieth century, the panorama of the old town will be marked once again by the emergence of new contrasting volumes, in this case, in a building that will become known as pink house. Built by Manuel Francisco Gomes, a trader and owner of transport ships on the Guadiana (Boiça and Mateus 2014: 134), its implementation resulted from a similar process applied to the house of tiles. In fact, here too several plots were acquired and later developed into a single large dwelling of two floors and an attic (figs. 157-160/p. 143). Among these plots was at least one large yard and three buildings (with significant and long mono-pitched roofs), which included, on the street corner the northwest, the *armazém da Capelinha* [the warehouse of the Chapel] (of which we could not gather any further information) and, facing east, a former Common Barn (cf. ADB, 1793/1955, 2nd Craft, book 11: 25V-27).

The internal organisation of this house, although not as sophisticated, had some parallels with the house of tiles. The ladder with symmetrical flights of steps, which at house of tiles was to the side, was placed here at the centre, replacing the hall and forcing the crossing of various rooms (in two axes of aligned doors). The layout is very clear here. The storage spaces are located on the ground floor and have high ceilings supported by a structure of iron beams and tiles. The most important compartments, on the main façade, face east, while the everyday spaces are situated to the back and face the yard (fig. 145/p. 135). The yard is, in fact, one of the most interesting elements of this set. It integrates the tiled yard, which links the main building to separate facilities (oven porch, fire houses and dump), and the dirt yard, wooded, connecting the stables and former barn. The house yard, which also benefited from three independent accesses to

the exterior with different gradients, included furthermore the largest underground water tank in town (3 m × 6.5 m in the floorplan and more than 6 m deep), located in between the furthest wall of the yard and rua Latino Coelho.

During this period, smaller houses went through a parallel transformative process, even if this was less obvious than what happened in larger buildings. In the smaller buildings the trend toward interior specialisation resulted in the partitioning of old spaces and the introduction of a small hallway or lobby, in some cases. The dwelling of two houses, disposed in transverse direction to the block, was gradually replaced by a building of three rooms, enlarged in longitudinal direction. In this case, the house entrance was aligned with the outside house and flanked on one side by the kitchen and on the other side by a bedroom. This gave its façade a symmetrical double fronted aspect composed by the front door in the middle and a window on each side.

More prominent in the rural areas than in town, where the constraints dictated by existing building structures made this type of transformation harder, examples of this typology can nevertheless be found in the highest gradient areas inside the town walls and mostly in the outskirts. This model can be translated into some important overarching principles in new housing, adaptable in each case, pending the particular circumstances. These included a greater number of partition walls, mostly adobe ones; a majority of windows; the spread of small inner-wall fireplaces (wall or corner) in the kitchen (fig. 161/p. 144), maintaining a lower home and a small section of chimney (in many cases inscribed with the date of the first quarter of the last century).

A second theme of transformation in this base type concerns its duplication in depth, which resulted in the conversion of a mono-pitched roof into a gable roof and later, into a flat roof, using a concrete slab. There was also a trend then to convert the exterior house into the hallway and to relocate the kitchen to the rear wing. The first half of the last century was, moreover, characterised by the establishment of the hall and by the gradual removal of direct communication between compartments whether in smaller houses or in wealthier ones.

THE DECORATION OF BUILDINGS IN THE TOWN OF MÉRTOLA

It was only near the end of the nineteenth century that the decoration of exterior façades and interior vestments became more important in Mértola. In previous periods, stucco elements were primarily used to decorate door and window frames, pilasters, cornices with very salient and curved elements. From then onwards, the use of decoration on the façades increased significantly. Decorative details of great refinement and constructive labour were used to transform existing buildings, and applied as well to the new ones.

Relief embossing ornamentation was used, for the most part, for the completion of the roof parapets (which then became the finish-

ing of several of the town's buildings). It was used additionally for the border elements closing the pilasters and, more rarely, in isolated elements that were then combined with the masonry and corners. Some transition elements were also used, particularly for the decoration of the fasciae on the roof parapets and on the finishing of the roof (figs. 162-165/p. 146). Stucco ornaments were also frequently used in the simulation of masonry and stone corners, by resorting to the use of the *sgrafitto* technique, scratched with a charcoal pencil on a freshly-laid rendered layer used for an accurate simulation of stone patterns.

The predominant classes of ornamental motifs included the fixed-form motifs, the plain composition motifs, the reproduction of a single floral element, or the combination of several elements inspired by vegetables. Simple geometric motifs filled in and made patterns on the roof parapet, whereas the complex geometric motifs, like the dentils of pink house, the egg and dart of the house situated in rua Dr. Afonso Costa, and the diamond tips in this last house and the one on rua Elias Garcia (house 6A), would work as the transition elements between the pilasters and the roof parapet.

Pink house, house of tiles and house in rua Dr. Afonso Costa are reference examples of the decorative elements of Mértola architecture. Pink house is known for its reddish colour that covers all the façades. For the first time a wide range of coating and ornamentation techniques were used here, such as roof parapet with balustrade and bordering ornamented friezes with recesses; geometric modelling stucco ornaments under the sills of windows; relief ornaments modelling with phytomorphic motifs on the upper borders of the openings and the ledge; corners and frames of windows have a incised mural decoration technique, made by scratched out the plaster layer beneath and simulate a texture of a burnished stone, and use a coal stencil to define the stereotomy; chimney stack with brick simulation on the finishing mortar.

House of tiles, identified by the coating with a tile painting simulation, has as the most significant decorative motifs the connection between the ornamentation of decorated mortar and the stone masonry elements (frames with identical design in stone and plaster with a floral design on the upper border) (fig. 166, 167/p. 147). The geometric and vegetable elements that less frequently adorn the dormers and corners are also relevant here. The interior of the building integrates considerable stucco reliefs, and the various compartments are mostly covered in plaster that is in good condition.

The house on rua Dr. Afonso Costa (next to the movie theatre Marques Duque) has a large façade, featuring plaster with stone pattern simulation and an ochre coating in all of its extension (fig. 168/p. 148). The main door is marked by a relief element, crowning the central axis of the façade, with circular medallions and carved grooves. The plasterwork in the corners, pillars and masonry received a careful treatment by polishing and chipping, with a strict selection of the aggregate to better simulate the stone effect. The roof parapet

is occasionally decorated with vegetal motifs (fig. 169/p. 148), and by dentils, egg and dart coving on the border mouldings.

From the beginning of the second quarter of the twentieth century, some geometrical ornamental proposals came into use, due to the reconstruction of existing façades (fig. 170/p. 148) or the reconfiguration of the urban transport routes of rua Alves Redol and rua Serrão Martins. The decorative programs of these houses stylise the ornamental elements, accentuating the austerity of the façade design, and strengthening its symmetry by setting up a central square pediment (fig. 171/p. 148). Geometric lines are valued, marking the volumes on the façade, and reinforcing its verticality by using vertical plaster components, which alternate their colour in the roof parapet or on the bordering of the corners. In these examples, no vegetal or figurative relief ornamentation were used. The geometric elements were patterned directly on the surface of the façade. This is what happened with the alternating reliefs of cubic elements that frame the cylindrical motifs of the roof parapet of Café Central (figs. 171, 172/p. 148 – building 19C), and with the geometric elements of the square pediment associated with the geometric frames of the openings of the house from rua Alves Redol.

THE OLD TOWN AND THE ARRABALDE DA VILA IN THE THIRD QUARTER OF THE TWENTIETH CENTURY

MIGUEL REIMÃO COSTA
ANA COSTA ROSADO

With the construction of the bridge over the Guadiana, in the 1960s, the town within the walls gradually lost its centrality to the transport systems and the main commercial areas. The Arrabalde established itself as the privileged area for new housing, which were either constructed as part of architectural renovation projects, or with the urban sprawl to the north. During this phase the upper classes abandoned the old town almost entirely. The great eighteenth-century and nineteenth-century dwellings were, in many cases, subjected to a subdivision process, in which the joining of plots, dominant during the *Ancien Régime* was reversed. An example of this is Casa Amarela [Yellow House] (house 1A), which was subdivided into several plots in 1765 (AMM, 176/1834), later converted into a single large house, as registered in the deed dated from 1856 (ADB, 1810/1920, book 8: 8V/11), and then again later divided into multiple leased fractions. In other cases the subsidiaries located in the ground floors of these larger houses or in annex buildings (shops and warehouses, stables, barns, etc.) were also converted into dwellings, and therefore significantly increased during this period the number of residential buildings.

Initially, this transformation of the settlement did not involve significant changes to the structure of buildings. Essentially doors were infilled, partition walls were added, and spaces were reorgan-

ised inside the dwelling. The integration of inside toilets and the refurbishment of the kitchen were the campaign of works privileged by this rehabilitation. Later on, in particular from the beginning of the last quarter of the last century, the eccentric position of the old town inside the walls contributed to the emptying of its properties, together with the gradual aging of the resident population. Simultaneously, interventions to the built heritage increasingly operated profound typological changes and focused on architectural renewal. It is in this context that a growing appreciation for the built heritage of Mértola takes place, and several measures for heritage protection are put in place, together with the growing importance of the town as a destination for cultural tourism.

The settlement plan drawn by this research project has sought to capture the Old Town and the Arrabalde between these two moments of change (fig. 181). It shows, therefore, the contradictions that marked this process, in the characterisation of these different architectures. It does not limit itself to a precise moment in time, which would not be possible just now, but covers instead an extended period, up until the third quarter of the twentieth century. This plan will be used for future research, which will seek to expand the case-studies presently used for the restoration of the typological process. The situation depicted in the drawings results from this process, by both overlaying different themes and types, and considering them individually. We would like, in a way of summary, to conclude our investigation by focusing on these different examples.

THE DIFFERENT ARCHITECTURAL TYPOLOGIES USED IN THE READING OF THE TOWN PLAN

Courtyard house

The first type that should be considered is the “courtyard house”. Although it corresponds to a well-defined historical period, and while it has not been preserved in its purest form, it is a well referenced type in archaeological studies (Alcáçova and Arrabalde Ribeirinho). It is a model of home that privileges the inside space of the house, and where the safeguard of the home environment acquired a paramount importance. This was formalised by its L-shape entrance and the inclusion of a courtyard. The courtyard performed fundamental roles within the house, those of ventilation and lighting, and it also organised the access to most of the other compartments. The Almo-had courtyard house, despite its small size, used a significant level of hierarchy, alternating larger divisions (courtyard, sitting room/alcove) with smaller ones (kitchen, storage, toilet).

Narrow single fronted dwelling

The “narrow single fronted dwelling” is a base type that encapsulates the transformation of the building structure in the transition to the late medieval period, but which will retain its importance up until the present. It was a house arranged in depth, formed in most cases

by two distinct spaces, with a similar size and enclosed by load bearing walls. The term "dwelling of houses" survived until very recently in the local lexicon, and was also used in documents. "House" was used here to mean each of the rooms in the building, designated in their whole by the term 'dwelling'. The name of each of the houses changed over time. Front house, outside house or entrance house were all used to designate the entrance hall (lit only by the front door). The chamber or inside house were used for the contiguous compartment (which sometimes provided access to a yard, while in other cases had no access door to the outside space). The kitchen was located either at the entrance to the house, and in this case sometimes connected to the projecting chimney on the main façade, or was relegated to the back of the house.

Double fronted dwelling

This type of house was enlarged through the addition of an extension, either a rooftop or a duplication in the floorplan through the joining of the two plots. In the latter case, this is called a double fronted dwelling which, in turn, could also be enlarged by an extra one or two floors. The consolidation of this type of house leads to the use of the upper floor as the living space, leaving the ground floor spaces to be used as warehouses or for other non-residential purposes. Access to the main floor of the house was done by a single flight of stairs leaning against one of the gable ends. The atrium was on the ground floor, which allowed for the autonomy of both of the entrance doors on the two floors. Each of the rooms or houses continues to be fully enclosed by stone masonry or mud walls, and partition walls are only rarely used.

Dwelling of noble houses

The "dwelling of noble houses" is an expression that appears mainly in nineteenth century deeds, referring to the richer old houses in town. In typological terms, this led to the expansion and relative aggrandisement of the types previously described, which could be translated into an even wider front and the integration of a third floor, the attic, making use of the roof space. The main façade of the main floor had balcony windows on the most important divisions (dining room, living room, master bedroom, for example), while the kitchen was confined to the rear of the building. The building of houses in areas with steep slopes is combined with the expansion of each floor to the back, the prevalence of mono-pitched roofs and the important role attributed to the yard, sometimes reasonably sized and including a cistern.

Partition walls house

The "partition walls house" reflected the gradual change in the housing structure that happened from the second half of the nineteenth century, when the term house begins to be used to designate

the whole of the dwelling. The construction of load-bearing walls was increasingly restricted to the external façade and to the walls that supported the roof, while the remaining areas were divided by partition walls (made from adobe or plastered wooden slats). In its most basic presentation, the dwelling had two or three spaces only (entrance house, kitchen and bedroom), favouring a construction that would ensure natural light and ventilation in all of the spaces. Although, some existing narrow single fronted houses were converted in this period, whenever possible the location along the street privileged the composition of the symmetrical double fronted façade with a door at the centre flanked by a window on other side. The duplication of this solution in depth, and using a gabled roof, was also very common. This typology evolved, from the second quarter of the last century to what could be called the "functional house". This house valued the corridor and the clear specialisation of functions of each of the spaces, besides the gradual introduction of reinforced concrete on the structure, which initially had been limited to the top of the building.

Central staircase house

The "central staircase house" resulted from the transformation of the above type, maintaining the symmetrical composition of the façade while expanding in height and integrating a straight flight of steps at the centre (associated to the lobby at the front and to the distribution hallway at the back). This is therefore a temporary solution, where the corridor combined the essential crossing of some spaces in order to give access to others. The organisation in two or three rows of compartments, often organised main walls transversely, with partition walls placed in the longitudinal direction. The use of the loft space, frequently below a hipped roof, demanded the execution of complex carpentry and the introduction of dormers in the attic.

Stately home

The "stately home" is the type for the wealthiest house, found in the Old Town and Arrabalde, from the late nineteenth century onwards. The careful design of this house as a whole, often meant the building projected onto the adjacent more modest dwellings some of the spaces (such as the storage rooms, barns or houses of fire or furnace) that was desirable to ward off from the main dwelling. This typology used to combine some of the structural and organisational principles of the previous types with an important presence in the urban area, not only in terms of its scale, but also in the use of different aesthetic and ornamental features which reflected the changes in taste. The interior spaces had much the same purposes, but generally encapsulated more diversified organisational solutions, reflecting the representative role given to areas such as the entrance, the stairs of symmetric or asymmetric flights, the dining room or hallway, that increased in importance as time passed.

FONTES DOCUMENTAIS E BIBLIOGRAFIA / BIBLIOGRAPHY

- ADB [Arquivo Distrital de Beja] (1810/1920). Cartório Notarial de Mértola – 1.º ofício. 48 Livros.
- ADB (1793/1955). Cartório Notarial de Mértola – 2.º ofício. 677 Livros.
- ADB (1876/1908). Cartório Notarial de Mértola – 3.º ofício. 85 Livros.
- AMM [Arquivo Municipal de Mértola] (1765/1834). *Livros da Décima*. 127 Livros.
- AMM (1894). *Projecto do edificio destinado aos Paços do Concelho de Mertola*.
- ANTT [Arquivo Nacional da Torre do Tombo] (sd). Convento de Mértola. *Ordem dos Frades Menores, Província dos Algarves, Convento de Nossa Senhora da Assumpção de Mértola*, mç 94, n.º 5.
- ANTT (1838). *Descrição dos Bens de Raiz* [do convento de Mértola]. *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Convento de Nossa Senhora da Assumpção de Mértola*, cx: 2237, n.º 254
- GEAEM/DIE [Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/ Direção de Infra-Estruturas do Exército] (1755). *Planta da Praça de Mértola*. Miguel Luís Jacob. Cota 1397-3-40-PP.
- GEAEM/DIE (1867). *Projeto dos reparos a fazer na parte da muralha da antiga fortificação contigua à Estação Telegráfica da vila de Mértola*. Direção das Obras Publicas do Distrito de Beja. Cota 3122-2A-25-35.
- Amaral, F. K. [et al.] (1961). *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos.
- Barros, F. R., Boiça J. F., & Gabriel, C. (1996). *As comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As Visitações e os Tombos da Ordem de Santiago 1482-1607*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Boiça, J. F. & Barros, F. R. (1995). *As terras, as serras, os rios. As Memórias Paroquiais de Mértola do ano 1758*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Boiça, J. F. (1998). *Imaginária de Mértola. Tempos espaços e representações*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Boiça, J. F. (2000). O sítio da Murtalheira em 1685. *Revista Municipal*, 1 (pp. 52-55). Mértola: Câmara Municipal de Mértola.
- Boiça, J. F., & Mateus, R. (2014). *Mértola Vila Museu. Roteiro de História Urbana e Património*. Mértola: Associação de Defesa do Património de Mértola
- Caldas, J. V. (2007). *A arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*. Dissertação para a obtenção do grau de doutor em Arquitectura. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa.
- Cancela d'Abreu, A., Pinto Correia, T., Oliveira, R. (Coord.) (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*. Évora: Universidade de Évora/ Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.
- Collaço, J. M. (1929). *Cadastro da População do Reino (1527). Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*. Lisboa: [Tip. da Empresa Nacional de Publicidade].
- Correia, J. E. H. (2010). *O Algarve em Património*. Olhão: Gente Singular.
- Costa, M. R. (2014). *Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve. Forma, processo e escala no estudo da arquitetura vernacular*. Porto: Afrontamento.
- Costa, M. R. (2015). As moradas de casas do núcleo intramuros de Mértola: uma leitura preliminar da arquitetura doméstica entre o final do Antigo Regime e o início do século XX. *Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental. 1.º Congresso Internacional* (pp. 12-19). Mértola: Campo Arqueológico de Mértola/ Argumentum.
- D'Armas, Duarte (1997). *Livro das Fortalezas*. Fac-simile do Ms.159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo/Inapa.
- Garcia, J. C. (1996). *A navegação no Baixo Guadiana durante o ciclo do minério (1857-1917)*. Dissertação de doutoramento em Geografia Humana. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Gómez Martínez, S. (2014). *Cerâmica islâmica de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Link, H. F. (1801). *Travels in Portugal and through France and Spain. With a dissertation on the literature of Portugal, and the spanish and portuguese languages*. London: T.N. Longman and O. Rees.
- Macias, S. (2005). *Mértola – o último porto do Mediterrâneo. Volume I*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MacDougall, D. (1978). Ethnographic Film: failure and promise» in *Annual Review of Anthropology*, vol. 7: 405-425.
- Mateus, R. (2004). *Políticas de salvaguarda do centro histórico de Mértola*. Dissertação de Doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico. Évora: Universidade de Évora.
- Oliveira, E. V., e Galhano, F. (1992) *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: D. Quixote.
- Palma, M. F. (coord.) (2012). *Carta arqueológica de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Palma, M. F. (2013). Configurações singulares do urbanismo da casa XVI do Bairro Islâmico da Alcáçova do Castelo de Mértola. *Atas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular – Aroche e Serpa – Dezembro de 2013* [No prelo].
- Palma, M. F., Gómez Martínez, S., Lopes, V., Costa, M. R., & Torres, C. (2015). Contributo para a história da construção: as paredes mestras da arqueologia à arquitetura tradicional de Mértola. *Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental. 1.º Congresso Internacional* (pp. 66-70). Mértola: Campo Arqueológico de Mértola/ Argumentum.
- Ribeiro, Vitor (coord.) (2008). Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional. *Contributo para o estudo da arquitectura vernácula da região oriental da serra da Caldeirão*. Porto: Afrontamento.
- Santos, R. (1993). Senhores da terra, senhores da vila: elites e poderes locais em Mértola no século XVIII. In *Análise Social*, XXVIII (121): 345-369.
- Serrão, V. et al. (2010). Plano de Gestão Florestal do Perímetro Florestal dos Coutos de Mértola. Mértola/ Safara: Associação de Produtores da Floresta Alentejana.
- Torres, C. (1995). Mértola na época islâmica: o espaço doméstico. *Etno-archéologie Méditerranéenne. Finalités, démarches et résultats* (pp. 105-119). Madrid: Casa Velázquez.
- Varanda, F. (2006). *Mértola no Alentejo. Tradição e mudança no espaço construído*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Varanda, F., Fernandes, J. M., & Tainha, M. (1984). Mértola: uma experiência de recuperação arquitectónica e urbana. *Arquitetura*, 153 (Ano VI), (pp. 28-30). Lisboa: Casa Viva.

→

Fig. 180 · Planta de
numeração dos quarteirões
e parcelas

LEVANTAMENTOS: DESENHOS DE BASE CONSULTADOS SURVEYS: BASE DRAWINGS CONSULTED

Arquivo Municipal de Mértola. Projetos de
licenciamento / licensing projects (1916/2005):

2I, 3E, 4A, 5H, 6A, 6B, 6D, 6F, 6G, 6L, 6M, 6N, 6O, 7A, 7B,
7C, 7D, 7E, 7I, 7J, 7K, 7M, 7N, 7S, 7T, 8A, 9A, 10I, 10K, 10M,
10N, 11J, 12D, 12H, 13C, 13E, 14D, 15C, 15E, 16E, 16F, 17B,
20A, 20C, 20E, 20F, 20G, 20H, 20I, 20J, 21B, 21C, 21F, 21G,
22A, 22B, 22C, 22D, 22E, 22F, 22G, 22H, 22I, 22K, 23A, 23B,
23C, 23D, 23E, 23H, 23K, 23LM 23M, 24A, 24C, 24E, 24I,
24J, 24K, 25B, 25D, 26B, 26D, 26F, 26H, 26I, 26J, 27C, 27G,
27H, 27I, 27J, 27M, 27O, 27P, 27Q, 28A, 28B, 28C, 28D,
28J, 28K, 29B, 29E.

ESBAL [FAUL]. Levantamentos e projetos do curso de
Arquitetura / surveys and projects for the Architecture
Degree (1982/1984):

1B, 1C, 2F, 5C, 5D, 5F, 5G, 7F, 7R, 7U, 9B, 9D, 9F, 9G, 9H,
10G, 10H, 10J, 10L, 11E, 11F, 11G, 11H, 11I, 12A, 12F, 12G, 13B,
13D, 13F, 14A, 16G.

CMM/GTL. Levantamentos e projetos realizados pelo
GTL / surveys and projects undertaken by the GTL
(1989/1991):

1H, 2D, 2G, 2H, 3B, 4C, 4L, 8B, 8C, 8D, 8E, 8F, 8G, 9L, 10A,
10D, 13G, 16A, 16K.

CMM. Levantamentos em formato digital disponibilizados
por CMM / surveys in digital format provided by CMM:

2A, 2B, 2C, 2E, 3A, 4D, 4E, 4F, 4G, 4I, 4K, 5B, 5I, 7L, 11D,
12B, 12C, 13A, 17A, 17F, 17G, 24N, 25A, 26A, 29A, 29G.

Levantamentos em formato digital disponibilizados por
Carlos Alves / surveys in digital format provided by Carlos
Alves:

1A, 4B, 9K, 10O, 13H, 14C, 14I, 15A, 16I, 24B, 24F, 24L, 27E,
27N, 28G.

Levantamentos realizados no âmbito do projeto
(Miguel Reimão Costa, Ana Costa Rosado, Adriano
Fernandes) / surveys carried out under the project (Miguel
Reimão Costa, Ana Costa Rosado, Adriano Fernandes):

1C, 1E, 1F, 1G, 3C, 3D, 3F, 4M, 4N, 5A, 5E, 5J, 6C, 6E, 6H, 6I,
6J, 6K, 7C, 7H, 7O, 7P, 7V, 7Y, 7Z, 9C, 9E, 9I, 9J, 10B, 10C,
10E, 10F, 10P, 10Q, 11A, 11B, 11C, 12E, 14B, 14F, 14H, 15B, 15D,
15F (piso superior), 15G, 15H, 16B, 16H, 16J, 17C, 17D, 17E,
18C, 18D, 18G, 18H, 20B, 20D, 21A, 21E, 21G, 23F, 24G, 24M,
25E, 25F, 26C, 26K, 27A, 27B, 27K, 28F, 28H, 29J, 29K, 29L.

Para um número reduzido de edificações não acessíveis
(números), foi necessário recorrer ao desenho de
reconstituição através da sua descrição por parte de
alguns residentes na vila, tal como ocorreu, de resto, com
a representação de outras habitações recentemente
alteradas / A small number of inaccessible buildings could,
however, only be drawn using descriptions from the town's
residents, which were also used for the representations of
recently altered dwellings:

4H, 4J, 7Q, 7W, 7X, 11K, 14E, 14G, 15F (piso inferior), 16C, 16D,
18A, 18B, 18E, 18F, 21D, 22J, 22L, 23G, 23I, 23J, 24D, 24H,
24C, 26E, 26G, 26L, 27D, 27F, 27L, 28E, 28I, 29C, 29D, 29F.





Fig. 181 - Plantas de conjunto do núcleo intramuros e do Arrabalde da Vila no terceiro quartel do século XX (piso 0)

- 1. Casa de fora/ casa de entrada
- 2. Casa de dentro/ quarto
- 3. Casa de fogo/ cozinha
- 4. Sala
- 5. Casa de jantar
- 6. Instalação sanitária
- 7. Casa de despejo/ arrecadação
- 8. Escritório
- 9. Ramada/ cavalaria
- 10. Palheiro
- 11. Garagem
- 12. Cisterna
- 13. Pátio/ quintal (ladriho/terra)
- A. Loja
- B. Estalagem
- C. Taberna
- D. Forno
- E. Forja
- F. Câmara/ Serviços
- G. Tribunal
- H. Hospital/ Dispensário
- I. Escola
- J. Notário/ Registo Civil
- K. Posto da Guarda Fiscal (até 1947)
- L. Igreja/ Capela
- M. Torre do Relógio
- N. Grémio da Lavoura
- O. Cadeia
- P. Mercado
- Q. Correios

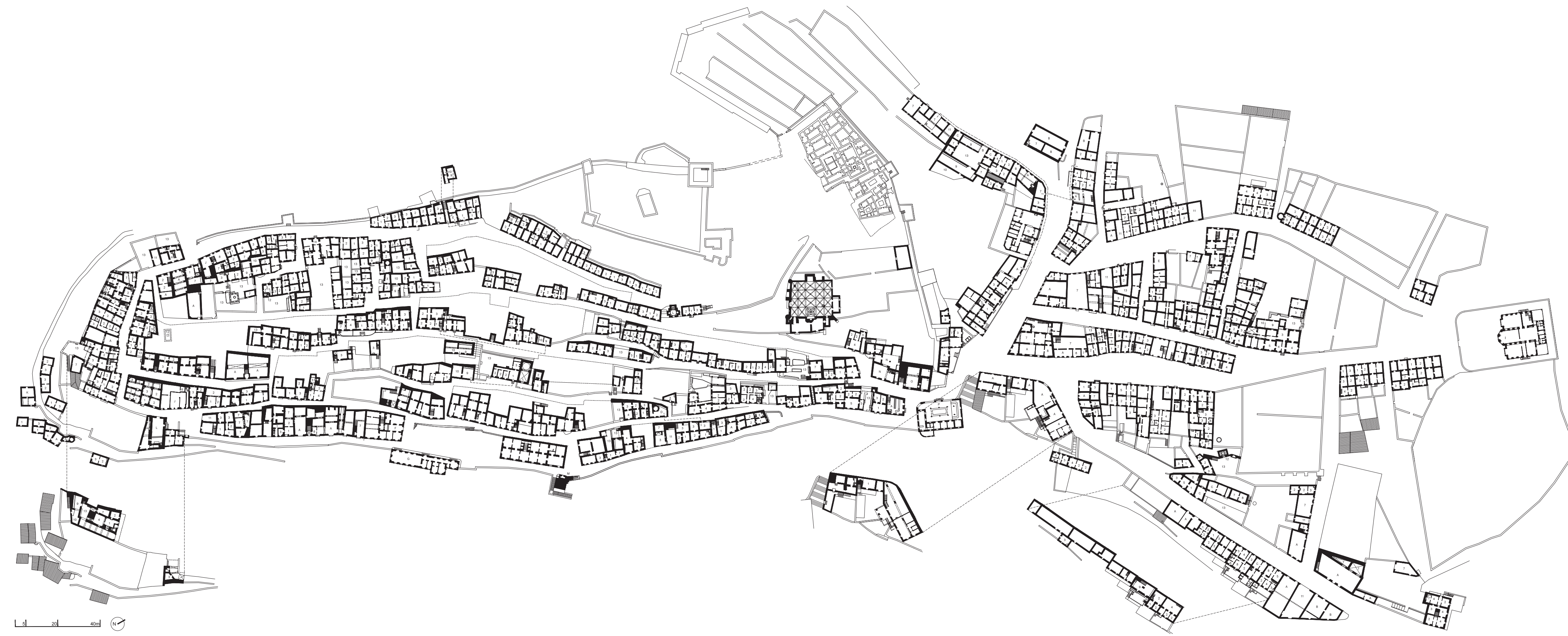


Fig. 181 : Plantas de conjunto
do núcleo intramuros e do
Arrabalde da Vila no terceiro
quartel do século XX
(piso 1)

1. Casa de fora/ casa
de entrada
2. Casa de dentro/ quarto
3. Casa de fogo/ cozinha
4. Sala
5. Casa de jantar
6. Instalação sanitária
7. Casa de despejo /
arrecadação
8. Escritório
9. Ramada/ cavalaria
10. Palheiro
11. Garagem
12. Cisterna
13. Pátio/ quintal
(ladrilho/terra)
- A. Loja
- B. Estalagem
- C. Taberna
- D. Forno
- E. Forja
- F. Câmara/ Serviços
- G. Tribunal
- H. Hospital/ Dispensário
- I. Escola
- J. Notário/ Registo Civil
- K. Posto da Guarda Fiscal
(até 1947)
- L. Igreja/ Capela
- M. Torre do Relógio
- N. Grémio da Lavoura
- O. Cadeia
- P. Mercado
- Q. Correios

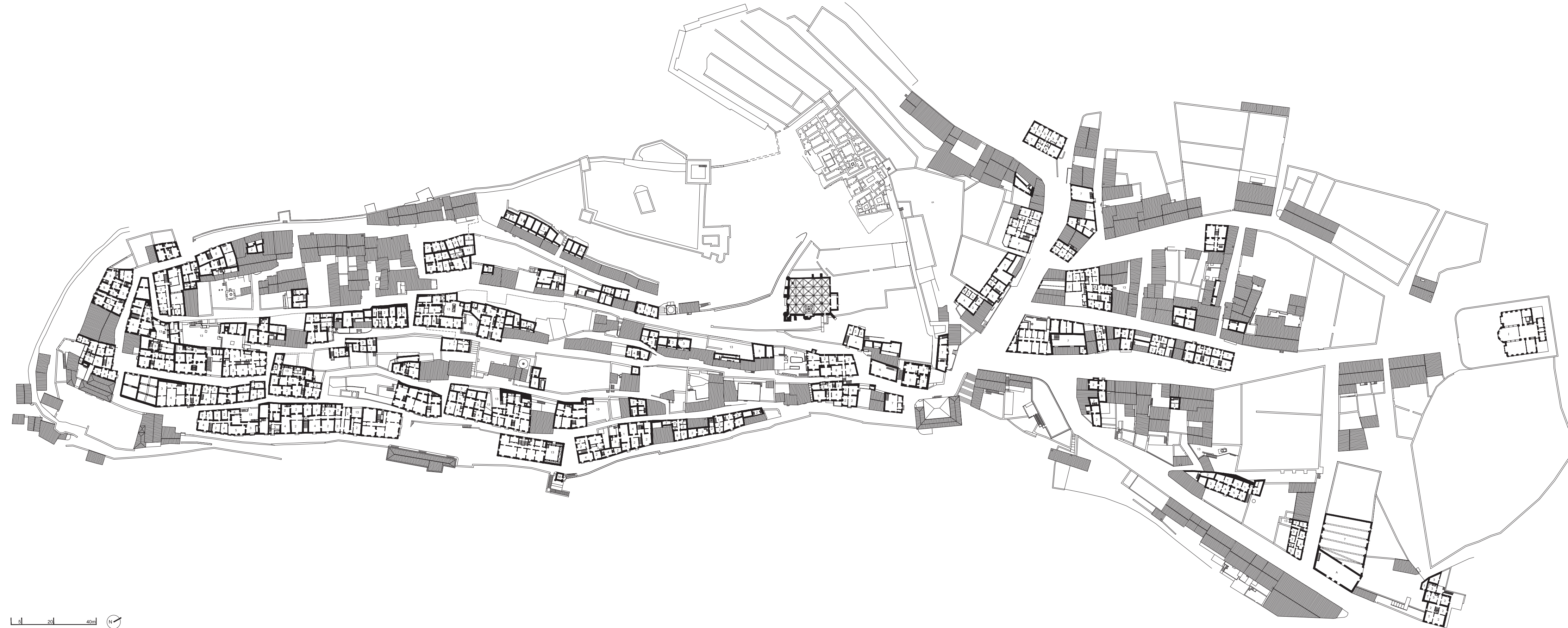


Fig. 181 - Plantas de conjunto do núcleo intramuros e do Arrabalde da Vila no terceiro quartel do século XX (piso 2)

- 1. Casa de fora/ casa de entrada
- 2. Casa de dentro/ quarto
- 3. Casa de fogo/ cozinha
- 4. Sala
- 5. Casa de jantar
- 6. Instalação sanitária
- 7. Casa de despejo / arrecadação
- 8. Escritório
- 9. Ramada/ cavalaria
- 10. Palheiro
- 11. Garagem
- 12. Cisterna
- 13. Pátio/ quintal (ladriho/terra)
- A. Loja
- B. Estalagem
- C. Taberna
- D. Forno
- E. Forja
- F. Câmara/ Serviços
- G. Tribunal
- H. Hospital/ Dispensário
- I. Escola
- J. Notário/ Registo Civil
- K. Posto da Guarda Fiscal (até 1947)
- L. Igreja/ Capela
- M. Torre do Relógio
- N. Grémio da Lavoura
- O. Cadeia
- P. Mercado
- Q. Correios

